

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

Ana Cristina Pinto Matias

**Francisco Xavier Ferreira:
primórdios da imprensa rio-grandina**

Rio Grande - RS
4 de Dezembro de 2014

Ana Cristina Pinto Matias

Francisco Xavier Ferreira:
primórdios da imprensa rio-grandina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras, área de concentração História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz

Rio Grande - RS
4 de Dezembro de 2014

Ana Cristina Pinto Matias

Francisco Xavier Ferreira: primórdios da imprensa rio-grandina

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do
Rio Grande como requisito parcial à
obtenção do título de mestre em
Letras, área de concentração
História da Literatura.

Banca examinadora

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz – FURG (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Henrique Torres (FURG)

Prof. Dr. Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC)

Rio Grande, 4 de dezembro de 2014

*E depois, penso como tu
que não se é homem enquanto
não se encontra uma coisa pela qual
se está disposto a morrer.
(Jean Paul Sartre)*

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu avô Francisco de Assis Nunes Pinto (*in memoriam*), por ter sempre ajudado em minha educação e por ter sempre me incentivado aos estudos e à leitura desde “Tininha”.

Por todas as manhãs que passou sentado em um banco qualquer da *Praça Xavier Ferreira*, conversando com os seus “parceiros de praça”, olhando o movimento e esperando o seu tempo passar.

Agradecimentos

Agradeço...

... aos meus anjinhos que estiverem comigo nesta jornada.

... ao meu orientador, Professor Artur Emílio Alarcon Vaz, por me dar a oportunidade de realizar esta pesquisa tão especial para mim, estar sempre disposto a ajudar seus alunos e ser exemplo de professor e pesquisador.

... ao meu amor, Leandro Kerr Gimenez, parceiro de vida e de jornada acadêmica.

... a minha turma de 2012, companheiros de mais uma batalha.

... a minha amiga e companheira de projeto de pesquisa Juliane Cardozo de Mello por todo apoio e paciência nos momentos de aflição.

... ao colega e amigo Wellington Freire Machado, pelas ótimas conversas e desabafos.

... a CAPES pela oportunidade de cursar o mestrado com o apoio de uma bolsa de estudos.

... aos membros da Biblioteca Rio-Grandense, Biblioteca Nacional e demais bibliotecas citadas neste trabalho, por estarem sempre dispostos ao atendimento dos pesquisadores.

... aos meus alunos, pela paciência e companheirismo durante a realização deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo contribuir com a historiografia literária sul-rio-grandense e seu sistema literário, através do resgate da obra impressa por Francisco Xavier Ferreira em sua tipografia e dos registros literários da primeira metade do século XIX publicados no jornal *O Noticiador*. Ao coletar e analisar esses dados, pode-se divulgar melhor os autores, poemas e outros textos pouco conhecidos da região sul do Rio Grande do Sul. Também é possível certificar a veracidade dos dados biográficos referentes aos autores que publicaram nesse periódico. Reunir os dados esparsos sobre Francisco Xavier Ferreira e seus contemporâneos permite igualmente conhecer melhor a história da imprensa no Rio Grande do Sul, já que esse fundou a primeira tipografia e o primeiro jornal da cidade de Rio Grande.

Além dos impressos de 1831 e 1834, o conteúdo literário existente no jornal *O Noticiador*, publicado de 1831 a 1836, é a fonte primordial para o para entender a inserção da literatura no contexto intelectual da época. Desta forma, busca-se entender a literatura produzida na década de 1830, bem como resgatar o contexto literário da época em que foi produzida.

Palavras-chave: Francisco Xavier Ferreira; *O Noticiador*, periódicos.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo contribuir con la historiografía literaria *sul-rio-grandense* y su sistema literario, a través del rescate de la obra impresa por Francisco Xavier Ferreira en su tipografía y de los registros literarios de la primera mitad del siglo XIX publicados en el periódico *O Noticiador*. Al recolectar y analizar esos datos, se puede divulgar mejor los autores, los poemas y otros textos poco conocidos de la región Sur de *Rio Grande do Sul*. También es posible certificarse de la veracidad de los datos biográficos referentes a los autores que publicaron en ese periódico. Reunir los datos esparcidos sobre Francisco Xavier Ferreira y sus contemporáneos permite igualmente conocer mejor la historia de la prensa en *Rio Grande do Sul*, ya que ese fundó la primera tipografía y el primer periódico de la ciudad de Rio Grande.

Además de los impresos de 1831 y 1834, el contenido literario existente en el periódico *O Noticiador*, publicado de 1831 a 1836, es una fuente primordial para entender la inserción de la literatura en el contexto intelectual de la época. De esta forma, se busca entender la literatura producida en la década de 1830, como también rescatar el contexto literario de la época en la que se produjo.

Palabras clave: Francisco Xavier Ferreira; *O Noticiador*, periódicos;

Sumário

Introdução	10
1. A formação dos Estados Nacionais no caminho literário	15
1.1 Contexto sociocultural da imprensa no Brasil e no Rio Grande do sul	22
1.2 Imprensa como fonte primária: o resgate da memória	28
2. Francisco Xavier Ferreira	31
2.1 Dados biográficos e fortuna crítica	31
2.2 <i>Hino militar brasileiro para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras (1822)</i>	42
2.3 <i>O Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil (1831)</i>	44
2.4 <i>A relação dos festejos que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu jubilo pelo restabelecimento da paz, na sua pátria (1834)</i>	47
2.5 A lírica n' <i>O Noticiador</i>	56
2.5.1 Poemas encomiásticos	57
2.5.2 Poemas de elogios e fatos históricos	69
2.5.3 Personificação	78
2.5.4 Poemas satíricos	80
Conclusão	83
Referências	90

INTRODUÇÃO

O pioneirismo na imprensa no extremo sul do Brasil deu-se na década de 1830, com o surgimento do periódico *O Noticiador*, produzido pela tipografia de Francisco Xavier Ferreira, na então Vila do Rio Grande, atual cidade de Rio Grande. Nesse periódico, estão registradas as primeiras manifestações literárias impressas na região e que circularam no período de 1831 até 1836.

Portanto, Francisco Xavier Ferreira tem o pioneirismo no campo informativo na região, devido à importância de ter registrado, nas páginas d'*O Noticiador*, um período da história em que talvez nem pudéssemos ter acesso ao que se passava nesta região no campo político, cultural e literário, proporcionando – com a releitura desse material – a oportunidade de abrir novos questionamentos. Dessa forma, é importante o resgate deste periódico, pois são raras as pesquisas realizadas sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul no período que antecede à Revolução Farroupilha.

Esta pesquisa vem sendo realizada desde 2008, inicialmente como bolsista de IC (CNPq) e teve seu início idealizado por materiais da obra de Francisco Xavier Ferreira encontrados na Biblioteca Rio-Grandense. Em 2010, como bolsista de Apoio Técnico pelo CNPq, prestei apoio ao projeto “Dicionário de autores rio-grandinos no século XIX”, com digitações e atualizações de obras publicadas e ainda pouco conhecidas no Rio Grande do Sul.

Na condição de mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Literatura (FURG), aprofundei minha pesquisa e aumentei seu *corpus* com a introdução do material literário existente no periódico *O Noticiador*, que através da reunião de exemplares resistentes à ação do tempo, digitalizados e disponíveis em CD-ROM organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e coordenado pelo presidente da entidade Gervásio Rodrigo Neves, de tal modo pude realizar mais uma etapa desta pesquisa.

Neste sentido, estima-se preencher lacunas existentes na historiografia literária do Rio Grande do Sul e que, por algum motivo, foram pouco analisadas

por historiadores, seja por falta de conhecimento da existência da produção literária, seja por não obter sucesso no acesso aos acervos de periódicos ou, simplesmente, como disse Guilhermino César “é que serão um dia estudados mais de assento” (1971, p. 70).

Xavier Ferreira fez publicar, no jornal *O Noticiador*, poemas de diversos autores locais e sobre temas locais e, a partir do resgate desse material, torna-se necessária a reflexão da literatura produzida e difundida através do jornal, sendo um período vivido, no Brasil, na transição entre a escola árcade e a escola romântica. Essa mesma transição pode ser pensada no Rio Grande do Sul e em Rio Grande, visto que a difusão da literatura era de responsabilidade dos jornais nesta época.

Ao mesmo tempo, não se deve desvincular o caráter histórico do papel da literatura, pois, nas histórias da literatura do Rio Grande do Sul, pouco se encontra o registro da literatura produzida nesta época, que, muitas vezes, tratada apenas de “manifestações literárias”, dada a sua precariedade, no sentido de divulgação e posterior acesso a esses jornais, por historiadores e estudiosos que tentaram registrar o caminho traçado pela literatura sul-riograndense em suas obras.

Assim há poucas citações da literatura produzida na primeira metade do século XIX, sendo, por exemplo, brevemente registrada a obra de Delfina Benigna da Cunha, que teve seus poemas reunidos em livro e publicado no ano de 1834, mesmo que a autora tivesse contato com Francisco Xavier Ferreira e outros autores, que publicaram no jornal *O Noticiador*, participado do momento e da elite intelectual da região, na mesma época. A ausência de estudos, no campo literário, com os periódicos publicados na primeira metade do século XIX, evidencia uma lacuna na historiografia literária do Rio Grande do Sul, pois grande parte dos jornais tinha um espaço para o literário, tal como ocorreu com o periódico *O Noticiador*.

Se a literatura brasileira consolidou-se com a temática do nacional, cultuada no Romantismo, esse processo no Rio Grande do Sul dá-se na mesma forma, através da temática do homem do campo e da exaltação de sua

terra, que originou a figura do “gaúcho”, assim ignorando a produção literária anterior, mesmo que sua temática desenvolvesse ora o espaço relacionado à figura do nacional, ora cultuasse a figura do sul-rio-grandense guerreiro, famoso por suas conquistas.

Assim como, encontramos em histórias da literatura do Rio Grande do Sul, por exemplo, no caso de João Pinto da Silva, há apenas duas referências aos primeiros poetas do estado, Delfina Benigna da Cunha que traduz a sua obra como sendo “O alvorecer do Romantismo” e Manuel de Araújo Porto Alegre que compara a aproximação de sua obra entre “a significação brasileira e americana”. O período árcade encontra-se ausente em sua *História Literária do Rio Grande do Sul*, confirmando a ausência de estudos em obras deste período, o que coincide com a ausência da literatura produzida antes da Revolução Farroupilha, mesmo que a poetisa Delfina Benigna da Cunha seja deste período, esta referência é sempre ignorada quando os historiadores citam a autora em seus estudos. Nessa história literária, o capítulo seguinte, “Floração Romântica”, já é totalmente dedicado ao Partenon Literário e seus autores. Dessa forma, João Pinto da Silva não cede espaço a várias etapas iniciais da literatura sul-rio-grandense.

A primeira publicação da tipografia de Francisco Xavier Ferreira, em 1831, *O hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente* é o marco inicial da instalação de uma tipografia na cidade, que dá início à entrada da cidade no progresso e nas “novidades” que chegavam ao país, sendo de papel fundamental para a interação da cidade com outras regiões. Este primeiro hino impresso comemora a passagem do primeiro ao segundo reinado e, em seus versos é possível detectar a presença da lusofobia, pois seu conteúdo ataca formalmente a questão Portugal *versus* Brasil e comemora a passagem do trono a D. Pedro II, nascido no Brasil.

Outro registro importante é o livreto de 1834, que traz em suas quinze páginas um ato comemorativo à vitória de D. Pedro I ao trono de Portugal em disputa com seu irmão D. Miguel. Ao ser comparado com a publicação do hino que expõe a lusofobia três anos antes, o livreto mostra o caráter maniqueísta

existente entre a sociedade rio-grandina da época, ora contra Portugal, ora a favor de suas conquistas. A partir dessas publicações, que se mostram relativamente preocupadas com as questões políticas, pode-se pensar no quanto Rio Grande estava fazendo parte do país e participando ativamente na sua movimentação histórica e intelectual.

Além destes dois impressos, tem-se o jornal *O Noticiador*, sendo marco importante no nascimento da imprensa no extremo sul. Além de registrar fatos importantes da cidade, o jornal tem o papel de informar aos leitores da cidade a movimentação do país, pois muitas vezes publicava artigos de outros jornais, trazendo para a cidade a circulação das mais diversas notícias envolvendo outras partes do país e de outros países. Não se pode esquecer da importância do jornal por se estabelecer num período anterior à Revolução Farroupilha, pois Xavier Ferreira contribuiu na construção da revolução com a divulgação de suas ideias nas páginas de *O Noticiador* nos anos iniciais da década de 1830, fato que gerou sua prisão e, por fim, sua morte.

Em relação à prosa na literatura sul-rio-grandense, pode-se destacar a dissertação de mestrado *O homem maldito* (1858), de Carlos Eugênio Fontana: *o início do romance sul-rio-grandense*, de Sheila Fernandez Garcia (2012), na categoria de resgate dos primeiros romances publicados no estado. Conforme a autora, os dados biográficos do autor eram esparsos devido à quase inexistência de pesquisas sobre o autor. Além disso, sua obra mais relevante *O homem maldito*, não só tem importância histórica, como atribui o pioneirismo do gênero no Rio Grande do Sul ao autor, desta forma, sendo relevante sua pesquisa à história da literatura do Rio Grande do Sul. Igualmente, Juliane Cardozo de Mello, em *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas* (2013), traz o resgate da biografia de Koseritz e destaca suas primeiras narrativas ficcionais, *Um drama no mar* (1862) e *Laura: também um perfil de mulher* (1875), sendo apenas citadas pela historiografia literária sem que houvessem pesquisas e análises sobre essas obras.

Estas duas pesquisas, que trazem como *corpus* o resgate dos primórdios da prosa no Rio Grande do Sul, revelam a recuperação de dados

literários que estavam perdidos em nosso passado. Contribuindo, assim, ao preenchimento das lacunas em nossa historiografia, foco também da atual pesquisa.

1. A formação dos Estados Nacionais no caminho literário

No palco literário, a História, ao receber o estatuto de ciência durante o século XIX, refletiu e originou a história da literatura. No âmbito dos estudos histórico-literários, Roberto Acízelo de Souza, em seu ensaio *História da Literatura*, alega a existência de três vertentes no fazer historiográfico: o biográfico-psicológico (fundamentado em dados biográficos para a compreensão do texto literário); o sociológico (que a literatura é usada como pretexto no estudo da realidade do autor) e o filológico (que abarcava os estudos de ordem cultural, linguístico e literário). Podemos ressaltar que o discurso histórico foi tratado durante muito tempo como um discurso incontestável e que por extensão histórias da literatura foram vistas da mesma forma.

No entanto, atualmente, é possível partir os estudos realizados no campo teórico da História para outras concepções, pois através dos tempos o discurso historiográfico tornou-se alvo de questionamentos, que dotado de subjetividade por um sujeito torna-se passivo de intenções. No campo da História da literatura, os estudos no campo historiográfico geraram várias vertentes e escolas.

De acordo com *História da literatura e narração*, de David Perkins, a escrita da história da literatura constrói-se como uma narrativa, apresentando um conjunto de acontecimentos – fábula -, um narrador que se apresenta no presente e uma trama, constituindo o modo de como conta a história. Assim, nesta estrutura, podemos dizer que o narrador apresenta uma consciência no presente e é feita a reconstrução do passado pelo presente, e este passado permite acesso através de fragmentos, não significando algo totalitário, sendo os acontecimentos percebidos de forma diversa através dos tempos.

A concepção do nacional na literatura brasileira deu-se de diversas formas; no início apareceu em duas vertentes, uma cultivada por Silvio Romero e outra consagrada por José Veríssimo. A primeira tinha uma visão naturalista, opondo-se à visão romântica (idealismo) e pregava como fatores da evolução

literária através de uma visão naturalista: o meio e a raça, sendo que o meio (Brasil) havia gerado uma população intelectual voltada à produção literária, de trabalhos exaustivos para a ciência e para a filosofia, por conta da vida curta da população e a raça definiria de modo mais sentimental na literatura e sendo “a miscigenação das raças a causa de nossa literatura, beneficiada pelo cruzamento de sentimentos e das ideias de cada uma das raças formadoras” (NUNES, 1998, p. 228).

Romero ainda tende a um porte extraliterário em sua História da Literatura Brasileira, pois extrapola para o campo da História das Ideias, senão para o da História da Cultura e segue um paradigma organicista, dando à evolução o cunho de desenvolvimento dramático.

José Verissimo, por sua vez, persegue o nacional de forma mais teorizada, sendo tratada além da cor local, entendendo que a história literária é a história das obras, como “memória coletiva da Nação”. Conforme Benedito Nunes:

Na ideia de sobrevivência das obras como “memória coletiva da Nação”, ele divisou uma continuidade histórica não coincidente com a cronológica e com a História Política e social. E de uma forma que antecipava o que mais tarde se caracterizaria como tradição, intuiu o critério especificamente literário que deveria sobrepor-se ao de nacionalidade. “Literatura é arte literária”. (VERÍSSIMO, 1916, p. 13. Apud: NUNES, 1998, p. 232).

Apesar das ideias diferenciadas dos primeiros estudiosos do caminho percorrido pela literatura no Brasil, estes teóricos levam em consideração a perseguição da formação do Estado Nacional Brasileiro, não apenas para que fosse criada uma historiografia literária do Brasil, mas que fosse capaz de explicar a existência da literatura brasileira e suas características. Assim como pode-se observar nas histórias da literatura concebidas no final do século XIX a meados do meio do século XX, a literatura brasileira é apontada como tendo sua formação consolidada apenas no período romântico, sendo que a literatura apresentada anteriormente não havia um valor estético ou nacional relevante, devido a inúmeros fatores e assim chamada de *tradição*, que mais tarde, foram apontados também por Antônio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*.

A procura da formação de um Estado Nacional no Brasil veio ao encontro com a ideia de consolidação da literatura brasileira, mas, para Antonio Candido, a literatura brasileira percorreu também outros caminhos para a sua consolidação, sendo necessário o conceito de um sistema literário, que vem contribuindo de modo satisfatório até os dias de hoje, no que diz respeito ao entendimento da literatura como fonte de diálogo e da formação de uma tradição literária no país desde o século XIX. Segundo o autor, o sistema literário é formado a partir do processo “autor – obra – leitor”, o que provoca a condição mínima para a existência de um fenômeno literário.

Além disso, o processo conceituado por Candido não deixa isolado o autor em relação a sua produção, pois o autor é posto em diálogo com outros autores, geralmente da mesma tendência literária e que tem consciência de seu papel. O leitor também ocupa lugar privilegiado, como receptores dessas obras que mantinham um diálogo constante e que ajudaram a manter uma continuidade, formando a tradição literária no país em sua concepção.

No entanto, a historiografia literária brasileira, especialmente a tradicional, não leva em consideração a existência de subsistemas que corroboraram para a movimentação literária no país. Enquanto, Candido postula o sistema literário sendo um único sistema formando a literatura brasileira e que a formação da literatura brasileira deu-se em torno da procura de uma identidade nacional, em que o nacionalismo tomou-se como ideologia necessária para a formação do estado nacional brasileiro, sendo que, juntamente como a propagação do ideal nacional, foram necessários diversos conflitos anteriores e que não foram reconhecidos como parte do processo de formação do nacionalismo brasileiro. Por outro lado, a ideia de nação surgida no período anterior de consolidação da literatura brasileira leva em consideração a ideia de patriotismo, que foi adotado em diversos círculos de comunicação no século XIX e difundida na literatura publicada em jornais pelo país.

Além disso, a questão nacionalista pode ser tratada como um paradoxo, visto que o Brasil, em sua formação, é constituído de indivíduos de diversas

nacionalidades, tanto que nossa língua tem origem europeia e nossa literatura é baseada em modelos estrangeiros, assim como a formação do estado nacional se deu como necessidade e foi baseado nos modelos europeus.

Benedict Anderson, em *Comunidades imaginadas*, define nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (2008, p. 33), assim, uma comunidade imaginada é composta por instituições culturais, representações e símbolos. Neste sentido, Anderson afirma que uma comunidade se forma com a interação de membros de uma nação, em prol da ideia de nacionalidade partilhado entre eles, geralmente, com o declínio de um sistema de governo, no caso do Brasil, pode-se atribuir o conceito do nacionalismo com o declínio da corte portuguesa e a ascensão de D. Pedro II, que culminou na independência do país. Assim, com a efervescência política impressa nos jornais da primeira metade do século XIX, sendo um meio de difusão dos conceitos políticos defendidos por ideologias de diversas esferas, inclusive no modelo político estabelecido.

Da mesma forma, Itamar Even-Zohar amplia o conceito de literatura proposto por Candido, atribuindo a noção de outros pontos expondo uma série maior de fatores que envolvem a construção e funcionamento do sistema literário, oferecendo assim elementos que implicam em um polissistema literário: instituição (contexto), repertório (código), produtor (emissor), consumidor (receptor), mercado (contato/canal), e produto (mensagem). Neste caso, em parênteses tomam como referência “o esquema de comunicação” formulado por Jakobson (1980) adaptado para a literatura.

Even-Zohar afirma que não há um fator de maior ou menor importância no sistema literário, pois para que tenha funcionalidade todos os fatores apresentados têm sua importância e interdependência, sem qualquer um deles este sistema não funciona. O autor amplia o enfoque da literatura na historiografia, não atribuindo somente às obras mais difundidas o status de importância na história da literatura,

Aceitando a hipótese do polissistema, é necessário aceitar também que o estudo histórico de polissistemas históricos não pode circunscrever-se às chamadas “obras-primas”, apesar de alguns as considerarem a única maneira de se iniciar os estudos literários. Este tipo de elitismo não é compatível com uma historiografia literária, do mesmo modo que a história geral não pode mais apenas ser a narração das vidas de reis e generais. Em outras palavras, enquanto estudiosos dedicados a descobrir os mecanismos da literatura, não temos a possibilidade de ignorar que qualquer juízo de valor predominante em um dado período faz parte integral desses mecanismos. Nenhum campo de estudo, seja “científico” em sentido *lato* ou em sentido mais rigoroso, pode selecionar seus objetos segundo regras de gosto. (EVER-ZOHAR, 2013, p. 05)

Dessa maneira, os estudos literários podem ser preconizados através do resgate de obras pouco conhecidas, mas que ocuparam seu lugar, enquanto literatura, em um dado período. Sendo que, todos os textos literários têm o seu valor em determinado momento e não se pode excluir valores baseados em gostos pessoais.

No (poli)ssistema, a canonicidade se manifesta com maior concretude no repertório. Enquanto que o repertório pode estar canonizado ou não, o sistema ao qual pertence um repertório pode ser central ou periférico. Naturalmente, quando um sistema central é sede de repertórios canonizados, pode-se falar abreviadamente de sistemas canonizados frente a sistemas não-canonizados, apesar da imprecisão que isso introduz na nossa terminologia. O repertório se concebe aqui como um conjunto de leis e elementos (sejam os modelos isolados, ligados ou totais) que regem a produção de textos. Enquanto algumas destas leis e destes elementos parece ser universalmente válidos desde as primeiras literaturas do mundo, é claro que grande quantidade de leis e de elementos estão sujeitos a condições de mudanças em diferente períodos e culturas. (EVER-ZOHAR, 2013, p. 10).

Ainda desse modo, Zohar amplia as possibilidades em pensar sobre a literatura, enquanto objeto de estudo, no seu valor hierárquico em relação aos sistemas canonizados, entretanto, não quer dizer, que apenas os cânones tenham importância na historiografia. Com um conjunto de elementos é possível pensar em sistemas literários que ampliem o repertório da história da literatura.

Cabe ressaltar, neste contexto, o conflito existente entre a literatura produzida no Brasil e o marco definitivo que inicia a literatura brasileira, enquanto que o modelo tradicionalmente adotado por estudiosos, em que a consolidação de nossa literatura ocorre no Romantismo, vem sendo antecipada a partir de estudos sobre a literatura produzida e divulgada em periódicos. Desta forma, pode-se dizer que há uma corrente voltada às pesquisas em periódicos, não apenas para o resgate de tais informações, mas que corroboram com a importância da imprensa na divulgação da literatura no Brasil.

No entanto, é necessário destacar que, através dessas pesquisas, a “pendência” com a imprensa vem sendo sanada aos poucos, pois além de acreditar por muito tempo que a imprensa tinha uma visão deturpada da realidade, em que o leitor apenas era manipulado pelas ideias ali difundidas, há de se destacar o papel decisivo da imprensa com a divulgação da literatura na sociedade. Enquanto alguns estudos concentram-se nos folhetins publicados no século XIX, outros trazem as primeiras manifestações como fonte de reflexão, sendo o caso da poesia, que foi o marco inicial da difusão das belas letras em jornais brasileiros do século XIX.

Há de se refletir sobre o papel dessa literatura, inicialmente divulgada nos jornais, apesar de que muitas vezes, essa literatura, enquanto poesia, ser chamada apenas de manifestações literárias e, assim, passar a impressão “de pouco importância” ou de que “manifestações, não podem ser consideradas literatura”. Devemos levar em consideração a precariedade da imprensa, enquanto máquina inicial de difusão e ampliação de conhecimento e seu modo, limitado de confecção, assim, tornando a poesia o modo mais fácil e mais “enxuto” de divulgação da literatura. Enquanto isso, a literatura deve ser pensada de modo que traga às pesquisas o que era a literatura em determinada época, pois, apesar das várias definições, atualmente, encontradas do que é literatura, esse conceito sofre modificações através dos tempos, então, deve-se resgatar o que é a literatura no século XIX e seus possíveis conceitos. Sendo assim, não cabe, tentar expor o que é a literatura e nem quando se deu sua consolidação, na visão de Antônio Candido, por

exemplo, sendo que seu estudo pensou na literatura, enquanto objeto vivo em pleno anos 1970, enquanto que outros pensaram na literatura como fonte intelectual e como forma de divulgação das belas letras, para uma elite, que tinha um dado conhecimento, para a sua publicação em jornais dos anos 1830.

Levando em consideração Wendell Harris em seu ensaio “La canonicidad”, o que conduz a canonização de autores nas histórias da literatura é seu modo seletivo, comprovando que essa escolha é feita pelo autor da obra, assim, sendo uma escolha arbitrária.

Tendo em vista o processo da escrita historiográfica, além de autores, obras também são canonizadas de acordo com contextos estéticos ou histórico-sociais e podem ser considerados representantes de identidades culturais. Desta forma, o historiador elege alguns textos e escritores como representantes de determinada tendência ou estilo.

Harris vale-se da ideia de que o cânone estabelece-se a partir de como determinadas obras são lidas e não o que as obras são por si mesmas. Neste sentido, entende-se que o cânone não é a obra em si (fonte primária), e sim o que é construído a partir dela (fonte secundária), sendo assim, leituras que se acumulam sobre ela.

Na medida em que obras são resgatadas e tornam-se objetos de estudo, contribuem para um melhor entendimento de um dado momento da literatura e de contextos socioculturais. Conforme Harris:

Tradicionalmente se há creído tanto que los textos literários proporcionaban luz sobre lá época en que se escribieron como que los hechos históricos y contemporáneos influyen en interpretación correcta de los textos (HARRIS, 1998, p. 45)

O autor traz a importância de voltar ao passado com o olhar do presente, na investigação literária e seu espaço na época em que a obra foi concebida. Assim, torna-se primordial a releitura e o resgate de obras e autores que por algum motivo foram esquecidos ou sequer conhecidos no âmbito literário, que podem ter sido importantes ao longo do século XIX.

Contudo, a imprensa desenvolveu papel importante na difusão das ideologias nacionalistas, com o pensamento de amor à pátria presente nos textos publicados pelos jornais da primeira metade do século XIX, juntamente com a literatura que, uma vez publicada nos periódicos, deixou registrada sua materialidade e importância diante da construção da cultura e da literatura brasileira.

1.1 Contexto sociocultural da imprensa no Brasil e no Rio Grande do Sul

Até o final do século XVIII, os livros e outros materiais impressos eram importados de outras partes do mundo, especialmente, de Portugal através de navios. Viajantes estrangeiros ou brasileiros que visitavam outros países traziam, em suas bagagens, materiais impressos e alguns livros. Nesse momento, também multiplicavam no Brasil as pequenas bibliotecas particulares e nascia o comércio de livros no país, sendo que as obras que entravam no país eram aquelas que passavam pela licença da censura (ABREU, 2010), ou então, eram consideradas obras clandestinas e perigosas.

O nascimento e desenvolvimento da imprensa no Brasil deu-se com a chegada da família real de Portugal em 1808 no Brasil. Esse nascimento da imprensa – na chamada Impressão Régia – ocorreu pela necessidade de impressão de documentos e materiais informativos, como ordens e decretos da família real. Com a ascensão da impressão no Brasil a partir do século XIX, não apenas começaram a impressão de livros, mas também de jornais em várias partes do Brasil, geralmente, em regiões com um maior desenvolvimento financeiro e intelectual.

O primeiro jornal brasileiro, o *Correio Brasiliense* (1808-1822), foi publicado em Londres por Hipólito José da Costa (1774-1823), dividido em quatro partes: política, comércio e artes, literatura e ciências e miscelâneas, assim como no jornal *O Noticiador*. O jornal foi responsável por difundir ideias sobre a liberdade de imprensa e o ideal político liberal no Brasil, diferentemente da *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822), o primeiro jornal editado no Brasil pela corte.

Neste período, os jornais tinham uma periodicidade mensal, quinzenal ou semanal, devido às condições pouco precárias de elaboração, tanto em relação à preparação, quanto à forma impressa, que se pode considerar, de acordo com Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil*, uma “imprensa artesanal” (1994, p. 35), por seu caráter de elaboração manual das publicações.

O período joanino no Brasil (1808-1821) também foi marcado com a emancipação política, a criação e difusão do teatro, da pintura, entre outros, além do surgimento de atividades industriais e econômicas. Em 1810, foi fundada a Biblioteca Real com livros trazidos por Dom João VI e, em 1813, foi inaugurado o Real Teatro de São João no Rio de Janeiro, além disso, ocorreu o fim do monopólio comercial português, como ilustra Isabel Lustosa em *O nascimento da imprensa brasileira*:

Logo após a chegada de d. João do Brasil, o país experimentou um surto de progresso e crescimento cultural que teve início com a abertura dos portos às nações amigas, medida que determinou o fim do asfixiante monopólio com Portugal. A implantação dos serviços administrativos da coroa portuguesa no Rio de Janeiro e a série de benefícios que o rei resolveu implementar dinamizaram a vida da colônia, que em 1815 seria elevada à categoria de reino. Uma série de transformações positivas marcaram os treze anos de reinado joanino no Brasil. (LUSTOSA, 2003, p. 18)

A abertura de portos citada pela autora possibilitou a entrada de diversos produtos vindos de outros países, sendo autorizado o comércio entre o país e outras nações que não mantinham relações com a França, assim, possibilitando também a entrada de livros e outros escritos no país.

Com a eclosão da Revolução Liberal do Porto em Portugal em 1820, D. João VI (1767-1826) retorna em 1821 e D. Pedro I (1798-1834) assume o posto de príncipe regente no Brasil, declarando a independência do Brasil em sete de setembro de 1822. No mês seguinte, em 12 de outubro, D. Pedro I foi aclamado imperador do Brasil.

D. Pedro I, em sete de abril de 1831, abdicou do trono brasileiro e deu lugar ao seu filho, D. Pedro II, com apenas sete anos de idade, nascido no Rio de Janeiro príncipe regente, sob a tutela de José Bonifácio de Andrada e Silva.

A retirada de D. Pedro I se deu pela guerra civil instaurada em Portugal entre liberais, que eram liderados por D. Pedro I e absolutistas, que tinham como líder D. Miguel, terminando em 1834 com o tratado de Évora-Monte e conquista de D. Pedro, devido à fragilidade do exército miguelista, evento tematizado no segundo impresso feito por Francisco Xavier Ferreira em Rio Grande.

Apesar dos vários fatos históricos e políticos que marcaram o período no Brasil, a expansão cultural e intelectual tomou espaço entre a burguesia, acarretando a criação de elites intelectuais, que propagavam ideias e ideais. A criação oficial de tipografias no Brasil deu-se apenas em 1821, com a saída de D. João VI, quando D. Pedro I liberou a impressão no Brasil em outras tipografias, não limitando, portanto, à tipografia estatal ou às impressões vindas de outros países, como era o caso do *Correio Braziliense*, editado em Londres, possibilitando dessa forma a criação de tipografias em diversas partes do país e contribuindo com a cultura impressa em diversas regiões mais desenvolvidas no Brasil.

Após a criação da imprensa em estados do nordeste e meses do primeiro periódico paulista, surgiu em Porto Alegre, em 1827, o *Diário de Porto Alegre*, primeiro periódico do Rio Grande do Sul, que foi patrocinado pelo então presidente da província João Oliveira e Daun¹ e impresso na *Tipografia Riograndense*. Foi um jornal sem características definidas, pois oscilou entre uma posição ora a favor, ora contra ao governo e durou em torno de um ano, circulando até 1828.

O *Diário de Porto Alegre* iniciou a proliferação da imprensa na capital gaúcha, com o surgimento de vários outros periódicos, a partir de 1828: *Constitucional Rio-grandense* (1828), *O Amigo do Homem e da Pátria* (1829), *O Vigilante* (1830), *O Imparcial* (1831), *O Telégrafo* (1831), *O Cruzeiro* (1831), *O Compilador* (1831), *Correio da Liberdade* (1831), *O Continentino* (1831). Em 6 de fevereiro de 1832, surge *O Noticiador*, primeiro jornal do interior gaúcho, publicado até o ano de 1836. No entanto, antes disso a tipografia de Francisco

¹ Conforme Manuel Amaral, no Dicionário Histórico de Portugal, o João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun (Lisboa, 17 nov. 1790 – Londres, 20 nov. 1876) foi marechal general do exército, par do reino, e ministro da Guerra, participou da Guerra contra as Artigas e da Independência do Brasil. Transcrito por Manuel Amaral, publicado no Dicionário Histórico de Portugal Disponível em: www.arqnet.pt/dicionario/saldanha1d.html. Acesso em: 10 set. 2014.

Xavier Ferreira, se destaca em imprimir no ano de 1831 o *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil*.

Artur Emílio Alarcon Vaz, em sua tese “A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)”, discorre sobre o suposto atraso do desenvolvimento na imprensa, que diversos historiadores apontam na história da imprensa gaúcha:

Conforme Nestor Ericksen, a primeira tipografia do Rio Grande do Sul foi implantada pouco meses depois da de São Paulo. Essa constatação desfaz o repetido argumento de que o Rio Grande do Sul tenha sofrido um atraso no desenvolvimento de sua imprensa, com base em que o *Diário de Porto Alegre* tenha surgido quase um século depois de 1737, data de fundação do forte Jesus-Maria-José, origem da cidade de Rio Grande, marco inicial da formação histórica do Rio Grande do Sul.

Nota-se assim que o atraso no desenvolvimento da imprensa ocorreu igualmente em todo o Brasil e que até se poderia considerar o Rio Grande do Sul em melhor situação, já que a criação da primeira gráfica se deu menos de um século após a fundação de sua primeira povoação, enquanto a província de São Paulo – assim como outras províncias – teria ficado mais de dois séculos sem uma gráfica própria. (VAZ, 2006, p. 63-64)

O autor discorda da informação de que o Rio Grande do Sul tenha sofrido um atraso no desenvolvimento da imprensa em relação aos outros estados do Brasil, apontando que a imprensa gaúcha pode ser considerada até como em “melhor situação”, devido ao seu aparecimento de forma mais precoce do que em outros estados com um maior número de anos desde o seu surgimento. Além disso, Artur Vaz acrescenta dados sobre o desenvolvimento intelectual do estado,

José Murilo de Carvalho acrescenta um dado que pode ser considerado como muito mais influenciador do pretense “atraso cultural” do Rio Grande do Sul. Analisando a relação entre os estudantes brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra e a população de cada província, conclui que “a relativa ausência de gaúchos em Coimbra foi certamente uma razão adicional para o isolamento da província e seu sempre problemático relacionamento com o governo central” (CARVALHO, 1981, p. 58). Esse dado, no entanto, evidencia para um distanciamento entre as elites gaúcha e brasileira, e não tem tanta relação com a vida cultural de então, pois o Rio Grande do Sul já era tido como uma das províncias mais ricas do país. (VAZ, 2006, p. 65)

Apesar do distanciamento cultural citado por Vaz, o Rio Grande do Sul possuiu um número expressivo de jornais na primeira metade do século XIX, em sua fase inicial, na década de 30, somente em Porto Alegre, foram em torno de 41 diferentes jornais fundados (CAPPARELLI, 1989). Porém, a maioria dos periódicos circulavam em média pouco mais de um ano, sua circulação era limitada a duas ou três publicações por semana e impressos de duas a quatro páginas (REVERBEL, 1956).

Entretanto, pode-se constatar que o processo de nascimento da imprensa no Brasil, embora tardio, fora resultado de vários conflitos políticos, envolvendo a coroa portuguesa e da necessidade de expansão da informação e comunicação. Visto que os jornais, por sua vez, traziam em suas páginas posicionamentos e ideias políticas, além da necessidade de registrar e divulgar fatos locais, nacionais e, eventualmente, de outros países.

Durante muito tempo, acreditou-se que, no Rio Grande do Sul, a literatura apenas ganhou espaço na imprensa na segunda metade do século XIX com o aparecimento de periódicos dedicados exclusivamente à arte literária. Cultua-se que foi com a fundação do jornal *O Guaíba* (1856), em Porto Alegre, que se iniciou a cultura literária no estado e obteve sua consolidação com o aparecimento da *Sociedade do Partenon Literário* (1868), com a publicação de uma revista mensal.

No entanto, as manifestações literárias já aconteciam na primeira metade do século XIX, não apenas com o cancionista sul-rio-grandense e as crônicas escritas pelos viajantes estrangeiros que passaram pelo Rio Grande do Sul, tal como aponta Guilhermino Cesar, em sua *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, mas também – apesar da carência de pesquisas em jornais da primeira metade do século XIX – com os textos que se encontravam impressos em colunas dedicadas à literatura em diversos periódicos.

Guilhermino Cesar ainda dedica, em seu livro, algumas páginas sobre a imprensa no Rio Grande do Sul, no qual cita o início da imprensa e o engajamento farroupilha existentes nos jornais da década de 1830. Além dos jornais de Porto Alegre, o autor destaca os jornais de Rio Grande, tais como “O

Noticiador (1832 – 1835), *O Observador* (1832 – 1834), *O Propagador da Industria Rio-Grandense* (1833 – 1834), *O Mercantil do Rio Grande* (1835 – 1840), *O Liberal Rio-Grandense* (1835 – 1836)” (CESAR, 1971, p. 91).

Álvaro Antônio Kafke, em sua dissertação de mestrado *O Império na província: construção do Estado nacional nas páginas de O Propagador da Indústria Rio-grandense – 1833 – 1834*, traz uma reflexão sobre o período, tomando como base o outro periódico editado na tipografia de Francisco Xavier Ferreira. O autor destaca o processo político vivido no Brasil, na sua passagem de trono, e salienta:

O Império, após a abdicação de D. Pedro I, encontrava-se imerso em uma dura luta política, travada em torno das proposições dos diferentes grupos que disputavam a primazia do direcionamento da sociedade. Entretanto, para que essa direção fosse efetiva, não bastava derrotar os adversários do momento, mas conseguir impor um modelo de constituição do Estado e de conformação social que garantisse uma posição de dominação. Na busca desse objetivo, muitos foram os episódios de violência explícita. Mas os vários segmentos das elites também expunham suas divergências apelando ora ao convencimento, cooptação, ou composição, ora à deslegitimação e ao combate ferrenho das ideias dos oponentes. As armas usadas nesse tipo de contenda eram, quase sempre, os argumentos, e os instrumentos de sua veiculação os precários jornais da época.

Atestando a intensidade das discussões públicas, nesses anos proliferaram as associações e suas folhas. Majoritariamente localizadas na Corte, não estiveram ausentes das províncias, e tampouco abstiveram-se de participar ativamente dos debates que abrangiam todo o Império, como mostra a trajetória de uma dessas sociedades, localizada no extremo meridional do Brasil. (KLAFKE, 2006, p. 14)

Nesse início do século XIX, o jornal era a fonte usada para disseminar as ideias de combate da sociedade que almejava a liberdade. Assim, foram muitos os jornais editados e publicados durante o momento político vivido na província. E foi também neste período que o Rio Grande do Sul, além de desenvolver a imprensa em sua sociedade, iniciou o processo de criação e difusão da literatura através dos impressos nas tipografias.

1.2. Imprensa como fonte primária: o resgate da memória

Primeiramente, deve-se entender as relações existentes entre História e Imprensa, pois esta relação traz dois grandes campos de estudo: a História da imprensa, que procura resgatar os caminhos percorridos pelos periódicos e sua evolução no campo informativo e a História construída através da imprensa, esta, por sua vez, tomando a imprensa como fonte primária para a construção histórica.

A imprensa, além de cumprir o papel informativo aos leitores em seu tempo, tem sido considerada como importante fonte historiográfica desde o final do século XIX. Assim, as pesquisas em fontes primárias vêm possibilitando a construção e a reconstrução da história, através de análises sociais, políticas e econômicas.

Enquanto a imprensa jornalística propõe-se a registrar o que é fato presente, o historiador empenha-se em resgatar determinados fatos passados, preencher lacunas na história ou até mesmo confirmar, através do resgate pela imprensa, algum fato já consolidado na historiografia.

Durante muito tempo, a pesquisa em fontes primárias foi questionada, de forma negativa, devido ao discurso tendencioso, que abarcava questões ideológicas e distorções de informações, que era oferecido pela mídia desde o seu aparecimento. Esta visão foi superada com o passar dos tempos e a aceitação de que tal discurso deveria ser questionado pelo historiador, sendo responsável por identificar essas questões e filtrar o que realmente poderia ser utilizado como referencial.

Os estudos realizados com periódicos, fontes primárias e secundárias, originaram diversos eventos no espaço acadêmico, sendo frutos de diversas pesquisas, trabalhos e publicações. Por exemplo, o Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários (ENAPEL), traz relatos de professores pesquisadores, que buscaram na memória os principais pesquisadores que baseiam seus estudos em periódicos, o que se pode observar com o discurso “Memória (afetiva e esparsa) dos encontros sobre periódicos”, proferido pelo professor Mauro Nicola Póvoas:

Falar em pesquisa de periódicos literários no Brasil é lembrar de alguns textos acadêmicos fundadores, como aqueles que são listados em artigo de 1979 de Margaret Abdulmassih Wood da Silva, todos gravitando em torno do projeto de estudo de periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), coordenado pelo Prof. Dr. José Aderaldo Castello, e num segundo momento auxiliado pela Profa. Dra. Cecília de Lara. Aderaldo Castello sistematiza e apresenta a sua metodologia de trabalho no prefácio “A pesquisa de periódicos na literatura brasileira”, enfeixado no primeiro livro publicado como resultado do projeto, *Lanterna Verde e o Modernismo*, de Roselis Oliveira de Napoli. A pesquisa vinculada ao IEB tem origem nos estudos realizados pelo professor para a escrita de sua tese de Doutorado, *Introdução ao Romantismo no Brasil*, na década de 1950. Percutando esse período fulcral da literatura brasileira, Aderaldo Castello notou a importância dos periódicos para a compreensão do sistema literário nacional; sendo assim, realizou um levantamento de jornais e revistas aqui surgidos a partir da implantação da imprensa, com a vinda de D. João VI, em 1808, para o Brasil. (PÓVOAS, 2010).

Além do grande papel de referência nos estudos com periódicos, estes trabalhos refletem a necessidade de análise e compreensão que os diversos jornais e revistas literárias citados contribuíram para um melhor entendimento da imprensa e dos mecanismos sociais e artísticos de determinadas épocas, assim como o resgate histórico, biográfico e de obras literárias, que colaboraram com o desenvolvimento literário no país.

Ainda em seu discurso, Póvoas cita nomes que contribuíram com suas pesquisas históricas e trabalhos de catalogação de jornais, desta forma, fornecendo informações importantes para que outras pesquisas com periódicos fossem realizadas,

sem esquecer outros textos, que muitas vezes ampliam o seu interesse para periódicos não só literários, como os livros de Athos Damasceno Ferreira, Helio Vianna, Plínio Doyle ou Nelson Werneck Sodré. A partir do final da década de 1970, estendendo-se até os dias de hoje, inúmeros trabalhos de conclusão, monografias, dissertações e teses surgem no horizonte das áreas de Letras, História e Comunicação Social. É impossível enumerar todos aqueles que não deixa(ra)m esmorecer a pesquisa em jornais e revistas (PÓVOAS, 2010)

As referências citadas por Póvoas são imprescindíveis para as pesquisas realizadas com periódicos em todo âmbito nacional, sendo fontes

muito acessadas em fases preliminares das pesquisas. Além disso, Mauro Póvoas traz a luz, em seu discurso, diversos nomes de professores pesquisadores que recentemente desenvolvem pesquisas e orientam diversos trabalhos no âmbito acadêmico e que possuem como fonte a imprensa. Os pesquisadores, além de contribuir com os estudos de periódicos, são referenciais para o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa com jornais e revistas. Deste modo, acrescentando várias páginas às histórias da literatura, que careciam de informações referentes à literatura contida em periódicos.

2. Francisco Xavier Ferreira

2.1 Dados biográficos e fortuna crítica

Francisco Xavier Ferreira² – farmacêutico, jornalista, poeta e político – nasceu na Colônia de Sacramento (Uruguai) em 04 de dezembro de 1771, um dos dez filhos da união de Bento Martins Ferreira (Coimbra, 1717 – Rio Grande, 1799) e Maria Jacinta Nascimento Resende (Sacramento, 1735 – Rio Grande, 1789).

Em Rio Grande, onde abriu uma farmácia e, por isso, ganhou o apelido de Chico da Botica, casou-se, em 1793, com Ana Joaquina Fernandes (Sacramento, 1776 – Rio de Janeiro, 1837) e, em 1794, teve seu único filho, Ignácio Xavier Ferreira. Em 1819, ingressou na Maçonaria, filiando-se ao Grande Oriente do Brasil. Em seguida, tornou-se membro da “Junta Governista Gaúcha de 1822-1824”, que atuou quando D. João VI passou as capitânicas para o posto de províncias, sendo governadas por esta junta provisória e atuando de 22 de fevereiro de 1822 a 8 de março de 1824.

Em 7 de abril de 1831, quando Dom Pedro I abdicou o reinado e Dom Pedro II é elevado ao trono, Ferreira imprimiu o primeiro texto publicado na cidade rio-grandina. Em 1832, fundou a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Na sua tipografia, imprimiu os jornais *O Noticiador*, o primeiro jornal rio-grandino, e *O Propagador da Indústria*, de José Marcelino da Rocha Cabral³. Até então, os impressos vinham do Rio de Janeiro ou de

² Os dados de nascimento, morte e árvore genealógica foram retirados do site familysearch.org, organizado por membros da “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias”.

³ Mantido pela Sociedade Promotora da Indústria Rio-Grandense, formada em sua maioria por membros da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, o jornal *O Propagador da Indústria Rio-Grandense* foi editado e publicado na cidade de Rio Grande entre 1833 e 1834, na tipografia de Francisco Xavier Ferreira e redigido pelo jornalista e advogado José Marcelino da Rocha Cabral (Olmos, Macedo de Cavaleiros, Portugal, 17 ago. 1806 - Rio de Janeiro, 1850). Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Marcelino Cabral emigrou de Portugal, em 1831, e, chegado inicialmente ao Rio de Janeiro, em seguida mudou-se para Rio Grande, onde planejou e organizou os estatutos da Sociedade Promotora da Indústria Rio-Grandense e depois fundou e comandou a redação do jornal *O Propagador da Indústria Rio-Grandense*. Após a falência de seu jornal *O Despertador*, em 1841, quando

Portugal, sendo de grande valia a importância de Francisco Xavier Ferreira ao fundar uma tipografia local, para que assim possibilitasse produções literárias rio-grandinas e que fossem registrados os acontecimentos de nossa terra de forma independente.

Xavier Ferreira desenvolve também o ofício de livreiro na cidade, em anúncio publicado no jornal *O Noticiador*, em 9 de abril de 1832, tem-se:

Ache-se á venda nesta typographia o Manifesto que deu ao Publico no Rio de Janeiro. o Bacharel Cyprianno José Barata d'Almeida, o qual contém várias idéas úteis ao Brasil incircunscrito: reimpresso em Porto Alegre. Preço 400 rs.

Em 1835, é eleito deputado na 1ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul e sua participação é considerada fundamental na lei que elevou a vila de Rio Grande (1835) à categoria de cidade, assim como atuou no projeto que deu o nome de Cidade de Pelotas (1835) à cidade vizinha.

O jornal *Sentinela da Liberdade*, de 18 de abril de 1837, publicado pela tipografia de Cláudio Debreuil, traz a divulgação de um processo, com denúncia contra Francisco Xavier Ferreira:

O processo divulgado pelo jornal *Sentinela da Liberdade* iniciou-se com a denúncia de 27 envolvidos como cabeças da sedição de 20 de setembro de 1835, em Porto Alegre. Entre eles, Vicente Ferreira Gomes, Francisco Xavier Ferreira, José de Paiva Magalhães Calvet, Domingos José de Almeida, Antônio José Anjos França, padre Thomé Luiz de Souza e mais quatro sacerdotes. Os acima citados foram acusados também de roubos, de serem cúmplices de homicídios e de provocarem ferimentos em outras pessoas. Deste processo, conta ainda que “um plano de conspiração, desde longo tempo traçado,

perdeu tudo, mudou-se para Diamantina onde trabalhou como advogado. Retornou ao Rio em 1849, onde morreu em 1850.

existia na província para separá-la da integridade do Império.” (RIBEIRO, 2012, p. 111).

Xavier Ferreira falece em 23 de abril de 1838, na Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição da Ilha de Villegagnon (RJ), após ser preso durante a Revolução Farroupilha (1835-1845) na retomada de Porto Alegre pelas forças legalistas, antes mesmo da Maioridade de D. Pedro II, ocorrida somente em 1840.

Na edição número 1 do jornal *O Povo*, de 1838, impresso na tipografia Republicana Rio-Grandense, está publicado um artigo dedicado à morte de Francisco Xavier Ferreira, com o título “Necrologia”, inicia com a exclamação “Um outro nós foi arrebatado!”, além da longa crítica realizada ao governo devido à Revolução Farroupilha, o artigo conta a trajetória de Xavier Ferreira, enquanto, homem público, jornalista, político e preso político durante o início da revolução. Denuncia as condições precárias que Ferreira fora submetido na prisão, sua situação de debilidade, devido ao seu estado de saúde e a demora de atendimento médico, que culminou em sua morte.

Se valorizado por parte de seus contemporâneos, o reconhecimento da importância de Xavier Ferreira e de seus escritos manteve-se parcial ao longo do século XIX e também no século XX. Embora grande parte do material escrito sobre Ferreira não seja confiável do ponto de vista histórico, cabe a descrição desse material, verificando erros e dados que iluminam sua biografia.

Alfredo Ferreira Rodrigues, em “Notas para a História da Imprensa” (1899), ao traçar um panorama da imprensa no Rio Grande do Sul, destaca a fundação d’*O Noticiador* e traz informações sobre a interrupção da publicação do jornal, em 5 de outubro de 1835, devido às ameaças e pressão do presidente Fernandes Braga (p. 11). Além de destacar dados biográficos de Francisco Xavier Ferreira⁴, Rodrigues afirma que: “Possuo uma coleção do *Noticiador*, do 1º ao último número, com raríssimas faltas, formando 4 grossos volumes.” (p. 13).

⁴ “Deputado pelo Rio Grande do Sul à Assembleia Geral na 1ª legislatura de 1826 a 1829, presidente da nossa primeira Assembleia Provincial, da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional e da Sociedade de Beneficência [hoje Santa Casa de Misericórdia] do Rio Grande, promotor público etc.” (p. 12)

Em 1958, Valter Spalding publica o livreto *Dois vultos da História Gaúcha: Xavier Ferreira e Onofre Pires* e dedica seis páginas para a biografia de Xavier Ferreira. Entre elogios e análises, equívocos e informações, Valter Spalding transcreve o discurso de Ferreira dedicado ao então Príncipe Regente do Brasil:

- “Órgão legítimo dos sentimentos do Governo Provisório da Província de São Pedro do Sul, e Câmaras de Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, em seu nome, e em nome de seu povo, venho oferecer a V. A. R. seguros votos de respeito, de amor, de adesão e de fidelidade. – Os filhos e os íncolas do Brasil já principiavam a julgar-se isentos do antigo despotismo: os Pachás das Províncias, esses modernos Pretores e Proconsules disfarçados no título de Generais, viam arrancar-lhes da tirania dextra o bastão de ferro” (...) quando “as Côrtes de Portugal então variam de sistema e esquecem os sagrados princípios de igualdade, marcados nas bases da Constituição” (...) e ditam “os revoltantes decretos de 29 de setembro de 1821, onde cada palavra é um insulto, cada período um atentado, e o seu todo um pélogo de horrores, de traições, de tudo quanto é perverso”. E diz, justificando-se Francisco Xavier Ferreira:

- “Não pareçam exageradas as minhas expressões: é crime calar, quando o dever prescreve que falemos”. (SPALDING, 1958, p. 3).

O discurso foi datado de 23 de maio de 1822, proferido por Francisco Xavier Ferreira, enquanto parte da Junta Governista Gaúcha. Destaca *O Noticiador* e a posição política liberal adotada pelo jornal e caracteriza Ferreira “como a grande maioria dos chefes Farroupilhas, não era republicano, mas liberal extremado tão somente” (p. 5), relata como foram os últimos tempos de Xavier Ferreira e sua morte. Ao final, destaca a frase, em francês, que *O Noticiador* continha em seu frontispício, da autoria do “patriota inglês Algermon Sidney (que fora condenado e executado em Londres a 26 de novembro de 1682) extraído do *Discurs concerning Government* (p. 8): “La liberte est la mère des vertus, de l’ordre et de la durée d’un état; L’esclavage, au contraire, ne produit que desvices, de la lacheté et de la misère”.

Nestor Ericksen, em *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense* (1977), cita que o jornal *O Noticiador* foi o primeiro jornal de Rio Grande e, também, a primeira folha que apresentou o abolicionismo no Rio Grande do

Sul. Em *Modelo político dos farrapos* (1982), Moacyr Flores cita Aurélio Porto, para quem “o Grande Oriente do Brasil, em 1820, incumbiu a Francisco Xavier Ferreira de organizar lojas maçônicas no Rio Grande do Sul” (p.41).

Na obra *Vultos do Rio Grande, da cidade e do município* (1981), Décio Vignoli das Neves faz a biografia de Xavier Ferreira com apontamentos de nascimento e sua genealogia, contando a trajetória de chegada de sua família em Rio Grande. Logo após, apresenta o subcapítulo “Os méritos de Xavier Ferreira” (p. 266), no qual descreve a trajetória profissional, política e familiar de Xavier Ferreira:

Mas já antes da morte do seu filho Ignácio, o nosso **Chico**, que ao estudar Farmácia no Rio adquirira vasto círculo de amigos e se iniciara na Maçonaria, fora chamado a lá comparecer, o que fez em 1819, quando foi incumbido pelo “Grande Oriente do Brasil” de fundar uma filial maçônica na então vila do Rio Grande. De volta, não demorou em desincumbir-se da missão, logo aqui organizando – em 1820 - a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, filiada ao Grande oriente do Brasil. Não podemos afirmar com certeza, mas parece ter sido Francisco Xavier Ferreira, o primeiro, aqui no Rio Grande do Sul, a ser fundador de uma Loja Maçônica... (NEVES, 1981, p. 266)

Décio Vignoli das Neves dedica mais quatro subcapítulos ao jornalista Francisco Xavier Ferreira, nos quais relata o processo político vivido na época e a fundação da tipografia na cidade, os liberais gaúchos que defenderam o Rio Grande do Sul, nos interesses da província e os biógrafos – Alfredo Ferreira Rodrigues, Edgar Braga da Fontoura, Aurélio Afonso Porto e Guilherme Schultz Filho – que “trataram com profundidade das ações e feitos de Francisco Xavier Ferreira” (p. 269).

Em “A prisão e morte do papareia⁵”, Neves descreve que:

Seu jornal – diz o estudo de Guilherme Schultz Filho, a que já nos referimos – não se preocupa, apenas, com as questões políticas que empolgam a época. Foi uma tribuna de educação cívica, uma cartilha de nacionalismo sadio. Acompanha a marcha política do mundo, com uma resenha semanal dos

⁵ Termo usado para referir-se aos rio-grandinos, uma vez que, antigos viajantes relataram a existência de um vento muito forte na região, que faziam as pessoas comerem areia “papa areia”.

fatos de maior importância, deles tirando ilações para a causa nacional.

Transcreve os artigos de fundo dos maiores jornais do Brasil, como também do estrangeiro, notadamente da Inglaterra e dos Estados Unidos”. (cuja tradução era feita por ele próprio). (NEVES, 1981, p. 271).

O pensamento nacionalista desenvolvido em *O Noticiador* trouxe destaque para Francisco Xavier Ferreira, não apenas nas páginas de seu jornal, mas também na composição de diversos hinos. Neves transcreve parte do *Hino Militar Brasileiro*, que foi entregue ao Exército junto à Bandeira Imperial do Brasil: “Brasileiros, denodados... / Voai ao campo da Glória! / Quem Peleja pela Pátria... / Alcança sempre a Vitória! (NEVES, 1981, p. 272).

Na obra *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense* (1986), Jandira Silva divide a imprensa em três fases: 1827-1845; 1845-1895 e de 1895 até os nossos dias. Na primeira fase, chamada de “período revolucionário” (p. 33), a autora aponta dados sobre o jornal *O Noticiador* e sobre Francisco Xavier Ferreira, destacando os editores do jornal: Guilherme José Correia, Francisco Xavier Ferreira, Mateus Gomes Viana e Bernardo José Viegas (p. 23). Para Jandira Silva, Mateus Gomes Viana era “coadjuvante na redação, por ser juiz de paz em Pelotas, onde o jornal era órgão oficial da Sociedade Defensora de Francisco Xavier Ferreira” (1986, p. 61). Em relação ao posicionamento político, traz *O Noticiador* como “favorável à causa Farroupilha” e o *Propagador da Indústria Rio-Grandense*, impresso na mesma tipografia, sendo “contrário à causa da Farroupilha” (p. 76).

Klafke (2006) apresenta apontamentos e análises sobre a passagem política e participativa, além de uma breve biografia de Francisco Xavier Ferreira:

Francisco Xavier Ferreira: boticário, proprietário da tipografia onde se iniciou a impressão do *Propagador*, vice-presidente da Sociedade Promotora, presidente da Câmara Municipal de Rio Grande, membro da Junta Governista que administrou a província de 1822 a 1824, deputado pela província na Assembleia Geral da primeira legislatura (1826-1829), presidente da primeira Assembleia Nacional (1832) e da Sociedade de

Beneficência (1833), promotor público interino, partidário extremamente atuante da Revolução Farroupilha. (KLAFKE, 2006, p.25).

Luiz Henrique Torres, no artigo “A porta lacrada para sempre, ou: Quem matou o Padre Bernardo Viegas” (2009), analisa a conjuntura histórica do ano de 1833, relacionando o assassinato do editor de *O Noticiador*, o padre José Bernardo Viegas, como sendo um crime político, dada à posição política defendida pelo periódico:

O Noticiador atacava de forma incisiva todas as iniciativas restauradoras, que teriam um caráter contrário à independência e soberania brasileira, acreditando numa possível recolonização do Brasil por Portugal.

Esta história de afirmação da independência e aversão ao passado colonial está nas edições do jornal *O Noticiador* do ano de 1833 pesquisadas por Francisco Riopardense de Macedo no livro *Diário de um conflito*, que enfatiza aquela conjuntura histórica como uma guerra contra a restauração (retorno de D. Pedro I ao poder no Brasil). (TORRES, 2008, p. 120).

Ainda nesse artigo, Torres aponta a possibilidade de Francisco Xavier Ferreira ser o próximo a ser assassinado, devido a artigos publicados no jornal sobre ameaças a outros liberais.

Em *Rio Grande: 180 anos de jornalismo* (2012), Luiz Henrique Torres traz uma compilação dos jornais publicados em Rio Grande, com dados e imagens. Em artigo inicial, destaca o pioneirismo na imprensa de Francisco Xavier Ferreira e, no decorrer da obra, destaca o jornal *O Noticiador*.

O Noticiador começou a circular no dia 10 de janeiro de 1832, dando origem ao jornalismo na então Vila do Rio Grande de São Pedro. Era impresso no formato 22 x 32 cm, na tipografia do editor Francisco Xavier Ferreira, no Beco do Rasgado (General Netto) e a partir do número 21, na Rua Direita (Marechal Floriano, quase esquina com 24 de Maio). Além de Francisco Xavier Ferreira (O Chico da Botica), era redigido por Guilherme José Correia (que intitulava-se bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra) e o padre Bernardo José Viegas, que veio para a Vila do Rio Grande em 1824. O último número conhecido do jornal, nº 388, circulou em Porto Alegre em 9 de fevereiro de 1836. As coleções existentes em

Rio Grande e Porto Alegre são incompletas. (TORRES, 2012, p. 13).

Além das observações em relação ao formato físico do jornal e informações de endereço e de seus editores, o autor ainda destaca que “o jornal circulava nas terças e sextas-feiras sendo vendido os números avulsos a 80 réis” (p. 13). Sobre o posicionamento político do jornal, completa falando sobre seu tempo, em que “é partidário e parcial, transitando entre o confronto entre liberais e conservadores, valorizando a denúncia e a difusão de ideias a respeito da melhor forma de organização do Estado Brasileiro em formação” (p. 13).

Em *Perfil do leitor colonial* (1999), Jorge de Souza Araújo traz um estudo sobre diversos inventários e testamentos depositados em várias instituições brasileiras, com o objetivo de traçar o perfil do leitor do período colonial. Em Rio Grande, o autor destaca como sendo “de fato uma cidade onde se lia muito, sobretudo no século passado [XIX]” (p. 288). Além de outros inventários de Rio Grande, o autor destaca os inventários de Guilherme José Correia e Francisco Xavier Ferreira, ambos editores do jornal *O Noticiador*.

Segundo Souza, o inventário de José Guilherme Correia, em 1843, “tinha uma livreria bem razoável, com significativos títulos em medicina e Cirurgia e alguma coisa em Direito e Linguística.” (p. 289) e aponta:

No que escapa dessas rubricas, o perfil de leituras do homem brasileiro do sul poderia ser compreendido pela presença, nesse documento, de livros como *Compendio das épocas sucessos illustres da história geral por Antonio Pereira de Figueiredo*, um *Etude de lá nature de Jacques*, *Fatos memoriáveis da história de Portugal S. A. M.*, *Introductiones a Zoologia por Francisco Antonio Ribeiro de Paiva*, *A Álgebra de Benzout 2 volumes*, e mais um *Compendio de Geografia por Cazado Giraldes*, um *Dicionário histórico de Chandon Delandens 13 volumes*, um *livro de Bornin Doctrina Sociall*, (...) (ARAUJO, 1999, p. 289)

Entre outros livros, destaca a presença de enciclopédias, obras sobre história de Portugal, França e manuais.

O destaque de Araújo é para o inventário de Ana Joaquina Ferreira e Francisco Xavier Ferreira, pois “a biblioteca do casal é das mais ricas e variadas, possivelmente maior em número de volumes, de matérias e de autores diversificados, no Brasil do século XIX”, conforme “documento do 1º Cartório do município de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 1838, sendo inventariante José Xavier Ferreira. (APRS, Rio Grande, 422/18)” (p. 460). Ainda sobre o perfil de Xavier Ferreira e sua esposa, o autor aponta:

O modelo de leituras parece não destoar das verificadas anteriormente e que orientam o gosto literário e a aferição intelectual do leitor brasileiro em fins do período colonial. São obras cobrindo os mais distintos setores de um conhecimento multiforme, especialmente a literatura, de origem francesa ou portuguesa, a que se acrescentam autores e assuntos relacionados com a Filosofia, o Direito, a Economia política, e as Ciências naturais, físicas, químicas e matemáticas. Em números, 760 títulos, em termos aproximados, e mais de 2 mil volumes, avaliados por João Batista de Figueiredo Valadares e Antonio José Domingues, constituem a bem servida biblioteca rio-grandense do século XIX. (ARAUJO, 1999, p. 460).

Destacando-se obras de Medicina e História, o autor ainda traz uma lista de obras encontradas na biblioteca de Ferreira e que atualmente são totalmente desconhecidas: *Painel do amor conjugal*, *Salustio*, *Consciência Literária*, *Mabli sobre a Legislação*, *Manual de compor as bebidas*, *Arte de governar um estado*, *Os arquivos do escândalo*, *Expedição de Lord Byron à Grécia*, *História das raças humanas*; *Resumo da história de Buenos Aires*, *História da República do Haiti*; *Código dos livreiros*, *Uns papéis achados na casa de Robespierre*, de Madame de Stäel, *Estudo sobre as Antilhas Francesas*, *Curiosidades e indiscrições*, *Arte de tirar nódoas*, *Constituição militar*, *Gramática francesa*, *Indagações sobre a população*, *Revista enciclopédica*.

Araújo ainda aponta que a biblioteca amplia-se em número de títulos de caráter mais literário, com autores clássicos, renascentistas, maneiristas, neo-clássicos: *A arte de amar* e *Tristia* (8 d.C), de Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.); *Elegias*, de Tibulo (54 a.C.- 19 a.C.); *Poemas*, de Voltaire (1694-1778); *Belezas*, de Lord Byron (1788-1824); *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero (século VIII a.C.), além de obras de Cícero, La Fontaine e Camões.

Há de se destacar a presença de brasileiros, tais como *Esopaida* (1734), de Antônio José da Silva (1705-1739); *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão (1722-1784), e *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras por um baiano* (1825), de Domingos Borges de Barros. As obras *Ruínas* (1791), de Volnei (1757-1820), e *Émile* (1762), de Rousseau (1712-1780), são outras que constam no acervo de Xavier Ferreira e merecem destaque, pois eram textos liberais. Para Jorge Araújo,

No interesse mais específico da área de Letras, convém destacar que, em Literatura e Linguística, o inventário de Ana Joaquina e Francisco Xavier representa uma amostragem inequívoca da popularização de contos, romances, novelas e poesias, em latim, francês e português. Praticamente todos os nomes consagrados encontram-se representados nessa biblioteca de Rio Grande, não faltando mesmo as de extrato moral, como a *História de Gil Blas de Santillane*, que parece assentar definitivamente sua popularidade no Brasil. Autores ingleses, franceses, alemães, portugueses e brasileiros estão reunidos na relação presente de livros, numa demonstração de que o século XIX, em termos concretos, horizontaliza o hábito de ler e robustece a convicção nossa numa apuro técnico e na curiosidade intelectual, refazendo o caráter do leitor brasileiro, objeto final do nosso estudo. (ARAÚJO, 1999, p. 461).

A pesquisa realizada por Araújo sobre o perfil do leitor colonial, além de trazer uma análise e a mostra da biblioteca de Francisco Xavier Ferreira, revela o perfil do leitor colonial, que estava inserido, não somente na cultura da leitura informativa, como também na literária.

Como homenagens prestadas a Francisco Xavier Ferreira, podemos destacar a Praça Xavier Ferreira, localizada no centro da cidade de Rio Grande, que recebeu o seu nome - antiga Praça do Comércio - em homenagem ao centenário da Lei Provincial que elevou à cidade da Vila de Rio Grande, em 26 de junho de 1935. A cadeira nº 21 da Academia Rio-Grandina de Letras⁶ tem como patrono Francisco Xavier Ferreira, atualmente ocupada por Marco Antônio Guerreiro da Fonseca. Ainda em Rio Grande, no bairro Bolaxa, existe uma rua denominada Rua Francisco Xavier Ferreira.

⁶ Disponível em: <www.riogrande.rs.gov.br/smec/?page_id=4256>. Acesso em: 15 jan. 2014.

A Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), além de ter como membro a Loja Francisco Xavier Ferreira de Pesquisas Maçônicas, homenageia com a edição de um informativo, o jornal *Chico da Botica*, com periodicidade mensal e disponível em sua página na internet www.gorgs.org.br.

Na obra *Rio Grande nos versos dos poetas* (1989), organizada por Sued de Oliveira Rodrigues, Alcides Miller (1881-1957) dedica um soneto a Francisco Xavier Ferreira, seguido da observação de que “O homenageado, embora não fosse natural da cidade do Rio Grande, aqui exerceu o comércio farmacêutico e publicou o primeiro jornal da até então vila. (...) Foi autor da Lei nº 5, que elevou a vila à categoria de cidade” (p. 44).

“Xavier Ferreira”

Alcides Miller (1935)

Não para a ação do tempo, franca e ativa,
No perpassar dos séculos em fora!
E o que já foi outrora expectativa,
Em realidade se tornou agora.

Do humano esforço – o esforço nos cativa
Cativa o exemplo virtual da hora
O centenário – glória rediviva
Do Rio Grande a cidade comemora.

Da glória rediviva sempre eterna,
Só resta uma lembrança, doce e eterna,
Do eu, todo ideal e subjetivo.

E em vida quem lutou pela vitória
Na morte encontrará a paz, a glória
Que tem Xavier Ferreira – um culto vivo. (MILLER, 1989, p. 44)

Wagner Passos e Ivonei D’Peraça publicam a HQ “Assassinato na Capela” na *Revista Ideia* nº 3, que serviu de base para o roteiro do curta-metragem “A lista”, levado ao ar, em 2008, no programa *Histórias Extraordinárias*, da RBSTV, com depoimentos do professor Luiz Henrique Torres (FURG), de Antônio Mais e Leda Dias, ambos da Associação Pró-Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Rio Grande

(APHAC), e do padre Gianni, da Catedral de São Pedro. O curta relata o drama do assassinato do padre José Bernardo Viegas e a rotina de Francisco Xavier Ferreira em seu jornal, juntamente com o clima político tenso da época.

O cd rom organizado pelo IHGRGS, Coleção – Recuperação e Memória da Imprensa no Rio Grande do Sul, com a direção do Prof. Gervásio Rodrigo Neves com as digitalizações do jornal *O Noticiador*, reúne informações sobre a cidade de Rio Grande, como exemplo imagens e mapas do século XIX, uma vasta pesquisa com a visão de diversos historiadores sobre o jornal e traz como observação inicial, a doação dos exemplares do jornal pelo historiador Alfredo Ferreira Rodrigues ao Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e o esforço dedicado pelo IHGRGS para a reunião, digitalização e publicação deste material.

Traz ainda em sua composição a imagem de diversas obras em pintura, realizadas por Jean Baptiste Debret, em aquarela e que marcaram a sua passagem em Rio Grande a pedido de D. Pedro II para que registrasse imagens da cidade, e de Rudolf Wendoth, artista plástico alemão que chegou ao Brasil pelo porto de Rio Grande. Além disso, alguns artigos de importantes pesquisadores do jornal *O Noticiador*.

2.2 *Hino militar brasileiro para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras (1822)*

Datado de 1822, é o impresso escrito de Francisco Xavier Ferreira mais antigo que se obteve, sendo publicado pela tipografia de Silva Porto & Cia, no Rio de Janeiro⁷. Formalmente, contém doze estrofes, sendo seis delas um coro que se repete ao longo do hino; tematicamente, exalta a luta pela independência do Brasil.

⁷ O resgate deste texto foi possível devido às referências em bibliografias (Blake e Décio Rodrigues) e em núcleos de pesquisa (NUPILL, da UFSC). Através de pesquisa realizada na *internet* dos primeiros versos citados, foi encontrada a digitalização no sítio do acervo de John Carter Brown Library, da Brown University (EUA).

Em seus primeiros versos, chama e incentiva os brasileiros intrépidos a se dirigirem ao campo da glória, pois quem se interessava pela luta chega à vitória. No hino, o eu lírico clama pela ida de todos os guerreiros e defensores da pátria a irem ao “Templo de Mavorte”, ou seja, à guerra. Essa referência a mitologia greco-romana no uso do nome de Mavorte, o deus romano da guerra, é um dos traços árcades presentes no poema. Ao final do coro, faz referência a expressão conhecida da independência do Brasil, proferida por D. Pedro I, “Independência ou morte!”.

Brasileiros denodados
Voai ao Campo da Glória,
Quem peleja pela Pátria,
Alcança sempre a Vitória.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Nas seguintes estrofes, o verso “Não fraqueiem vossos peitos” faz um apelo aos brasileiros para que não desistam de lutar pela independência, em combate constante contra a Portugal. E destaca que, quem é brasileiro e tem honra, não teme nem a morte ou o perigo que pode vir em combate.

Assim, o poema apresenta uma crítica forte à corte portuguesa, que domina o Brasil e explana sobre o sentimento de ódio que deve permanecer contra quem “escravizou o Brasil”, e deve sentir quem lutou contra as amarras de Portugal no país:

Não fraqueiem vossos peitos
Combatendo o Inimigo;
Brasileiro que é honrado
Não teme a morte, ou perigo. (...)

Dispersai as vis Cortes,
Que vos vem escravizar,
Quem com brio quebrou ferros
Tiranos deve odiar.

Nas últimas estrofes, o sujeito lírico reforça a ideia de independência e quem vai à luta deve estar preparado para a liberdade ou para a morte,

destacando o potencial de D. Pedro II e atribuindo-lhe coragem e chamando-o de herói. Ao fim, retorna a figura mitológica de Marte, fazendo referência novamente à guerra e à luta executada pelos brasileiros a favor da independência da pátria.

Sagrado, novo Pendão
Acabais de receber,
Vede a Letra que o decora!
Ou Liberdade, ou Morrer. (...)

Segui de Pedro o exemplo,
A coragem, o valor;
Quem tem este herói à frente
A Marte excede em vigor.

A mitologia greco-romana reaparece ao fim do hino com Jano, deus das transições, das mudanças e tradições ou ainda, o passado e o futuro. Nessa estrofe, o eu lírico pede o final da “guerra”, para que o poder de Portugal (“Lísia”) sobre o Brasil termine e que os “monstros” retornem para lá.

Abram-se as portas de Jano,
Sai tu, execrável guerra,
Para debelar os monstros
Com que Lísia nos aterra.

Este hino foi composto para exaltar a luta contra D. Pedro I e pela liberdade da nação de Portugal, com a expectativa de vitória dos brasileiros nesta luta, juntamente com D. Pedro II, futuro governante da nação. Não há dados do mês exato de criação deste hino, mas pode-se perceber que fora composto antes da passagem do trono ao príncipe regente.

2.3 O Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil (1831)

O Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil (1831), atribuído a Xavier Ferreira, foi elaborado para Dom Pedro II, que assumiu o trono com apenas seis anos de idade. O hino tem como finalidade expressar a libertação da pátria brasileira de sua raiz portuguesa.

É considerado o primeiro impresso rio-grandino, feito ainda antes do aparecimento do primeiro jornal local, e seu original encontra-se somente na Biblioteca Nacional. Composto por sete quadras e mais um “coro”, também de quatro versos, o hino usa o mote “Os ferros da escravidão” para pregar o fim do reinado de Dom Pedro I e exalta a passagem do trono a Dom Pedro II, pois o Brasil era visto como escravo de Portugal e a partir de então se liberta da posição de colônia portuguesa.

No nosso Pátrio Horizonte
Dourado assoma o clarão
Que anuncia já desfeitos
Os ferros da escravidão.

Triunfamos, Brasileiros,
Dessa perjura facção
Que lançar-nos projetava
Os ferros da escravidão

Nestas duas primeiras estrofes, o eu lírico usa o pronome na primeira pessoa do plural (“nós”), o que dá voz a todo o conjunto de brasileiros, mostrando o triunfo alcançado perante a imagem de escravidão até então vivida no Brasil, e de forma extremamente negativa em relação ao regime monárquico instalado por Portugal. Presente, o maniqueísmo é visto a partir dos primeiros versos, em que o nosso pátrio horizonte é dourado e os outros, os portugueses, são classificados como “perjura facção”, em tempo passado o que concluímos que no presente momento a nação brasileira está livre dos “ferros da escravidão”.

O Augusto Herdeiro ao Trono
D’Brasil, Honra e Brasão
Salva a Pátria aniquilando
Os ferros da escravidão

Esta estrofe mostra a imagem tomada por Dom Pedro II perante o povo, que era visto como um herói, pois sua ocupação no trono tornaria o país livre do regime português, entrando o período regencial que dava início ao império.

A figura “Augusto” demonstra uma imagem muito positiva, representando a esperança do herdeiro ao Brasil e mantendo o maniqueísmo entre as duas nações e continentes.

Se a séculos suporta a Europa
Do despotismo o grilhão,
No Brasil nem um momento
Os ferros da escravidão

Vingou-se a Pátria insultada
No Campo d’aclamação
Lá mesmo foram quebrados
Os ferros da escravidão

No terreno Americano
Nunca mais vegetarão
Ditames do despotismo
Os ferros da escravidão

Nestas últimas estrofes, é destacado a lusofobia e o desejo pelo novo, no trecho “Se a séculos suporta a Europa” contrapõe ao trecho “No terreno americano/ Nunca mais vegetarão”, em que o velho é deixado para trás através da investidura de Dom Pedro II, já que era nascido no Brasil, e o poder estaria nas mãos de um brasileiro e não mais por um português como ocorreu no período de Dom Pedro I, também marca a oposição entre Europa e América, demonstrando a lusofobia. O “Campo da aclamação” era o local dado a tais cerimônias ocorridas na época, sendo também palco do momento da proclamação da Independência.

Viva a Assembleia Geral
A Brasileira Nação
O Jovem Pedro Segundo
Pátria Constituição.

Sendo assim, no coro apresentado acima está implícito o sentimento de prisão à Europa expressando o seu fim, como conquista a primeira constituição do país exaltado no coro como feito por D. Pedro II juntamente com a assembleia geral.

Após o período de Independência do Brasil de Portugal, em 1822, surge o sentimento de pátria a ser exaltada pelos brasileiros e por quem aqui vivia, como podemos destacar no verso “Vingou-se a Pátria insultada/ No Campo d’aclamação”, o que é notadamente expresso neste hino.

De modo que em geral, o tom elogioso à nação brasileira tornava-se fonte de inspiração em composições literárias, como no tom positivo dos versos do coro apresentado, em que o triunfo do Brasil ao romper com a ligação com Portugal, glorificando este feito e apresentando um sentimento de heroísmo, o qual é atribuído a D. Pedro II. Assim, é dada a construção de formação de uma “comunidade imaginária” (HOBBSAWN, 1997, p. 219), típica da época, através da imaginação e criação o que é visto de forma maniqueísta no ponto de vista poético.

2.4 A relação dos festejos que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do sul, em demonstração de seu jubilo pelo restabelecimento da paz, na sua pátria. (1834)

A segunda obra aqui analisada é o livreto – já que possui apenas quinze páginas impressas – *Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu jubilo pelo restabelecimento da paz, e da liberdade, na sua pátria (1834)*, de autoria de Francisco Xavier Ferreira e também impresso em sua tipografia, que tem como desígnio registrar o jantar da noite de 24 de agosto e a festa da noite de 26 de agosto de 1834, ambas em Rio Grande, em comemoração ao final da Guerra Civil, entre miguelistas e tropas liberais de Dom Pedro IV, com a assinatura do Tratado de Évora Monte em Portugal. Nessa obra, atualmente encontrada somente na Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS), os brasileiros e portugueses residentes em Rio Grande exaltam o restabelecimento da paz em Portugal.

O texto descreve, assim, a cerimônia em sua íntegra, inclusive com nome de convidados ilustres, detalhes estéticos, citações, inscrições de exaltação em objetos decorativos e placas, mostrando a elite rio-grandina e o

luxo que estava presente na cerimônia. Aparecem figuras ilustres da sociedade como convidados, como as elites cultural, econômica e política, também, a presença de personalidades da época:

Os Srs. Antonio Jose Affonso Guimarães, e Manoel Gomes da Silva, vereadores da Câmara Municipal, Porfírio Ferreira Nunes, comandante da Guarda Nacional e Carlos Antônio da Silva Soares, oficial da mesma guarda, e Promotor Publico. (...) O Sr. Agostinho Brue, negociante francês, ponderando sucintamente a necessidade da harmonia entre as nações livres e industriosas, propôs em seguida o brinde a amizade perpetua de todas as Nações livres da Europa e América. O bacharel Jose Marcelino da Rocha Cabral, uma das vítimas da perseguição, que se evadira de uma horrível masmorra para estas praias hospitaleiras, depois de um sucinto, mas enérgico discurso em que memorou a tendência, e movimento irresistível do espírito humano para a Liberdade, e para a Civilização de todos os Povos da terra. (FERREIRA, 1831, p. 2)

A festa realizada:

Chegado o momento da abertura do baile, foi pelos Mestres-Salas distribuído às sras., e homens o Hino, que se segue esta relação, feito e impresso de propósito para o festejo; e executado por um excelente concerto de música sobre um magnífico coreto levantado no fundo da sala e acompanhado por todos em coro com vivo entusiasmo. Terminado o Hino, o vice-cônsul português levantou vivas à Nação Brasileira Livre e Independente, ao sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil, à Nação Portuguesa Livre e independente, à Sra. D. Maria II, Rainha Constitucional de Portugal; e aos Heróis Libertadores da Nação Portuguesa; os quais foram repetidos por todos com o mais subido entusiasmo. Então a sra. D. Delfina Benigna da Cunha, Brasileira, e Rio-Grandense, e já por suas produções poéticas bem conhecidas no Parnaso Brasileiro, recitou os três excelentes sonetos, que também vão adiante publicados (FERREIRA, 1831, p. 7).

Ao final, encontram-se o “Hino Liberal” e cinco poemas de Delfina Benigna da Cunha⁸: “Nebulosos tempos de terror e d’espantos!”, “Maria Excelsa! Se a palavra – Glória”, “Debalde o tirano insiste”, “Cintila o facho da razão celeste” e “Debalde intenta o despotismo insano”, sendo três inéditos e estes dois últimos também foram publicados em seu livro *Poesias oferecidas as senhoras rio-grandenses*, também de 1834.

O primeiro soneto de Delfina, em anexo, retrata – do ponto de vista dos vencedores – o terror vivido pelo povo português, bem como o sentimento de glória a partir do final da guerra civil em Portugal, depois de tanto sofrimento, mortes e trevas, a paz volta ao povo português desejando que não retorne mais a maldade que aniquilou Portugal. O primeiro quarteto apresenta este sentimento de glória, mas o último verso revela que ainda existe muita dor e que, por este motivo, mesmo querendo cantar, não o poderia fazer, pois ainda lhe resta um sentimento de luto pelo ocorrido.

Nebulosos tempos de terror d’espantos!
Parabéns, ó mortais, já são passados;
Da Lusa gente os feitos sublimados
Cantar quisera mais não posso tanto.

A liberdade era o que mais desejava o povo português, com a implantação do Liberalismo em sua pátria, destacando o uso da razão para a manutenção da paz e deseja, no terceto final, que a razão ilumine – “a luz se ative” (v. 13) - a mente de seu povo e que de fato o mal se afaste.

Das trevas dissipou-se a densidade;
Mais e mais em teu seio a luz se ative;
Não triunfe de ti a iniquidade.

No soneto “Maria Excelsa! Se a palavra – Glória”, nota-se a inspiração para a Rainha de Portugal, então D. Maria II, que assumiu o trono de fato de 26

⁸ Delfina Benigna da Cunha (São José do Norte, 17 jun. 1791 - Rio de Janeiro , 13 abr. 1857), mesmo cega desde os vinte meses de vida, produziu obra muito importante, como *Poesias Oferecidas às Senhoras Rio-grandenses*, editado em 1834, tornando-se um dos primeiros livros da literatura sul-rio-grandense.

de maio de 1834, ao fim da guerra civil que se instalara em Portugal, exaltando o papel que teve frente ao fim da guerra.

Maria Excelsa! Se a palavra – Glória –
Foi ao teu nome desde a infância unida,
Não podia ó Rainha Esclarecida,
Negar-te o Céu, que é justo, alta vitória.

No primeiro verso, a exclamação “Maria excelsa!” atribui a vitória da paz à rainha, que glorificada em seu papel, jamais será esquecida pelo povo português, permeando, desta forma, a opinião particular da autora. As atribuições positivas, tipicamente românticas, são efetivamente cultivadas à rainha, contrapondo um enfoque totalmente negativo aos que lutaram contra o Liberalismo em Portugal.

Em “Cintila o facho da Razão Celeste”, no soneto de Delfina Benigna da Cunha, prevalece o tom elogioso para Portugal no triunfo da batalha de D. Pedro I, atribui a vitória também à “Razão Celeste”, desta vez destacando características geográficas do país, “o Tejo, o Douro, o Guadiana”, são rios que cortam Portugal e compara a agitação dos portugueses com a agitação dos rios nesta primeira estrofe.

Cintila o facho da Razão Celeste
Marulha o Tejo, o Douro, O Guadiana;
Alvoroça-se a gente Lusitana,
E de ingente heroísmo se reveste,

Na última estrofe, exalta a verdade e o novo governo em Portugal com as três palavras que marcam o liberalismo: pátria, constituição e liberdade. Assim como, encontram-se essas palavras em poemas que exaltam o mesmo liberalismo no Brasil.

Ergue-se um novo altar à sã verdade,
Ordem por destra mão está gravado
= PÁTRIA, CONSTITUIÇÃO E LIBERDADE =

Na égloga “Debalde intenta o despotismo insano”, o eu lírico destaca inicialmente, as questões negativas que antecederam à batalha em Portugal, o

trono de D. Miguel e as mortes que geraram o conflito, desejando a eternidade para a liberdade conquistada com o “sangue lusitano”.

Debalde intenta o despotismo insano
A Árvore arrancar da Liberdade;
Regada como sangue Lusitano
Froncosa durara na Eternidade.

A quinta estrofe do poema, exalta Deus como um ajudante na batalha e celebra ao final a figura da árvore que representa a liberdade, sendo uma necessidade de toda a humanidade e assim, deseja novamente a eternidade da liberdade.

Eis, ó Lusos, por mão do Onipotente
Arraigada na Terra a planta amena;
Para estender seus ramos docemente
Toda a extensão do Globo acha pequena.
O Tejo avante em límpida corrente
Arrega com a linfa mais serena;
E esta Árvore tão precisa a Humanidade
Froncosa durará na Eternidade

Nas duas últimas estrofes, projeta a negatividade existente na figura de D. Miguel, atribuindo o adjetivo de “monstro”, mas o “nobre”, D. Pedro I, foi o herói nesta batalha. No oitavo verso cita o sistema liberal que trouxe a libertação de Portugal, contrapondo com o “projeto infernal” instaurado por D. Miguel. A última estrofe desqualifica D. Miguel, sendo alvo de uma crítica forte, pois ele era um “ente o mais cruel”, irmão de D. Pedro I, mesmo com laços familiares, desonrou seu irmão que ao final teve que lutar e derrotá-lo.

Lísia sofreu com bem custo
O mais atroz despotismo;
Porém com nobre heroísmo
Debelou o monstro injusto:
Livre do pálido susto
Agora tranquila existe,
Heroica e firme persiste
No sistema liberal;
E no projeto infernal
Debalde o tirano insiste

Já não é infausta presa
 Lísia do ímpio Miguel;
 Desse ente o mais cruel
 Que desonra a natureza.

No último poema de Delfina Benigna da Cunha, a égloga “Do Tirano tigre a fereza”, compara D. Miguel a um tigre, muito feroz e que muito mal fez por onde passou, sem nenhuma piedade.

Do Tirano tigre a fereza
 A sua igualar não há de;
 A voz da doce piedade
 Ao coração não lhe fala;
 Um leão não o iguala
 Na cruel ferocidade.

A última estrofe traz a palavra fuga como referência a morte de D. Miguel, assim deixando a paz reinar em Portugal, levando todo o seu ódio com sua morte. Novamente, a verdade como chave da liberdade, a questão política e a alusão ao sistema liberal que tomava conta no cenário político triunfou trazendo mais esperanças à pátria portuguesa.

Foge o monstro exasperado,
 Os Lusos em paz deixando;
 E leva ódio nefando
 Dentro em seu peito abafado;
 Já então tinha raiado
 A pulera luz da verdade;
 Desopressão a Humanidade
 Mil votos dirigem ao Céu
 Pois rompem do erro o véu
 O clarão da Liberdade

Nas palavras de Guilhermino César, a temática de Delfina “é já a dos românticos, preparada porém com os ingredientes próprios do Arcadismo. Faltando-lhe a visão do mundo exterior, volta-se sobretudo para dentro de si mesma, para o seu desamparo de mulher bela e inválida” (CESAR, 1971, p. 96).

Nas primeiras produções, observa-se o uso do soneto, a forma clássica por excelência, encaixando os poemas dentro do Arcadismo, que retorna os

modelos greco-latinos e seus ideais clássicos, apesar da métrica irregular, variando em versos de nove, dez, onze e doze sílabas poéticas, o que já denota um traço formal romântico. A presença, no recital, de duas églogas, mais um estilo clássico resgatado pelo Arcadismo, confirma essa tendência neoclássica.

Outra característica relevante são os temas expressos nos poemas, pois o destaque no Hino “Os ferros da escravidão” é a vitória sobre o desvinculo do Brasil com a colônia portuguesa, e nos poemas é expresso um sentimento nacionalista em torno da grandiosidade de Portugal pela vitória da paz, negando, desta forma, a cultura nacional brasileira. Assim, é notável a influência de produções que circulavam na cidade produzidas em Portugal e o sentimento de união ainda cultivado entre as duas nações, apesar de comumente ganhar destaque a ideia maniqueísta, a qual une imaginação e criação na idealização de uma identidade para uma dada comunidade.

O “Hino Liberal”, publicado ao fim deste livreto, tem como objetivo expressar a vitória à liberdade conquistada em Portugal, exaltando a razão como chave fundamental na negociação do fim da guerra e o restabelecimento da paz.

Lísia, que out’ora foi grande
Em virtude, é valentia,
Hoje é maior, mais famosa,
Debelando a Tirania

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão.

Por esforço sobre humano,
Sucumbiu o despotim:
Gloria seja tributada
Ao Lusitano Heroísmo.

No contexto, “Lísia” é personificação – outra característica árcade – de Portugal, e a harmonia é a qualidade ressaltada entre Brasil e Portugal, e que as duas pátrias juntas lutaram sempre contra a guerra, opondo-se ao

nacionalismo maniqueísta tipicamente romântico, presente ao hino anterior. Os “ferros da escravidão”, neste hino, traz como símbolo a prisão e os males sofridos pelo povo português durante a guerra, expressando a ideia de grandiosidade portuguesa.

Debalde o pérfido insiste
Na cruel ferocidade,
Dissipa as trevas do crime
O clarão da Liberdade.

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão.

Mais que exílios, cadafalsos,
Inventos da iniquidade,
Pôde em peitos valorosos
Sacro amor da Liberdade.

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão.

Não valeu contra a razão
Da tirania o poder;
Por que os Lusos jurarão
Co triunfar, ou morrer

Podemos observar nestas três estrofes os elogios atribuídos a Portugal como o amor de seu povo à liberdade e a coragem da nação que prefere dar sua vida em troca do triunfo liberal. Xavier Ferreira, além de expor sua inclinação aos ideais liberais, defendia, tinha conhecimento e acompanhava o sofrimento vivido pelo povo português na época em que se deu a guerra civil.

Como o sol, que d'entre as nuvens
Sai mais claro, e radiante;
Assim surge a Liberdade,
Da opressão, triunfante.

Exultai, ó Lusitanos,
 Já livres sois da opressão,
 Vossos pulsos já cingem
 Os ferros da escravidão

Ímpia, execranda facção,
 Já teu império expirou!
 A aurora da Liberdade
 Na Lusa Pátria raiou!

Além de exprimir o orgulho português, o autor explora em seus versos o título de seu hino anterior, “Os Ferros da Escravidão”, com o mesmo intuito, mas desta vez o de referir-se à prisão que se encontrava a nação portuguesa neste contexto. A figura do sol aparece como a luz que ilumina e traz a paz, sendo uma pertença muito positiva, uma que atribuímos mitologicamente seu significado como Deus, o criador do mundo, sendo mais um atributo arcadista.

Brasileiros, que dos déspotas
 Abominais a maldade,
 Alegrai-vos: um triunfo
 Conta mais a Liberdade.

Exultai, ó Lusitanos,
 Já livres sois da opressão,
 Vossos pulsos já cingem
 Os ferros da escravidão

Entre Lísia e o Brasil,
 Reinará sempre harmonia:
 Ambas protestam fazer
 Dura guerra à Tirania

Exultai, ó Lusitanos,
 Já livres sois da opressão,
 Vossos pulsos já cingem
 Os ferros da escravidão

Povos oprimidos, que os ferros
 Inda arrastais dos Tiranos,
 A ser livres, a ser homens,
 Aprendei dos Lusitanos!

Ao final, cita Portugal como dono da razão e exprime aos outros povos que aprendam através de suas lutas. Assim, fica claro o posicionamento político e cultural de Xavier Ferreira, que defendia o ideário liberal, não somente pelo título do hino, mas também pelos feitos em Portugal em que os liberais haviam vencido a guerra que se instalara na nação portuguesa.

A contradição existente é visível, uma vez que, em pouco tempo, o autor pregava o fim do poder português em solo brasileiro, em “Os ferros da escravidão”, e no “Hino Liberal” defendia a nação portuguesa através de seu ideário liberal. O Arcadismo foi a escola literária que embasou tal obras, no entanto, o anseio nacionalista presente não se desprende da união com Portugal, mesmo após a independência do Brasil, o que ocasiona um choque com os ideais cultivados no resto do país com a inserção logo após do ideal romântico. O ideal liberal presente nas duas nações mantiveram esta união.

Através do contexto histórico e análise literária destas obras podemos direcionar e registrar o período literário luso-brasileiro produzido em Rio Grande no século XIX. O sentimento proclamado, ora de patriotismo brasileiro, ora de patriotismo português, funde-se, em grande parte, de forma maniqueísta, corrobora para uma dualidade na expressão literária no início do Brasil Imperial em nossa cidade.

2.5 A lírica n’ *O Noticiador*

Dentre os cem poemas encontrados no periódico *O Noticiador*, pode-se dividir, em sua maioria, de acordo com a intenção do tema abordado: de homenagens encomiásticas a pessoas e entidades (há, inclusive, a personificação do hospital Beneficência Portuguesa, em Rio Grande, e do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro), assim como de elogio ou sátira a políticos e fatos históricos (nacionalista ou regionalista). Rara é a presença de poemas com finalidades puramente estéticas, com temáticas em torno do amor, por exemplo.

Em relação à forma dos poemas, pode-se destacar o uso constante do soneto (normalmente com a tentativa de alcançar o padrão decassílabo) e de

poemas mais longos, geralmente, composto por quadras ou um número irregular de versos em cada estrofe. A maioria dos poemas apresentam rimas externas bem marcadas e escassez de rimas ricas, bem como a ausência de regularidade silábica.

Encontram-se poemas de diversos autores que moravam na região de Rio Grande e Pelotas: Francisco Xavier Ferreira, Antônio José Caetano da Silva Filho, Carlos Antônio da Silva Soares, J. M. do Amaral, L. S. Flores, Antônio José Domingues e Mateus Gomes Viana. Por outro lado, há diversos pseudônimos e publicações de poemas de outros periódicos brasileiros da época, tais como: *O Universal*, de Minas Gerais, *O Expectador*, do Maranhão, *Diário de Pernambuco*, *Publicador Amazonense*; além de traduções de outras línguas e poemas de autores portugueses, como Filinto Elísio e Antônio Feliciano de Castilho.

2.5.1 Poemas encomiásticos

A maior parte dessa categoria são sonetos e fazem referência ao dia 7 de abril de 1831, mas encontram-se também poesias em homenagem ao Teatro Sete de Setembro, à Sociedade de Beneficência Portuguesa, ou prestam homenagem às personalidades consideradas ilustres à época, bem como em referência ao padre Bernardo José Viegas, em decorrência de seu assassinato.

O soneto “Enquanto dominar a liberdade”, de Antônio José Domingues, publicado em 24 de abril de 1832, faz referência – sem citar os nomes de d. Pedro I ou seu filho – ao dia 7 de abril e o eu lírico exalta, na primeira estrofe, a liberdade presente no coração dos brasileiros, desejando que sempre irá se destacar entre “luzeiros”, ou seja, entre luzes e claridades.

Enquanto dominar a Liberdade,
Nos fidos corações dos Brasileiros,
Há de sempre brilhar entre luzeiros
Deste dia imortal a imensidade.

Nos versos seguintes, destaca-se o sentimento da pátria presente e o tratamento negativo dado aos portugueses, chamados de “vil e infames

embusteiros”, e que a salvação da pátria está presente nos “olhos da pátria verdadeiros”, fazendo referência ao povo brasileiro.

Já não pode roubar-lhe a claridade,
A turba vil d’infames embusteiros;
Porque os olhos da Pátria verdadeiros
Hão de a Pátria salvar em toda a idade.

Os tercetos do soneto apresentam o sentimento positivo trazido pelo dia Sete de Abril, transmitindo a ideia de que não derramaram sangue pela glória alcançada. O eu lírico exalta a possibilidade de que este dia será parte da história e novamente conduz a pureza da nação brasileira e seu aspecto positivo.

Dia Sete de Abril votado à Glória,
Em que o vasto Brasil regenerado
Subiu sem mancha ao templo da Memória!!!

Nos séculos por vir será lembrado;
Mereces mais que as páginas da História:
O Teu Nome nos Céus será gravado.

Poemas em homenagens a personalidades da sociedade e lugares eram recorrentes nesta época, tanto em forma elogiosa abrangendo um fato, quanto para locais que abrangessem a associação de pessoas para que algo fosse concretizado.

Em “Respeitável Asilo, à dor erguido”, de Antônio José Domingues, publicado em 29 de junho de 1832, temos um soneto dedicado à Beneficência Portuguesa, hospital criado por portugueses residentes em Rio Grande em 1832 e que recebe a homenagem no jornal por acolher várias vítimas de naufrágio ocorrido na costa sul do Rio Grande do Sul, conforme informação em nota de rodapé do próprio periódico. O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul de 1901* (VAZ, 2006, v. II, p. 64) republica esse poema, indicando que era dedicado à fundação da Beneficência, que teria ocorrido a 24 de junho de 1832, o que distorce e contraria a fonte primária.

Os quartetos desse soneto expressam a qualidade da casa de caridade que acolhe aos pobres e relatam o sacrifício feito pela sua construção, com a repetição do verso “Respeitável Asilo, à dor erguido”. O sujeito lírico teme o esquecimento de suas obras no futuro, provavelmente fazendo referência ao seu atendimento aos pobres, prevendo seu esquecimento em decorrência do capitalismo.

Respeitável Asilo, à dor erguido
 Por solícitas mãos da Humanidade,
 Em teu seio gentil a Caridade
 Acolhe os ais do pobre, e seu gemido.

Não temas, que te abisme injusto olvido
 Das sombras do porvir na escuridade;
 Em ti mesmo contém a eternidade
 Respeitável asilo, à dor erguido.

Nos versos seguintes, confirma-se seu caráter filantrópico e personifica o local no verso “Em teus braços recebes com Ternura/ Os mortais que, avançaste a foice ímpia.” e termina, ainda nos tercetos, enaltecendo o acolhimento aos pobres e sofredores.

Celeste divina Filantropia!
 Em teus braços recebes com Ternura
 Os mortais, que avançaste a foice ímpia.

Triunfas do pavor da Sepultura;
 Restituís a tristeza a luz do dia;
 Já não chora, não geme a desventura.

Na edição de 1º de junho de 1833, encontramos o poema “Elogio recitado por uma Menina no Teatro Sete de Setembro, no benefício a favor dos Expostos”, de Francisco Xavier Ferreira, em que faz homenagem à Sociedade Beneficente, hospital que ajudou a fundar em Rio Grande, durante um espetáculo de poesia realizado no Teatro Sete de Setembro, em benefício aos “expostos”, que seriam crianças sem lar.

Quando vejo o Espetáculo brilhante
 De tantos Cidadãos, beneficentes,
 Que à porfia concorrem generosos
 Socorros a prestar a prol daqueles
 Estes sensíveis, desgraçados entes,
 A querer os mesmos pais, sem dor, sem pejo,
 Arrojam de si a lar estranho;

Podemos observar, nos primeiros versos, que o poema é dedicado a todos aqueles que se preocupam com a situação dos mais necessitados e que participaram na criação de uma sociedade que tinha por objetivo acolher crianças abandonadas. Além disso, o poema exalta a capacidade do “Povo Rio-Grandense”, que auxilia os mais necessitados, colocando em evidência nos próximos versos a capacidade de cuidar do próximo.

Quando observo o bom Povo Rio-Grandense,
 Vir hoje proteger, limpar o pranto,
 A tantos inocentes infelizes,
 Que sua compaixão eximia imploram;
 Extasiada então, reconhecida,
 Escuta a gratidão no centro d’alma.

Ainda destaca-se que o poema escrito por Francisco Xavier Ferreira, que teria sido lido em um recital realizado no teatro por uma “menina”, conforme consta em nota no jornal *O Noticiador*, foi pensado justamente para que fosse lido por ela, pois o eu lírico que podemos pressupor sendo uma menina abandonada por sua família e que encontrou no novo lar oferecido muito carinho.

Que n’anda pressurosa dar-Vos Graças,
 Em meu nome, e da lagrimosa infância,
 Que apenas começando a dar um passo,
 E a débil voz soltar das tênues fauces,
 Sorrindo aos vossos dons, ao vosso afeto,
 Vem tributar-Vos sentimentos puros,
 Pelos meus ternos titubeantes lábios.

Este eu lírico agradece ao afeto recebido, face à infância triste que estava passando e pode-se observar também a presença do eu lírico nos dois últimos versos, fazendo referência aos seus ternos lábios.

Nos versos seguintes, temos características de poemas árcades, não apenas com as palavras que iniciam com letras maiúsculas no decorrer dos versos, mas também com a presença de referências do Classicismo, o que dá um tom positivo ao agradecimento que vem sendo realizado ao longo do poema aos que ajudaram na criação de um lar às crianças abandonadas na cidade. Tem-se também a presença da expressão “Ser Supremo”, que faz referência a uma força maior, como Deus, assim, atribuindo um caráter teocêntrico ao poema.

A esses sublimados Oradores
De Grécia, e Roma Ídolos distintos.
Das dádivas do Céu a mais excelsa,
A que grata se torna ao Ser Supremo,

Ao final do poema, temos a confirmação dos mais necessitados, que se caracterizam como abandonados por seus pais pelos mais diversos motivos. Além disso, a caracterização destes excluídos como cidadãos, presente na última estrofe, sendo lembrados como futuros servidores à pátria e a referência à “Beneficência”, que não apenas um hospital, como visto no poema anterior, mas que também servia como um lar às crianças abandonadas.

A tantos inocentes sem amparo,
Sem pais, sem alimentos, sem vestidos,
Chorasas vítimas de infortúnio acerbo.

“E se ante as almas, que a virtude acende,
E grande intercessor a adversidade”
Nossa dor mitigai, tornai à vida
Débeis Meninos, que ainda um dia podem
Prestadios Serviços dar à Pátria,
Úteis Cidadãos vir ser um dia:
Que a tuba com que a Fama atroa o Globo
Veloz publicará dádivas vossas,
A vossa singular Beneficência,
A nossa gratidão, meu puro afeto.

Um terceiro tipo de poemas encomiásticos ocorre em decorrência do falecimento de personagens ilustres da época, pois era comum que fossem compostos poemas dedicados a estas pessoas como uma forma de homenagem.

Sem autor declarado nas páginas d'O *Noticiador*, o poema "A mui sentida morte da Sereníssima Senhora Princesa D. Paula", publicado em 04 de março de 1833, realiza uma homenagem póstuma à princesa Paula, falecida aos nove anos de idade, em 16 de janeiro de 1833, filha de Dom Pedro I e Dona Maria Leopoldina da Áustria.

Neste poema, observamos o tom carinhoso dedicado à princesa, a pureza atribuída a ela, não apenas pelo fato de ser uma criança e ter morrido jovem, mas, por motivações políticas, já que havia nascido no Brasil. No segundo verso, tem-se que, com sua morte, a princesa está livre dos grilhões pesados do plano físico e, no terceiro verso, há a referência da morte de sua mãe, ocorrida quando a princesa Dona Paula tinha apenas três anos de idade, abrindo a possibilidade de um possível encontro entre elas.

Vai-te, cândida pomba, à clara altura,
Onde, já solta dos grilhões pesados,
A mãe te volve os olhos adornados
De emanações de Eterna Formosura.

Filha, a quem achas, inocente e pura,
Fonte de bens que nunca são turbados,
Em vez dos que te estavam reservados,
Na prisão de que sois, mesquinha, escura.

O primeiro terceiro lembra que a princesa era a primogênita de D. Pedro I e faz menção à ausência de seus pais durante sua morte, pois ele estava em Portugal, onde lá lutava pelo trono português.

D'um miserando amor fruto primeiro,
Em busca da grandeza fugitiva,
Lá tua irmã discorre o orbe inteiro!

O segundo terceto termina expressando que, com sua morte, por não ficará com a "sorte esquiva" do plano físico. Exalta-se ainda sua nova morada no céu e que será lembrada pelos peitos brasileiros, devido seu nascimento no Brasil.

Tu não tens que chorar a sorte esquiva,
Moras no Céu, no peito Brasileiro,
Deixas doce lembrança, e meiga, e viva.

No soneto seguinte, Xavier Ferreira expressa sua tristeza e saudade em relação ao seu colega de trabalho e companheiro de ideais: Padre Bernardo José Viegas, assassinado dias antes, deixando explícita a sua revolta com o assassinato e a perseguição aos liberais existente na época em Rio Grande. No poema “Preside ao Clube monstruosa Harpia”, publicado 14 de outubro de 1833, temos uma introdução sobre o fato ocorrido: “A sentidíssima, e nunca assaz lamentável morte do honrado Patriota Bernardo José Viegas, assassinado na Vila do Rio Grande, na noite de 3 de outubro, pela retrogradacaramuruana-chicadeira facção restauradora”.

No primeiro quarteto, tem-se a presença marcada da negatividade nos adjetivos usadas na poesia, como “monstruosa, horrível e infernal”, também com a figura da Harpia, ave de mal agouro, e que era ave – na mitologia – enviada para atacar quem cometesse algo errado. O termo Belmiro usado no quarto verso denota também uma figura negativa e, no contexto do poema, seria uma metáfora do assassino de Viegas e a ele jurado à prisão.

Preside ao Clube monstruosa Harpia
De horrível verde-negra catadura,
A cátedra infernal protesta, e jura
A Belmiro arrancar a luz do dia.

O sentimento negativo é presente no todo o poema e, nos versos seguintes, a ação que condena o assassino é intensificada, e a explicação do ocorrido vem ao encontro do aspecto político presente na época, pois os liberais eram perseguidos e, neste episódio, teria se agravado com a morte de um representante liberal importante na luta por seus ideais.

O Concílio feroz chamar envia
Monstro, que habita na caverna escura,
Faz sentença fatal a pena dura,
Que se execute, ordenou a tirania.

Vil mensageiro a Vítima ocorrendo,
De fúrias, e de Tigres escoltado,
Consuma-o ímpio sacrifício horrendo.

No penúltimo verso, temos a presença do jornalista italiano Libero Badaró (1798-1830), diretor do jornal *O Observador Constitucional* (1829-1832) e importante figura representante do liberalismo, e que, por defender os ideais liberais, acabou sendo assassinado em 21 de novembro de 1930.

Ao golpe cabe o triste Malfadado,
Qual Badaró Pátrio defendendo,
Da Liberdade Mártir denodado.

O soneto “Pátria, Patrícios meus, a iniquidade”, de José Américo Ferreira Cambuim, então “vice-presidente da Província de São Pedro”, foi publicado em quatorze de outubro de 1833 e, de acordo com o jornal, o poema encontrava-se junto ao caixão de Viegas. Como admirador da liberdade e seguidor do ideal liberal, José Viegas também participava do ativismo político da época, contribuindo com suas palavras no jornal, em prol da liberdade cultivada na época.

Pátria, Patrícios meus, a iniquidade,
O Rancor, e a Traição nos assaltaram,
Do seio nosso, audazes arrancaram,
O Nobre campeão da Liberdade:

Nesta primeira estrofe, temos a demonstração de inquietação e temor gerados pelo assassinato, o sentimento de que a perda de alguém tão influente no campo político da cidade e pessoa pública que era, de maneira violenta, conflitava em relação aos demais que praticavam o mesmo desejo político, causando pavor em tamanho ato trágico.

A questão levantada traz à tona a possibilidade de que tal assassino poderia fazer parte do mesmo sistema social, como temos nesta estrofe, o caráter do rancor e da traição nos dá a ideia de que quem possa ter assassinado Viegas possa fazer parte do mesmo meio. E sem dúvida, temos a homenagem a Viegas, que é chamado de “O Nobre campeão da Liberdade”, pois viera a morrer lutando pela liberdade.

O negro crime, e a feroz maldade,
Os Sedentos abutres patentearão;
A raiva, a intriga, a inveja saciarão,
Calçando as Santas Leis da humanidade;

Esta segunda estrofe contribui para afirmar a ideia de crime trágico que assolou à cidade e também expõe o desejo que de os “Sedentos abutres” sejam punidos. No terceiro verso, tem-se a questão de que os sentimentos gerados no assassino e, conseqüentemente, no partido contrário do assassinado seja passageiro e que isso venha a acarretar na prisão de quem cometera o assassinato, passando a ideia de que o assassino pague por seu crime em vida.

D’um Badaró carpiste a triste Sorte;
Ratcliff, e Caneca bem iguais,
De Viegas pranteia a dura morte;

No primeiro terceto, além da questão do assassinato, marcado pelo “carpiste a triste Sorte”, designando a vida arrancada, temos a referência também ao jornalista Libero Badaró recém-citado, ao português João Guilherme Ratcliff (1776-1825) e ao brasileiro Frei Caneca (1779-1825), ambos também inclinado ao liberalismo e mortos após o fim da Confederação do Equador (1824). Ao terminar, o poema conclui que o padre Bernardo José Viegas também partilhou do mesmo mal, sendo assassinado como os outros citados em luta pela liberdade.

Mostremo-lhes d’Amor, doces sinais;
Seja a Lei Vingadoura o nosso Norte,
A venida dos justos Liberais.

Nesta última estrofe, o eu lírico expõe o sentimento que fica em relação ao padre Viegas, bem como o conselho de revelar ao oponente também tais sentimentos, para que possam mostrar-lhe a vingança, assim como as leis naturais no meio político implantadas.

O poema de José Américo Ferreira Cambuim demonstra representatividade em relação aos aspectos formais, tratando-se de um soneto decassílabo, característica do período neoclássico, juntamente com as referências personificadas de em letras maiúsculas e referências às

personalidades políticas e históricas do período em que o liberalismo era cultivado no Brasil e que acabou fazendo com que nascesse o sentimento de nacionalidade que coincidiu com a formação dos Estados Nacionais, também características da escola árcade.

A glosa⁹, presente no periódico, segundo relatado no jornal “Tendo aparecido escrita em uma das paredes da Capela de Nossa Senhora da Conceição da Vila da Praia Grande, a seguinte quadra, a publicamos com a glosa que lhe fez um *Inimigo dos Papeletas*.” (O NOTICIADOR, 30 nov. 1833).

Trata-se de uma inscrição em verso feita a favor de Dom Pedro I e a favor da presença do poder português no Brasil. No mote, é expresso o desejo de volta de Dom Pedro I para governar o Brasil, assim manifestando também o desejo de volta do regime monárquico. Publicado em 30 de novembro de 1833, o mote teria sido escrito em uma capela da cidade carioca de Niterói e respondida pelo pseudônimo *Inimigo dos Papeletas*, residente em Rio Grande. Cabe esclarecer que o termo “papeletas” era usado para os portugueses residentes no Brasil e que não se naturalizaram brasileiros após a independência em 1822; geralmente eram grandes comerciantes e detinham um poder financeiro e social maior que os brasileiros.

Mote

*Viva Dom Pedro Primeiro,
Viva o Segundo também,
Governe Pedro Segundo
Enquanto o outro não vem.*

Como resposta, é apresentada a glosa, que em sua primeira estrofe exalta a honra brasileira na conquista de seu solo e ataca o atrevimento de portugueses em desejar que o Brasil volte a sua condição de colônia, na espera de Dom Pedro I. Trata os portugueses em tom pejorativo com o termo

⁹ Poema com um mote, geralmente uma quadra, respondido por outra pessoa em décimas, fazendo o uso de cada verso do mote ao final de cada estrofe.

“povo chumbeiro¹⁰” e condena o grito vergonhoso do primeiro verso do mote
 “Viva Dom Pedro Primeiro!”:

Glosa

Brasileiros! Fora justo
 Nossos arcos empunhamos,
 E a lusa gente atacamos
 Sem dó, sem pena, e sem susto.
 Vede como a todo o custo,
 Neste Solo Brasileiro,
 Se atreve o povo chumbeiro,
 A nossa hora afrontar,
 E sem vergonha gritar:
 Viva Dom Pedro Primeiro!

A segunda estrofe reafirma o tom ofensivo com os adjetivos no verso
 “Corja infame, torpe e vil” e relembra o Sete de Abril, destacando sua
 importância através do adjetivo “Grande” e letras em caixa-alta. Ao fim,
 questiona o esquecimento do Sete de Abril e a hospitalidade oferecida pelas
 terras brasileiras aos portugueses.

Não se lembra essa chumbada,
 Corja infame, torpe e vil,
 Que o Grande SETE DE ABRIL
 Calçou-lhe a cabeça ousada!
 Já se esquece da passada
 Sova, (que hoje lhe convém)
 Hoje que proclamar vem
 Neste solo hospitaleiro,
 Viva o Imperador primeiro,
 Viva o Segundo também!?

A terceira estrofe reforça o atrevimento de tal pensamento, e que não se
 deve deixar passar impune, fazendo referência à decadência de Dom Pedro I,
 chamando-o de insano e tirano e a passagem do trono para Dom Pedro II.

Tal audácia, ó Brasileiros,
 Se impune deixais passar,
 Que nome voz devem dar
 Nações, povos estrangeiros

¹⁰ O termo chumbeiro como alcunha dada aos portugueses no nascimento da independência.

Mostrais que sois os Guerreiros
 Que em SETE DE ABRIL jucundo
 Dissesteis a todo o mundo
 -Não mais impere o insano,
 Caia do Trono o tirano,
 Governe Pedro Segundo.-

Na última décima, há a referência ao desejo de acabar com os “chumbeiros”, portugueses que não se tornaram naturalizados brasileiros, novamente temos o tom ofensivo aos lusos que se expressa também no verso “Contra o Luso infame bando” de forma mais direta e que propagam o pensamento a favor da volta de Dom Pedro I ao trono; e que tal extermínio seja realizado antes de sua volta de Portugal. A lusofobia, presente como reação, demonstra o tom que é existente também no jornal *O Noticiador*, mostrando o caráter do jornal contra Portugal e a monarquia.

Correi às armas! Correi
 Contra o Luso infame bando,
 Sim, as armas membando
 Estremeceu o fazei;
 Inda é tempo! O feroz Rei
 Fitos os olhos aqui ‘em,
 Tirar-lhe as forças convém,
 Convém sair a terreiro,
 Não deixar um só chumbeiro,
 Enquanto outro não vem.

Nos poemas apresentados, aparecem características do Arcadismo e do Romantismo e, neste momento, o Brasil vivia a mudança das características árcades para o início do período romântico, iniciado em 1836 com a publicação de *Suspiros poéticos*, de Gonçalves de Magalhães. Portanto, esses poemas usam características árcades, tais como o resgate de formas clássicas (soneto e glosa), o culto à mitologia, as referências greco-latinas, a presença de sujeitos líricos “neutros”. Há ainda os traços do Arcadismo brasileiro, há o relato de suas paisagens tropicais; a valorização da história colonial e o início do nacionalismo político e literário, o Romantismo dá liberdade nas suas formas poéticas e no eu lírico para que expresse seu reflexo interior, buscando

encontrar uma identidade para o Brasil que o desligasse de raízes portuguesas.

2.5.2 Poemas de elogios a fatos históricos

No jornal *O Noticiador*, é comum encontrar poemas dedicados ao Sete de Abril, quando D. Pedro I passou o trono para D. Pedro II, o Brasil passava para o período regencial, e finalmente, teria como líder um brasileiro. Assim, o dia sete de abril foi comemorado em diversas ocasiões, sendo sempre lembrado como um dia de orgulho para os brasileiros, na época. No primeiro aniversário do Sete de Abril, Antônio José Domingues exalta este dia e publica o elogio “No aniversário do Glorioso Dia Sete d’Abril”, em vinte e quatro de abril de 1832.

Foi hoje, Cidadãos, foi neste dia,
Sempre imortal nos fastos Brasileiros,
Em que a Pátria indignada, atenta ao brado
Da Lei calcada aos pés da tirania,
Vingou com glória o jus imprescritível:
Foi hoje, Cidadãos, que a férreo Cetro
Suceder da Inocência o Cetro d’ouro.

O “Elogio”, em sua primeira estrofe, enfatiza o sentimento de pátria que tinham os brasileiros na época e, em contrapartida, o sentimento dedicado aos portugueses era negativo. Como na grande maioria dos poemas aqui analisados, os portugueses eram chamados de “tiranos”, “embusteiros” ou “chumbeiros”, o que demonstra também o caráter liberal e nacionalista do periódico. A exaltação do Sete de Abril abriu caminho para a propagação do sentimento de pátria brasileira, veiculada através da literatura produzida na época, como pode ser notado nesta primeira estrofe.

Neste dia o Brasil regenerado,
Puro sangue, audaz, e generoso,
A página exarou resplandecente,
Que na história dos Povos libertados
Fulgura sem rival eternamente.

Vencido então o torpe despotismo,
 Aos antros infernais baixando em raiva,
 Dos abismos evoca as fúrias todas,
 Que da Pátria turbando os áureos dias,
 Cubram de horror o solo da ventura.

Nestas duas estrofes, podemos perceber que o sentido do “Brasil regenerado” devolve ao país alguma característica que teria sido “ferida” pela chegada dos portugueses, entretanto, nos versos “Que na história dos Povos libertados/ Fulgura sem rival eternamente”, pode-se entender a presença da figura do índio incluída nos povos libertados, dada a chegada dos portugueses e a influência sob o único povo que habitava o Brasil, agora sem o seu rival, Portugal.

É importante entender, que era considerado, nesta época, brasileiros quem no Brasil havia nascido ou estrangeiros, entre eles, portugueses, que se declaravam brasileiros, assim, negando a sua origem portuguesa. O sentimento negativo atribuído a Portugal era muito evidente nestes poemas, sendo que as palavras “despotismo”, “raiva”, “fúria” e “horror” eram expressamente dedicadas aos portugueses.

Eis nuvens de Proteus e de Sicários,
 Em borbotões o tártaro vomita,
 Em nome da celeste Liberdade,
 Da filha imaculada da virtude,
 A licença, arrastando as negras vestes.

A alusão neoclássica também se faz presente nos poemas de Antônio José Domingues, novamente a visão negativa sobre Portugal, faz referência a Proteus, figura grega reconhecida por ser transformar num monstro marítimo, e Sicários, que eram conhecidos como promotores de suicídios ou assassinatos na Roma antiga. Assim, no poema, é passada a ideia de sacrifício dessas figuras em nome da liberdade e, conseqüentemente, o seu afastamento.

Livra, sempre o Brasil, ó Providência,
 Das horríssonas serpes da discórdia:
 Sendo a Lei o farol dos Brasileiros,
 Há de a Pátria subir a seus destinos;
 E, das grandes Nações rival brilhante,
 Gozando os altos dons da Liberdade,
 Será justa, feliz, e respeitável.

Nesta última estrofe, o poema exalta o Brasil, desejando a liberdade do país, sendo a “Lei” sempre uma luz para os brasileiros, passando a ideia de que a justiça estava sendo feita. Neste sentido, reverenciando a capacidade brasileira de gozar a liberdade, almejando, assim, a felicidade e seu respeito.

Em 11 de abril de 1833, são publicados os sonetos que foram recitados na noite do Sete de Abril no Teatro Sete de Setembro, deixando marcada a comemoração, em Rio Grande, desta data. Embora, não tenha o nome do autor dos poemas publicados, presume-se que estes sonetos foram compostos por Francisco Xavier Ferreira, pois era muito comum nesta época, que editores de jornal não fizessem referência a textos de sua autoria por ser o compositor do mesmo.

O primeiro soneto, “Brasileiros! O amor da Liberdade”, faz menção inicialmente a virtude conquistada pelo povo ao atingir a liberdade, visto que seus direitos estavam limitados àqueles impostos pela coroa portuguesa. O poema exalta a razão e a sabedoria como formas de combate, amenizando, desta forma, os problemas que sofria a sociedade.

Brasileiros! O amor da Liberdade
Foi sempre, e há de ser uma Virtude;
E um nobre direito, que se ilude,
Enquanto o não reclama a humanidade.

Se envelhecem as Leis, se a iniquidade;
Quer os Povos reger com cetro rude,
Pede a sábia razão, que este se mude
A prol, e bem-estar da Sociedade.

Nos tercetos seguintes, a demonstração de incentivo aos brasileiros, novamente destacando o sentimento de vitória conquistada com o Sete de Abril e a prosperidade adquirida com dia que foi tão importante. Novamente, há um sentimento negativo aos portugueses, novamente chamados de “monstros”, demonstrando que os brasileiros não devem mais ter medo e sim orgulho, por ter um povo que lutou por seu país.

Avante, Brasileiros Generosos!
O Grande, o Imortal SETE DE ABRIL,

Vos tornou n'um momento venturosos:

Dos monstros não temais o oculto ardil,
A Pátria conta filhos valorosos,
Que a vida votaram pelo Brasil.

No soneto “Se os Gregos, se os Romanos festejaram”, ocorre a comparação da conquista da liberdade brasileira alcançada com as conquistas e batalhas enfrentadas por gregos e romanos, pois se os antigos festejaram as glórias alcançadas, os brasileiros também merecem festejar as suas conquistas. De forma totalmente positiva e idealizada, os brasileiros são exaltados e comparados com povos cultos que sempre mantiveram a sua honra em seus feitos.

Se os Gregos, se os Romanos festejaram
Se os dias memoráveis, gloriosos;
Se estes dias, p'ra eles venturosos,
A públicos prazeres consagraram;

Se os Povos cultos sempre celebraram
Os dias em que Entes valorosos,
Mil feitos, mil prodígios espantosos,
A favor das Nações com honra obraram;

As duas últimas estrofes trazem a celebração do Sete de Abril como momento de orgulho para a nação e questiona, entretanto, ao Brasil, como vocativo, onde será colocado o Sete de Abril, atribuindo assim um caráter personificado à nação. Nesta mesma pergunta, aparece o termo “nefária tirania”, contribuindo com as características negativas dedicadas ao momento imperial, incentivando novamente a comemoração do dia e, ao final, traz a importância histórica que ficará marcada por este dia. Além da personificação do Brasil, presente no verso “Eleva a tua voz, canta a Vitória”, o eu lírico dirige-se à pátria como elemento vivo na celebração da vitória.

Onde colocarás, Brasil, O Dia,
Dia SETE DE ABRIL, que faz a glória
Da queda da nefária tirania?

Eleva a tua voz, canta a Vitória,
Celebra com prazer, com ufania,
O Dia, que faz honra a nossa História.

No soneto “Salve ó Dia Feliz! Celeste Dia“, também publicado em 11 de abril de 1833, dois anos após a abdicação do trono por D. Pedro I, novamente traz a ideia de exaltação da data, a grandiosidade do Brasil e a liberdade das amarras portuguesas. Considerando que o Brasil era como escravo de Portugal, o eu lírico ressalta o alcance da glória conquistada.

Salve ó Dia Feliz! Celeste Dia.
Que a todo Brasil de glória encheste,
Da Escravidão o jugo desprendeste,
E no abismo sumiste a tirania.

E Tu Brasil! A quem um Deus só guia,
Exulta de prazer, teu dia é este,
E se os contrários teus hoje venceste,
Salve o dia feliz. Celeste dia.

As últimas estrofes do poema fazem referência, inicialmente, a algum escrito publicado contrariando as glórias alcançadas, pois era muito comum nesta época a publicação de folhetos vindos de portugueses residentes no Brasil, contrários à liberdade do Brasil de Portugal, mas que, mesmo assim, estes escritos não ofuscariam as glórias conquistadas.

No último terceto, é confirmada a ideia de desejo de retomada do Brasil por Portugal, pois já havia rumores em relação ao movimento dos restauradores.

Embora queira infido escritor
Enegrecer teu brilho, Astro Braseiro,
Jamais ofuscará seu esplendor.

Ó Brasil só volvera ao cativoiro,
Que lhe prepara o vil restaurador,
Quando não existir um Brasileiro.

Em 22 de abril de 1833, a pedido de um leitor, foram publicados os poemas cujo mote era “Ditoso Sete de Abril”, assinado como “Um Rio-Grandense”. Este poema traz em sua glosa a comemoração ao dia, mencionando a “regeneração” da nação, pois o Brasil voltava as suas origens

com o afastamento de Dom Pedro I. Além disso, exalta o dia como sendo de ufania, na celebração da glória do Brasil.

MOTE
Ditoso Sete de Abril.

Glosa

Salve dia, imortal dia,
Da nossa Regeneração!
Salve gloria da Nação,
Assombro da Tirania:
Sim ó dia d'ufania!
Honra, e glória do Brasil;
Salve dia tão gentil,
Dia do prazer imenso
Salve, dia tão intenso
Ditoso Sete de Abril.

Nesta glosa, também é exaltado o Sete de Abril, porém o foco é a lembrança da fase tirana que se viveu com o despotismo de Portugal e a presença dos restauradores, que constantemente pediam o regresso da monarquia. Porém, ao final, a tirania terminou.

MOTE
Baqueou o Despotismo
Pereceu a Tirania

Glosa.

Neste dia de Heroísmo,
No dia sete de Abril,
Cedem o bando servil,
Baqueou o Despotismo
Venceu o Patriotismo
Os laços da Hipocrisia;
Sucumbiu a sort'ímpia
Desses vís Restauradores
Neste dia de mil flores
Pereceu a Tirania.

Da mesma forma, o Sete de Abril foi comemorado tanto em Rio Grande, como em Pelotas, como pode ser comprovado pela publicação, em 6 de maio de 1833, de dois poemas que foram recitados na então Vila de São Francisco de Paula, cidade vizinha à Rio Grande: “Elogio recitado no Dia Sete de Abril no

Teatrinho deste nome na Vila de S. Francisco de Paula”, de Antônio José Domingues, e “Deputados Patriotas”, de Antônio José da Silva Filho.

Em “Elogio recitado no Dia Sete de Abril no Teatrinho deste nome na Vila de S. Francisco de Paula”, o eu lírico destaca a liberdade logo no primeiro verso, através da palavra “asas” e, no verso seguinte, a memória que traz o Sete de Abril. Nos versos posteriores, apresenta a figura de D. Pedro II, como “Caro Infante”.

Nas asas no prazer de novo assoma
De Abril o sete sempre memorando,
Sempre imortal nos fastos Brasileiros:
Um momento, que os Céus à Pátria deram,
Converte um férreo cetro d’ouro.
O Diadema reluz na Fronte Excelsa
Na Fronte da Inocência; o Caro Infante.

Os seguintes versos representam a negatividade enquanto o Brasil estava nas mãos de D. Pedro I, trazendo uma sequência de expressões negativas – “vulto horrível”, “discórdia”, “véu do esquecimento”, “ingratidão”, “crimes”, “traição”, “as fúrias todas”, “ingratos” – referindo-se aos portugueses e a monarquia, que não deixava a nação ser livre.

Serena da procela o vulto horrível:
A Discórdia brami-o, jurou vingar-se;
O Véu do esquecimento a mil perfídias
Generoso o Brasil em vão lançara:
Infanda ingratidão, de crimes fértil,
Concita da traição as fúrias todas,
Em’um Solo à Ventura destinado
Os tartáreos furores acumula.
Mas em vão os ingratos se conspiram;
Do seio d’atrás nuvens, que formaram,
Há de o raio partir, que os maus fulmine.

Nos últimos versos, o poema de Antônio José Domingues rememora o Sete de Abril e a positividade alcançada com a liberdade e a representatividade deste dia para os brasileiros. Usando, inclusive, palavras e expressões positivas: “dia imortal”, “luz imensa”, “salvando a pátria”, “ósculo da paz”, “doce abraço”, transparecendo o quão importante foi a data para os brasileiros.

Deste Dia imortal a luz imensa
 Há de enfim dissipar infaustas sombras,
 Q'inda em torno das Leis, as Leis empecem,
 Amigos da Razão, ó Brasileiros.
 Este Dia, sem par, salvando a Pátria.
 Promete aos Cidadãos, que o juz respeitam,
 O ósculo da paz, o doce abraço, [...]
 Há de sempre calcando o Despotismo,
 Nas algemas da Lei prendes o Inferno.

Publicado em 17 de setembro de 1832, o poema “Elogio recitado em o novo Teatro – Sete de Setembro – para celebrar o aniversário da nossa Independência, e abertura do mesmo teatro”, de Carlos Antônio da Silva Soares, possui 124 versos, um dos poemas mais longos transcritos n’O *Noticiador*.

As primeiras estrofes trazem referências ao Sete de Setembro, chamado inicialmente como o dia “redentor” e celebra a liberdade que o povo conquistou, inclusive a liberdade do “Povo Rio-Grandense”. Elementos iluminados que fazem referência positiva à independência também são citados como: “céu”, “luz extrema”, “clarão”, “sol”.

É este, ó Cidadãos, é este o Dia
 O Dia Redentor, Dia do Império,
 Fonte de assombros, dádiva celeste.
 Ó Dia “sempiterno”! Ó Dia sacro!
 Em nome do Brasil eu te consagro
 Cordiais expressões de um Povo livre;
 Votos fidos do Povo Rio-grandense.
 Sim, amigos da Pátria, é este o mesmo
 Dia propício, venturoso, afável,
 Em que a filha do Céu, a INDEPENDÊNCIA,
 Encheu todo o Brasil, de luz extrema;
 E ao nítido clarão, que a Deusa vibra
 O infernal Dragão o despotismo,
 De sórdidas arpias escoltado,
 Nas cavernas do crime foi sumir-se.
 Ó dia de prazer eu te bem digo!
 Onze vezes assomas no Horizonte
 Do Sol mais belo anunciando a vinda!

As últimas estrofes do poema trazem homenagem ao Teatro Sete de Setembro, inaugurado em Rio Grande, atribuindo o adjetivo “magnífico” ao

teatro e exaltando o seu surgimento “nas Rio-Grandenses margens arenosas”. O eu lírico deseja que o teatro – ligado à cultura e à razão – seja comparado e rivalize com grandes teatros da Europa, fazendo parte da história. Aliando ao Arcadismo, há a presença de mitologia greco-romana (Melpone e Tália) e de autores clássicos (Terêncio e Menandro).

Magnífico Teatro eis surge, eis rompe
 Nas Rio-Grandenses margens arenosas,
 Que inda um dia virá, que rivalize
 Com os da culta Europa, ou Grécia, ou Roma:
 Ou com esses de quem, inda assombrada,
 A antiga história aponta por modelos:
 E dos mesmos proscênios decantados,
 Onde reinam Melpomene e Tália,
 A estrada seguirá, o altivo exemplo.
 E Tá, Terêncio, êmulo de Menandro,

Na última estrofe, o eu lírico retoma o Sete de Setembro, juntando as duas referências em seu poema: o Dia da Independência e o Teatro Sete de Setembro, citando “os Feitos imortais dos Brasileiros” e as “generosas Ações dos Rio-Grandenses”, que formaram uma associação para fundar o teatro em Rio Grande.

Sim, florente Setembro, eterno ficas,
 Da clara fama nos Anais famosos;
 Dois prodígios te fazem mais notável,
 Que não tem outros meses conseguido:
 Por Decreto do Céu teu Dia sete
 Outorgou ao Brasil a INDEPENDÊNCIA.
 De Cidadãos, a esforços sobre-humanos,
 Teu Nome singular gravado fica
 Na frente majestosa do Teatro,
 Onde ateste ao vindouro espavo ido,
 Os Feitos imortais dos Brasileiros,
 Generosas Ações dos Rio-Grandenses.

2.5.3 Personificação

Há poemas publicados que sugerem a personificação de alguns locais, tal como o poema “Respeitável asilo, a dor erguido”, de Antônio José Domingues. Outro poema que traz essa característica é o soneto “Descrição do

Pão de Açúcar do Rio de Janeiro”, do pseudônimo “Um amigo da Paz”, publicado em 16 de setembro de 1833.

O Pão de Açúcar, personificado, descreve, inicialmente, como fora criado e como se sente em meio a paisagem que está inserido, citando-se como sendo criação de Deus como “Obra prima da mão Onipotente” e a sua localização entre a terra e o mar.

Eu sou coevo do visível Mundo,
Obra prima da mão Onipotente,
Tenho piramidal figura ingente,
Entre a terra eu nasci, e o mar profundo:

A segunda estrofe mostra a sua total indiferença aos acontecimentos do mundo, enquanto Netuno, Júpiter e Marte movem-se no universo.

Quando Netuno assoma furibundo,
Quando Júpiter lança o raio ardente,
Quando Marte degola a brava gente,
Eu nada temo, e no meu ser abundo:

Nos tercetos do soneto, o eu lírico exibe-se com seu reconhecimento, dizendo que é comentado em todo o lugar, descrevendo sua beleza e que encanta a todos que vem visita-lo. Ao final, revela que mora na “Corte do Brasil altiva”, fazendo referência ao Rio de Janeiro e, no penúltimo verso, revela sua brasilidade e sua identificação, como sendo uma “rocha viva”.

Por toda a Redondeza eu sou falado,
Quem vem de fora, e põe-me a vista ativa,
Fica em êxtase, absorto e transportado:

Habito a Corte do Brasil altiva,
Impenetrável sou as Leis do Fado,
O Pão de Açúcar sou, sou Rocha viva.

A personificação, figura de linguagem usual na atualidade, causa estranheza e é pouco comum na literatura desta época. Porém, há a presença de algumas expressões de personificação nos poemas apresentados, mas não comparável a este poema analisado, em que o eu lírico aparece em primeira

peessoa e se apresenta ao final, na realidade dando voz a uma “paisagem” muito conhecida do Brasil.

2.5.4 Poemas satíricos

A poesia satírica presente no jornal *O Noticiador* apresenta-se como publicação de outros jornais, sendo usada para atacar pessoas, com críticas e até mesmo ofensas. Na maioria das vezes, aparece como enigma e traz um acróstico em sua composição. As críticas, além de satirizar, trazem até transgressões morais em seu conteúdo.

No soneto “Enigma”, publicado em 18 de janeiro de 1834 e de autoria de Lucas, originalmente publicado no periódico *Sete d’Abril*, o eu lírico traz a descrição física de um indivíduo e logo o caracteriza como traidor, como se tivesse traído em um relacionamento. A estrofe seguinte apresenta questões políticas como causa a está crítica, com as expressões “Escravo do poder”, “público rumor” e “escravidão ao seu país”, logo se conclui que se trata de uma crítica dirigida a um restaurador, que quer a volta do poder de Portugal sob o Brasil.

Magro, curvado, e longo da cerviz,
A cara indica um coração traidor,
Na vista mostra o gênio do rancor,
O peito encerra em si só paixões vis.

Escravo do poder, cheio de ardis,
Ladrão, segundo o público rumor,
Junto tranca co’pérfido senhor
Austera escravidão ao seu país.

As duas quadras seguintes confirmam o conteúdo da segunda estrofe: o alvo da crítica é alguém não revelado que é contra a liberdade do Brasil. Além disso, acusa de atacar a “revolução de abril”, referência ao dia Sete de Abril. Contudo, o poema traz em acróstico o alvo de sua crítica, sendo o nome de “Manoel Jacinto”.

Caído Pedro, fez-se liberal,
Impetrando o perdão, por meio vil,
Na estrada entrou no voto universal.

Tomou o pulso ao Povo do Brasil.
 Hoje agregado a sócia Sampayal
 Ousado ataca a revolução de Abril.

Em outro “Enigma”, publicado em 29 de janeiro de 1834, também originalmente publicado no periódico *Sete d’Abril* e de autoria de Lucas, apresenta vários xingamentos, dirigido em acróstico para “Gustavo”.

Gosmento, e remeloso,
 Uiva em vez de falar,
 Sabe chan chan cunhar:
 Trabalhou pressuroso
 A Coluna em fundar;
 Vinha; depois, quebrar,
 Hoje a ergue manhoso.

Outro poema “Enigma”, de 8 de fevereiro de 1834, publicação original do periódico *O Sete d’Abril*, também de autoria de Lucas, novamente aparece com xingamentos. Dirigido novamente aos restauradores, mas desta vez não traz um nome em seu acróstico, apenas o termo “gordilho”, atacando uma característica física a quem o poema possa ter sido “oferecido”.

Gorducho jacaré, sem serventia,
 O todo mostra a sua estupidez;
 Recebeu a burlesca fidalguia
 De servir ao Tirano de entremez.
 Infame, e vil, a todos se oferecia.
 Logo depois que a Revolução se fez;
 Hoje aterrar também quer com seu zurro
 O Leão Nacional, que ri do burro!

Os poemas satíricos registrados no *O Noticiador* podem ser chamados de anedotas que contém o nome de pessoas como acróstico. Além disso, exemplifica o ataque, prática muito comum nos jornais da época entre liberais e restauradores.

Através das análises, podemos observar melhor não só a produção literária presente em Rio Grande na metade do século XIX, através dos

poemas encontrados em *O Noticiador*, de Francisco Xavier Ferreira, mas também resgatar autores residentes na região sul do estado do Rio Grande do Sul e o histórico do ambiente que foram publicados, a fim de ressaltar sua importância para a cidade e descrever as influências de escritos nacionalistas em Rio Grande nesta época.

Conclusão

Ao fim dessa dissertação, acredito que conseguimos colaborar com a historiografia literária sul-rio-grandense, ao resgatar a trajetória literária e política de Francisco Xavier Ferreira, bem como seus escritos e os registros deixados nos materiais impressos em sua tipografia.

A ascensão da imprensa no Brasil ao longo do século XIX e sua difusão por diversas partes do país, através do engajamento daqueles que foram chamados “homens de letras”, repercutiram no sistema literário e político nas regiões em que esses homens de letras atuaram, mesmo que esses desconhecem o rumo que o seu investimento poderia causar. Assim, ao resgatar o material preservado nas páginas d’*O Noticiador*, foi possível refletir sobre a trajetória da imprensa no país em um momento de mudanças sociais e políticas, encaminhando-se para uma formação identitária própria do Brasil (e também da região sul gaúcha), envolvendo a questão do nacional e das suas perspectivas naturalistas e evolutivas.

Dessa forma, a literatura, no Brasil, enquanto produção intelectual, caminhou de mãos dadas a esse processo de ascensão cultural e a difusão da informação, intrinsicamente ligado aos jornais, nas décadas iniciais, tal como visto no periódico que inaugurou a imprensa rio-grandina. Não há como pensar de forma distinta, pois a literatura brasileira, muitas vezes ignorada nesse período, justamente pelo meio o qual era difundida, o jornal, não deixou de ser literatura, enquanto produto cultural e consequência de um processo político e social passado no limiar do processo de construção da nação. Nessa perspectiva, não somente as discussões políticas publicadas nos jornais acenderam o sentimento do nacionalismo, mas a literatura publicada lado a lado a essas discussões nos jornais esteve presente como colaboradora neste processo, desempenhando o papel de construir o pensamento em torno do amor e do orgulho da nova pátria que nascera.

A pesquisa em fontes primárias, a qual essa dissertação segue a trilha, desempenha papel importante no resgate histórico e literário desse período,

não se podendo ignorar o fato de que, na existência da fonte, pode-se pesquisar, juntar dados e refletir sobre o momento que a fonte foi produzida, qual o impacto causado e qual o impacto gerado ao longo dos anos. A existência dos jornais e das informações ali constantes contribuem com o preenchimento das mais diversas dúvidas em relação às lacunas na historiografia, neste caso, na literária. As circunstâncias e a precariedade do momento vivido no Brasil em relação às condições de produção em um *corpus* físico que registrasse a literatura devem ser levadas em conta e o jornal como meio de registro dessa literatura deve ser valorizado, por não haver condições e formas para que um determinado autor publicasse em livro e esse pudesse ser distribuído e comercializado.

A maneira precária da própria imprensa, inicialmente, também deve ser relevada, já que os jornais não tinham uma trajetória longa, interrompidos, muitas vezes, por problemas financeiros. As questões relacionadas a nossa sociedade, enquanto uma sociedade intelectual inicial, em que poucos tinham acesso às letras, também devem ser consideradas, pois as limitações de acesso à leitura são consequência do momento histórico vivido. Esse contexto contribuiu de forma significativa para que o processo de consolidação da imprensa no Brasil fosse lento.

No Rio Grande do Sul, a imprensa demorou dezenove anos para se instalar e produzir os seus primeiros jornais, desde a sua chegada no Brasil, com a Imprensa Régia. Essa demora também fornece indícios da discrepância existente na chegada de novos meios culturais entre as regiões do país, mas, que, ao longo do tempo, são superadas e dão margem a novos meios e culturas. A chegada do primeiro jornal em Porto Alegre marca o início de uma nova fase no desenvolvimento social e intelectual do estado, contribuindo na formação de uma elite intelectual, que se interessava em manter-se informada e conseqüentemente, incentivando à leitura nos mais diversos lugares e, nos anos seguintes, atingindo outras regiões do interior, a destacar-se a cidade de Rio Grande.

Em Rio Grande, a fundação da tipografia de Francisco Xavier Ferreira inseriu ainda mais a cidade no contexto social e no processo político do Brasil, pois – embora houvesse o envolvimento desde os primórdios de agentes políticos e o seu contato com outras regiões através de viagens e viajantes – a cidade entra no cenário nacional produzindo material político e artístico (inclusive literário) que é lido – e reproduzido e debatido – no restante do país.

Comprovou-se, assim, que o papel do jornal *O Noticiador* não se limitava apenas na difusão de informações vindas de outras regiões, mas também levava ao leitor as questões políticas e seus ideais cultivados na época, comércio, fatos, acontecimentos, anúncios de venda de livros, oferecimento de cursos nas mais diversas áreas artísticas, na publicação de avisos sobre espetáculos teatrais e outras informações sobre o que movimentava a vida social na cidade, contribuindo dessa forma com a formação cultural local e sua difusão.

A literatura contida no periódico também não se limita a apenas reproduzir o que era publicado em outros jornais do Brasil, mas contribuiu com o registro de obras de diversos autores da região sul do estado, levando, ao público leitor da época, o conhecimento de que também estávamos inseridos na cultura do país, com a publicação dos poemas e dos recitais que aconteceram no Teatro Sete de Abril, em Pelotas, e no Teatro Sete de Setembro, em Rio Grande.

Além de jornalista e poeta, Francisco Xavier Ferreira manteve Rio Grande em evidência no processo histórico apresentado, atuando, como político, na capital gaúcha e nacional em prol de Rio Grande e do Brasil. Com a pesquisa apresentada, pode-se observar o homem de visão que foi, não apenas pelo seu papel na sociedade em sua época, mas na sua consciência histórica. Os registros deixados foram chave primordial para o desenvolvimento e destaque da cidade no cenário histórico, cultural e literário.

O resgate da biografia de Xavier Ferreira e a reunião dos dados existentes e efetuados na presente dissertação possibilitaram o conhecimento de diversas faces do autor. Se sua atuação como farmacêutico permanece

ainda obscurecida, outras faces – político, defensor do ideal liberal, jornalista (ou “escritor público”, como gostava de se autodenominar nas páginas de seu jornal), livreiro, poeta, dono da maior biblioteca pessoal de Rio Grande – despertaram das folhas recolhidas e analisadas, mostrando os motivos de Xavier Ferreira ser admirado por diversos contemporâneos seus e também por historiadores do final do século XIX e ao longo do século XX, que na medida do possível demonstraram ser incansáveis em suas pesquisas.

A reunião das obras de Xavier Ferreira e de outros autores contribui, assim, com a reflexão acerca da formação da literatura sul-rio-grandense, conforme dito por Guilhermino Cesar, para que outros pesquisadores buscassem sobre esses autores desta época, visto que era muito limitado o acesso aos materiais na metade do século passado. Como resultado, a visão sobre esse material consegue desmistificar a ideia de que a literatura só começou a ser produzida no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XIX, sendo registrada em jornais que abrangiam diversas temáticas e não somente destinado à temática literária.

A primeira obra impressa de Francisco Xavier Ferreira, o *Hino militar brasileiro para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras* (1822), composto para a exaltação da liberdade, é um exemplo de obra rara com difícil acesso. Embora alguns acervos e alguns historiadores cite a referida obra, seu acesso na íntegra só foi possível ao final deste trabalho, graças a pesquisa na *internet*, com resultado positivo e digitalização disponível no sítio do acervo de John Carter Brown Library, um centro independente de pesquisa histórica localizada na Brown University, nos Estados Unidos.

O *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil* (1831) é atribuído a Xavier Ferreira e é considerado o primeiro impresso em sua tipografia que se tem notícia. É um hino à liberdade que levou, em seus versos, o mote “os ferros da escravidão”, expressão muito comum na época, presente em poemas e aparece como mote na poesia de Delfina Benigna da Cunha, publicada em seu livro *Poesias oferecidas as senhoras rio-grandenses*, e perpetuada até hoje

na literatura. A presença do tom elogioso à nação brasileira, incentivando ao patriotismo, também é comum na composição de hinos deste período.

O livreto *A relação dos festejos que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do sul, em demonstração de seu jubilo pelo restabelecimento da paz, na sua pátria* (1834) é o registro de um momento social, que foi a comemoração da vitória do liberalismo em Portugal em festa ocorrida em Rio Grande, ficando evidente a agitação cultural da época, com a presença de recitais de poesia nos mais diversificados eventos.

O “Hino Liberal”, de autoria de Francisco Xavier Ferreira e registrado no livreto, reforça a ideia de que a produção de hinos era comum na época e que sua composição geralmente é consequência de conflitos e exaltando a vitória de um dos lados envolvidos. Ainda, reforça a ligação existente entre Brasil e Portugal, embora o sentimento de separação do Brasil de Portugal registrado no hino anterior fosse sempre presente, nota-se que ainda há união em favorecimento de um ideal cultivado na época, o liberal. A autora Delfina Benigna da Cunha, também presente no livreto, com a sua participação na festa realizada, recitando poesias em homenagem na comemoração prestada, registra a presença da mulher – embora rara – como figura ativa na sociedade intelectual da época.

O jornal *O Noticiador*, fonte primordial no desenvolvimento desta dissertação, reforça a importância das pesquisas realizadas com periódicos, já que é – como muitos – muito referenciado ou (re)transcrito, mas pouco lido em sua fonte original. Não apenas pelo viés histórico, mas no resgate de costumes da sociedade da primeira metade do século XIX, em que a agitação cultural existente, culminou na ascensão da literatura no Rio Grande do Sul.

Em um cenário nacional que se desenvolvia em direção à formação do estado nacional, os poemas contidos em *O Noticiador* não destoavam dos mesmos temas apresentados por autores em outras regiões do país. Em um momento de transição entre a escola árcade e a escola romântica, são comuns os poemas encomiásticos oferecidos a D. Pedro II, exaltando a nação brasileira em formação, ou mesmo os poemas em homenagem a outras pessoas ilustres

da época e a datas comemorativas, como o Sete de Abril e o dia Três de Maio. Além disso, a literatura produzida em Rio Grande traz também fatos locais em sua temática, como por exemplo os poemas de Francisco Xavier Ferreira e Antonio José Domingues inspirados no assassinato do padre Bernardo José Viegas, assim como as referências apresentadas de outras figuras políticas da época ou grandes figuras históricas que também defendiam o ideal liberal, no país e no mundo.

A presença de um grupo de escritores na região sul do estado, confirma a existência de um círculo cultural na época. Com a criação, difusão em recitais, a publicação de poemas no livreto impresso pela tipografia de Xavier Ferreira e no jornal *O Noticiador*, os autores: Delfina Benigna da Cunha, Américo José Ferreira Cambuim, Antônio José Domingues, Antônio José Caetano da Silva Filho, L. S. Flores, Matheus Gomes Viana e Francisco Xavier Ferreira participaram de um ciclo inédito na literatura sul-rio-grandense, compondo um sistema – mesmo que em formação – dentro desta literatura, na troca constante de suas produções.

O resgate destas obras e da biografia destes autores possibilitou a ligação entre as cidades de Rio Grande, Pelotas, São José do Norte e Jaguarão no cenário intelectual e literário, dentro das possibilidades de registro da época. Assim, pode-se considerar que a literatura no Rio Grande do Sul não tenha iniciado somente em meados da segunda metade do século XIX, mas sim em suas primeiras décadas, antes mesmo da Revolução Farroupilha.

Entretanto, esta dissertação abre também a possibilidade para que novas pesquisas sejam realizadas no campo historiográfico e literário, com pressupostos em uma investigação mais aprofundada (e em outras fontes) dos autores citados e da construção social, cultural e literária das cidades citadas. As pesquisas com periódicos, como jornais e almanaques, possibilitam o preenchimento de espaços vazios em nossa historiografia, muitas vezes, fornecendo um olhar diferenciado que permite a construção de um caminho novo a nossa história.

Com a pesquisa apresentada neste trabalho, pode-se repensar o limiar da literatura sul-rio-grandense, mostrando uma sociedade ligada a um ciclo de trocas intelectuais, artísticas e políticas, sem se distanciar efetivamente da produção realizada por outros autores de outras partes do país e que também tiveram suas produções literárias publicadas em jornais. Na constituição de uma nação e de uma sociedade sempre voltada à liberdade como chave principal em sua construção e que perdura até os dias de hoje.

Referências

ABREU, Márcia. Letras, Belas-letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (Org.) *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, Fapesp, 2003a. (Coleção Histórias de Leitura).

_____. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003b.

_____. O controle à publicação de livros nos séculos XVIII e XIX: uma outra visão da censura. *Fênix*. v. 4, Nº 4, 2007, p. 261-291. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br/vol13Marcia.php>. Acesso em: 10 set. 2014.

ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (Org.). *Impresso no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2010.

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA; Ilhéus: UESC, 1999.

AZEVEDO, José Luiz Bragança de. *Alfândega da cidade do Rio Grande (do sul): contribuição à história de sua criação, instalação e administração, dados biográficos dos juízes e dos inspetores que nela serviram (1804 – 1940)*. 2º ed. Rio Grande: Ed. FURG, 2004.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1831. v.2, cad. 5º, p. 27-38.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.

_____. A escrita epistolar, a literatura e os jornais do século XIX: uma história. *Revista da Anpoll*. V. 1, Nº 30, 2011, p. 261-291. Disponível em: <www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/196/208>. Acesso em: 10 set. 2014.

BARRENTO, João. *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986.

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986.

BESOUCHET, Lidia. *Pedro II e o século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. v. 3. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 2. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. 3º ed. São Paulo: USP, 1999.

CAPPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. 5º ed. São Paulo: Summus, 1989.

CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem: a elite imperial brasileira. Teatro de sombras: a política imperial*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ/Relume Dumará, 1996.

_____. *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 123-152. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi1a3.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2º ed. Porto Alegre: Globo. 1971.

ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1977.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *El Sistema Literário. Polissistemas del cultura*. Tel-aviv: s/ed, 2007. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf. Acesso em 26 out. 2013.

EVEN-ZOHAR, Itamar 2013. Teoria dos polissistemas. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna Karlla Cunha. *Revista Translatio*, nº 5, p. 2-21. UFRGS, 2013.

FAMILYSEARCH. Disponível em: <<https://familysearch.org/>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

FERREIRA, Francisco Xavier. *Hino militar brasileiro para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras*. Rio de Janeiro: Tipografia de Silva Porto & Cia, 1822. Disponível em: <<https://archive.org/stream/hymnomilitarbrai00fxfr#page/n3/mode/2up>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

_____. *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao trono do Brasil*. Rio Grande: Tipografia de F. X. F., 1831.

_____. *Relação dos festejos que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do sul, em demonstração de seu jubilo pelo restabelecimento da paz, na sua pátria*. Rio Grande: Tipografia de F. X. F., 1834.

FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GARCIA, Sheila Fernandez. *O homem maldito (1858), de Carlos Eugênio Fontana: o início do romance sul-rio-grandense*. 2012 Dissertação (Mestrado em História da Literatura) Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

GIMENEZ, Leandro Kerr. A vinda do maior ator do Império ao extremo sul brasileiro. *Mafuá*, Florianópolis, ano 9, n. 15, março 2011.

_____. A inauguração do Teatro Sete de Setembro e sua contribuição para a literatura rio-grandina. In: *Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/comunicacao-37.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

HARRIS, Wendell V. La canonicidad. In: SULLÀ, Enric. (Org.). *El canon literário*. Madrid: Arco, 1998. p. 37-60.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

INFORMATIVO CHICO DA BOTICA. Disponível em: <www.guiamaconicors.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2014.

JOHN CARTER BROWN LIBRARY. Disponível em: <<https://archive.org/details/JohnCarterBrownLibrary>>. Acesso em: 10 set. 2014.

KLAFKE, Álvaro Antônio. *O Império na Província: construção do Estado Nacional nas páginas de O Propagador da Indústria Rio-Grandense*. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS, Porto Alegre, 2006.

KOSERITZ, Karl von. *Novelas*. Porto Alegre: IEL, 2013.

LOEWENSTAMM, Kurt. *Imperador D. Pedro II: o hebraísta no trono do Brasil, 1825–1891*. São Paulo: Centauro, 2002.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

MACEDO, Riopardense de. *Diário de um conflito*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2003.

MAGALHÃES, Mário Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 2^o ed. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1981.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; IEL, 1978.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. A tipografia de Francisco Xavier Ferreira e o início da imprensa rio-grandina. In: *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros*. Rio Grande: FURG, 2010, CD-ROM.

_____. Francisco Xavier Ferreira e o início da imprensa no extremo sul. *Mafuá*, Florianópolis, ano 7, n. 12, setembro 2009. Disponível em: <www.mafua.ufsc.br/numero12/ensaios/cristina.htm>. Acesso em: 6 out. 2014.

MERQUIOR, José Guilherme. *Breve história da literatura brasileira: de Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Mil faces de um herói canalha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. *Corcundas e constitucionais*. A cultura política da independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan; Faperj, 2003.

MILLER, Alcides. Xavier Ferreira. In: RODRIGUES, Sued de Oliveira (org). *Rio Grande nos versos dos poetas*. Rio Grande: FURG, 1989, p. 44.

MELLO, Juliane Cardozo de. *Um drama no mar: uma face desconhecida de Koseritz. Mafuá*, Florianópolis, ano 8, n. 13, março 2010. Disponível em <www.mafua.ufsc.br/numero13/ensaios/juliane.htm>. Acesso em 19 jun. 2011.

MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas*. 2013 Dissertação (Mestrado em História da Literatura) Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. vol I. Florianópolis: Mulheres, 2000.

NEVES, Décio Vignoli. *Vultos do Rio Grande da cidade e do município*. Tomo 1. Santa Maria: Pallotti. 1981.

NEVES, Gervásio Rodrigo (Org.). *O Noticiador*. v. 1. Porto Alegre: I.H.G.R.G.S., 2008. CD-ROM (Coleção Recuperação e Memória da Imprensa no Rio Grande do Sul)

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. (org.) *Livros e impressos: retratos do setecentos e do oitocentos*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009.

_____. Dos “avisos” de jornais às resenhas como espaços de consagração (1808 – 1836). In (org.) *Livros e impressos: retratos do setecentos e do oitocentos*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009, p. 55 -89.

NUNES, Benedito. *Historiografia literária no Brasil*. In: Crivo de papel. São Paulo: Ática, 1998.

PASSOS, Wagner; D'PERAÇA, Ivonei. Assassinato na Capela. In *Idéia*. Quadrinhos, Humor, Cultura. Ano I, nº 3, 2008.

PERKINS. David. História da literatura e narração. *Cadernos literários do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v.3, n.1, mar. 1999.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese (Doutorado em Literatura). PUCRS, Porto Alegre, 2005.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Memória (afetiva e esparsa) dos encontros sobre periódicos*. 2010. Disponível em: <www2.uefs.br/enapel/files/memoria2.htm>. Acesso em: 3 nov. 2014.

REVERBEL, Carlos. Evolução da imprensa rio-grandense (1827-1845). In *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Ed. Regional, 1956, p. 241-264.

RIBEIRO, Celia. *O jornalista farroupilha: Vicente Ferreira Gomes*. Porto Alegre: Libretos, 2012.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1988.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul (1828 – 1845)*. Rio Grande: Oficina Livraria Americana, 1899.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3^o ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

SANTOS, Klécio. *Sete de Abril: o teatro do imperador*. Porto Alegre: Libretos, 2012.

_____. O Reino das Sombras: Palcos, Salões e o cinema em Pelotas. In: RUBIRA, Luís. *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014.

SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura – Observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrum Kriger (Org). *História da literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.

SOUZA, Roberto Acízelo de. História da Literatura. In: *Formação da teoria da Literatura*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico; Niterói: UFF, 1987.

SPALDING, Walter. *Dois vultos da história gaúcha: Xavier Ferreira e Onofre Pires*. Porto Alegre: Gráfica Santa Terezinha, 1958.

TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: Eikhenbaum, B. et al: *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971. p.105-118.

TORRES, Luiz Henrique. *Câmara Municipal do Rio Grande: Berço do Parlamento Gaúcho*. Rio Grande: SalisGraf, 2001.

_____. A porta lacrada para sempre, ou: Quem matou o Padre Bernardo Viegas. *Biblos*, Rio Grande, v. 22, nº 1, 2008. Disponível em: <www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/860/341>. Acesso em: 15 out. 2009.

_____. *Rio Grande: 180 anos de jornalismo*. Rio Grande, 2012.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil Meridional*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras. UFMG, Belo Horizonte, 2006.

_____. Antônio José Domingues, um português no Brasil. In: *I Colóquio Internacional Relações literárias Brasil-Portugal*, 2008, Porto Alegre. Anais do I Colóquio Internacional Relações literárias Brasil-Portugal. Porto Alegre : EdiPUCRS, 2008.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda. (Orgs.). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

VAZ, Artur Emilio Alarcon *et alli*. Imprensa, teatro, romance e folhetins: a formação da literatura no extremo sul brasileiro (1831-1869). *Para onde vão as Letras?: Os caminhos da Linguagem". Caderno de textos do XII EREL-SE*. Campinas : Unicamp, 2010. v. vii. p. 1-30. Disponível em: <<http://erelsudeste2010.webnode.com/volume-v>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1972.

VIANNA, Lourival. *Imprensa Gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social HJC, 1977.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

VOLUME II
ANEXOS

Francisco Xavier Ferreira:
primórdios da imprensa rio-grandina

Ana Cristina Pinto Matias

Prof. Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz
Orientador

Rio Grande - RS
4 de dezembro de 2014

SUMÁRIO

Volume II - Anexos

1. Relação de periódicos, bibliotecas consultadas e modo de transcrição	3
2. Biobibliografia dos poetas	4
3. Normas para transcrição dos poemas	8
4. Transcrição do <i>Hino Militar Brasileiro</i>	9
5. Transcrição do <i>Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil</i>	11
6. Poemas publicados no periódico <i>O Noticiador</i>	12
7. Transcrição do livreto <i>Relação dos festejos</i>	111
8. Imagens	125

1. RELAÇÃO DE PERIÓDICOS, BIBLIOTECAS CONSULTADAS E MODO DE TRANSCRIÇÃO.

O *Noticiador* (1832 – 1836) foi, naturalmente, o corpus principal da pesquisa, que se ocorreu em todos os exemplares reunidos no CD-ROM produzido pelo IHGRGS e que ainda se encontra inédito. Foi realizada a leitura completa de todos os exemplares, posteriormente a transcrição de poemas impressos e a atualização ortográfica.

A partir d'O *Noticiador*, procurou-se outros jornais citados em suas páginas, tais como o periódico *O Universal* (1825 – 1842), cuja pesquisa foi realizada através dos exemplares digitalizados e disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Processo semelhante ocorreu nos periódicos *O Carapuceiro* (1832 – 1847), *A Verdade* (1832 – 1834), *Opinião Campanhense* (1832 a 1836), *O Nacional* (1832 – 1872), *O Sete d'Abril* (1833 – 1839), *A Mutuca Picante* (1834 – 1835).

Outros periódicos citados nas páginas do jornal *O Noticiador*, a saber *A Água*, *O Expectador*, *Recopilador*, *O Mosquito*, *Publícula Brasileiro*, *O Pandeira*, *Diário de Pernambuco*, *Publicador Amazonense* não foram encontrados exemplares digitalizados por bibliotecas.

Das bibliotecas públicas pesquisadas, a principal fonte foi o acervo da Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS), em que foram realizadas pesquisas de modo presencial, utilizando-se da consulta para pesquisas e transcrições. Na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ), foram realizadas pesquisas no acervo da biblioteca pelo *site* e requisitadas algumas digitalizações e também a pesquisa e consulta em periódicos disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira.

2. BIOGRAFIA DOS POETAS LOCAIS

Américo José Ferreira Cambuim

Foi vice-presidente da Província de São Pedro (Rio Grande) em 1833 e inspetor da Alfândega da cidade de Rio Grande, durante o ano de 1836 (AZEVEDO, 2004, p. 73).

Antônio José Domingues(1791 – 1860)

Antônio José Domingues nasceu em Lisboa, tendo realizado seus estudos até o secundário em Portugal. Chegou no Brasil em 1808, instalando-se na Bahia e em seguida no Rio Janeiro, onde estudou, tornou-se farmacêutico e atuou por alguns anos. Mudou-se para o Rio Grande do Sul em 1812, onde estabeleceu residência até 1822 na cidade de Santo Antônio da Patrulha, após mudou-se para Pelotas, onde permaneceu até 1842, morou em Rio Grande por dois anos e retornou para Pelotas em 1844 até o fim de sua vida em 1860 (VAZ, 2006).

Domingues publicou seus primeiros versos no periódico *O Noticiador* em 1832, pois até então as pesquisas realizadas apontam que seus versos haviam sido impressos a partir de 1852 (MAGALHÃES, 1993, p. 264) como colaborador no jornal *O Pelotense*, juntamente com Carlos Von Koseritz. Artur Vaz (2006) localizou o livro *Discurso recitado em 6 de março de 1856*, publicado pela Tipografia Berlink, em Rio Grande, cujo único exemplar conhecido encontra-se na Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS).

Antônio José Caetano da Silva Filho (1817 – 1865)

Nasceu na cidade de Jaguarão (RS) em 1817, filho de Antônio José da Silva e Ana Maria Floresbina e irmão de Joaquim Caetano da Silva, patrono da cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras. Conforme Blake (1833), Antônio José Caetano da Silva Filho foi funcionário da Mesa de rendas provinciais de Rio Grande. Além disso, foi Servidor da Alfândega da Corte, em 1854, Inspetor da Alfândega de Paranaguá (PR) e da Alfândega de Uruguaiana (RS) e Deputado provincial no RS.

Aluno do poeta Antônio José Domingues, teve seus primeiros versos publicados no jornal *O Noticiador*, juntamente com seu professor. De acordo com Ari Martins (1978), o poeta publicou artigos no jornal *O Rio-Grandense* (1845-1846), foi redator do jornal *Rio-Grandense* e fundou o jornal *Diário do Rio Grande*, atuou também como responsável pela *Revista Imparcial* no ano de 1846.

Carlos Antônio da Silva Soares

Conforme o livreto intitulado *Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo restabelecimento da paz, e da liberdade, na sua pátria*, de 1834, pode-se constatar que Carlos Antônio da Silva Soares era oficial da Guarda Nacional e promotor público¹¹.

¹¹O *site* Family Search informa que Carlos Antônio da Silva Soares era filho de Antônio Carlos da Silva Soares e Alexandrina Caetana da Silva Soares, foi casado com Cecília Amália da Silva Soares e teve duas filhas: Julieta da Silva Soares (nascida em 31 maio 1837) e Maria da Silva Soares (nascida em 19 maio 1842).

Francisco Xavier Ferreira

Farmacêutico, jornalista, poeta e político, nasceu na Colônia de Sacramento (Uruguai) em 04 de dezembro de 1771¹², casou-se com Ana Joaquina Fernandes (Sacramento, Uruguai, 1776 –Rio de Janeiro, 1837) em 1793 em Rio Grande, onde abriu uma farmácia e, por isso, ganhou o apelido de Chico da Botica. Ferreira ingressou na Maçonaria em 1819, filiando-se ao Grande Oriente do Brasil e foi membro da “Junta Governista Gaúcha de 1822-1824”, que atuou quando D. João VI passou as capitanias para o posto de províncias, sendo governadas por esta junta provisória e atuando de 22 de fevereiro de 1822 a 8 de março de 1824.

Na sua tipografia, imprimiu os jornais *O Noticiador*, o primeiro jornal rio-grandino, e *O Propagador da Indústria*, de José Marcelino da Rocha Cabral¹³.

Em 1835, é eleito deputado na 1ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul e sua participação é considerada fundamental na lei que elevou a vila de Rio Grande (1835) à categoria de cidade, assim como, atuou no projeto que deu o nome de Cidade de Pelotas(1835) à cidade vizinha.

Em 1840, antes da Maioridade de D. Pedro II, Xavier Ferreira falece em 23 de abril de 1838, na Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição da Ilha de Villegagnon (RJ), após ser preso durante a Revolução Farroupilha(1835-1845) na retomada de Porto Alegre pelas forças legalistas.

¹² Os dados de nascimento, morte e árvore genealógica foram retirados do sítio familysearch.org, organizado por membros da “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias”.

¹³ O jornal *O Propagador da Indústria Rio-Grandense* foi editado e publicado na cidade de Rio Grande entre 1833 e 1834. O jornal, cultivado pela Sociedade Promotora da Indústria Rio-grandense, formada em sua maioria por membros da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, era impresso na tipografia de Francisco Xavier Ferreira e redigido pelo jornalista e advogado José Marcelino da Rocha Cabral (Olmos, Macedo de Cavaleiros, Portugal, 17 ago. 1806 - Rio de Janeiro, 1850). Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Marcelino Cabral emigrou de Portugal, em 1831, e, chegado inicialmente ao Rio de Janeiro, em seguida mudou-se para Rio Grande, onde planejou e organizou os estatutos da Sociedade Promotora da Indústria Rio-grandense e depois fundou e comandou a redação do jornal *O Propagador da Indústria Rio-Grandense*. Após a falência de seu jornal *O Despertador*, em 1841, quando perdeu tudo, mudou-se para Diamantina onde trabalhou como advogado. Retornou ao Rio em 1849, onde morreu em 1850.

L. S. Flores

Supõe-se tratar de Luís da Silva Flores, médico nascido em Porto Alegre, ligado ao partido Liberal que deu origem ao nome da Rua Doutor Flores (PORTO-ALEGRE, 1917).

Matheus Gomes Viana (1809 – 1839)

Nasceu na cidade de Pelotas, em 14 de setembro de 1809, filho do tenente Baltazar Gomes Viana e Joana Margarida da Silveira¹⁴. Foi representante do jornal *O Noticiador* na cidade de Pelotas, sendo também seu redator na cidade, publicou poemas no mesmo periódico.

¹⁴ GENEANET. Disponível em:
<<http://gw.geneanet.org/valdenei?lang=fr&p=matheus+gomes&n=viana>>. Acesso em 10 set. 2014.

3. NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS

A principal mudança ocorreu na atualização da grafia de palavras e de acentuação, incluindo gralhas evidentes, consoantes dobradas e desuso de outros encontros consonantais, como em “anarchia”, “damno”, “sceptro” ou “affecto”.

Da mesma forma, seguiu-se o uso moderno de palavras tais como “em fim” e desenvolveu-se (ou inclui-se notas explicativas) as abreviaturas de pouco conhecimento atual.

Realizou-se a substituição de letras maiúsculas por minúsculas para os meses do ano e em outros casos semelhantes, quando não se configurava uma intenção de destaque à palavra.

Unificou-se o uso de itálico para nomes de obras e outras formas de destaque.

4. Transcrição do *Hino Militar Brasileiro para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras*¹⁵

Brasileiros denodados
Voai ao Campo da Glória,
Quem peleja pela Pátria,
Alcança sempre a Vitória.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Não fraqueiem vossos peitos
Combatendo o Inimigo;
Brasileiro que é honrado
Não teme a morte, ou perigo.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Despersai as vis Coortes,
Que vos vem escravizar,
Quem com brio quebrou ferros
Tiranos deve odia.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Sagrado, novo Pendão
Acabais de receber,
Vede a Letra que o decora!
Ou Liberdade, ou Morrer.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Segui de Pedro o exemplo,
A coragem, o valor;
Quem tem este herói à frente

¹⁵ FERREIRA, Francisco Xavier. *Hino militar brasileiro para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras*. Rio de Janeiro: Tipografia de Silva Porto, 1822. Disponível em: <<https://archive.org/stream/hymnomilitarbrai00fxfr#page/n3/mode/2up>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

A Marte excede em vigor.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Abram-se as portas de Jano,
Sai tu, execrável guerra,
Para debelar os monstros
Com que Lísia nos aterra.

Correi, ó Bravos, às Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independência, ou Morte.

Rio de Janeiro 1822. Na tipografia de Silva Porto & Cia.

5. Transcrição do *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil*¹⁶

Os ferros da escravidão

No nosso Pátrio Horizonte
Dourado assoma o clarão
Que anuncia já desfeitos
Os ferros da escravidão.

Triunfamos, Brasileiros,
Dessa perjura facção
Que lançar-nos projetava
Os ferros da escravidão

O Augusto Herdeiro ao Trono
D'Brasil, Honra e Brasão
Salva a Pátria aniquilando
Os ferros da escravidão

Se a séculos suporta a Europa
Do despotismo o grilhão,
No Brasil nem um momento
Os ferros da escravidão

Vingou-se a Pátria insultada
No Campo d'aclamação
Lá mesmo foram quebrados
Os ferros da escravidão

No terreno Americano
Nunca mais vegetarão
Ditames do despotismo
Os ferros da escravidão

Coro

Viva a Assembleia Geral
A Brasileira Nação
O Jovem Pedro Segundo
Pátria Constituição.

Rio Grande, 25 de abril de 1831

por Francisco Xavier Ferreira

¹⁶ Transcrito de uma cópia microfílmica existente na Biblioteca Rio-Grandense, feita a partir do original da Biblioteca Nacional. É considerado o primeiro impresso rio-grandino da tipografia de Francisco Xavier Ferreira.

6. Poemas publicados no periódico *O Noticiador*

Soneto¹⁷

Antônio José Domingues

Pátria minha gentil, que num momento
Vingar soubeste a tua liberdade,
E ficando sem par na heroicidade
Ergueste a Glória eterno monumento!

Monstro de horror, e lágrimas sedento,
Jurou roubar-te a imensa claridade;
Não demores, ó Pátria, a impunidade,
A Lei juraste, e cumpre o juramento.

Quando um Povo delira, e s'enfurece.
Escreve os seus anais com sangue humano,
Da virtude, de si, das Leis s'esquece.

D'anarquia, ó Brasil, repele o dano,
Vê que o Cetro da Lei, se a Lei fenece,
Quase sempre sucede o de um tirano.

No aniversário do Glorioso Dia Sete d'Abril

Elogio¹⁸

Antônio José Domingues

Foi hoje, Cidadãos, foi neste dia,
Sempre imortal nos fastos Brasileiros,
Em que a Pátria indignada, atenta ao brado
Da Lei calcada aos pés da tirania,
Vingou com glória o jus imprescritível:
Foi hoje, Cidadãos, que a férreo Cetro
Suceder da Inocência o Cetro d'oiro.

Neste dia o Brasil regenerado,
Puro sangue, audaz, e generoso,
A página exarou resplandecente,
Que na história dos Povos libertados
Fulgura sem rival eternamente.

Vencido então o torpe despotismo,
Aos antros infernais baixando em raiva,

¹⁷ *O Noticiador*, Rio Grande, 13 jan. 1832. Conforme Vaz (2006, v. II, p. 64), republicado em *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1904* (p. 84), com diversas mudanças.

¹⁸ *O Noticiador*, Rio Grande, 24 abr. 1832.

Dos abismos evoca as fúrias todas,
 Que da Pátria turbando os áureos dias,
 Cubram de horror o solo da ventura.
 Eis nuvens de Protheus¹⁹, e de Sicários²⁰,
 Em borbotões o tártaro vomita,
 Em nome da celeste Liberdade,
 Da filha imaculada da virtude,
 A licença, arrastando as negras vestes.

Armada de punhais, e de sofismas,
 Sempre do vício, e crime inseparável,
 Soltando a rouca voz em pragas fértil,
 Contra o Nume da Lei troveja irada:
 Por entre a confusão, o estrago, a morte
 Anela colocar em férreo trono
 Em lugar de um tirano, a cem tiranos:
 Anela, mas em vão; a forte destra,
 Que fizera cair a prepotência,
 Há de sempre esmagar-lhe o colo infame.
 O monstro centifauce à sã virtude,
 Dos esforços dos bons será despojo.

Livra, sempre o Brasil, ó Providência,
 Das horríssonas serpes da discórdia:
 Sendo a Lei o farol dos Brasileiros,
 Há de a Pátria subir a seus destinos;
 E, das grandes Nações rival brilhante,
 Gozando os altos dons da Liberdade,
 Será justa, feliz, e respeitável.

Soneto²¹

Antônio José Domingues

Enquanto dominar a Liberdade,
 Nos fidos corações dos Brasileiros,
 Há de sempre brilhar entre luzeiros
 Deste dia imortal a imensidade:

Já não pode roubar-lhe a claridade
 A turba vil d'infames embusteiros;
 Porque os olhos da Pátria verdadeiros
 Hão de a Pátria salvar em toda a idade.

Dia Sete de Abril votado à Glória,
 Em que o vasto Brasil regenerado
 Subiu sem mancha ao Templo da Memória!!!

¹⁹ Figura grega que se transformava em monstro marítimo.

²⁰ Promotores de suicídio ou assassinatos na Roma antiga.

²¹ O *Noticiador*, Rio Grande, 24 abr. 1832.

Nos séculos por vir serás lembrado;
 Mereces mais que as páginas da História:
 O Teu Nome nos Céus será gravado.

**Por ocasião da vitória, que a Guarda Nacional e Municipal Permanente
 obtiveram sobre os rebeldes do partido caramuruano²²**

Antônio José Domingues

Infando crime em hórrido transporte,
 Contra o Nume da Lei marchando irado,
 Pretende submergir a Nau do Estado,
 N'um mar de confusão, de pranto, e morte:

Eis a Pátria dardeja o ímpio corte;
 Nisto um grupo d'heróis, rompendo ousado,
 N'um momento de Pátria tem vingado
 As Leis, a honra, a fama, a ilustre sorte.

D'imensa glória os bravos se cobriram;
 Aparecem, trovejam, de repente
 Tétricos monstros a seus pés caíram.

Exultai, Cidadãos, perpetuamente;
 A voz da Lei²³ falanges s'aguerriram,
 Que hão de a Pátria salvar eternamente.

Soneto²⁴

Antônio José Domingues

²² *O Noticiador*, Rio Grande, 8 jun. 1832.

²³ Nota original: “As falanges sagradas, a cuja bravura, e fidelidade devemos a paz interna tal, qual a desfrutamos, acabam de prestar serviços, que ficam a cima de todo o elogio. Quem tiver refletido com profunda madureza, ou tido a desgraça de assistir aos horrores de uma revolução anárquica, e quem melhor pode apreciar os males, de que os nossos heróis defensores nos tem livrado. Um destes bravos, tendo regado de sangue o solo da Pátria, acaba de descer ao túmulo. A glória entregou seu nome à imortalidade: e os Loiros, que ganhou, triunfando dos Patricidas, tem de chegar inacessíveis através da noite dos séculos a mais remota posteridade – *Dulce, et decorum est pro Pátria mori*. – Este soneto tendo sido composto pouco depois de chegar tão plausível notícia, por alguns inconvenientes agora é que o autor pode enviar.”

²⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 29 jun. 1832. Nota original: “A Beneficência, recebendo com o sorriso da bondade do naufrágio do infortúnio as vítimas da indigência, é um desses quadros intercessores que arrebatam no coração sensível. Virtude celeste! Tu aproximas da divindade os mortais, que te cultivam: os “vates” te devem os mais sublimes de seus cantos; a História de seu buril: e o Gênio esses momentos, que sobranceiros as vicissitudes humanas perpetua as grandes lembranças”. Conforme Artur Vaz (2006, v. II, p. 64), esse poema foi republicado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1901*(p. 204), com o título de “Ao hospital da Caridade. No dia de sua instalação no Rio Grande, em 24 de junho de 1832” e “republicado na antologia *Rio Grande nos versos dos poetas*, que indica o jornal *Diário do Rio Grande* do ano de 1898 como fonte”.

Respeitável asilo, à dor erguido
 Por solícitas mãos da Humanidade,
 Em teu seio gentil a Caridade
 Acolhe os ais do pobre, e seu gemido.

Não temas, que te abisme injusto olvido
 Das sombras do porvir na escuridade;
 Em ti mesmo conténs a eternidade
 Respeitável asilo, à dor erguido.

Celeste divinal Filantropia!
 Em teus braços recebes com Ternura
 Os mortais, que arrancaste à foice ímpia.

Triunfas do pavor da Sepultura;
 Restitues à tristeza a luz do dia;
 Já não chora, não geme a desventura.

**Elogio recitado em o novo Teatro Sete de Setembro para celebrar o
 aniversário da nossa Independência, e abertura do mesmo teatro** ²⁵

Carlos Antônio da Silva Soares

É este, ó Cidadãos, é este o Dia
 O Dia Redentor, Dia do Império,
 Fonte de assombros, dádiva celeste.
 Ó Dia “sempiterno”! Ó Dia sacro!
 Em nome do Brasil eu te consagro
 Cordiais expressões de um Povo livre;
 Votos fidos do Povo Rio-grandense.
 Sim, amigos da Pátria, é este o mesmo
 Dia propício, venturoso, afável,
 Em que a filha do Céu, a INDEPENDÊNCIA,
 Encheu todo o Brasil, de luz extrema;
 E ao nítido clarão, que a Deusa vibra
 O infernal Dragão o despotismo,
 De sórdidas harpias escoltado,
 Nas cavernas do crime foi sumir-se.
 Ó dia de prazer eu te bem digo!
 Onze vezes assomas no Horizonte
 Do Sol mais belo anunciando a vinda!

Se no Brasil pesava a férrea idade,
 Sem um susto, e dor, a Pátria se envolvia,
 Se o negro despotismo, atroz, sanhudo,
 Indolente verdugo, ímpio, nefando,

²⁵ O *Noticiador*, Rio Grande, 17 set. 1832.

Por espaço de séculos ignaros
 A ferros novos ferros sobrepunha;
 Se crebros ais, Brasil tu enviavas,
 Aos Numes, e de bronze os Numes eram,
 Um dia vingador chegar devia.
 Que o Povo teu assas amortecido,
 Acordando do apático letargo,
 Clamasse afoito – INDEPENDÊNCIA – ou morte
 Tempo já era de romper cadeias,
 Que a tirania, que a traição forjava.

E assim como o denso ar nebuloso,
 Não deixa a vista distinguir a Aurora,
 Nem ousa acarear a Natureza
 C'os sons, que lhe insinua o passarinho;
 Mas, súbito, que assoma no Oriente
 Os de FeboigníferosEtontes²⁶,
 Tudo esvai-se, alue, e lusifica,
 Campeã a nitidez, e de divisam
 Centenas de objetos diferentes:
 Tais, ó Pátria, jazi-o escondidos
 Os denodados Corações que nutrem
 Virtudes, que as dos Numes rivalizam.
 Tais os filhos teus, cheios de brio,
 Os ombros põem da Liberdade a empresa,
 E ao Templo da memória se remonta-o
 Transpondo as metas ao humano esforço:
 O susto espanto, que ocultaram sempre
 Peitos que a glória no Porvir fitavam.
 Tais fostes Vós, ditosos Paulistanos,
 Que primeiro escutastes no Piranga
 A Voz Sacrossanta INDEPENDÊNCIA,
 E retumbando da Liberdade o Eco,
 Difundiu no Brasil épocas de oiro,
 Alvorço, prazer, dias plausíveis:
 Da Pátria alegre já mostrando aos filhos
 Os débeis pulsos seus inda arroxados,
 Mas os ferros quebrados, e desfeitos,

Sem duvida: teus filhos, e os que acolhes
 Com amor maternal, ó Pátria minha,
 Protestam sustentar com nobre esforço,
 O denodo feliz com que abisma-te
 A nefanda arbitrária tirania:
 E formes nos seus votos te afiançam
 Odiar para sempre o torpe bando,
 Das infames facções, que audazes tentam

²⁶ Os “igníferosEtontes” de Febo são, na mitologia grega, os cavalos do Sol.

O cetro espedaçar, sumir o Império,
E ofuscar a glória inacessível
Do Grande Dia SETE DE SETEMBRO.

Este dia Brilhante inda confere
Uma nova pasmosa maravilha,
Surdindo de improviso a pompa, e gosto
D'entre nuas paredes escabrosas,
Que d'Arte mostram o primor, e o Gênio.
Assim se diz, que outr'ora em ermos bosques,
Ao aceno das Fadas rebentarão
Assombrosos Castelos, altas Torres.
Maga ilusão! És tu, que entronizada
Sobre a cena, prestígios mil derramas,
Que os Países, e os tempos transmutando,
O Espectador atônito arremessas
De ficção em ficção ao cume excelso,
D'onde reside imorta a sã Verdade.

Magnífico Teatro eis surge, eis rompe
Nas Rio-Grandenses margens arenosas,
Que inda um dia virá, que rivalize
Com os da culta Europa, ou Grécia, ou Roma:
Ou com esses de quem, inda assombrada,
A antiga história aponta por modelos:
E dos mesmos Proscênios decantados,
Onde reinam Melpômene, e Tália²⁷,
A estrada seguirá, o altivo exemplo.
E Tá, Terêncio, emulo de Menandro²⁸,
Da Comédia Romana Vate ilustre,
Na terça locução nobre, e faceto,
Farás aqui tão rápidos progressos,
Qu'a Fama os cantará por línguas cento,
E aos grandes Gênios lustrarás na Fama.
A escola da moral, sublime, egrégia,
Fará também tão dóceis os costumes,
Tão profícuas lições dará na Cena,
Que a Virtude luzir há de entre os risos,
E d'arte da ilusão tirar proveito.

Agora cordial fraternidade
Ligará Cidadãos, que se evitavam.
E como que uns aos outros se temiam:
O Sexo encantador, o Sexo amável
Por ciosos abusos condenado
A medroso encarar a Sociedade,
Depondo prejuízos, vai tornar-se

²⁷Na mitologia, Melpômene e Taliasão, respectivamente, a musa da tragédia e da comédia.

²⁸O ateniense Menandro e o romano Terêncio são dramaturgos clássicos.

Da vida Social o atrativo.

Sim, florente Setembro, eterno ficas,
 Da clara fama nos Anais famosos;
 Dois prodígios te fazem mais notável,
 Que não tem outros meses conseguido:
 Por Decreto do Céu teu Dia sete
 Outorgou ao Brasil a INDEPENDÊNCIA.
 De Cidadãos, a esforços sobre-humanos,
 Teu Nome singular gravado fica
 Na frente majestosa do Teatro,
 Onde ateste ao vindouro esparvo ido,
 Os Feitos imortais dos Brasileiros,
 Generosas Ações dos Rio-Grandenses.

A mui sentida morte da Sereníssima Senhora Princesa D. Paula²⁹

Publicação original do periódico *A Verdade*

Vai-te, cândida pomba, à clara altura,
 Onde, já solta dos grilhões pesados,
 A mãe te volve os olhos adornados
 De emanções de Eterna Formosura.

Filha, a quem achas, inocente e pura,
 Fonte de bens que nunca são turbados,
 Em vez dos que te estavam reservados,
 Na prisão de que sois, mesquinha, escura.

D'um miserando amor fruto primeiro,
 Em busca da grandeza fugitiva,
 Lá tua irmã discorre o orbe inteiro!

Tu não tens que chorar a sorte esquiva,
 Moras no Céu, no peito Brasileiro,
 Deixas doce lembrança, e meiga, e viva.

Ode à Indústria³⁰

²⁹ *O Noticiador*, Rio Grande, 4 mar. 1833.

³⁰ *O Noticiador*, Rio Grande, 4 abr. 1833.

Nota original: "Nós seríamos nimamente injustos se não transcrevêssemos do Propagador da Indústria Rio-Grandense essa excelente Ode, para nós mais a conhecer a energia deste benemérito escritor, aliás recomendável pelas suas belezas, e pelo seu assunto.

Não se pode negar o mérito ao Sr. Antônio José Domingues: a sua linguagem é expressiva, o seu estilo enérgico, e o seu gosto sublime.

Por isso, nós, dando publicidade a esta peça literária, manifestamos os nossos sentimentos de estima, e veneração pelas luzes, e tal cultos do Autor, que tantos testemunhos nos tem dado da mais constante amizade, e que no meio de uma vida laboriosa a que se entregou na educação da Mocidade, e na boa direção do seu Colégio, nunca se esquece de praticar atos de beneficência a prol dos seus semelhantes. (...) Compatriotas, da maneira a mais lisonjeira,

Publicação original do periódico *O Propagador da Indústria Rio-Grandense*

Antônio José Domingues

Labor omniavincit
Virgílio

Enquanto o facho, que a discórdia acende,
Do ódio, da vingança as fúrias, solta;
E da rápida Erínia turbulenta
Agita a horrível sanha;

Varões amigos da razão, da glória
Da Pátria aos votos com prazer ofertam
Ouro, e fadigas, que do Céu te chamem,
Indústria, a nossos lares.³¹

Indústria, ó Nume, que as Nações aditas,
Eu te saúdo, ó Astro benfazejo,
Ora em nosso horizonte despontando,
Depois d'imensa noite.

Apenas de teu carro aurifulgente
Expedes aos mortais a luz brilhante;
Exulta a Natureza, e maravilhas
Inúmeras assomam.

Se teu grêmio sacodes fecundante,
As Artes, as ciências se difundem;
Desce aos abismos a ignorância feia
Com ela a torpe ignava:

Se o gênio inspiras, que não pode o Gênio?
As montanhas abala, e mil tesouros,
Vedados pelo Céu à turba ignara,
Benefício desparze:

Onde a planta imprimiu, prodígios fervem;
Das sombras dos arcanos sempre avante,
A sua voz os áridos desertos
Jardins se tornam belos:

que nele o talento e o amor da pátria não cedeu nem ao tempo, nem às sérias ocupações de que está rodeado, para deixar de apresentar produções de gênio, que atestem o nosso progresso na carreira literária, e desmintam o conceito que alguns ignorantes formam do nosso País neste artigo de civilização."

³¹ Nota original: "A imparcialidade não pode deixar de tributar louvores aos cidadãos generosos, que fizeram raiar em nossa Província a luz da Indústria. Já devemos a esses Srs. Um periódico eminentemente útil; e quanto lhes poderemos dever, se o zelo, a atividade, e a constância derem realidade, e solidez, a humana Instituição por todos os títulos respeitável!"

O Céu, a Terra, o Mar a voz do Gênio
 Desencerram seus dons, um Mundo novo
 Presenta aos olhos, que o portento assombra,
 A cena inexprimível!

Eu te saúdo, ó Astro benfazejo;
 Tu dás aos Povos o calor, e a vida;
 Teu fúlgido clarão espanca as trevas
 Da miséria cegueira:

Apareces gentil, e as rotas vestes
 Converte em gala a tímida pobreza:
 Como em ondas de vida corre o ouro
 Nas veias da indignação!!!

Apareces gentil, e logo ermos,
 Onde o fulvo Leão rugia irado,
 Louros presentes da fecunda Ceres
 Transmudados ostentam.

A teu mágico influxo as ondas cedem;
 Num momento Cidades se levantam;
 N'um braço vencedor, que tu diriges,
 Dos óbices triunfa.

Tem vivífico fogo Éden tem feito
 D'escalvados rochedos espantosos;
 Medonhas solidões, que visitaste,
 Delícias são dos homens.

Que é feito das Nações, que te deixaram
 Necrológico censo indica apenas
 Nos quadros imortais da doura Clío³²
 Seu nome outrora ilustre.

Onde Flora reinam, luziu Pomona,
 Grasnar e escuta o solitário corvo;
 Uivo troante d'esfaimado tigre
 Assusta o passageiro.

Onde foram, ó Grécia, os teus encantos?
 Teus jardins, Babilônia, e tu; soberba,
 Tu magnífica Tebas, que te há feito
 Horror do viajante?

Das ruínas os ecos me respondem:
 "O bárbaro chegou, fugiu a Indústria;

³² Referência à deusa da Memória, na mitologia grega.

Cruel estupidez, a mãe das sombras”
Cavou-nos o sepulcro.³³

Longe, longe de nós tão negro fado!
Vem, grata Indústria, ó cetro d’um tirano
Já mais repelira o teu adejo.
O voo teu sublime:

A Liberdade, às Leis, teu Nome, invocam;
Sempre a sombra das Leis, da Liberdade,
Da urna da abundância aos homens prestas
Dos bens a imensidade.

As Brasíliaicas praias te suspiram,
Inda virgens florestas te reclamam;
Do gênio, do talento a voz te chama
Ao solo Brasileiro³⁴

A dulcíssima Paz do Céu mandada
O teu sólio segure em base eterna;
Divina Indústria, os séculos te vejam
Na Pátria prosperando.

Sonetos recitados no teatro na noite do dia Sete de Abril³⁵

Sem autoria

Brasileiros! O amor da Liberdade
Foi sempre, e há de ser uma Virtude;
E um nobre direito, que se ilude,
Enquanto o não reclama a humanidade.

Se envelhecem as Leis, se a iniquidade;
Quer os Povos reger com cetro rude,
Pede a sábia razão, que este se mude
A prol, e bem-estar da Sociedade.

Avante, Brasileiros Generosos!

³³ Nota original: “Ó fuste, o capital de uma coluna; os despojos de chefes d’obra dos Fidias, dos Praxitetes servem para usos os mais grosseiros de um Árabe, ou de um Turco, dono estúpido, miserável senhor dos portentos do gênio. A miséria no seio da grandeza é de um horror insuportável”.

³⁴ Nota original: “Vários têm sido os Naturalistas, que voo levantado uma parte do véu, que encobre os incalculáveis tesouros do nosso abençoado país: entre eles os nomes de Saint Hilaire, e de Frederico Selow não são os mesmos ilustres. Este último achou prematura morte nesta mesma terra, que tinha de entretecer-lhe um dos florões de sua coroa. Ninguém o conheceu, que o não chorasse: ambos os Mundos devem a sua memória um monumento da mais viva gratidão.”

³⁵ O *Noticiador*, Rio Grande, 11 abr. 1833.

O Grande, o Imortal SETE DE ABRIL,
 Vos tornou n'um momento venturosos:

Dos monstros não temais o oculto ardil,
 A Pátria conta filhos valorosos,
 Que a vida votaram pelo Brasil.

Se os Gregos, se os Romanos festejaram
 Se os dias memoráveis, gloriosos;
 Se estes dias, p'ra eles venturosos,
 A públicos prazeres consagraram;

Se os Povos cultos sempre celebraram
 Os dias em que Entes valerosos,
 Mil feitos, mil prodígios espantosos,
 A favor das Nações com honra obraram;

Onde colocarás, Brasil, O Dia,
 Dia SETE DE ABRIL, que faz a glória
 Da queda da nefária tirania?

Eleva a tua voz, canta a Vitória,
 Celebra com prazer, com ufania,
 O Dia, que faz honra a nossa História.

Salvo ó Dia Feliz! Celeste Dia.
 Que a todo Brasil de glória encheste,
 Da Escravidão o jugo desprendeste,
 E no abismo sumiste a tirania.

E Tu Brasil! A quem um Deus só guia,
 Exulta de prazer, teu dia é este,
 E se os contrários teus hoje venceste,
 Salve o dia feliz. Celeste dia.

Embora queira infido escritor
 Enegrecer teu brilho, Astro Baseiro,
 Jamais ofuscará seu esplendor.

Ó Brasil só volvera ao cativo,
 Que lhe prepara o vil restaurador,
 Quando não existir um Brasileiro.

MOTE³⁶
Ditoso Sete de Abril

Um Rio-Grandense

Glosa

Salve dia, imortal dia,
Da nossa Regeneração!
Salve gloria da Nação,
Assombro da Tirania:
Sim ó dia d'ufania!
Honra, e glória do Brasil;
Salve dia tão gentil,
Dia do prazer imenso
Salve, dia tão intenso
Ditoso Sete de Abril.

MOTE
Baqueou o Despotismo
Parecia a Tirania

Um Rio-Grandense

Glosa

Neste dia de Heroísmo,
No dia sete de Abril,
Cedem o bando servil,
Baqueou o Despotismo
Venceu o Patriotismo
Os laços da Hipocrisia;
Sucumbiu a sort'ímpia
Desses vis Restauradores
Neste dia de mil flores
Pereceu a Tirania.

**Elogio recitado no Dia Sete de Abril
no Teatrinho deste nome na Vila de S. Francisco de Paula**³⁷

Antônio José Domingues

Nas asas no prazer de novo assoma

³⁶O *Noticiador*, 22 abr. 1833. Nota original: "Sr. Redator. A Vm, como Escritor Patriótico, e Brasileiro Invariável, remeto-lhe, para dar à luz por meio do Typo essas obras compostas pelo Amor da Pátria, de um dos Jovens filhos desta Província; em louvor do sempre memorável aniversário do Dia 7 de Abril: de cujo favor lhe ficará, sumariamente agradecido, o seu Atento, Venerador, e Criado. Um Rio-Grandense."

³⁷O *Noticiador*, Rio Grande, 6 maio 1833.

De Abril o sete sempre memorando,
 Sempre imortal nos fastos Brasileiros:
 Um momento, que os Céus à Pátria deram,
 Converte um férreo cetro d'ouro.
 O Diadema reluz na Fronte Excelsa
 Na Fronte da Inocência; o Caro Infante
 Serena da procela o vulto horrível:
 A Discórdia bramiu, jurou vingar-se;
 O Véu do esquecimento a mil perfídias
 Generoso o Brasil em vão lançara:
 Infanda ingratitude, de crimes fértil,
 Concita da traição as fúrias todas,
 Em'um Solo à Ventura destinado
 Os tartáreos furores acumula.
 Mas em vão os ingratos se conspiram;
 Do seio d'atrás nuvens, que formaram,
 Há de o raio partir, que os maus fulmine.
 Deste Dia imortal a luz imensa
 Há de enfim dissipar infaustas sombras,
 Q'inda em torno das Leis, as Leis empecem,
 Amigos da Razão, ó Brasileiros.
 Este Dia, sem par, salvando a Pátria.
 Promete aos Cidadãos, que o jus respeitão,
 O ósculo da paz, o doce abraço,
 Emblema d'união, e de Ventura.
 O Deus, que das Nações preside aos fados,
 Afaste as comoções da Pátria nossa;
 Da Pátria, que voando a seus destinos,
 Nas asas imortais da Liberdade,
 Há de sempre calcando o Despotismo,
 Nas algemas da Lei prendes o Inferno.

Ao Dia 3 de Maio ³⁸

Sem autoria

Salve, ó Dia que recordas
 A Brasileira Assembleia,
 Ditando supremas Leis,
 Inspiradas por Astrea³⁹.

Cem mil vezes o Brasil
 Te veja alegre brilhar;
 Outras tantas os seus filhos
 Se juntem p'ra Te louvar.

Honra, e Pátria, e Liberdade

³⁸ O *Noticiador*, Rio Grande, 9 maio 1833.

³⁹ Na mitologia grega, Astrea é símbolo da justiça, assim como sua mãe Themis.

Ocupem os seus desvelos;
Nossos males afugentem,
Tornem nossos dias belos.

S'ò bando Caramuru
Projetar vingança hostil,
Temos nobres Defensores
N'Assembleia do Brasil.

Juremos ao Céu, aos Numes,
A Soberana, Nação,
Sustentar, da vida a custo,
A Pátria, a Constituição.

Viva o Povo Brasileiro,
A Assembleia Nacional,
O Trono do Jovem Pedro,
A Liberdade legal.

Ao dia 7 de Abril ⁴⁰

Sem autoria

Brasileiros, ó que dita!
Demos ao Céu graças mil,
Já despontou no horizonte
O Dia Sete de Abril.

Entre os dias que fulguram
Em nossa Plaga gentil,
Não tem par, não tem segundo,
O Dia Sete de Abril.

Salve, ó Dia Venerando!
Honra, e Glória do Brasil!
Abrilhanta a Natureza
O Dia Sete de Abril.

Quando opressa a Pátria estava
No cativeiro o mais vil,
Nos envia a Divindade
O Dia Sete de Abril.

Do sanhudo Despotismo,
Que forjou bando servil,
Calcará o colo altivo
O Dia Sete de Abril.

⁴⁰ O *Noticiador*, Rio Grande, 9 maio 1833.

Valeu séculos um Dia,
Pôs termo à guerra civil,
Deu-nos bens incalculáveis,
O Dia Sete de Abril.

Viva a Pátria, Viva a Lei;
Viva a Glória Nacional;
A Família Brasileira,
O Sistema Liberal.

**Elogio recitado no Teatrinho Sete de Abril
da Vila de S. Francisco de Paula, no faustíssimo dia de 3 de Maio ⁴¹**

Antônio José Domingues

*Justum, et tenacem propositivirum
Non oivium ardor pravajubentium,*

*Non vultus instantes tyranni
Mente qualít solida...
Horácio, Lib. III. Ode III*

Eis assoma outra vez, refulge imenso
Entre os Dias da Pátria o fausto Dia,
Em que sábios Varões, Varões pudentes,
Escolha do Brasil, e glória sua,
Seus Augustos trabalhos renovando,
Da celeste Esperança encantadora
Nos probos corações os dons difundem.
Olho em torno de mim: que vejo ó Pátria!!!
Aqui da Inveja o silvo horrissonante
Contra o mérito as fúrias excedendo,
Inúmeros baldões vomita irada.
A turgida Ambição além troveja,
E surda a comoções, aos vis, ao pranto,
Hipócrita falaz, Proteu nefando
Os prestígios redobra, ilude incautos.
Sob o manto adorável da virtude
Encobre de furor tartáreos votos.

Té mesmo a vil, a surdina Avareza,
Essa filha da noite, nos rochedos
Negras unhas grifanhas afiando.
No teu solo, Brasil, medita empresas.
Que será de teus filhos; se a virtude
De Aristides, Catões⁴²os não salvarem.
Das voragens, que o crime lhes prepara?
Escolha do Brasil, Legisladores,
Ponde os olhos n'um Povo, que afligido
Tudo espera de vós: desapareça
Do Salão destinado à sacra Têmis
O mesquinho capricho, a infausta sanha,
As argucias, o ódio, o vão sofisma,
Sepulcro do dever, e sem flagelo.
Eis a Pátria ante vós, que vos presenta
Com semblante indignado, e tristebundo,

⁴¹ O *Noticiador*, Rio Grande, 13 maio 1833.

⁴² Nota original: "Nãos os pseudos Catões. Nada mais comum entre nós do que as anti-frases: mais de uma vez ilustre sombra do Herói de Utica tem sido indignamente ultrajada. O contraste do ótimo com o péssimo faz aparecer a imortalidade em toda a sua torpitude".

Mas sempre venerável, majestoso,
 As laceradas vestes salpicadas
 Das lágrimas, do sangue de seus filhos⁴³.
 Escutai, como brada altissonante:
 “Mandatários fieis, em quem repousa
 A honra, a Liberdade, a glória minha,
 Dignidade, valor, audaz firmeza
 Estes pulsos dos ferros libertarão:
 O triunfo da Lei foi meu triunfo.
 Inda os ecos retumbam da vitória.
 Qu’estas palmas me deu imarcescíveis.
 Desvairada porção d’ingratos filhos
 Turba feroz d’imundos parasitas
 Cobertos de ignominia em vão pretendem
 Em cadeias servis agrilhoar-me:
 Inda tenho um Leão em cada filho
 Desses dignos de mim. Legisladores,
 A discórdia não dorme, noite e dia,
 Arranca, esparze da vipérea trança
 Novas serpes aos seus; é tempo, é tempo
 De lançar sobre as frentes aceleradas
 O raio vingador, que as Leis acendem:
 A fingida clemência, à impunidade⁴⁴
 Devo os males que sofro: o bem da Pátria
 Seja sempre entre vós o bem Supremo,
 Eliminais de um solo abençoado
 A aluviam dos crimes, que me assaltam.
 Imudáveis cultores da virtude,
 Sempre longe do pavor, a ignívia longe:
 Fazei reinar a Lei; o vício trema;
 A razão, a Justiça, a Liberdade
 Em vossos corações o império firmem.
 Seguindo da Virtude os estandartes,
 Achareis em vós mesmos a ventura;
 E a par dos Curcios, Regulos, e Codros,
 De uma vida sem mancha a paz eterna,
 E da Pátria salvar, a imensa glória”.

⁴³ Nota original: “Oxalá que isto fora somente uma ficção poética! Os ecos ainda estão repetindo os últimos gemidos das vítimas da facção liberticida. Detestamos, porém vinganças arbitrarias, por isso mesmo, que esperamos tudo da vingança legal”.

⁴⁴ Nota original: “A impunidade!!! Ah a impunidade!! Não se podem dar muitos passos sem deparar com um túmulo, e nele com este epitáfio = Aqui jaz uma vítima do criminoso sono de uma Autoridade = Ai do País, onde a espada da Lei não acode aos brados da Justiça! Quando veremos o Cidadão pacífico ao abrigo dos punhais?”

POESIA⁴⁵

Antônio José Domingues

Todo o Brasil te saúda,
Três de Maio, Augusto Dia;
Tu nos trazes a virtude
Sobre as asas de d'alegria.

Hoje, ó Lei, no teu recinto
A Pátria depõe temores;
Tudo espera da virtude
De seus bons Legisladores.

Lá dos Céus, Ó Providência,
Manda o Gênio da União;
Só neste Gênio repousa
A grandeza da Nação.

Salve, ó Dia Três de Maio,
Esperança da Nação;
És a Glória da presente,
E futura geração.

Cultivando a sã virtude,
Os nossos Legisladores,
Serão das Leis, e do Trono
Os melhores defensores.

Facções, cobri-vos de luto:
Perversos, estremecei:
Os nossos Representantes
Vão dar Triunfos à Lei.

⁴⁵O *Noticiador*, Rio Grande, 20 maio 1833. Nota do jornal: "Sr. Redator: Como vm [vossa mercê] me fez o favor de imprimir, na sua acreditada folha, n. 131 de 22pp. A correspondência, que lhe dirigi, por isso ousou enviar-lhe mais esta, e juntamente as seguintes peças de Poesia, compostas em louvor do dia 3 de maio: do que lhe ficará agradecido o Seu atencioso criado, Um Rio-Grandense."

SONETO⁴⁶

Antônio José da Silva Filho

Ó Dia Admirado, fulgente Dia!
 Prazer melífluo da Brasileira Gente:
 Eu te saúdo, ó Dia Aurifulgente,
 Completo Destruitor da sort'ímpia.

Vós Gregos, Romanos, vind'á porfia
 Um Império admirar, inda nascente;
 Que Poderoso já vive, e Independente,
 Calcando aos áureos, pés a tirania.

E Herói, da Pátria é filho, Brasileiro,
 E vi-terno Nume do Patriotismo,
 Quem o p'rigo não teme sobranceiro

Eia pois, Rio-Grandenses: o despotismo
 Jamais ao Sábio Povo Hospitaleiro
 O gozo tirará do brilhantismo.

**Existindo Brasileiros
 Não existe tirania⁴⁷**

Antônio José da Silva Filho

Hipofetas embusteiros,
 Mensageiros do servil,
 Sofreram destroços mil
 Existindo Brasileiros:
 Estes filhos Verdadeiros
 Da Brasileia Monarquia,
 Conhecem que deste Dia
 O feito será eterno;
 Pois já no seio materno
 Não existe Tirania.

Deputados Patriotas⁴⁸

Antônio José da Silva Filho

Deputados Patriotas,
 Horrores da tirania;
 Hão firmes defender
 De Maio o Terceiro Dia.

⁴⁶ O *Noticiador*, Rio Grande, 20 maio 1833.

⁴⁷ O *Noticiador*, Rio Grande, 20 maio 1833.

⁴⁸ O *Noticiador*, Rio Grande, 20 maio 1833.

Dos Brasileiros a glória,
Os Sábios Legisladores,
A bem da Pátria desprezam
A tão vis Restauradores.

Enquanto o Brasil tiver
Livre Guarda Nacional,
Serão os feitos brilhantes
Da Assembleia Geral.

Para terror desses vis
O Brasil desprez' o mal:
P'ra vencer a Tirania
Tem a Guarda Nacional.

Os Gregos tão poderosos,
Assombro do Orb'inteiro,
Venham hoje admirar
O Congresso Brasileiro.

Enquanto for o Brasil
A terra Santa Cruz,
Serão os planos frustrados
De tão vis Caramurus.

**Elogio recitado por uma Menina no Teatro Sete de Setembro,
no benefício a favor dos Expostos ⁴⁹**

Francisco Xavier Ferreira

Quando vejo o Espetáculo brilhante
De tantos Cidadãos, beneficentes,
Que à porfia concorrem generosos
Socorros a prestar a prol daqueles
Entes sensíveis, desgraçados entes,
A quem os mesmos pais, sem dor, sem pejo,
Surdos à terna voz da natureza,
Arrojaram de si a lar estranho;
Quando observo o bom Povo Rio-Grandense,
Vir hoje proteger, limpar o pranto,
A tantos inocentes infelizes,
Que sua compaixão exímia imploram;
Extasiada então, reconhecida,
Escuto a gratidão no centro d'alma.
Que n'anda pressurosa dar-Vos Graças,
Em meu nome, e da lagrimosa infância,

⁴⁹ *O Noticiador*, Rio Grande, 1º jul. 1833.

Que apenas começando a dar um passo,
 E a débil voz soltar das tênues fauces,
 Sorrindo aos vossos dons, ao vosso afeto,
 Vem tributar-Vos sentimentos puros,
 Pelos meus ternos titubeantes lábios.

Congresso Expectador, piedoso, amável,
 Que tanto hoje animais os meus ensaios,
 Fracos ensaios, que na grave Cena
 Débil Menina pávida começa
 A dar por espinhosa árdua vereda,
 Onde o Gênio talvez mais transcendente
 Muitas vezes se perde, e se extravia!
 Congresso Expectador! Ah! Se eu soubesse
 Debuxar-Vos o quadro verdadeiro
 Deste meu coração reconhecido,
 Falara então mais alto, ou excedera
 A esses sublimados Oradores
 De Grécia, e Roma Ídolos distintos.
 Das dádivas do Céu a mais excelsa,
 A que grata se torna ao Ser Supremo,
 É aquela que o homem vota, oferece
 À mísera indigência abandonada,
 Que o pranto enxuga ao triste inconsolável,
 Oprimido da lânguida pobreza.

Eis o quadro fiel, eis a pintura
 De nossos males, da penúria nossa:
 Eis de meus votos o último resumo,
 E de minha alma a súplica veemente.
 Sensíveis a meus lúgubres clamores,
 Congresso Benfeitor, preclaro, exímio,
 Auxiliadora destra estendei prestes
 A tantos Inocentes sem amparo,
 Sem pais, sem alimentos, sem vestidos,
 Chorasas vítimas de infortúnio acerbo.

“E se ante as almas, que a virtude acende,
 É grande intercessor a adversidade”
 Nossa dor mitigai, tornai à vida
 Débeis Meninos, que inda um dia podem
 Prestadios Serviços dar à Pátria,
 Úteis Cidadãos vir ser um dia:
 Que a tuba com que a Fama atroa o Globo
 Veloz publicará dádivas vossas,
 A vossa singular Beneficência,
 A nossa gratidão, meu puro afeto.

Em o sempre glorioso dia 7 d'Abril⁵⁰

Publicação original do periódico *Recopilador*

B. J. de P. A.

MOTE

*Viva à Pátria, a Liberdade.
E a Santa Religião;
O peito, que é Brasileiro
Detesta a restauração.*

GLOSA

I

Embora, ímpios, tiranos
Tentem manchar nossa Glória,
De tão negra, vil escória
Não nos aterram os planos:
Mas só audazes, inda ufanos,
Seguirem sua maldade;
Do Brasil, o Filho, há de
O seu sangue derramado,
Bradar ainda espirado
Viva a Pátria, a Liberdade.

II

Unindo as Armas aos peitos,
De valor exemplo laudo,
Vamos firmes sustentando
Nossos Sagrados Direitos.
Brasileiros, nossos feitos
Jamais ofuscados serão;
E tenhamos por Brasão,
P'ra mais segura existência,
Liberdade, Independência,
E a Santa Religião.

III

E honra, brio, e dever
Do Liberal Patriota,
Não querer d'um monstro a volta,
Que escravos nos quis fazer:
Mas, se acaso acontecer
Chamarem pedro Primeiro;
Do Brasil Povo Guerreiro
Contra ele há de se armar,

⁵⁰O *Noticiador*, Rio Grande, 8 jul. 1833. Publicado posteriormente n' *O Sete d'Abril* (9 jul. 1833, p. 3) e no *Recopilador Sergipano* (7 set. 1833, p. 4).

Sem jamais ferros beijar
O peito, que é Brasileiro.

IV

Foi nesse brilhante Dia,
O sete d'Abril famoso,
Q'um Povo, o mais corajoso,
Teve em terra a tirania.
De raiva o monstro bramia
Por nos-ver sem opressão,
E quem co'as armas na mão,
Se livrou do cativoiro,
Detesta Pedro primeiro
Detesta a restauração.

SONETO⁵¹Publicação original do periódico *Universal*

Quando finou bissexto, o cruel ano,
Que tanta peste, e fome trouxe a terra,
Já dos Caramurus a astuta guerra
A tempos fumegava em nosso dano:

Ó quanta hipocrisia, ó quanto engano
Quanta maldade enfim neles se encerra!!
Desgraçado mil vezes quem se aterra
A seguir um partido tão tirano!

Não se deixe iludir deles alguém,
A não acredita-los me propus,
Fugir do sem Comércio nos coavem:

Eu sigo da razão somente a Luz ---
Caramurus não são homens de bem;
Q'homens de bem não são Caramurus.

Se Montezuma esbraveja⁵²Publicação original do periódico *Sete d'Abril*

Se Montezuma esbraveja
Tem razão, perdeu no jogo;
Fez fogo, fogo, e mais fogo,
E vê-se rato de Igreja.
Das Eleições da peleja
Não lhe valeu o Catão;
Hoje da Restauração

⁵¹ O *Noticiador*, Rio Grande, 15 jul. 1833.⁵² O *Noticiador*, Rio Grande, 18 jul. 1833.

Espera melhor fortuna
Do que teve da Tribuna:
Ora veja! eu não sei não?

Martim contou-se Regente,
Não lhe foi propícia a sorte;
Blasonou governo forte,
Gênio vasto e transcendente:
Mas a bordalenga gente,
Que o conhece, e a seu Irmão,
Matraqueia a presunção
Dos que dando-se aos diabos
Não perdem o cheiro dos nabos:
Ora veja! eu não sei não?

Já lá vai um dos gigantes
Grã-Mestre Restaurador,
Convidar a seu Senhor
Em nome dos assinantes.
Os cavaleiros andantes.
Daqui fazem tal missão;
Fascinados de ambição
Contam ser bem sucedidos;
Mas hão de ser bem sacudidos:
Ora veja! eu não sei não?

Entona-se já contente
Toda a grei Caramuru,
O Visconde de Cairu⁵³
De gosto ficou demente.
Sampaio quase persente
Dar ao Império direção,
O Senador porcalhão,
Que por ser Ministro berra
Conta co'a pasta da guerra:
Ora veja! eu não sei não?

Conrado, Japi, Pantoja,
Já se lambem triunfantes,
E a pandilha dos gigantes
A escravizar-nos se arroja.
Mas nos ferros que nos forja,
Seus pulsos presos verão,
Do Brasil a indignação
Cairá sobre os trabalhadores
Infames restauradores.
Ora veja! eu não sei não?

⁵³ Referência a José da Silva Lisboa (1756-1835), apoiador de D. João VI e D. Pedro I.

Arde em peitos Brasileiros
 Nobre amor da Liberdade,
 E cada qual deles há de
 Combater os desordeiros.
 Gênios vis e interesseiros
 De certo sucumbirão;
 A Brasileira Nação
 Para esmagar tiranos
 Tem brios mais que Espartanos.
 Ora veja! eu não sei não!

Soldados da Nação, bravos Seremos ⁵⁴

Sem autoria

Soldados da Nação, bravos Seremos,
 Se a Pátria aflita chama quem lhe valha,
 Se o punhal q'a feriu, inda trabalha,
 Correi, correi a reparar seus danos.

Contra os bêbados, vis Ouro-pretanos
 Verifique-se a mais cruel batalha;
 Não fique a rir-se a sórdida canalha,
 Soldados da Nação, bravos Serranos.

Vossas armas tomai; sede os primeiros,
 Que, enojados de tão feia maldade,
 Seus autores punais, fortes guerreiros.

Conheça o Mundo todo esta verdade:
 Que os Serranos em tudo Brasileiro,
 Estimam mais q'a vida, a Liberdade.

Se o Catão da antiga Roma⁵⁵

Publicação original do periódico *Sete d'Abril*

Se o Catão da antiga Roma
 Fosse ali restaurador,
 Quem lhe daria o valor
 Com que na história se assoma?
 O d'aqui tal nome toma
 Sem lhe imitar a virtude;
 E letreiro, que com grude
 Na botelha foi pregado,
 Em cujo bojo guardado
 Só se encontra o vício rude.

⁵⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 12 ago. 1833.

⁵⁵ *O Noticiador*, Rio Grande, 26 ago. 1833.

Que lhe havemos de fazer?
Deu-lhe a birra em ser catão;

Seja embora;
Mas é louca presunção
Brilhou sempre no Romano
Exemplar de austeridade,
Defendeu a LIBERDADE
Sem ademais de cigano.
O Catão Brasileiro,
Que se inculca justiceiro;
É refinado embusteiro;
Grita, ralha, intriga e mente,
Cabala, barulha a gente
Com gênio mais do que arteiro

Que lhe havemos de fazer?
Deu-lhe a birra em ser catão;

Seja embora;
Mas é louca presunção.
Deixou de ser matazana
Para ser pau publicista
O estonteado farcista,
Que dá com tudo em pantana.
No que faz ou diz, só gana
De mandar, se lhe descobre.
Já se fez de estirpe nobre;
Já tem sido demagogo,
Diz ser Brasileiro, e logo
É restaurador, é dobre.

Que havemos de fazer?
Deu-lhe a birra em ser catão;

Seja embora;
Mas é louca presunção.
Quem diria o mundo inteiro
Quanto atônito soubesse
Que o catão de nova espécie
Gramou sopapo certo?
Não foi nada, mui lampeiro
Lambe os pés do tal gigante,
Que orgulhoso, e intolerante,
O novo catão crindra,
Ficando impressa na cara
A mão, que indica o tratante

Que lhe havemos de fazer?

Deu-lhe a birra em ser catão;
Seja embora;
Mas é louca presunção.

SONETO ⁵⁶

Publicação original do periódico *O Nacional*

Alexandre Herculano

Ilustre Sociedade Defensora,
Parabéns eu vos dou louvores,
Pois já presenciei os Defensores
Da Sacra Liberdade que se adora!

Parabéns Evaristo, porque agora
Essa sucia cruel (Que é só de horrores!)
De Monstros Canibais Restauradores
Jamais pode vingar, quando é Traidora!

Se o Gênio dos Romanos foi C'roado
Por glórias e Sucesso nos conflitos,
Por ter Catões e Cíceros ao lado.

O Gênio do Brasil firma-se em feitos
Na sábia Sociedade, e tem achado
Iguais, nos Montalvernes inauditos!

Hino Patriótico.⁵⁷

Publicação original do periódico *Publícula Brasileiro*

Podem da Pátria os algozes
Descer das suas tensões
Que jamais hão de prender
Brasileiros Corações.

Nunca mais do *Despotismo*
Ferros, algemas, grilhões.
Pizado, como algum dia,
Brasileiros Corações.

Se contra à Pátria assanharam
Entre si cruéis paixões:
Se exaltaram pela Pátria
Brasileiros Corações.

⁵⁶ *O Noticiador*, Rio Grande, 5 set. 1833. Nota original: "Improvisado no dia 21 do corrente julho de 1833 pouco depois de se ter ouvido na Sociedade Defensora aos dois ilustres Srs. Oradores Evaristo e Montalverne".

⁵⁷ *O Noticiador*, Rio Grande, 9 set. 1833.

Vis escravos não tem forças,
 Não tem brio, nem ações,
 Bastante para dobrarem
 Brasileiros Corações.

Pela Pátria honrados peitos
 Sentem doces sensações;
 Por ela darão a vida
 Brasileiros Corações.

Não temem do Despotismo,
 Arcabuses, e canhões;
 Antes querem morrer livres
 Brasileiros Corações.

A Liberdade a Honra nutre,
 E reprova as sem razões;
 Por mãos dela a Glória alcançam
 Brasileiros Corações.

Liberdade, Honra e Glória,
 São do céu emanações,
 Pela Pátria eis o que votam
 Brasileiros Corações.

**Elogio recitado no teatrinho da Sociedade Patriótica dos Jovens
 Brasileiros, no dia 9 de Setembro, em S. Francisco de Paula ⁵⁸**

Antônio José Domingues

Salve, Dia gentil, sem par brilhante!
 Em que d'indigno julgo o Colo Augusto
 A Pátria ergueu, com glória inacessível;
 Esse Grito Imortal que no Ipiranga
 Trovejando, vingará o Pátrio brio,
 Será sempre terror das potestades,
 Que dos Povos o jus menosprezando,
 Em vez de justas leis lhes dão caprichos;
 Esse grito imortal d'Independência,
 Que soltaste, Brasil, neste áureo Dia,
 Arrancando-te o véu caliginoso,
 Que as sombras de três séculos teceram,
 Te deu n'um só momento as Leis, a vida.
 A vida das Nações, que a teus destinos
 O voo te franquia imensurável.
 Nobre Grito imortal d'Independência,

⁵⁸ O *Noticiador*, Rio Grande, 16 set. 1833.

Que subindo nas asas da Justiça,
 E fendendo dos Céus a imensidade.
 Dos Céus trouxeste o fogo sempr'eterno.
 Que acende os corações dos Brasileiros.
 Divina Chama! Fogo inextinguível!
 Que a despeito das trevas, que negrejam
 No Brasileiro horizonte, a luz esparzes,
 Do tartáreo vapor eterno açoite:
 O calor, que difundes, que m'escalda
 Te circunda de Heróis, Oh Pátria minha!
 Verdadeiros Heróis as Leis submissos.
 Cultores da Razão e da Justiça,
 Qó em seu berço natal Independente,
 Plantaram Liberdade e não licença;
 Inimigos d'infame hipocrisia,
 Qu'inda tenta de novo escravizar-nos;
 Generosos, Clementes; mas terríveis
 Quando a tuba fatal lhe der o alarme;
 Que tendo o olho aberto, e pronto o raio
 Contra vis mercenários invasores,
 Não de sempre alcançar Vitória ou Morte.
 Eu te saúdo ainda, Independência!
 Mãe de prodígios, que os mortais assombra,
 És dádiva dos céus, nos céus retumbam
 Fogosos hinos, que te oferta a glória.
 O Arbitro Supremo dos Impérios
 Nossos votos escute, O' Brasileiros:
 Firmar se veja a nossa Liberdade
 Sobre a rocha imutável da Justiça,
 Perpétuo esmalte o choro das virtudes
 Desse infante gentil o trono excelso,
 Q'em nossos corações a base assenta.
 Aventura, o Saber, a Paz, a Indústria
 Co'a Divina União reinando a um tempo,
 Felicite, ilumine a Pátria nossa,
 Enquanto o fulvo Sol o espaço imenso
 For centro d'Universo, e luz do Mundo.

Hino⁵⁹

Sem autoria.

Salve! Dia Independente,
 Salve, Glória do Brasil!
 Tu vives o nosso laço

⁵⁹ O *Noticiador*, Rio Grande, 9 set. 1833.

A par do Sete de Abril.

*Neste dia Venturoso
Tremulou aurifulgente,
O Pendão da Liberdade
No Brasil Independente.
Decididos Patriotas,
Cidadãos por excelência,
Tem por timbre conservar
A Brasileia Independência.*

Exulta, Pátria ditosa
No centro da Felicidade,
Neste Dia sempre eterno
Tu ganhaste a Liberdade.

Descrição do Pão de Açúcar do Rio de Janeiro⁶⁰

Um Amigo da Paz

Eu sou coevo do visível Mundo,
Obra prima da mão Onipotente,
Tenho piramidal figura ingente,
Entre a terra eu nasci, e o mar profundo:

Quando Netuno assoma furibundo,
Quando Júpiter lança o raio ardente,
Quando Marte degola a brava gente,
Eu nada temo, e no meu ser abundo:

Por toda a Redondeza eu sou falado,
Quem vem de fora, e põe-me a vista ativa,
Fica em êxtase, absorto e transportado:

Habito a Corte do Brasil altiva,
Impenetrável sou as Leis do Fado,
O Pão de Açúcar sou, sou Rocha viva.

À lamentável morte do Patriota Carapeba⁶¹

Publicação original do periódico *Diário de Pernambuco*.

Morreste, Ó *Carapeba*, denodado
Da Pátria os inimigos debelando,
Desse partido pérfido, nefando,
Que quer ver o Brasil escravizado.

D'honra, e valor tem nobre peito armado

⁶⁰ O *Noticiador*, Rio Grande, 16 set. 1833.

⁶¹ O *Noticiador*, Rio Grande, 3 out. 1833.

Foi sempre a morte, e perigos afrontando;
E fero Despotismo derrotado,
Deixaste um nome ilustre, um nome honrado.

A Pátria Olinda aflita, e lutuosa
De fúnebre cipreste coroada
Por ti suspira mísera e saudosa.

Deixaste em orfandade a filha amada;
Mas do amigo na destra generosa,
E Honra Nacional fica amparada.

Hino Liberal⁶²

*Cantado no princípio do Baile, que deram os Portugueses residentes
na Vila do Rio Grande do Sul, em aplauso das Faustas Notícias da sua Pátria.*

Sem autoria

Sucede ao terror
A doce alegria
Em Lísia expirou
A vil tirania.

Exultem os Lusos
Em doce união.
A Pátria é já livre
D'atroz opressão.

Cadafalsos, ferros,
Vil ferocidade,
São inúteis armas
Contra a Liberdade.

Por feitos heroicos,
Que o mundo admira,
Lísia desopressa
Já livre respira.

Com valor ingente
Heróis Lusitanos
Ensinam aos Povos
A vencer tiranos.

Falanges d'escravos,
Do usurpador,
Sucumbem aos golpes

⁶²O *Noticiador*, Rio Grande, 7 out. 1833.

De heroico valor.

Porto invencível!
Nos Fastos humanos
Teu nome há de ser
Terror dos tiranos.

Não digam inimigos
Do nome Lusitano,
Que Lísia quer ferros,
Que adora o tirano.

O mundo não viu,
Desde a antiguidade,
Mais nobres esforços
Pela Liberdade.

Se o Brasil nos deu
Doce acolhimento,
Tributemos-lhe hoje
Reconhecimento.

Brasileiros Livres,
Livres Lusitanos,
Farão sempre unidos
Guerra aos tiranos.

Pátria, Patrícios meus, a iniquidade⁶³

Américo José Ferreira Cambuim

Pátria, Patrícios meus, a iniquidade,
O Rancor e a Traição nos assaltaram,
Do seio nosso, audazes arrancaram,
O Nobre Campeão da Liberdade:

O negro crime e a feroz maldade,
Os Sedentos abutres patentearam;
A raiva, a intriga, a inveja saciaram,
Calçando as Santas Leis da humanidade;

D'um Badaró carpiste a triste Sorte;
Ratclif, e Caneca bem iguais,
De Viegas pranteia a sura morte⁶⁴;

⁶³ *O Noticiador*, Rio Grande, 14 out. 1833.

⁶⁴ A estrofe cita personagens históricos mortos por causa de seus ideais: Líbero Badaró (1798-1830), João Guilherme Ratcliff (1776-1825), Frei Caneca (1779-1825) e Bernardo Viegas (17??-1833).

Mostremos-lhes d'Amor, doces sinais;
Seja a Lei Vingadora o nosso Norte,
A venida⁶⁵ dos justos LIBERAIS.

Preside ao Clube monstruosa Harpia⁶⁶

A sentidíssima, e nunca assaz lamentável morte do honrado Patriota Bernardo José Viegas, assassinado na Vila do Rio Grande, na noite de 3 de outubro, pela retrograda-caramuruana-chicadeira facção restauradora.

Francisco Xavier Ferreira.

Preside ao Clube monstruosa Harpia
De horrível verde-negra catadura,
A cátedra infernal protesta, e jura
A Belmiro arrancar a luz do dia.

O Concílio feroz chamar envia
Monstro, que habita na caverna escura,
Faz sentença fatal a pena dura,
Que se execute ordenou a tirania.

Vil mensageiro a Vítima ocorrendo,
De fúrias, e de Tigres escoltado,
Consuma-o ímpio sacrifício horrendo.

Ao golpe cabe o triste Malfadado,
Qual Badaró Pátrio defendendo,
Da Liberdade Mártir denodado.

Aonde vais errado, ó Caminhante ⁶⁷

Francisco Xavier Ferreira.

Aonde vais errado, ó Caminhante,
Com passo tão veloz, e diligente?
Um pouco para aqui, que tens presente
Das Cenas e mais terna, a mais tocante:

Repara como o monstro em um instante
De luto nos encheu, de for pungente,
Na miserada, Vítima, inocente
Cravando o mortal golpe penetrante!

⁶⁵ “Venida” é um espanholismo do verbo venir (“caminhar”), que no contexto significa retorno.

⁶⁶ O *Noticiador*, Rio Grande, 14 out. 1833.

⁶⁷ O *Noticiador*, Rio Grande, 14 out. 1833.

Olha como a saudade excita o pranto
 Dos Amigos, a quem piedade implora,
 Causando ao insensível mesmo espanto!

Se tu de bronze o peito tens agora
 A vista de tal dor, de estrago tanto,
 Caminha pressuroso, vai te embora.

Viegas imortal, que à eternidade⁶⁸

Antônio José Caetano da Silva Filho

Viegas imortal, que à eternidade
 Passaste tão veloz, tão de repente
 Ficar-nos-a de ti perpetuamente
 Lembrança eterna, vivida saudade:

Mártir da Brasileira Liberdade
 Morrendo triunfaste, Alma inocente;
 Teu nome durará resplandecente
 Enquanto houver na terra humanidade.

Lamenta ó Pátria minha, almo Brasil,
 O novo Badaró tão denodado,
 Tão digno de memória, e bênçãos mil:

Já não vive, caiu atraído;
 Mas saiba o bando escravo, a corja vil,
 Que crime tão atroz será vingado.

Morreste enfim, Viegas denodado⁶⁹

L. S. Flores

Morreste enfim, Viegas denodado,
 Co'a turba hostil impávido lutando,
 Esse partido pérfido, execrando,
 Que ver quer o Brasil agrilhado:

Tu da honra, e valer sempre escudado,
 Foste a morte, e perigos afrontando,
 E contra o despotismo trovejando,
 Deixaste um nome ilustre, um nome honrado.

Meu coração aflito, e lutuoso
 Abismado na dor acerba, ingente,

⁶⁸ O *Noticiador*, Rio Grande, 17 out. 1833. Nota original: "Vila de S. Francisco de Paula".

⁶⁹ O *Noticiador*, Rio Grande, 17 out. 1833.

Estala de penar, geme saudoso!

Ó Justiça! Ó Vingança! Ó Mundo! Ó Gente!
 Na terra jaz o exímio, o generoso,
 O sábio Mestre, o Cidadão clemente.

Oferecem-se aos nossos tios Papeletas as seguintes décimas⁷⁰

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Dizem certos marinheiros
 Que tudo aqui é cabrito:
 (Ora seja o Céu bendito,
 Que suporta tais brejeiros!)
 Mas saibam que os Brasileiros,
 Sejam cabritos, ou não,
 Tem valor, tem coração
 De manter-se em liberdade,
 Tendo eles por felicidade
 Aviltante escravidão.

Aviltante escravidão
 Se a querem, a volta e remo
 Fugam daqui como demo,
 Par'onde os outros estão:
 Logrem lá o seu grilhão;
 Q'aqui a gente cabrita
 Não sofrerá que a maldita
 Maruja, sem brio e honra,
 Do Brasil para desonra,
 Consiga essa infame dita.

Consiga essa infame dita
 Quem por dita a julga, e tem,
 Nos Brasileiros ninguém
 De ser Servo e acredita:
 Ou raça branca, ou cabrita,
 Tem todos tanta nobreza
 De caráter, que em defesa
 Da sua Nacionalidade,
 Ou hão de ter liberdade,
 Ou hão de morrer na empresa.

⁷⁰ *O Noticiador*, Rio Grande, 16 nov. 1833.

QUADRAS⁷¹**O Inimigo dos Restauradores**

Descansa, alma gentil, na eternidade,
Lá no foco imortal da luz extreme;
Enquanto acerba, e lúgubre saudade
Inconsolável te pranteia e geme.

O túmulo, Belmiro, em vão te esconde;
Teus alunos de ti jamais s'esquecem,
Amaram-te na vida, até na urna,
Altas provas de amor aqui te oferecem.

Seja-te leve a terra do Sepulcro;
Dê-te Deus de clemência a paz suprema:
Ardente gratidão, que te votamos,
Fará tua memória em nós eterna.

Da mais negra traição o ímpio corte
Nos braços te lançou da morte cruz;
Mas não pode a traição, não pode a morte,
Apagar, denegrir a glória tua.

Foi de ajuste, é plano, é plano ⁷²

Sem autoria

Foi de ajuste, é plano, é plano,
(Dizem todos admirados!!)
As tabernas se trancaram
Andam chumbos assanhados.

O que querem nós sabemos,
Darão leis os taberneiros?
Oh! Pois não! Logo o veremos⁷³.

O dinheiro já não presta,
Não se vende mais a cobre;
Só compra quem dá bilhetes,

⁷¹ *O Noticiador*, Rio Grande, 27 nov. 1833. Nota original: "Sr. Redator. Havendo alguns jovens residentes nesta Vila, que foram alunos do Sr. Padre Bernardo José Viegas, vítima da prepotência caramuarana, mandado celebrar, a expensas suas, exéquias pelo infausto falecimento de seu Professor, as quais tiveram lugar no dia 4 corrente, fiquei sobremaneira lisonjeado de ver as inclusas quadras colocadas nas quatro faces de esse; e por isso rogo-lhe o obséquo de lhes dar publicidade no seu conceituado Periódico, pelo que muito obrigará ao (ilegível). Seu Patrício afetuoso, O Inimigo dos Restauradores."

⁷² *O Noticiador*, Rio Grande, 27 nov. 1833. Publicação da coluna "Variedades" com o subtítulo "Lá vai verso". Devido à linguagem particular do poema, a ortografia não foi atualizada.

⁷³ Pela estrutura do restante do poema, todo em quadrar, falta um verso na fonte original.

E morra de fome o pobre.

Desta *bez* se faz a rusga.
(Diz a tropa dos chumbeiros)
Há de bir o nosso Pedro
Maçar estes Brasileiros.

Magotes de papeletas,
Alcatroados Pedristas
Convidam a entrar na rusga
Os basbaques Andradistas.

Pantoja lambe-se todo
E o *Japi* de longe espreita;
Cantalice ronda as vendas,
Porque fareja colheita.

O qu'ontem custava quatro
Hoje só por dez se vende,
Insurgir destarte o povo
Essa corja vil pertende.

Das cacetadas de Março
Parvuamente deslembados,
Querem dar começo à rusga
Como no Pará. Coitados!!

Olha Atônio (diz um deles)
Assim eu Pedro chegari,
Bubendo mais de uma pipa
Nos habemodespicari.

Quem quijer comprar na benda
Ou seja home ou mulheri,
Caladinho ba pagando
O dinheiro qu'euquijeri.

Os tais do Sete d'Avrili
Qu'andaramramalhetados,
Agora chuchem no dedo
A purgari os seus pecados.

Nós oitros ensinaremos
Estes caibras atrevidos,
E com fundos de garrafas
Hão de ser vem sacudidos.

Não se metam nessa frota,
Pobres bestas, sem bandeira;

Vejam bem que os Brasileiros
 Vão lhe arriba da caveira.
 Se procuram lá tirar-nos
 Serão todos tosquoados;
 Ó chumbos, tomem juízo,
 Senão sereis ensinados.

Mote⁷⁴

Publicação original do periódico *O Sete d’Abril*

Um Inimigo dos Papeletas

*Viva Dom Pedro Primeiro,
 Viva o Segundo também,
 Governe Pedro Segundo
 Enquanto o outro não vem.*

Glosa

Brasileiros! Fora justo
 Nossos arcos empunhamos,
 E a lusa gente atacamos
 Sem dó, sem pena, e sem susto.
 Vede como a todo o custo,
 Neste Solo Brasileiro,
 Se atreve o povo chumbeiro,
 A nossa hora afrontar,
 E sem vergonha gritar:
 Viva Dom Pedro Primeiro!

Não se lembra essa chumbada,
 Corja infame, torpe e vil,
 Que o Grande SETE DE ABRIL
 Calçou-lhe a cabeça ousada!
 Já se esquece da passada
 Sova, (que hoje lhe convém)
 Hoje que proclamar vem
 Neste solo hospitaleiro,
 Viva o Imperador primeiro,
 Viva o Segundo também!?

Tal audácia, ó Brasileiros,
 Se impune deixais passar,
 Que nome voz devem dar
 Nações, povos estrangeiros
 Mostrais que sois os Guerreiros
 Que em SETE DE ABRIL jucundo
 Dissestes a todo o mundo

⁷⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 30 nov. 1833. Nota original: “Tendo aparecido inscrita em uma das paredes da Capela de N. Senhora da Conceição da Vila da Praia Grande, a seguinte Quadra: a publicanos com a Glosa que lhe fez um Inimigo dos Papeletas.”

-Não mais impere o insano,
Caia do Trono o tirano,
Governe Pedro Segundo.-

Correi às armas! Correi
Contra o Luso infame bando,
Sim, as armas membando
Estremeceu o fazei;
Inda é tempo! O feroz Rei
Fitos os olhos aqui 'em,
Tirar-lhe as forças convém,
Convém sair a terreiro,
Não deixar um só chumbeiro,
Enquanto outro não vem.

HINO⁷⁵

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Uma Jovem Fluminense

Lançou por terra o Brasil
O jugo mais furibundo;
Já hoje respira livre
A par de Pedro Segundo.

*De nós se apartem
Os vis traidores
E os ímpios gênios
Perturbadores.*

Congratulam nossa sorte
As Nações todas do Mundo,
E sobre o Trono do Império
Sustentam Pedro Segundo.

Retroceder nunca pode
Quem da Pátria é oriundo,
É legítimo Imperante
O Jovem Pedro Segundo.

Em vão pretendam leva-lo
A um estado moribundo;
Nos Corações Brasileiros
Tem vida Pedro Segundo.

⁷⁵ *O Noticiador*, Rio Grande, 4 dez. 1833. Nota original: "Composto por uma jovem fluminense, e dedicado ao Imperador o senhor D. Pedro II, que nos pedem publiquemos. (D'OSete d'Abril)" Na publicação original (*O Sete d'Abril*, 24 ago. 1833, p. 4), ao final da terceira à nona estrofe, há a presença do coro "De nós se apartem &c."

Nossos Irmãos sobr'arena
Do Marcio campo rotundo
Lançaram por terra os Monstros
Que odeiam Pedro Segundo.

Empalidecei tiranos
O vosso aspecto iracundo;
Os pulsos dos Brasileiros
Defendem Pedro Segundo.

As Brasília Armadas
Meteram do mar no fundo
Naus que venham aos domínios
Do nosso Pedro Segundo.

A'lerta Brasília Jovens
Vosso engenho é mui fecundo;
Armais-vos para a defesa
Do nosso Pedro Segundo.

MOTE⁷⁶

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*.

O que é ser restaurador.

Glosa

Perder de toda a vergonha,
Ser vil, infame, e safado,
Desejar ser cavalgado,
Tomando de besta a ronha;
Buscar a sorte medonha,
Que nos prepara o Traidor,
Não lhe assomar o rubor
De curvar-se aos Lusitanos,
Eia aqui, Pernambucanos,
O que é ser restaurador.

⁷⁶O *Noticiador*, Rio Grande, 7 dez. 1833.

**Elogio recitado no Dia dos faustíssimos anos
de S. M. I. C. o sr. D. Pedro II, no Teatro SETE DE ABRIL⁷⁷**

Antônio José Domingues

Que cena de prazer! De majestade!
Fulgura, Cidadãos, na Pátria nossa!
Em gratas nuvens, de fumante incenso,
Hinos subindo aos Arbitro dos Cetros,
Ressoando nos Céus milhões de Vivas;
O bronze repetido os sons festivos;
Da Esperança o gênio, o gênio d'Alegria,
Dos transportes de Amor soltando o fogo;
Os prazeres, o riso, as graças belas,
Em choro festival; as dotas Musas
Encantando os mortais co'a lira d'oiro;
A discórdia desfeita em ígneo pranto,
Rouca de raiva as serpes remordendo;
Tudo, tudo nos diz, que o fausto Dia
Gratíssimo natal do caro Infante,
Delícias do Brasil, PEDRO SEGUNDO,
Traz hoje à Pátria da Ventura o quadro.
Salve aluno gentil da Liberdade!
D'esse Trono de Amor, e d'Inocência
Firmado em corações, observa ó Jovem,
Como um Povo fiel, por Teu se aclama;
Como grande Família Brasileira
Já te chama na Infância o Pai da Pátria,
Centro, e força do Império, e glória sua!
Quando a terrível, pálida doença
Quis teus dias cortar, cobrir de luto
A milhões de Patrícios, que te adoram,
O mundo os viu à face dos Altares
Noite, e dia fazer ardentes preces,
De amargura verter sincero pranto:
O mundo os viu à face dos Altares
Render graças ao Céu ao ver-te salvo.
--- O mundo verá sempre os Brasileiros,
Teu Sólido sustentar, as Leis, e a Pátria
Com denodo, e valor. --- Embora o crime
Com tártareo furor, intente irado
Derrubar-te do Trono, o Céu t'escuda,
Tens do Povo no Amor, milhões de bravos;
N'ele sempre acharás, contigo à frente,
Os dois da Liberdade, os da Justiça,
Impávida constância, e finalmente,
Honra, glória, firmeza, e dignidade.

⁷⁷O *Noticiador*, Rio Grande, 8 jan. 1834.

**Elogio recitado no Dia dos faustíssimos anos de S. M. I. e C.
osr. D. PEDRO II., no Teatro SETE DE SETEMBRO ⁷⁸**

Francisco Xavier Ferreira

Que alegre nesta Plaga tão fecunda,
Nesta rica Província dadivosa.
Vemos florida, entre listões dourados,
A bela, a majestosa Primavera
Do Anjo Tutelar do Augusto Império!!
Como soberba, entre jasmins, e rosas,
De claros atavios adornada,
Vaidosa se desvela a Natureza
Da aurora Sua abrilhantar a frente!
Salve, Aurora feliz! Dia marcado
No grão Volume do Monarca Eterno
Donde os Destinos dos humanos surgem!
Cada vez que despontam teus fulgores,
Sombras rompendo, afugentando estrelas,
Áureas nuvens lúcidas pisando,
Mais risonho te vemos, Dia Excelso!
Nunca enegreçam chuvas procelosas,
Das horas tuas doce movimento,
Nem vento desabrido acalme as flores,
Que só para saudar-te desabroçam!

Da Província os planos não variam;
Natal do Semi-Deus, que o Brasil rege,
Lhe fixa a glória, seus destinos fixa;
E ao brado universal do Brasil todo,
Á prol de PEDRO, IMPERADOR SEGUNDO,
Brasileiro pendão trêmula avante;
E patriotas = VIVAS = se repetem:
Vivas ardentes, não cessantes Preces,
Que gratos corações mandando aos lábios,
Votam ao Dia Natalício Egrégio
Do Jovem PEDRO, firme Esperança nossa,
Que jamais despontou, como hoje brilha!
Este fausto Natal, de glória fértil,
Época de Inocência, e de Ventura,
Milagrosos futuros nos promete,
Na glória, no prazer, nos bens sem conto
Que Este Infante Gentil à Pátria augura.

Debalde monstro de medonho aspecto,
E com diversas formas espantosas,

⁷⁸ O *Noticiador*, Rio Grande, 11 jan. 1834.

Sanguissedento, atroz, vil bando escravo,
 Se esforça a agrilhoar Brasileiros pulsos
 No férreo, antigo jugo, de colonos;
 Debalde ímpia facção restauradora
 Gravar intenta acicalado fervo
 No quase exangue coração da Pátria,
 Levando seu insano atrevimento
 A propalar a volta audaciosa
 Do que por incapaz abdicara;
 Debalde, finalmente, a corja insana
 De baixos infernais absolutistas,
 Com tramas mil procuram arrogantes
 No Pacto Social por mãos nefandas;
 Frustrados serão sempre seus projetos,
 Baquearam seus planos, seus autores
 Envoltos nas ruínas, que traçaram.

E como conseguir, se PEDRO é nosso,
 Se é Filho do Brasil, é BRASILEIRO?
 E como conseguir se a Pátria conta
 Milhares de intrépidos Leônidas,
 Que desde Jaguarão ao Amazonas
 --- Ou Morte, ou LIBERDADE --- é só seu grito?
 Nova Era renasce em nosso Clima:
 Desenruga-se o Fado, dos Céus desce
 Estirpe nova, Estirpe Brasileira,
 Sorriso virginal, Penhor Divino,
 Aformoseia já os ares nossos:
 Amor, Paz, Inocência PEDRO oferece
 Dos Olhos seus na infantil Idade:
 O Horóscopo feliz do Jovem Nume,
 Luzindo, e vicejando em mil Virtudes,
 Há de a Glória firmar do nosso Império
 Do Mundo às Gerações fazendo espanto.
 E a par das lindas divinais Irmãs,
 Cópia das Graças, da Inocência cópia,
 A par d'Esses Varões, que no Teu Nome
 Da Nação ao destino hoje Presidem.
 Cresce, brilha, prospera, exulta, ó JÓVEM,
 Livre já dá fatal enfermidade,
 Que mil sustos causou à Pátria aflita;

E quais teus Olhos são, teus Dias sejam,
 Claros, formosos, inocentes, puros.

MOTE⁷⁹

Um Chimanguinho

*Quem ama jugo servil,
Que não preza a Liberdade,
Vá seus pulsos ofertar,
Onde habita crueldade.*

GLOSA

É infame, baixo, e vil
Caramuru refalsado,
E imortal, é malvado,
Quem ama jugo servil.
Não merece do Brasil
Desfrutar a amenidade,
É resumo de maldade,
É traidor, falso à Nação,
Indigno de compaixão;
Que não preza a Liberdade.

Quem nunca soube estimar
Fruições, que a Lei afiança,
Corra; ao duque de Bragança
Vá seus pulsos ofertar.
De seu senhor vá beijar,
A mão, curvo humildade;
Mostrando a baixa vontade
Que impera em seu coração,
Vá folgar na escravidão
Onde habita a crueldade.

ENIGMA⁸⁰

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Lucas

Já foi republicano enfurecido,
Aos reis todos fazendo crua guerra;
Por Pedro, a preço d'ouro, convertido.
Infame, se prostou, ante ele, em terra:
Assassina cruel, juiz vendido,
Seu negro coração só crime encerra,
Sempre afeto ao sicário, e ao ladrão,

⁷⁹ *O Noticiador*, Rio Grande, 15 jan. 1834.

⁸⁰ *O Noticiador*, Rio Grande, 15 jan. 1834.

Urde com eles a restauração.

ENIGMA⁸¹

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Lucas

Magro, curvado, e longo da cerviz,
A cara indica um coração traidor,
Na vista mostra o gênio do rancor,
O peito encerra em si só paixões vis.

Escravo do poder, cheio de ardis,
Ladrão, segundo o público rumor,
Junto tranca co'pérfido senhor
Austera escravidão ao seu país.

Caído Pedro, fez-se liberal,
Impetrando o perdão, por meio vil,
Na estrada entrou no voto universal.

Tomou o pulso ao Povo do Brasil...
Hoje agregado a sócia Sampayal
Ousado ataca a revolução de Abril.

ENIGMA⁸²

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Lucas

Gosmento, e remeloso,
Uiva em vez de falar,
Sabe chanchan cunhar:
Trabalhou pressuroso
A Coluna em fundar;
Vinha; depois, quebrar,
Hoje a ergue manhoso.

⁸¹ *O Noticiador*, Rio Grande, 18 jan. 1834.

⁸² *O Noticiador*, Rio Grande, 29 jan. 1834.

Morre desesperado e descontente⁸³Publicação original do periódico *Publicador Amazonense*

Lusitano Jalles

Morre desesperado e descontente,
 Morrendo neste solo tão maldito!
 Morro, porém morrendo, inda cogito
 Vingá-me do Brasil e dá má gente:

De todos os demônios posto à frente,
 E com todas as fúrias de cocyto
 Virei desabafar meu peito aflito,
 Com ferro, fogo, braço, unhas, e dentes;

Ultrajes que sofri da Caibraria,
 Traições do Anglo-fusco achinesado
 Por mim serão punidos nesse dia!

E vós que hoje rides do meu fado
 Morreis a meus pés caterva ímpia,
 Seara, Camecran, Falcão Machado.

ENIGMA⁸⁴Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Lucas

Gorducho jacaré, sem serventia,
 O todo mostra a sua estupidez;
 Recebeu a burlesca fidalguia
 De servir ao Tirano de entremez.
 Infame, e vil, a todos se oferecia.
 Logo depois que a Revolução se fez;
 Hoje aterrar também quer com seu zurro
 O Leão Nacional, que ri do burro!

⁸³ *O Noticiador*, Rio Grande, 5 fev. 1834. Nota original: "Entre os papéis do revoltoso, e malvado Lusitano Jalles, se encontrou o seguinte".

⁸⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 8 fev. 1834.

Vai-te, monstro cruel, prole do averno⁸⁵

Publicação original do periódico *O Expectador*

Vai-te, monstro cruel, prole do averno,
Implacável açoite da virtude,
Profano adorador do vício rude,
Dos Pátrios lares inimigo eterno.

Um Deus Onipotente, um Deus Supremo
O Doce riso em lágrimas te mude,
O mar em fúria o lenho te desgrude
E louros colhas no jardim do inferno.

Teu cadáver hediondo as ondas levem
Onde negros abutres revoando
A dura fome pressurosos sevem:

Este seja teu fim, monstro nefando,
Que os Maranhenses pelo que te devem
Tais destinos ao Céu estão rogando.

Que será do pobre Sete,⁸⁶

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Que será do pobre *Sete*,
Caturrinha, e tão crianças,
Que o bojudo *Sancho Pança*,
Protestou esbarronda-lo?

Quem há de vir ajuda-lo
A bater o *chalacista*,
Se o folgazão Exorcista
Também jurou esmaga-lo?
Olha a sucia dos rabiscas!
Como fazem tanta guerra!
Querem pôr o Sete em terra?
Babau.

Mas que coisa excita a ira
Da *Trindade jornaleira*
Que se mostra tão guerreira
Contra um nobre jornalzinho!

⁸⁵ *O Noticiador*, Rio Grande, 22 fev. 1834. Nota original: "Pedem-nos a inserção do seguinte soneto, feito na despedida de um Presidente do Maranhão muito déspota e servil".

⁸⁶ *O Noticiador*, Rio Grande, 1º mar. 1834.

Dizem muitos que o filhinho
Do Vigário com seus ganchos
Ofendeu dos castos *Sanchos*,
Delicados ouvidinhos.

Arre lá como é mimoso!
Só por isto já procura
Pôr o *Sete* à dependura?
Babau.

Outros dizem que das *Zonas*
O girar desconcertado.⁸⁷
Do Procópio encabelado
O grande saber chocou.

Mas de certo, quem causou
Contra o *Sete* tais desejos,
Foram certos percevejos
Que o rei Jacques cá deixou.

Pois gentes, até Procópio,
Que é já múmia requisida,
Quer tirar ao *Sete* a vida?
Babau.

Andam todos mui aflitos,
Co'as tais asneiras do *Sete*,
E dizem que p'ra grumete
Já devia estar filado:

Há conselho amiudado
Para impor-lhe alguma pena,
E cada qual o condena
A ser já garroteado.

Que sucia de *Julgadores*!
Como em ser *justa* capricha!
Pois pensam que o *Sete* espicha?
Babau.

Co'as mãos postas nas ilhargas,
Passeando carrancudo,
Grita *Sancho barrigudo*,
Que há de o *Sete* aniquilar.

Aprova tão bom pensar,
O *desdentado colega*,
E promete, para esfrega,
Novo sócio convidar.

Ah sô *Sancho* então que é isso?
Veja bem no que se mete,

⁸⁷ Nota original: "Modo porque o erudito Vig. Bern. Explica as inconstâncias do nosso clima."

Quer levar à força o *Sete*?
Babau.

Pobre *Sete*! Em vão tu clamas;
 E sem fruto o teu chorar:
 Há de por força pagar
 Os crimes da tua pena:

Bater gente não pequena!
 Vais a força desta vez;
 Que o bom tribunal dos *três*
 Jamais revoga o que ordena.
 Vejam como estão saídos
 Os *três irmãos sacola*!
 Querem pôr o *Sete* à esfola?
 Babau.

Toda a coisa está disposta,
 A sentença já foi dada:
 Já por ve-laexcentada
 Faz mil votos o bom *Sancho*.

Sente o mesmo todo o rancho,
 E p'ra tudo ir ligeiro,
 De *Acusador, por dinheiro*,
 Vai servir o *Anti-gancho*.
 Como é tola a criança!
 P'ra fazer o seu *ganchinho*
 Quer matar o *Setezinho*?
 Babau.

Este chibante tareco
 Que fala até rebentar,
 Quer sua vida arranjar
 De qualquer modo que seja:

Por isso humilde corteja
 A sucia dos mocotões,
 E a troco de alguns tostões
 Faz tudo o que ela deseja:
 Ah! Já sei! Entendo agora!
 E por isso que ele trama
 P'ra dar co' *Sete* na lama?
 Babau.

O bom Queluz remoçado,
 Esfregando as mãos ligeiro,
 Diz a todos mui gaitreiro:
 Já sabe que o *Sete* morre?

Já *Sanchinho* o não socorre
 Co'as *Bigarrures* picantes:
 Nem com seus versos galantes
 Frei *Risota* Já concorre
 Que talentos tão famosos!
 E são estes que trabalham
 Para ver se o *Sete* encalham?
 Babau.

Finalmente os bons devotos
 De tal sucia *Correista*,
 Sequem *Sancho*, e o *Exorcista*,
 Contra o *Sete* conspirando.

Com fervor vão trabalhando,
 Pode servir a seus Senhores,
 Mas de tão bons servidores,
 O *Setinho* está zombando.
 Vamos! Vamos! Mãos a obra!
 Barulha, persegue, assola!
 Mas ir o *Sete* à degola!
 Babau.

Berrem lá quanto quiserem,
 Façam mil acusações,
Sopapinhos, *Beliscões*,
Pontapés hão de chuchar.

O *Setep'ra* caçoar,
 Cada vez está mais disposto
 Com *mestre de tanto gosto*
 Por força havia medrar.
 Tomem lá esta lição,
 Então inda fazem guerra?
 Querem inda o *Sete* em terra?
 Babau.

Sanchos Panças, *Exorcistas*!
Procópios encabelados!
Queluzes atoleimados
 Trabalhos todos em vão.

Há de haver oposição;
 Todos vós vireis à barra,
 Aprendei gente masmarra
 Que o *Sete* não cai mais não.
 Que patetas! Pega neles!
 Oh! Que corja de *Libórios*!
 Fora todos! *Farelórios*!

Babau.

ENIGMA⁸⁸

Publicação original do periódico *O Sete d’Abril*

Lucas

Patimetre repolhudo,
Em *Moral muito versado*,
Tem de Doutor atestado,
Ignorantão sendo em tudo.
Sabe só imposturar,
Com Pantoja, e com Japi
A restauração pregar.

DÉCIMA⁸⁹

Publicação original do periódico *O Carapuço*

Alfredo Brasílico

De couros duros, ou moles
Fazem-se sacos, surrões,
Bruacas, coldres, colchões,
E também se fazem foles:
Faze grude, com que coles
Catres, Cadeiras, e meses;
Fazem-se várias miudezas,
Luvas, bainhas, calçados,
E até de mais atanados
Também se fazem marquesas.

Elogio recitado na noite do Dia Sete de Abril, no Teatro desta Vila⁹⁰

Sem autoria

Assoma inda uma vez, à voz do Fado,
Ingente, Majestoso, e Benfazejo,
O Dia Nacional, Dia da Pátria!
De gala se reveste, em honra sua,
A Plaga do Brasil, áureo Terreno;
Seu Nome, seu feliz aniversário,
Que transportes, e júbilos desprende

⁸⁸ *O Noticiador*, Rio Grande, 1º mar. 1834.

⁸⁹ *O Noticiador*, Rio Grande, 5 mar. 1834. Nota original: “Que tal a décima? O que deu motivo a esta espécie de Epigrama foi um dos feitos muito brilhantes e honrosos do Alfredo Brasílico-luso, que depois de louquear por cá muito a seu salvo, foi fazer o mesmo em Portugal, de quem dizia, que nada, nada, não queria nada; e agora quer tudo. Quem se fiará em promessas de D. Pedro. (Do *Carapuço*)”

⁹⁰ *O Noticiador*, Rio Grande, 12 abr. 1834.

Glória, Inveja, e Prazer ao Mundo excitam!

Dia Sete de d'Abril, Bem-vindo sejas!
 Dia Sete d'Abril, mil Evos fuja
 Sempre doce, e brilhante a Aurora Tua!
 Mensageiro fiel d'aureos Decretos,
 O Nume regedor de homens e Numes,
 O princípio sem fim, Onisciente,
 Autor do Céu, da Terra, e Natureza,
 Nas faces tuas imprimindo o riso,
 Os olhos divinais volvendo afáveis,
 Iris de Paz te envia à Pátria aflita,
 E teu clarão surgindo no Horizonte
 Negras trevas espanca, o ar se azula,
 Os espinhos se tornam páfias rosas,
 E as garras da desgraça nos arrancas,
 Honra, Glória e Louvor, sempre se votem
 Aos Briosos, Ilustres fluminenses,
 Magnânimos Heróis, ou Semideuses,
 Que o Brasil libertaram neste Dia,
 Seus Nomes, sua Fama, eternizando!
 Embalde vil, indômita caterva,
 Turma infame de audazes serracenos,
 Do sangue Brasileiro insaturável,
 Com tramas, com traições, e com ambages.
 Procure inda outra vez unir os elos,
 Do pesado grilhão, roto, e desfeito
 Nos Campos fortuneiros do Ipiranga;
 Embalde, finalmente, infernal corja
 D'atroz caramurus-restauradores,
 Com pérfidos motins, loucas discórdias
 Pertinazes intentem pôr no Clio
 O príncipe traidor, que abdicara;
 Apesar desses plenos revoltosos
 Mil vezes projetados e desfeitos,
 A Nação Brasileira há de ser livre,
 E esse bando de escravos bragantinos
 Do fogo tragador tornando em cinzas,
 Sem que restem dos míseros vestígios
 Tristes sinais de tórridas ruínas:
 O Dia chegará (e não está longe)
 Da Nacional vindicta inexorável.

Sim, Abril imortal! Onipotente!
 Hoje raiou mais bela, mais radiante
 Do teu Astro Pomposos a Luz Fébea;
 O vetusto Saturno a foice quebra,
 Afasta as cans da frente, e o rosto alisa;
 No teu Dia subiu, honrado à Terra,

Ao Trono do Brasil, o Jovem Pedro.
 Divo inocente, fixa esperança nossa;
 Regência Nacional na Lei firmada,
 Em cujos Cidadãos o Trono escora,
 Apura na virtude o Tito Infante;
 A Justiça, Razão, deixando os Astros;
 Vem dourar esta Plaga venturosa;
 Os Pais da Pátria, Oráculos Supremos,
 Breve vão promulgar Leis, e Reformas,
 Que Jovem ditará a prol da Pátria;
 Assim maiores Nós, que as Nações todas,
 Havemos promover-lhe inveja e susto:
 E Tu ó Redentor, Abril invicto,
 De Jovem divinal presente sacro,
 Galgando d'orbe em orbe ao Céu luzente,
 No Sacrário dos Numes, Também Nume,
 Irás luzir no Templo da Memória,
 Formoso brilharás na Eternidade.

Ao Brasil ⁹¹

Cisne do Gectinhonho

Gloria-te Brasil! Ó Pátria, exulta;
 Oh que jucundo, majestoso estado!
 Já morte a terra o monstro derribado:
 Não ficou tua injúria atroz inulta:

Em teus Fastos gentis, nenhum avulta,
 Triunfo, mais do que este hoje alcançado:
 Se um pouco, o Timbre teu foi empanado,
 Raro brilho da nódoa te resulta.

Toda a G'ramuruada abate, e tolda
 De seu Grão Chefe o baque: hoje se aclama
 Da nossa Liberdade a firme solda.

Castigos a Justiça em fim reclama:
 Teu Gênio tutelar sempre te molda
 A novo Adamastor um novo Gama.

⁹¹O *Noticiador*, Rio Grande, 25 abr. 1834. Nota original: "Tendo o Sr. Chichorro da Gama referendado o Decreto da Suspensão do Tutor de S. M. I."

AO TEJUCO ⁹²
Na sua presente desgraça

Cisne do Gectinhonho

Em vão, Pátria infeliz, em vão ostentas
Das alterosas torres a grandeza!
A ruína, a miséria, a vil pobreza
Mostram do Povo as faces macilentas.

Repiques festivos debalde inventas:
Para abafar os brados da tristeza:
O Luxo, só relíquias, da riqueza
Em vão, Pátria infeliz, em vão ostentas.

Vês tu aquele Velho, que ali passa,
Com as veias secas, já do vital suco,
Muito brancas as cans, a cor mui bassa?

Já te viu, como flor; já viu Tejuco:
Mas por ti hoje o desengano abraça;
Que se velho se vê; te vê caduco.

HINO ⁹³

Para se cantar no Teatro desta Vila na noite do dia 3 de maio de 1834

Francisco Xavier Ferreira

Despontou risonho, e belo,
De Maio o dia terceiro!
Dia Excelso, Redentor,
Dia sempre Brasileiro!

Tributemos reverentes,
Sinceros, puros louvores,
Da Nação aos Escolhidos,
Do Brasil aos Defensores.

Venerando Aniversário,
Teu Astro será eterno!
Serás grande, inda a despeito
Da vil cabala do inferno.

⁹² O *Noticiador*, Rio Grande, 25 abr. 1834.

⁹³ O *Noticiador*, Rio Grande, 3 maio 1834.

Denodados Patriotas,
Estreitemos nossos laços;
Quando não restauradores
Cativaram nossos braços.

Assembleia do Brasil
Nossa honra sustentai;
D'infame restauração
A Cara Pátria salvai.

PATUSCADA, PETISCADA, EMBULHADA ⁹⁴

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Que *petisco!*... Oh! Como cheira!
Que sabor tão agradável!
O bocado é formidável!
Mas... a gente ralhadreira...

Pois *petisca*, ou não *petisca*?
Se *petisca*, fale *claro*,
Que eu *preparo* a minha *pança*,
P'*rachuchança* dos seus bródios.

Se *petisco!*...pois, duvida?
Não vê tudo já disposto?
Há de haver sucia de gosto
Petiscando Frei Turcida.

Frei Turcida é quem *petisca*?
Pois *lambisca* um prato *raro*;
Já *preparo* a minha *pança*
P'*rachuchança* dos seus bródios.

Diz a gente escrupulosa
Que mal faço m petiscar:
Histórias! Hei-de deixar
Uma posta tão famosa?

Fazes bem, rapaz, *petisca*.
Que esta *isca* é *singular*,
E vem *dar* a esta *pança*
A *chuchança* dos teus bródios.

Os princípios já me fedem!
É muito sacrificar!

⁹⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 28 maio 1834. Devido à baixa qualidade do arquivo d' *O Noticiador*, algumas correções foram feitas com base na publicação original, publicada no Rio de Janeiro em 15 de abril de 1834, p. 4, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Custam tanto a contentar!
Quando mais se faz, mais pedem!

Deixa os princípios, *petisca*;
Segue à *risca* o teu *desejo*,
Pois já *vejo* que esta *pança*
Tem *chuchança* dos teus bródios.

Não basta um cargo aturar,
Com o qual nada me ajeito?
Quer-se ainda do meu peito
As afeições sufocar?

Muito sofre quem *petisca*,
Se na *isca* quer *filar*!
É *andar*, que a minha *pança*
Quer *chuchança* dos teus bródios;

Já os não posso aturar,
Façam lá quanto quiserem;
Digam tudo o que disserem;
Os cem mil hei-de chuchar.

Assim obra quem *petisca*;
Quando a *isca* o suor *paga*;
Deus a *traga*; que esta *pança*
Quer *papança*, e altos bródios.

Censure quem censurar,
Isto d'honra é bagatela;
Não façamos caso dela,
Vamos todos petiscar.

Qual honra! Pois quem *petisca*,
Lá se *arrisca* a tais *tolices*!
São *momices* de que a *pança*
Não *alcança* ricos bródios.

Bailai, bailai, rapazolas,
Vamos ter mesa rasgada,
Que a história da petiscada
HÁ DE ENCHER MUITAS PANÇOLAS.

Ora viva quem *petisca*!
De uma *isca* tão preclara;
E *preparaàs* nossas *panças*,
Mil *festanças*, belos bródios.

Ao gamenho Sr. M. Monteiro ⁹⁵Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Circunstâncias momentosas
Te obrigam a tais erros;
Emenda-te, enquanto é tempo
Não procures ter Senhores.

(outra)

A moça do camarote
Não te quer mais namorar;
Apesar dos teus cheirinhos,
Rapaz, não há de casar.

(outra)

Não te querem pr'a Ministro,
Por qu'és muito afeminado;
Mas para bom mestre-sala,
Há de ser aproveitado.

Ao senhor da Holanda ⁹⁶Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Se prossegues nesse andar,
Desconcerta-se te a bola;
E, em vez do cetro do Norte,
Terás trono, e camisola.

(outra)

Ninguém te tem por fidalgo,
Se tal crês estás caduco;
Riem-se todos de ti:
Chamam-te Antônio maluco.

(outra)

Acabou-se, na Política
Não fazes negócio algum;
Há de acabar nas boticas
A jogar o trinta e um.

⁹⁵ *O Noticiador*, Rio Grande, 11 ago. 1834.

⁹⁶ *O Noticiador*, Rio Grande, 11 ago. 1834.

Ao Sr. GonsalesAdiador ⁹⁷Publicação original do periódico *O Sete d’Abril*

Por teres vistas mui curtas,
 Ministro não te farão;
 Mas, como teus bons ouvidos,
 Servirás para espião.

(outra)
 Não farás grande fortuna,
 Por seres grimpa inconstante;
 Ninguém se confia de homens,
 Que mudam a cada instante.

(outra)
 Não és nada do que pensas,
 Orgulhoso falador;
 Tu não passas de um pedante,
 Com presunções de orador.

A Frei Larrago ⁹⁸Publicação original do periódico *O Sete d’Abril*

Os Céus não te são propícios,
 Reservam-te tristes fados:
 Morrerás enraivecido
 De ver os Padres casados.

(outra)
 Lá no dia do Juízo,
 Ilustre glória há de ter;
 Pois ante o Celeste Júri
 Irás Nero defender.

Alerta fiscal... alerta!⁹⁹

Uma Jovem Brasileira

Alerta fiscal... alerta!
 Segredos descobriu Baco;
 Que em breve apareceram
Os ladinos do Macaco.

⁹⁷ *O Noticiador*, Rio Grande, 11 de ago. 1834.

⁹⁸ *O Noticiador*, Rio Grande, 11 de ago. 1834.

⁹⁹ *O Noticiador*, Rio Grande, 11 de ago. 1834. Nota original: “Nesta mesma ocasião recebemos as seguintes quadras sobre ladinos, feitas por uma jovem brasileira de 12 anos”.

O prêmio desse esconderijo,
Guardado mora num saco:
Milagres fazem na Barra
Os ladinos do Macaco.

Apesar de mil cautelas,
Que promove certo caco;
Sempre hão de passar a salvo
Os ladinos do Macaco.

Homem de fama, e sagas,
Astucioso, e velhaco,
Protege mui disfarçado
Os ladinos do Macaco.

Que pitadas vai tomando,
De precioso tabaco,
Quem trouxe a porto seguro
Os ladinos do Macaco!

Ao nosso A. Lima¹⁰⁰

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Vai-se à garra o que querias,
Não podes ir ao poleiro;
Perdes tudo o que tens feito
E o teu cheiroso escudeiro.

(outra)
Das intrigas que proteges
Não podes tirar proveito;
Vai defender os teus Becas,
Que tens para isso jeito.

(outra)
Se não queres que o negócio
Continue a ir te mal,
Vai outra vez até Roma
Fazer confissão geral.

(outra)
Cantas bem, mas não entoas,
Já te sabem das patranhas;
Chard protege *Chard*,
Não se perdem velhas manhas.

¹⁰⁰O *Noticiador*, Rio Grande, 18 ago. 1834.

Ao Sr. P. de Mello¹⁰¹Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Essa cara de pasmado
 Não mostra *bom coração*;
 O traidor ou tarde, ou cedo
 Vem a pagar a traição.

Ao Sr. V. Pessoa¹⁰²Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Deixa a louca presunção
 De seres bom orador;
 Não deve largar a enxada,
 Quem nasceu para feitor.

(outra)
 Continua os teus serviços,
 Não falo por galanteio,
 Se os teus macotas subirem,
 Hão de fazer te correio.

Ao Mano Lulu¹⁰³Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Por esse tom decisivo,
 Com qu'em tudo tu parolas,
 Já sei qu'há de no futuro
 Ser mestre de rapazolas.

(outra)
 Ficarás sendo imortal
 Entre os amantes reais,
 Pela firmeza espantosa
 Com qu'a tal casuca amais.

Ao Sr. Chico do Rego¹⁰⁴Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

As moças dizem de ti
 Que és bem feito, é bonitinho!
 Trajas bem, mas que miséria...
 Da cabeça és tão levinho!

Ao Mano Dom Sebastião¹⁰⁵

¹⁰¹ *O Noticiador*, Rio Grande, 18 ago. 1834.

¹⁰² *O Noticiador*, Rio Grande, 18 ago. 1834.

¹⁰³ *O Noticiador*, Rio Grande, 18 ago. 1834.

¹⁰⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 18 ago. 1834.

¹⁰⁵ *O Noticiador*, Rio Grande, 18 ago. 1834.

Publicação original do periódico *O Sete d’Abril*

A Moça do camarote
 Não quer o Doutor Cheirinhos;
 Venceste um rival temível,
 Triunfaram os teus carinhos!

QUADRAS¹⁰⁶

Jovem Brasileira

Ninguém censure; xiton¹⁰⁷;
 As línguas devem estar mudas,
 Inda que milagres façam
As laranjas embigudas.

Tu, Facultativo, que
 Para acertares estudas,
 Reserva para os perigos
As laranjas embigudas.

Se eu for criminosa um dia,
 Caro Júlio, não me acudas;
 Eu tenho para salvar-me
As laranjas embigudas.

Do palácio da Rainha,
 Que produz frutas graúdas,
 Propagaram as sementes
Das laranjas embigudas.

SONETO¹⁰⁸

Publicação original do periódico *O Sete d’Abril*

O Padre Onça

Eu vi: eu vi, em lauto *banquetaço*,
 Na Magistral Cadeira recostado,
 Das mais gentis Deidades rodeado,
 De gosto arfano, um nédio *Bis-palhaço*.

De gorducho leitão longo estilhaço

¹⁰⁶ *O Noticiador*, Rio Grande, 25 ago. 1834. Nota original: “A nossa jovem brasileira de quem temos publicado algumas curiosidades, acaba de enviarnos as seguintes quadrinhas, para as inserimos em nosso pobre *Noticiador*. Nós, não só vamos satisfazer aos seus desejos, como lhe agradecemos cordialmente as suas tão interessantes produções literárias, que são muito superiores a sua pequena idade”.

¹⁰⁷ Possível referência à túnica curta usada pela deusa Artemisa.

¹⁰⁸ *O Noticiador*, Rio Grande, 2 out. 1834.

Devoto envia ao barrigão sagrado,
E em honra a Deus, de Deus o *servo honrado*
Enche a miúdo o amigo *copalhaço*.

Palita os dentes, o cachaço esfrega,
E já perdido o episcopal recato,
A ditinhos d'amor todo se entrega.

Ah! Magano Larraga!... Fala exato;
Quem as coisas do mundo assim se apega,
Pode querer sincero o Celibato?

Não viu: não viu: é farsa, isso é mentira ¹⁰⁹

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

(Improvisado pelo Financeiro de Portaria em resposta ao do Padre Onça)

Não viu: não viu: é farsa, isso é mentira,
Que se alevanta ao nosso bom Prelado:
Ele é home de Deus recatado,
Que das coisas do mundo se irritara.

Naquela santa beca não se vira
Se não do Altar o cálice consagrado;
E em vento moça, diz todo azarado –
Cruz, cruz, demônio! E a comunhão lh'atira.

Arre! Que bandeira! Estou ardendo!...
Se advertirem com quem está tão quieto!...
Desta vez fico aqui, e não me estendo:

Mais se outra vez arguem fazer projeto,
De xingar nosso Padre reverendo,
A então tem baia com Mané Bijeto.

¹⁰⁹O *Noticiador*, Rio Grande, 2 out. 1834.

LADAINHA DE TODOS OS SANTOS¹¹⁰

De carrancudo Letrado,
Que a todas acha justiça,
E que para pleitearem
As próprias partes atiças:
Libera nós, Domine.

De repimpado Escrivão,
Que as Partes demora os Pleitos,
Q quer seja pró, quer contra,
Acha em tudo certos jeitos...
Libera nós, Domine.

De Procurador que afeta
Andar aqui para ali
Em serviço dos Clientes,
E só procura para si:
Libera nós, Domine.

De Oficial de Justiça,
Que muito esperto e ligeiro
Costuma as Partes contrárias
Ir sempre avisar primeiro:
Libera nós, Domine.

De Públicos Promotores,
Que se mostram interessados...
Quando com raiva, e rancor
Acusam réus desgraçados:
Libera nós, Domine.

De Juiz de Paz da roça,
Que, quando quer despachar,
Vai perguntar ao vizinho
Que despacho há de dar:
Libera nós, Domine!!!

De Magistrados *in totum*,
Que não compreem seus deveres,
Mofando sempre das Leis
Fiados em seus poderes:
Libera nós, Domine.

De Escrevente de Cartório
Que chibatam, pagam casa,
E que só com – digo, digo –
Fazem aumentar a rasa:

¹¹⁰O *Noticiador*, Rio Grande, 12 out. 1834. Nota original: “Publicação original do periódico O *Mosquito*; extraído do periódico *Opinião Campanhense*.”

Libera nós, Domine.

De quem anda seduzindo
Aos Guardas Nacionais,
A fim de angariar votos
P'ra serem Oficiais:

Libera nós, Domine.

Ah! Também por piedade,
De trombudos Deputados
Que servem na Assembleia
Só para dar - Apoiados –

Libera nós, Domine.

De Boticário que nunca
Receituário ajeita,
Dando umas drogas por outras
Para aliviar a Receita.

Libera nós, Domine.

De Cirurgião ligeiro
Que apenas olha o doente
Pronto apalpa o pulso, e logo
Vai receitar de repente:

Libera nós, Domine.

De Sacerdote, a quem chamam
Para alguém ir confessar
E pergunta ao Penitente
- Você quanto me há de dar? –

Libera nós, Domine.

De mentiroso Alfaiate,
Que, depois que toma conta
Da fazenda do Freguês,
Nunca mais a obra apronta:

Libera nós, Domine.

De Sapateiro, a quem
Se encomenda algum calçado,
E de pronto ao Freguês pede
O pagamento adiantado:

Libera nós, Domine.

De Ourives, que afeta ser
Verdadeiro, quando trata
Com o Freguês, e depois
Lhe impinge cobre por prata:

Libera nós, domine.

De Ferreiro, a quem chamam
- Ferreiro da maldição –
Porque se acaso tem ferro,
Quase nunca tem carvão:
Libera nós, Domine.

De pintores – pinta ratos –
Que trabalham de empreitada,
E que só dão d' hora em hora
Vagarosa pincelada:
Libera nós, Domine.

De Músico, que somente
Vais as funções por dinheiro,
E quer com ar carrancudo
Que roguem muito primeiro:
Libera nós, Domine.

De Padeiro, que tem sempre
Pão e roscas no balcão,
E se desculpa co'frio
Quando faz pequeno pão:
Libera nós, Domine.

De Oficiais, em geral,
De várias artes e ofícios,
Que em seu modo de tratar
Dão de velhacos indícios:
Libera nós, Domine.

De Carniceiro, que compra
Magro gado, ou já doente,
E depois o mata, e vende
No açougue publicamente:
Libera nós, Domine.

De sebento Taverneiro,
Que tem a vista cumprida,
E que em cima do copo
Dá certo o gesto à medida:
Libera nós, Domine.

De esperto Negociante
Que gosta de muita arenga,
Ou que quando vende a côvado
Repuxa pela fazenda:
Libera nós, Domine.

De Professores que ensinam
 De manhã com paciência,
 De tarde gritam, dão bolos,
 E ralham com imprudência:
Libera nós, Domine.

De Mulheres que a toda hora
 Vivem sempre na janela,
 E que as censuras do mundo
 Diz a tudo – bagatela –
Libera nós, Domine.

De Costureira a quem nunca
 Do Freguês chega a fazenda,
 Porque quer a sua custa
 Mandar as onze na venda:
Libera nós, Domine.

De Mulher engomadeira,
 Que a roupa ao peralvilho
 Engoma, sem gastar nunca
 Um cinco réis de polvilho:
Libera nós, Domine.

De caduca Velharrona,
 De quebrantos curandeira,
 E que reza de feitiço!
 Ou de gente feiticeira:
Libera nós, Domine.

De *Petitsmaitres* da moda
 Que inculcam ser amados
 Das Meninas d'esses tolos
 Porque são asnos chapados:
Libera nós, Domine.

De Escritor que se faz célebre,
 Por seu estilo esquisito,
 E redige algum Jornal
 Com o título de – Mosquito –
Miserere nobis.

E se ainda falta alguém
 Sem carapuça levar,
 Para a semana que vem
 Lh'a darei se me lembrar
 AMÉM.

HINO DOS REFORMISTAS¹¹¹Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

J. M. do Amaral

A prol das Reformas,
Juremos marchar,
A sorte da Pátria,
Nós sempre firmar.

Reformistas do Brasil,
Reúne vossa coorte,
Finalmente o brado forte
Das Reformas vai soar.

Celebrai, com doces hinos,
As vitórias da Nação,
Foi por terra hostil facção,
Já podemos exultar.

Volve o Tempo, a Razão bilha,
Que faltava em nossos peitos;
E os antigos preconceitos,
Nós vimos expirar.

Da traidora e feia intriga,
Eis frustrados negros planos,
Já não podem seus enganar,
Nossa mente fascinar.

Já completos nosso votos,
Vai firmar-se a Liberdade;
Nem mais pode a iniquidade
Nossos Foros suplantar.

Vão ligar o Brasil todo
Doces laços fraternais;
Já não há prisões fatais
Para os pulsos lhe arrochar.

A cruel força opressiva
Do geral Governo antigo;
Converteu-se em centro amigo
Para tudo equilibrar.

Parabéns Legisladores!
Tantos bens são filhos vossos:
Oxalá que os irmãos nossos

¹¹¹O *Noticiador*, Rio Grande, 20 out. 1834.

Saibam tudo aproveitar.
 Que nos resta, Irmãos, amigos,
 Para firme progredirmos?
 As discórdias extinguirmos,
 Para a Pátria prosperar.

Eia, os braços estendamos,
 Nossos peitos ajuntemos,
 Abraçados exultemos,
 Basta já de guerrear.

Entre as mãos do Tempo, ao longe,
 Um porvir descubro ufano,
 Que ao Gigante Americano
 Vem do Orbe o Cetro dar.

Mas tal glória só teremos,
 Da concórdia vigorados;
 Em partidos retalhados,
 Tudo em flor há de murchar.

VERSINHOS¹¹²

Publicação original do periódico *Mutuca Picante*

Enquanto houverem Libórios
 Hão de haver restauradores,
 Porque são unha com carne
 Com alguns dos Senadores.

O Verônica de gesso
 Mocinho Lopes Maria,
 Tanto fez que pôs na rua,
 O ex-ViadorVahia.

Esperam se inda mil coisas,
 De incorrigível cambada;
 E a Paraguassu agora,
 Ficará evacuada.

O Padre Mestre Chara
 Também requereu fiança;
 Mas coitado! Como é pobre
 O Alvará não alcança.

O ex-Tutor respondeu-lhe:
Chore o lamba, quer babosa!

¹¹²O *Noticiador*, Rio Grande, 13 nov. 1834.

Venha o Queiróz acudir-lhe
Com os seis de João Barbosa.

Grande falta está fazendo,
O Cofre da Tutoria;
Se ele aberto inda hoje fosse
O Chará não choraria.

Mas que embarga? Alerta! O homem
De um para o outro instante
Aqui chega acompanhado
Do Chalaça e do Gigante.

Veremos moscas por cordas,
Que os caramurus são finos,
E os Chimangos encostados
Não hão de comer pepinos.

COLCHEIA¹¹³

*Enquanto houverem Libórios,
Hão de haver restauradores.*

Jovem Brasileira

GLOSA

Infalíveis Reportórios
Já nos tem vaticinado,
Ser o Brasil desgraçado
Enquanto houverem Libórios:
Seus feitos em mil cartórios
Os mostram perturbadores,
São malandros, são traidores,
Que a Pátria querem vender,
E enquanto um só ouve
Hão de haver restauradores.

O BRASIL REGENERADO¹¹⁴

Publicação original do periódico *O Sete d'Abri*

Vinde ver, rapazolas de gosto,

¹¹³ *O Noticiador*, Rio Grande, 17 nov. 1834. Nota original: "A nossa jovem brasileira que a muito tempo não nos enviava as suas galantes produções, nos mandou, para publicarmos, a seguinte décima, que formou dos dois primeiros que inserimos no número passado"

¹¹⁴ *O Noticiador*, Rio Grande, 24 nov. 1834. A qualidade do arquivo comprometeu, em algumas estrofes, a transcrição do poema.

Frei *Matraca* de *agulha* na mão,
Dirigindo os negócios do Estado
Juntamente co' *Padre João*.

Batendo palminhas,
De gosto saltemos,
Que agora veremos
Salvar-se a Nação.

Das *Matracas* o maço consulta,
Jurujubas antigos revolve,
Pede o voto do *Padre Bajudo*,
E destarte os negócios resolve.

Silêncio rapazes!
Calados ouçamos
Os planos vejamos
Que o *par* desenvolve.

Por fazer ao Brasil *sacrifícios*,
Um e outro *Regentes* se aclamam;
Dão ao Borges a pasta do império,
Pr'aa Fazenda o *Bijecto* reclamam.

Que grandes começos!
Brasil, parabéns!
Milhares de bens
Pr'a ti se derramam.

P'ra Justiça o *Clarim* é chamado
Bonaparte valente p'raa Guerra,
Na Marinha o Pessoa se empasta,
O Grão Frias na Estranja se aferra.

Oh! Caspíte! Bravo!
Que gênio tão raro!
Heróis tão preclaros
Jamais viu a terra.

Tens das Armas *Salerno* o comando
Fazem Bispo ao bom *Pai do Churá!*
Acaso obra *Vigário Geral*,
A Polícia, Gustavo¹¹⁵ se dá.

E'stavamocupados
Tão bons governantes!!
Que glórias restantes

¹¹⁵ Nota original: "O Cadete Gustavo".

A Pátria será!

O Conselho d'Estado comemora
Telles forro, o irmão, Bacháreis,
*Cantalice*s, e mais companheiros,
 Que s'encontramais nos bilhares.

Folguemos rapazes,
 Com tais Conselheiros,
 São sábios matreiros,
 Varões populares.

Desta sorte montado o *governo*,
 Mãos a obra começam a dar:
 E, primeiro que tudo, se manda,
 Entre todos, os *bens* igualar.

Vadios, pulai,
 Pulai bregeirinhos;
 Já tendes cobranhos,
 Podeis *Pelintrar*.

De Adotivos e lusos as casas
 São entregues da *Pátria* aos *Soldados*;
 E seus donos são, como inimigos,
 Do Brasil para fora mandados.

Assim, governantes!
 Dai destas mais mil,
 Que avança o Brasil,
 Com passes puxados.

Os tratados com os Povos da *estranja*
 Desde logo por mulos se dão:
 Nossos portos, à gente d'Europa,
 São fechados sem mais delação.

Assim, gente grande!
 Medidas de arromba
 Que abaixem a tromba
 Da negra facção!

Com *el Francia* um Tratado e firma
 De perpétua e segura amizade;
 Para nós, de um *mestração* tão hábil,
 Aprendermos a ter Liberdade.

Lá vem palmatória,
 Um mestre já temos

E *livres* seremos
Por força ou vontade.

Um tributo se impõe sobre todos,
Que de botas casais andarem:
Pois são só *matraquenses*, aqueles
Que jaqueta e tamancos usarem.

De um tal estoicismo
Heróis esperemos
Que a Pátria Veremos
De loiros ornarem.

Os *Fradecos* e Freiras são logo,
Sem demora à rua lançados;
P'ras *defesas da Pátria querida*,
Seus conventos todos são tomados.

Ó *Pedro Imortal!*
Assombro das gentes
Teus loiros virentes
Vão sendo roubados!

Santa Casa de todo se acaba,
E os enfermos na rua são postos;
Entra tudo no *Cofre da Pátria*,
E também os vinténs dos Expostos.

E dizem que os homens
Tem planos mesquinhos?!
A serem fartinhos
'Stão eles dispostos!

Logo, logo cem forcas se fazem,
Com cem mil comissões militares,
Tudo folga com *facas nas mãos*;
De *Chimangos* se matam milhares!

Assim, patriotas
Correi à *fuquinha*,
Que a Pátria definha
Com meios vulgares!

Como está tão contente o *Matraca!*...
Ó *Matraca* tu és um pateta!...
Pois tu crês que isto tudo é verdade!...
Não é mais que visões de Poeta.

O pobre *paspalho*,

Com balda de esperto,
 Julgava a ser certo
 Ter posta completa!

Os moleques! Agarra o *Matraca*;
 Pega nele; lá vai s'escamando...
 Uh! *Matraca*! Ficastes *mamado*!!!
 Não és rei, vais no dedo chuchando!

Garrochas, moleques!
 Ferrai o mariola,
 Que aquele cachola
 Já vai desandando.

Adotivos e Lusos incautos!
 Que por brinco este quadro tomais,
 Vede nele o que a sorte vos guarda,
 Se aos malvados ouvidos prestais.

Marchai co'a Nação,
 Segui suas Leis,
 Só delas tereis
 Os bens que buscais.

Também vós, inespertos Patrícios,
 A quem vejo iludir o *traidor*,
 Aprendei que o *Matraca* não passa
 - *De um infame, malvado impostor.*

Se prega a revolta
 Não seja atendido;
 Não demos ouvido
 De um doido ao clamor.

Não posso já deixar de dizer¹¹⁶

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Mané Bijeto

Não posso já deixá de dizer
 Pois tem o que me disê [trecho ilegível];
 Pirmitequi t'iscreva duas linhas
 Já qui pra ti falá não tenho meio:

Quem mi dera ser papé
 Para í às tua mão,
 Iscondême no teuseio,

¹¹⁶O *Noticiador*, Rio Grande, 27 nov. 1834. Nota original: "Bilhete que Mané Bijeto mandava a sua namorada, e que o mesmo perdeu no açougue". Devido à linguagem particular do poema, a ortografia não foi atualizada.

Junto di teu coração.
 Cujo amô eu tanto amei-a.

Assim que vi teus oiosmatadoris,
 Depressarpitou meu coração,
 Cupido mi feriu com o seu falpão,
 E eu logo fui dizendo em choradêra:

Quem m' dera sê um gato
 P'ratrepá no teu téado,
 Entrá na tua traperera,
 E i no teu qualto amado
 Beijá tua mão faguêra.

Si quando mialavantodiminhã
 Vejo o nêgo, di quem tu compra as rosa,
 Jurgo e n'elas tua côférmosa
 E o peito parpitando assim me fala:

Quem midéra sê o pêto
 D'hortaliça quitandêro
 Para entrá na sua sala,
 Lhi dá tudo sem dinheiro
 Tendo o gosto di abraça-la.

Quando ti vejo i toda férmosa
 No teu carrinho como a Mãidi amores.
 Vem logo mil cuidadoroédores,
 E o coração di susto si migéla:

Quem mi dera sê cavalo
 P'ra puxar esti carrinho,
 E mostráa minha bela
 Que até sou seu cavalinho,
 E farei tudo por ela.

Assim eu ando sempre desejososo
 Di vê o dia em que hê-di mi casá;
 E todas as Segunda mando dá
 Esmola as Arma, a quem logo digo:

Minhas Armas benfazeja,
 Aceitai esse vintém,
 Fazê, vê o dia amigo,
 Que ainda uni meu caro bem
 Em um laço só comigo.

Tu agora, meu bem, siqueris vê
 Eu ficá com meu péto sossegado,
 E mijurgá um homiafoltunado,

Responde assim a este biêtinho:

Não seráispapé, nem gato,
Nunca nêgo, nem cavalo,
Porquiéis mui bonitinho
Me di sê meu arregalo,
Me di sê meu Manezinho.

**Depois de perguntar com espanto o que anda no povo tanto sussurro,
reclama o poeta com ênfase¹¹⁷**

Publicação original do periódico *A Águia*

Antônio Feliciano de Castilho

Morreu, morreu a Crônica! Vós, tipos
Da Régia Imprensa esmorecei nas caixas!
Repasses que bateis as balas fofas,
Dai com elas na cara em ar de luto!
Chorai, Droguistas, que perdeis o embrulho,
O digno embrulho do vendido incenso!
Chorai, o vós das mechas fabricantes,
Vós, por cujo milagre em nossas casas
Luz, e fogo nas Crônicas se via:
E tu, que em leito d'oiro as ondas rolas,
Padre Tejo, arrepela as barbas verdes,
E troca em teixo a C'roa de caniços:
Nunca mais levarás vaidoso aos mares
C'os mais despeitos da Cidade invicta.
A crespa chusma de papeis tão sábios.

Continua o Autor perguntando que crime extraordinário atrairia a defunta tão mesquinha sorte: pois que diz.

Deixavas ir o Mundo a tona d'água
Sem nos dar novas dele, e eras de resto
Quase clássica em frase, em patriotismo
Quase ortodoxa, e quase nada em tudo:

E deplorando depois a falta, que há de fazer a todo o Mundo, acrescenta:

Estes, e muito mais te andam chorando;
Mas que muito, se coisas insensíveis,

¹¹⁷O *Noticiador*, Rio Grande, 27 nov. 1834. Nota original: "Saiu à luz, *Elegia à morte da Crônica Constitucional de Lisboa*, por Antônio Feliciano de Castilho. Está pequena obra em verso solto é, no nosso modo de entender, um dos poucos escritos satíricos em verso português, que mereçam ser lidos. Os versos são com muito poucas exceções, cheios de enfônicos, o estilo correto, a linguagem clássica e castigada, os toques satíricos cheios de muito sal". O texto citado foi publicado originalmente n'*A Águia*, n. 2, 12 jul. 1834, p. 7 e consta de forma integral em <books.google.com.br/books?id=NnxBAAAYAAJ&pg=PP11>. Acesso 10 set. 2014.

O fazem! Por ti chora, inconsolável
 O alfem, chora o quiçá, e os Galieismos
 Neologismos, Tolismos e Arcaísmos,
 Bem que por teu morrer não fiquem órfãos.

O epílogo da obra parece-me sobre tudo digno de reparo.

Enfim, já gozas no descanso Elísio
 Digno prêmio de ti, vagando ociosa
 Junto ao lago de Letes: não à sombra
 De palmas dos heróis, ras de belas,
 Mas de caramanchões de dormideiras
 E de fresca tábuia, porque Minos
 Eaco e Radamanto, ao por-te os olhos,
 Para lá, uma vocês te mandaram.

.....
 Adeus, se alguma coisa em perda tanta
 Nos pode consolar, é ver que ao menos
 Cá fica em tua filha a cópia tua,
 Que ao nome da Avó se diz Gazeta.

Rei dos Reis, Pai dos Pais, Numes dos Numes
 Oh! Salva da penúria, Lança a vista
 Piedosa do alto Império à Rua do Céu!
 Na loja da Gazeta a chusma ferve;
 Bem a ouves, bem a vês; mais vê, mais ouve
 Que é tudo a desmanchar a assinatura!
 Se a tua Onipotência lhe não vale,
 Adeus Luzes, De aranha ondeadas teias
 Vão cortinar a loja solitária.

Continuação da Ladainha de Todos os Santos¹¹⁸

De Vigários, que não fazem
 Caso do que o Povo diz,
 E tem sempre sem aceio,
 E muito porca a Matriz:
Libera nós, Domine.

De vadios Sacristãos,
 Que nunca às Igrejas vão,
 E só buscam tal emprego
 P'ra não servir à Nação:
Libera nós, Domine.

¹¹⁸O *Noticiador*, Rio Grande, 11 dez. 1834. Nota original: "Publicação original do periódico O *Mosquito*; extraído do periódico *Opinião Campanhense*."

De Enfermeiros de Hospitais,
Preguiçosos, negligentes,
E que só de si tratando
Matam de fome os Doentes:
Libera nós, Domine.

De sisudos Camaristas,
Que sempre tem Atestados
De moléstia, quando são
Para a Câmara avisados:
Libera nós, Domine.

De presunçosos Fiscais,
Que somente fiscalizam
Do Município os negócios,
Quando de cobre precioso:
Libera nós, Domine.

De patetas inspetores,
Nos Empregos toleiroeus,
E que a torto e a direito
Pespegam condenações:
Libera nós, Domine.

De Contador de guiso,
Que usa de várias artes
P'ra contar mais para si,
Do que para as próprias partes:
Libera nós, Domine.

De esperto Distribuidor
Que faz o assento em borrão,
E distribui melhor Causa
Para o amigo Escrivão:
Libera nós, Domine.

De importunos Demandistas,
Da chicana apaixonados,
Que por qualquer arenguinha
Gastam tudo com Letrados:
Libera nós, Domine.

De Jurados, que são prontos
Em suas Sentenças dar,
E depois pedem aos outros
P'ra seus nomes assinar:
Libera nós, Domine!!!

Também por misericórdia,
De maldito, Carcereiro

Que deixa fugir os presos
 Quando lhe mostram dinheiro:
Libera nós, Domine.

De gordo Mestre de Barco,
 Que tem pequeno ordenado,
 E que sempre, estando em terra,
 Brinca, joga, anda aceiado:
Libera nós, Domine.

De caixerossuciantes,
 Que ao bilhar, ou à carteta
 Vão de noite às escondidas,
 Porque quem paga é a gaveta:
Libera nós, Domine.

De Tipógrafos astutos,
 Sagazes Compositores,
 Que espacejo muito a letra
 Nos jornais dos Redatores:
Libera nós, Domine.

De espertalhões Relojoeiros
 Que só fazem às avessas
 Desconsertos dos relógios,
 Trocando-lhes sempre as peças:
Libera nós, Domine.

De Barbeiro espertalhão,
 Que por tralhas, ou por malhas,
 Aos Fregueses quando pode
 Troca as folhas das navalhas:
Libera nós, Domine.

De calaceiro Estudante,
 Que nunca estuda a lição,
 E que gasta toda a noite
 Nos três seres, ou gamão:
Libera nós, Domine.

De porcalhões Moedeiros,
 Que não cunham com desvelo
 Fraca moeda chan-chan
 Cortada a faca e a martelo:
Libera nós, domine.

De Modistas afrancesada,
 Que faz mangas de presuntos,
 E cachuxos de Senhoras

Com cabelos de defuntos:
Libera nós, Domine.

De linda Moça solteira,
(Apesar de ser Donzela)
Que está sempre dando – adeus –
Aos Manatas, da Janela:
Libera nós, Domine.

De louca Mulher casada
Que não gosta do Marido,
E quer dele estar ausente
Porque tem outro escondido:
Libera nós, Domine.

De frescalhona Viúva,
Que inda em vida do Marido,
Já tinha por muitas vezes
Casamento prometido:
Libera nós, Domine.

De rabugenta Beata,
Que já se encontra ao cajado,
E que levanta espinhelas,
E sabe rezar de olhado:
Libera nós, Domine.

Agora fique esperando
A quem barrete faltar,
Que para o número doze
Prontamente lh'o ei de dar.
Amém.

Procópio os cálculos erra¹¹⁹

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Procópio os cálculos erra,
O Cupido quebra a aljava,
Mal no Tesouro soava,
Que o Castro vencerá a guerra.
O Jesuíta se aterra,
Contas ao Francisco vai dar:
Vendo o domínio expirar,
Todos três ficam danados:
Oh! Que sucia de mamados!
Pega n'eles p'ra capar.

O testemunha Minhoto.

¹¹⁹O *Noticiador*, Rio Grande, 27 nov. 1834.

A tal treme financeira,
 Mariz, Procópio, Cupido,
 Está de queixo caído
 Por acabar se a melgueira.
 Intrigou a sucia inteira
 Para o Castro derrubar:
 No Tesouro as cartas dar
 Não podem três badamecos?
 Que cambada de marrecos!
 Pega n'eles p'ra capar.

O testemunha Minhoto.

ENIGMA¹²⁰

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Oh! Que logração famosa!
 Suspira o Mariz sentido,
 Aflito chora o Cupido,
 Treme o Procópio Barboza,
 Urdia a trempe manhosa
 Revogar Ministro Feito!
 Não entrando o tal sujeito,
 Inclinando aos marrequinhos
 Não faram mais os ganchinhos
 Os três pingas de conceito.

O testemunha Minhoto.

ELOGIO RECITADO NO TEATRO – SETE DE ABRIL – NO FAUSTÍSSIMO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1834¹²¹

Matheus Gomes Viana

Não pretendo cantar d'heróis valentes
 O furor marcial que em vasto campo
 O sangue faz verter da humanidade;
 Não decantam jamais meus rudes versos
 Esses feitos de horror, que o mundo espantam
 De um déspota assentado em férreo trono
 Ditando leis cruéis, vexando os homens;
 O assunto majestoso, que me ocupa
 É grato, é festival aos brasileiros.
 Salve dia imortal aurifulgente!

¹²⁰O *Noticiador*, Rio Grande, 27 nov. 1834.

¹²¹O *Noticiador*, Rio Grande, 15 dez. 1834.

Salve aurora brilhante, e majestosa!
 Salve ó dia feliz, natal augusto
 Do jovem Pedro, ilustre americano,
 Q'inda na terna idade da inocência
 Duma heroica Nação, chefe se aclama.
 Este trono, que outrora sustentavam
 Mercenárias legiões de vis escravos,
 Defendido por dignos patriotas
 Em base mais segura hoje repousa.
 Exultai, cidadãos, neste áureo dia,
 Famoso, e grato à gente brasileira;
 Revestidos daquela dignidade,
 Que exalta, que enobrece o homem livre;
 Saudai com hinos de prazer jucundo
 E de caro penhor da unidade,
 Que o futuro destina a Pátria nossa:
 E se acaso dos antros da perfídia
 Novamente tentarem vis escravos,
 Sobre o trono de abril famoso a Pátria
 O trono levantar da tirania,
 Mostrai, patrícios meus, ao mundo inteiro,
 Que o País onde impera a liberdade,
 Com ações de valor constante, e firme
 Repeliram os ataques dos tiranos,
 Seus foros sustentando a todo o custo;
 Há de sempre cantar altos triunfos
 À honra, à Pátria, à lei e à liberdade.

HINO AO MESMO DIA¹²²

Mateus Gomes Viana

Como livres respiramos
 No gozo da liberdade,
 É doce cantar louvores
 À Brasília heroicidade.

Viva a Nação soberana
 Esmalte do novo mundo
 Que decanta o natalício
 Do jovem Pedro Segundo.

No País da liberdade
 Nascer não pode um tirano,
 Num Rei cidadão teremos
 Um perfeito americano.

¹²²O *Noticiador*, Rio Grande, 15 dez. 1834.

Viva a Nação soberana
Esmalte do novo mundo
Que decanta o natalício
Do jovem Pedro Segundo.

Exultai, caros patrícios
Neste dia aurifulgente,
Saudai com novo fervor
Ao Brasil independente.

Viva a Nação soberana
Esmalte do novo mundo
Que decanta o natalício
Do jovem Pedro Segundo.

Já se apeiam na sala dos tudescos¹²³

Filinto Elísio

Já se apeiam na sala dos tudescos
Luzidos cortesãos, tufados becas;
Aqui o militar agaloado
Saúda o principal de longa cauda;
Ali c'o hábito rico, o cavalheiro,
Inda a pouco vilão c'os olhos busca
Em que roda de nobres se afidalgue;
Um possante geral de suas barbas
Lá falta ao canto do balcão de vidros
Nas tesas conclusões de teologia,
Nas distinções com que tapara a boca
A doutos mestres, que a encovam o vinhão,
E dar-lhe as calças que eles bem levaram.
N'outro corrilho nobres puritanos
De avós podres a teia desenrolam;
"Aqui não há judeu, meu sangue é limpo,
Lucrécias¹²⁴ foram todas as esposas.
De meus cristãos guerreiros avoengo¹²⁵ são.

Leve sussurros, mal rasgados risos
Ora partem daqui, ora se chegam.
Aqui se escarra, ali da caixa de ouro,
Batida com desdém o pó se oferece.

¹²³O *Noticiador*, Rio Grande, 21 jan. 1835. Nota original: "Um pedaço dos Fastos de Filinto Elísio apropriado à certa Corte provinciana."

¹²⁴ Nota original: "Se como a Lucrécia Romana tiveram seus Tarquinhos, que as adormecessem, não consta que como elas se apunhalassem".

¹²⁵ O termo "avoengo" refere-se aos antepassados, ao que se herdou dos avós.

Deste lado a lisonja carinhosa
 Baixa a cabeça, encosta as mãos ao peito,
 Os termos mede, o comprimento adoça:
 D'outro a fofa bazofia empavesada
 Faz alarde da bem bordada vestia,
 Da larga fita em que arfa a cruz comprada,
 E c'ó inquieto brilhante afaga a testa,
 Coça uma e outra orelha não pecantes.
 Encostada às riquíssimas paredes
 Destorce as torpes roscas a calúnia,
 E sopra (não sentida) outro veneno,
 Que o zelo, que ambição destros fomentam;
 Porque melhor no incauto peito cale.
 Mas, eis que a porta se abre, o rei se avista;
 Um só cuidado as mentes alvoroça;
 - O garbo da airosíssima mesura. -

MOTE¹²⁶

*Chafurtou-se em atoleiro
 O Padre das molhaduras*

Sem autoria

Frei Matuca sorveteiro
 Não faz conta ao comprador;
 Do Correio o redator
 Chafurdou-se em atoleiro.
 Ninguém quer o candongueiro,
 Nem p'ra fazer travessuras,
 Tem feito tantas figuras,
 (Sempre da moral verdugo)
 Qu'e aos homens o refugio
 O Padre das molhaduras.

VOTOS¹²⁷

Julgamento do Sete por uma cambada de marrecos

Sem autoria

Se os Ministros se aproveitam
 Da bonomia do povo;
 Se os Libórios não se ajeitam
 Com este Sistema novo;
 Se já nem um ganchozinho
 Deixam fazer o Caldo;
 Culpa tem o Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

¹²⁶O *Noticiador*, Rio Grande, 5 fev. 1835.

¹²⁷O *Noticiador*, Rio Grande, 12 fev. 1835.

Se o Cupidinho de farda
 Só atende a Lord Esporas:
 Se aos ecos da mestra Aurora
 Responde a mana Bernarda¹²⁸;
 E se o povo é tão tolinho
 Que por si quer julgar só:
 Culpa tem o Setezinho
 - Morra o novo Figaró.

Se as Províncias se alevantam
 Contra o nosso Lauritano;
 E se os anarquistas cantam
 Vitória por mais um ano;
 Se o nosso Cicerorinho
 Cata as pulgas de Nhônô;
 É culpa do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Se os Ministros e tarelos
 Receiam borrasca perto;
 Se o maldito Vasconcelos
 Os tem posto em grande aperto;
 Se de Minas ao focinho
 Lhes arroja lama e pó;
 É culpa do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Se o nosso governo, rindo,
 Enche o ventre e coça a perna;
 Se o Parricida fugindo
 (P'ra nossa vergonha eterna!)
 Faz da praia seu caminho,
 Porque d'ele se houve dó;
 É culpa do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Se os jurados já tem dito
 Que não mais se ajuntaram,
 E que um escândalo inaudito
 Per si mesmo vingaram;
 Se isso corre é contoquinho
 Dos que conta minha avó;
 Culpa tem o Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Se as santas impugnações
 D'um empregado fiel

¹²⁸ Nota original: "Dona Opinião Campanhense"

São gorduchos camarões
 Do compadre Rafael;
 E se o curto ribeirinho
 Desata místico nó
 A'sbaroas do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Se um padre de grande vulto
 Foi se comungando os Anteros;
 E se acho que o povo inculto
 Tem semelhança c'osNeros;
 Se não gostava de vinho
 Sem hóstias de pão de ló;
 É culpa do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Se acossada dos cachorros
 A culta entra no local;
 Se não vem a água em jorros
 Das bicas da Carioca;
 E se o laço passarinho
 De calor suspira só;
 É culpa do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

Foi p'ra reprimir a peste
 D'escrever e de imprimir,
 Que Deus do teto celeste
 Potes d'águas fez cair;
 Se hoje o tempo é tão mesquinho
 Que dilúvio é só de pó;
 É culpa do Setezinho:
 - Morra o novo Figaró.

APELAÇÃO¹²⁹

Ai! Se o povo ingrato ri
 Dos marrecos indignados,
 Ao ler nossos pecados
 Com foros d'anfiguri.
 Livrai-nos Sant'Antoninho
 Da sorte de Badaró;
 Guardai vós o Setezinho:
 Viva o novo Figaró!

DÉCIMA¹³⁰

¹²⁹O *Noticiador*, Rio Grande, 12 fev. 1835.

Jovem Brasileira

Três corcundas mui chumbados,
 De Tobas na suja Estância,
 A sentina com jactância
 Reliam embasbacados:
 Eis que exclama um dos breados,
 Que jornal tão moralista!
 Logo o Queiroz matraquista
 Diz aos dois da sucia infame,
 Quanto antes se proclame
 Restauração miquelista.

LADAINHA DA AGONIA¹³¹

O Padre Exorcista

D'entre as trevas do mistério
 Mostra, ó Deus¹³² c'o novo ano,
 Os serviços e os milagres
 Do teu *Papa Lauriano*.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

CORO

Deus o julgue lá no Céu:
Orate pro Céu.

Os sopapos que levara
 Quer do *Amo*, quer do *Rato*
 Tudo humilde suportara
 Por amor do Povo ingrato.

¹³⁰O *Noticiador*, Rio Grande, 19 fev. 1835. Nota original: "A nossa jovem brasileira, que há muito tempo não nos enviava suas galantarias poéticas, nos remeteu a décima infra transcrita, para lhe darmos publicidade, feita, segundo ela diz, por se começar a falar em – restauração miquelista. – Está viva, e maliciosa Menina, que já nos comprometeu com os Colendíssimos, quer ainda malquistarmos com gente que gratuitamente nos votam figadal odiosidade. Seja o que for, saia o que sair, aí vai a asneira".

¹³¹O *Noticiador*, Rio Grande, 5 mar. 1835. Nota original: "Publicação original do periódico *O Pandeira*", precedido do título "Preces ardentes" e do texto "*Dos fieis marrecos em favor do Papa Lauriano. No dia 15 do corrente janeiro, pelas 9 e meia horas da noite, reunida toda a comunhão ortodoxa na vistosa capela, que o nosso Padre José Agostinho de Macedo havia consagrado ao Desengano, junto ao Salão dos sorvetes, aí os marrecos mais devotos, empenhados de negro e com faixas de crepe a tiracolo, se puseram de joelhos com toda a devoção, precedidos do Ev. Exorcista de pluvial cor de fogo aos ombros, e carocha de papel na cabeça, toda crivada de mutucas. Depois de alguns ais penetrantes, desprendidos aqui e ali, que abobada repetia com a mesma religiosidade, veio a voz do sacerdote arrancar ribeiros de lágrimas a todos os fiéis com a seguinte:*"

¹³² Nota original: "O Desengano"

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, marrecos tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

A seus e nossos *parentes*
 Deu lugares e deu ouro!
 Que seria da Nação
 Se ele embeíça no Tesouro!

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Quem mais nos dará *sorvetes*?
 Quem essas festas gabadas?
 À custa do *dote zero*!
 D'*heranças* imaginadas!

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Colaborando a *Mutuca*
 Pôs a tudo n'um sarilho,
 Muito bem fez ao país,
 Muito mal ao *Canotilho*.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Mas o penhor de mor preço,
 Que nos dá seu coração,
 É, despedindo-se, o molde
 De *franca* Proclamação.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Nas comutações de Minas
 Portou-se robusto e forte;
 De tão nobre *Amor da Pasta*

Lhe veio golpe de morte.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Sempre honrado e vigilante,
 A *Damas* não dava orelhas;
 Nem gostava de *brilhantes*
 Nem aceitava *parelhas*.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Era o mais duro parceiro
 Dos que em Negros traficavam;
 Se alguns *pobres*¹³³s'evadiam
 Bem bons *contos* lhe custavam.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Banidos, que a nós volviam,
 Davam lustre a seus palácios;
 Sejam provas que alto gritem
Pedrosas e Bonifácios.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

Tantos milagres atestam
 Seu bom zelo e santidade,
 Que em balde o *Rato* se esforça
 A comprovar-lhe a maldade.

Ai! Pouca vida tem!
 Chorai, *marrecos* tristes,
 C'os olhos com que o vistes
 A nós todos fazer bem.

¹³³ Nota original: "Traficantes".

Malditas *Cartas*, que encerram
Tanta mentira escondida!
Assim do *Papas*'escreve
A *filosófica* vida!!

Ai! Pouca vida tem!
Chorai, *marrecos* tristes,
C'os olhos com que o vistes
A nós todos fazer bem.

Ai! Que a vida lhe falece!
Ai! Não há quem me console!!
Vede, irmãos, s'ele está morto;
Vede, vede, s'inda bole.

Ai! Que a vida foi-se!
Chorai, *marrecos* tristes,
C'os olhos com que o vistes
Quase sempre dar seu coice.
(O padre exorcista)

OREMOS

Desengano! Desengano terrível! Tu que vieste dar-nos uma lição tão poderosa das coisas do mundo na *política* pessoa do *caríssimo* Lauriano dos Milagres, digna-te, já que ele me não serve mais, acarretar esses miseráveis restos junto às praias da *Lagoa dos Patos*, onde eles sirvam de pasto ao enxame das sôfregas mutucas, para onde também irá bem cedo o imundo cadáver da minha Besta esfolada. Amém.

OREMOS

Os meus dias passaram-se; todas as esperanças do coração se desvaneceram e dissiparam; e queriam ainda fazer-me acreditar que a noite, em que me vejo, se tornaria em luz radiante.

Mas o certo é que, quando a aurora aparecer, a minha casa será o túmulo, o sepulcro será meu pai, e os vermes meus irmãos.

– Onde está pois minha esperança? Quem há aí que bem possa considerar a minha paciência?! *Sic transit gloria mundi!!!*

CORO

Misererime!

Delim, dim, dim, dimdelim...
Que sucesso desumano!
O Papão do Lauriano
Já lá vai, já teve fim!
Delim, dim, dim,
Chorai, marrecos!
Chorais, tarecos!
Que matilha que a Pátria perdeu!

Esporados,
 Cupidinhos,
 Ataides,
 Ribeirinhos,
 E por fim...
 O mutuca e o rossim!
 Um golpe que o Castro deu
 Esmagou-lhe o ninho e os ovos:
 Exultai, Mineiros Povos!
 Já lá vai, já teve fim!
 Delim, dim, dim, etc.
 Begarrures,
 Rafaeis,
 Magalhães,
 E os Toneis, etc.

A Ladainha de todos os Santos¹³⁴

De Governo, que se diz
 Ser muito *liberalão*¹³⁵,
 Mas que não quer para si
 O que quer para a Nação:
 Libera nós, Domine.

De Escritor, que me inculca ser
 Muito Constitucional,
 Porém que nos seus escritos
 Não quer perder um real:
 Libera nós, Domine.

De sagazes Partidores,
 Que nas partilhas alheias
 Arranjam tais qui pro quós
 Que para si partem de meias:
 Libera nós, Domine.

De espertalhão Trapicheiro,
 Que no emprego faz estudo,
 E vai de noite ao Trapiche
 Buscar a amostra de tudo:
 Libera nós, Domine.

De velhasco Marceneiro,
 Que de hábil ser é gabola,
 E os remendos tapa as obras

¹³⁴O *Noticiador*, Rio Grande, 4 maio 1835. Nota original: "Publicação original do periódico O *Mosquito*; extraído do periódico *Opinião Campanhense*."

¹³⁵Liberalão era usado como um termo depreciativo para os liberais.

Só com pó de serra, e cola:
Libera nós, Domine.

De Cômicos, que tem jeito
 P'ra qualquer papel preciso;
 Que sirvam de testemunhas
 Para depor em Juízo,
Libera nós, Domine.

De pobres, que andam sempre
 Ao seu bordão encostados
 Pedindo esmolas, sem serem
 Doentes ou aleijados:
Libera nós, Domine.

De Esmoleres pedinchões,
 Que trazem saco e caixinhas,
 E pedem lhes deem d'esmola
 Alguns frangos ou galinhas:
Libera nós, Domine.

E de cachaçudos Frades
 Chamados Religiosos?
 D'esses entes desprezíveis,
 Mandriões e preguiçosos:
Libera nós, Domine.

De Freiras, que dos Conventos
 Dão adeus aos Estudantes,
 E lá mesmo pelas grades
 Botam cartinhas d'amantes:
Libera nós, Domine.

De rapinas Marmoteiros,
 Que de porta em porta vão
 Com a marmota ao cachaço
 Mostrando o seu Papa pão:
Libera nós, Domine.

De Vendedores de leite,
 Que sem dó, sem pejo ou mágoa
 Impingem aos compradores
 Por dinheiro, leite e água:
Libera nós, Domine.

De Curraleiros de gado,
 Que sem temor, nem receio,
 Quando tem ocasião
 Também marcam o gado alheio...

Libera nós, Domine.

De testemunhas, que sempre
Andam depondo em juízo,
E se oferecem a qualquer
P'ra jurar se for preciso...
Libera nós, Domine.

De presos, que da Cadeia
Pelas grades botam laços
P'ra apanhar porcos e os metem
Depois p'ra dentro aos pedaços:
Libera nós, Domine.

De Jogador de Bilhar,
Que encostando amassa a bola
Faz certos rabos, e arrasta-a
Até quase à carambola:
Libera nós, Domine.

De quem joga o voltarete¹³⁶,
Como eu o não sei jogar,
Digo que de todo aquele,
Que neste jogo furta:
Libera nós, Domine.

De Quitandeira de angu,
Que temperam a panela,
Sem manteiga, nem toicinho,
E só com sebo de vela:
Libera nós, Domine.

De Prostitutas infames,
Que esperam só que anoiteça
Para saírem aos bandos
Com o capote à cabeça:
Libera nós, Domine.

Inda não entraram todos
Na Ladainha terceira;
Porém não se descontentem,
Que saíram na primeira.
Amém.

A menina inda solteira¹³⁷

Publicação original do periódico *O Mosquito*

¹³⁶Voltarete é um jogo de cartas comum no século XIX para três pessoas.

¹³⁷*O Noticiador*, Rio Grande, 1º jun. 1835.

A menina inda solteira,
E por seus pais recatada,
Que para ver os tafuis
Corre ligeira à sacada:
Se em casa-la houver demora
Vai-se embora.

Aquela que se embeleza
No peralvilho estudante,
Ou que não sai do postigo
Dizendo adeus ao amante:
Inda que pareça bela,
Fugir d'ela.

A que foge de viver
Do marido em companhia,
E está sempre na janela
A toda hora do dia:
De tais cabeças de vento
Anjo Bento!

A que até horas d'almoço
Dorme; e depois de jantar;
A noite diz que tem sono,
E quer-se cedo deitar:
Se indagarem a razão,
Logração...

Aquela que inventa modas,
Faz vestidos degotados,
E tão curtos, que aparecem
Da saia branca os babados,
E com elas vai à festa:
Desonesta.

A que é muito presumida
De ser formosa e engraçada;
E que, por falta de senso,
Faz garbo em ser namorada:
Ai d'aquela que a levar
P'ra casar!

A que lê livros d'amores,
De versos gosta a leitura,
Gasta o tempo em ler gazetas,
E não sabe o que é costura;
De mulher tal o governo
É um inferno.

A que depois de ter filhos
 Quer aprender a dançar,
 E por casa dos vizinhos
 O tempo gasta em jogar:
 Tem, se não perde o juízo,
 Pouco siso.

Aquela a quem o marido
 Foi inda a pouco enterrado,
 E vai já de ponto em branco
 A certo baile ou noivado;
 Joga alegre e voltarete:
 Bom porrete.

A que sem posses chibanta,
 E tem ricos penteados,
 E traz os filhos em público
 Sempre sujes e rasgados,
 Porque só para si quer:
 Má mulher.

A que tem, sem ser fidalga,
 Em casa muitas criadas
 Sem d'elas ter precisão,
 E paga grossas soldadas,
 Se não é por gabolice,
 É tolice.

A que já depois de velha,
 Sendo rica quer casar,
 E presume que um marido
 Formoso e moça há de achar:
 Quer passar o fim da vida
 Em má lida.

À saudade do excelente Bisconsere¹³⁸

Publicação original do periódico *O Mosquito*

Brasileiros, que desgraça
 Contra nós o Céu mandou!
 O mais fino publicista
 Que Lísia nos enviou
 Deixou de ser Estadista
 Já lá vai, já se acabou.

Meu Zé de Miranda,

¹³⁸O *Noticiador*, Rio Grande, 22 jun. 1835.

De Lísia portento,
 Os ventos te levem
 A bem salvamento!
 Ufano entrar possas
 O teu pátrio ninho
 De glórias enchendo
 Bianna do Minho!

Qual egrégio Cincinato,
 Do nada a Consul passou;
 Bateu inimigo arteiro,
 E, mal que a Pátria salvou,
 Buscou vida de pombeiro;
 Já lá vai, já se acabou.

Meu Zé de Miranda,
 De Lísia portento,
 Os ventos te levem
 A bom salvamento!
 Ufano entrar possas
 O teu pátrio ninho,
 De glórias enchendo
 Bianna do Minho!

Em terrível orfandade
 D'Argentre, Vatel ficou;
 O seu Fritot adorado
 Por cascas d'alhos trocou,
 E nas cebolas filado,
 Já lá vai, já se acabou.

Meu Zé de Miranda,
 De Lísia portento,
 Os ventos te levem
 A bem salvamento!
 Ufano entrar possas
 O teu pátrio ninho,
 De glórias enchendo
 Bianna do Minho!

Como o tempo sem constância
 Tão ligeiro se mudou!
 Tanta pompa, tanta glória
 De repente se eclipsou:
 E quem deu assunto à história
 Já lá vai, já se acabou.

Meu Zé de Miranda,
 De Lísia portento,

Os ventos te levem
 A bom salvamento!
 Ufano entrar possas
 O teu pátrio ninho,
 De glórias enchendo
 Bianna do Minho!

Correi, lágrimas de todos!
 Que o fatal golpe chegou!
 Nossa sorte miseranda
 Chore quem nunca chorou
 Que o nosso Zé de Miranda
 Já lá vai, já se acabou.

Meu Zé de Miranda,
 De Lísia portento,
 Os ventos te levem
 A bom salvamento!
 Ufano entrar possas
 O teu pátrio ninho,
 De glórias enchendo
 Bianna do Minho!

SONETO ¹³⁹

Um soldado no Campo

Enquanto o vão ricaço na Cidade
 Em prazeres contínuos engolfado
 De vis aduladores bajulado
 Não se lembra da Pátria, ou Liberdade.

Enquanto o vício, a hórrida maldade
 Vive ufana de colo levantado
 Enquanto o governante descansado
 Atende à intriga, escuta a falsidade.

O Soldado da Pátria destemido
 Vence mil p'rigos encarando a morte,
 Esquecido, mal pago, e mal vestido.

Miserando destino! Infausta sorte!
 Que há de ser desprezado e aborrecido
 Da Pátria o defensor valente e forte!

Os Caranguejos vulgo Retrógrados ou Cabeleiras¹⁴⁰

¹³⁹O *Noticiador*, Rio Grande, 9 jul. 1835.

(Tradução do espanhol)

APÓLOGO

Cansados seriamente os Caranguejos
 Da, sós, entre milhões d'animalejos,
 Andarem para trás, uso que olhavam
 Como aposto à razão, que assim calcavam;
 Trataram de abolir por brando meio,
 Por pacífico modo e abuso feio.

Fizeram Leis, Pragmáticas ditaram,
 E a todo o Povo seu determinaram,
 Que só para traz como soia.

Como porem mudança de costumes
 Causam raivas em mim, em mil ciúmes;
 Alguns dos nervos rijos, emperrados
 Contra a Lei se declaram mui danados,
 (Eram teimosos, velhos interesseiros,
 Insultos, maus, nojentos, rotineiros).
 Enquanto a maior parte alegremente
 A segue respeitosa, instantaneamente.

Eis súbito uma voz corre, e se expande
 De que um Certo, que goza um posto grande
 Temendo em terra ver, em fumo, em vento
 Sua imensa fortuna, e valimento,
 Buscava dar lhe força, e consistência
 Por meio da venal pena, e insolência
 D'um Caranguejo que da fama o brado
 Diz, que se vende, a preço acomodado.
 Mal isto sou, um outro vil, mesquinho!

De feia patê, d'lenido focinho,
 Que andar para diante não poderá
 Sem um milagre, e que por isso era
 Oposto a nossa Lei, que dava a perros;
 Da calva hedionda mil sandices, erros
 Se propõe produzir... quem não estranha
 Vendo tais Sabichões d'astucia, e manha?

Que miséria! Que dor! (entre bocejos
 Gritam alguns mui frouxos Caranguejos)
 Lá vai a nova lei, de todo a terra,
 Se Caranguejos tais lhe movem guerra:

¹⁴⁰O Noticiador, Rio Grande, 24 set. 1835.

Perdidos somos... Calem-se blasfêmios,
 (Rompe um valente) Nada receemos:
 Esses sabujos vis contra o Sistema,
 Que mal podem fazer que a Nação tema?
 Martins sem forças, vozearia sua
 Que mais pode, que em vão ladrar à Lua?
 Se andar para diante a Lei ordena,
 E para trás marchar, sabia, condena;
 Que eles se movam como bem lhe agrade,
 Que pão, e pão, mais pão sobre eles há de
 Ser o condam, a mágica virtude
 De conter, de ilustrar a corja rude.

Na Carangueja Nação
 Tal aconteceu n'outrora:
 Se há Caranguejos agora,
 Fácil é a aplicação.

A MORTE DO... PROVISÓRIO¹⁴¹

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Soneto Elegíaco

Zunão carochas e besouros pretos;
 Miem em canto chão pingados gatos;
 Grasnido ergam *marrecos*, ergam patos,
 E entoem todos lúgubres versetos.

Dos *Barbôniosa rua* chore espetos;
 Chiem da Alfândega os chorudos ratos;
 Na *Floresta* pranteiem sócios natos,
 O transtorno fatal de *altos projetos*!

Pandilha do Balcão! Em ais, em gritos,
 Com penitentes olhos nunca enxutos,
 Celebra lhe os funéreos, sacros Ritos:

E tu, La Veiga, (capataz de astutos)!
 Cinge de negros tarjas *teus escritos*,
 E arrasta pelas Praças longos lutos.

AO MESMO¹⁴²

Publicação original do periódico *O Sete d'Abril*

Soneto Epinicioco

¹⁴¹O *Noticiador*, Rio Grande, 15 nov. 1835.

¹⁴²O *Noticiador*, Rio Grande, 15 nov. 1835.

Espichou! Espichou! Carpi, tarécos!
 Finou-se o São Martinho dos velhacos!
 Se atestados não tínheis inda os sacos,
 Ora os não encheis, meus badamecos:

AO PROVISÓRIO (charco de *marrecos*,
 Golfam que afoitos aram nautas fracos)
 Sucede HERCULEUA CLAVA, freio a Cacos,
 Rijo açamo a políticos bonecos:

Parabéns, cidadãos, pobres e ricos!
 Não há que temer já feres nem cocos
 De esfaimados, de arteiros *Joânicos*.¹⁴³

Goraram do BALCÃO projetos ocos!
 Houve briga entre os *sócios* seus inícos¹⁴⁴
 E ferveram, se diz, *no club* os socos.

¹⁴³ Nota original: "Vid. Nicolau Tolentino".

¹⁴⁴ Nota original: "Assim o disse Camões".

7. TRANSCRIÇÃO DA RELAÇÃO DOS FESTEJOS, QUE FIZERAM OS PORTUGUESES RESIDENTES NA VILA DO RIO GRANDE DO SUL, EM DEMONSTRAÇÃO DE SEU JUBILO PELO RESTABELECIMENTO DA PAZ, E DA LIBERDADE NA SUA PÁTRIA.

Vila do Rio Grande do Sul 1834. Tipografia de F.X.F.

Os Portugueses residentes na Vila de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao receberem a fausta notícia de ter felizmente terminado a luta heroica e porfiada dos Portugueses livres contra o Tirano, e seus sequazes, acompanhados do Vice-Cônsul de sua Nação determinaram dar um jantar, e um esplêndido baile em demonstração de seu jubilo e entusiasmo por tão felizes acontecimentos, o jantar no dia 24 de Agosto. Aniversário daquele em que na incomparável cidade do Porto se levantou o grito, que despertou na Nação Portuguesa sentimento de seus direitos, dignidade, e glória, e da necessidade de uma nova organização social segundo as formas representativas; e o baile no dia 25 do mesmo mês, sendo depois adiado para o dia 26 por causa do mal tempo. Para o jantar foram convidados os Srs. Juiz de Direito Municipal, dos órfãos, os oito Juizes de Paz ajuramentados, Presidente, e Vereadores da Câmara Municipal, Comandante dos Municipais Permanentes, Chefes das Estações Fiscais, Párcos, e geralmente todas as pessoas investidas de autoridade pública; e em assim todos os Agentes Consulares; e foram igualmente convidados todos os Portugueses residentes nas Vilas de São Jose do Norte, e de São Francisco de Paula: para o baile convidaram-se as famílias Brasileiras e Estrangeiras das três Vilas, e suas imediações. No dia passado e hora designada, tendo não obstante o mal tempo concorrido grande número de convidados, foi o jantar anunciado por uma girândola de fogo, e uma salva de morteiros.

Servida a mesa convenientemente, em tempo oportuno foi pelo Vice-Cônsul Português, o Sr. Manoel Jose Barreiros, proposto o primeiro brinde à Nação Brasileira, Livre e Independente, o qual foi respondido por todos com o mais rivo entusiasmo, acompanhado do Hino Brasileiro, executado por uma excelente banda de Música, para esse fim preparada, e foi também anunciado ao Público por uma salva de morteiros. Seguiu-se o segundo brinde ao Sr. D. Pedro II., Imperador Cônsul-Nacional do Brasil, proposto pelo mesmo Vice-Cônsul Português, e acompanhado de iguais demonstrações.

Os srs. Antônio Jose Affonso Guimarães, e Manoel Gomes da Silva, vereadores da Câmara Municipal, Porfírio Ferreira Nunes, comandante da Guarda Nacional e Carlos Antônio da Silva Soares, oficial da mesma guarda, e

Promotor Público, propuseram incisivamente brindes aos Portugueses livres da opressão, aos seus libertadores, e outros no mesmo sentido, que todos foram geralmente aplaudidos, assim como os que logo propôs o Vice-Cônsul Português a Nação Portuguesa livre e Independente, a Sra. D. Maria II, Rainha Constitucional de Portugal, e as Nações cujos Agentes consulares estavam presentes, ou cidadãos que os suprissem. O Sr. Agostinho Brue, Negociante Frances, preponderando sucintamente a necessidade da harmonia entre as Nações livres e industriosas, propôs em seguida o brinde a amizade perpetua de todas as Nações livres da Europa e América.

O Bacharel Jose Marcellino da Rocha Cabral, uma das vítimas da perseguição, que se evadira de uma hórrida masmorra para estas praias hospitaleiras, depois de um sucinto, mas enérgico discurso em que memorou a tendência, e movimento irresistível do espírito humano para a Liberdade, e para a Civilização de todos os Povos da terra: e pouco depois, fazendo precedentemente a animada exposição dos justificados motivos que operarão a separação da Grande Família Portuguesa acima dos prejuízos vulgares, os recíprocos interesses políticos, e industriais do Portugal e do Brasil, as suas mutuas e gloriosas recordações históricas; as suas particulares e fortes simpatias, sobretudo, depois do triunfo da Liberdade Portuguesa; e a necessidade de extirpar todo o gérmen de dissensão, e miseráveis rivalidades entre estas duas Nações; assim como de apertar, quanto for possível, entre Brasileiros e Portugueses os vínculos da amizade e fraternidade, propôs um novo brinde a perpetua e nunca perturbada amizade e fraternidade das duas grandes Nações Brasileiras e Portuguesa, Livre e Independentes. Seguiram-se outros brindes, todos a objetos Liberais, e todos repetidos com o mais pronunciado entusiasmo, e acompanhados do Hino Brasileiro, ou Português, segundo os objetos a que estão destinados.

Findas as cobertas do jantar, foram os convidados conduzidos a sala do “desser”, que era servido com suntuosidade, variedade, e gosto, sobre uma mesa de figura elíptica(emblema da perfeição e igualdade relativas, como o círculo o “e” da perfeição e igualdade absolutas), a qual tinha mais de cem palmos de circunferência, e era formada de duas partes em figura de ferraduras, as quais separadas deixavam livre passagem para o interior. No centro, mas com separação e espaço para poder passar-se em roda, sobre degraus, cujos ângulos eram voltados para as extremidades e aberturas laterais da mesa, e figuraram ser de mármore branco com veios azuis, era elevado em pedestal de que saia a Arvore da Liberdade, figurada por uma copada e frondosa laranjeira. Ao último degrau do pedestal era encostado de uma parte um quadro com a pauta das linhas do Porto, e abaixo esta inscrição:

Eis as linhas do Porto triunfante
 Da força, do terror, da ousadia;
 - Aqui (dirá pasmando o viajante)
 - Se deu o golpe mortal na tirania!!!

Na fase seguinte liam-se em um quadro os dois seguintes versos à memória dos dois primeiros Generais Libertadores da Pátria:

Villa Flor! Saldanha! A Vossa gloria
 Eterna brilhará na Lusa história!!

No lado oposto lia-se em outro quadro em honra ao exímio Diplomata, que tão sabidamente conduziu a empresa pelos meios da política, o seguinte dístico:

Palmella, qual nauta experimentado,
 Dos escólios salvou a Nau do Estado!!

Na última face do degrau aparecia a perspectiva da Ilha terceira com esta inscrição:

Éesta a Terceira, Ilha afamada,
 Que as plantas não calcarão do tirano;
 Daqui saio mais pura, acrisolada,
 A gloria do Nome Lusitano!!!

Os intervalos entre os numerosos vasos de flores, e luzes, que ornavam, e iluminavam a base do pedestal, eram ocupados por pequenos quadros em que se liam as datas, e lugares mais famosos da história da regeneração, e da restauração da Liberdade Portuguesa. Nos quatros ângulos do pedestal viam-se quatro estatuas, figurando as quatro antigas partes do Globo, sustentando cada uma sua legenda, expressiva do sentimento que lhe inspirava aquele grande triunfo liberal. A América exprimia o seu jubilo, e justificado orgulho pelos seguintes versos:

Esta Planta dos lusos tão prezada
 Do Rico Solo meu foi transplantada.

A Europa enunciava suas seguras esperanças de ser toda livre, e a influência do triunfo da Liberdade Portuguesa nos destinos das Nações Europeias, d'esta maneira:

Toda livre serei de vis tiranos
Pois que livres são já os Lusitanos.

A Ásia, acordando do seu sonho letárgico, dava um sinal de vida social com a seguinte expressão:

O despotismo vil, que me entorpece,
Ao aspecto de Lísia estremece!

A África, sentindo o seu aviltamento, mas nem por isso indiferente á Regeneração Portuguesa, enunciava a impressão, que lhe fizera aquele glorioso exemplo, da seguinte maneira:

Até no peito meu reflete a chama,
Que o nobre Povo Luso tanto inflama!

Nos espaços entre os cantos do pedestal era de uma parte colocado um mecanismo, em cima da qual se via, em volto, uma figura, que representava o gênio da Lusitana, guardando um reservatório do sangue Português derramado na luta contra a tirania, e regulando uma lica do mesmo sangue, que com a mais perfeita ilusão parecia corres, e sumir-se para o pé da Arvore da Liberdade. Abaixo deste emblema, na face do pedestal, liam-se os seguintes versos:

Debalde intenta despotismo insano
A Arvore arrancar da Liberdade,
Regada com o sangue Lusitano
Froncosa durará na eternidade.

Seguia-se no outro intervalo do pedestal a effigie da Rainha D. Maria II., e abaixo esta inscrição:

Gloria, e ventura o teu reinado
Dará, Rainha Excelsa, á Lísia aflita;
O Poder que nas leis He cimentado
E' segurança dos Reis, do Povo é dita.

No intervalo seguinte era elevado em um bastão o barrete da Liberdade, sobre um cetro de prata, e a Constituição da Monarquia Portuguesa, significando que os Portugueses querem a Liberdade, não licenciada, mas regrada segundo aquele Código Fundamental, e forma de Governo adotada pela Nação. Correspondia-lhe no pedestal outra inscrição, ao mesmo tempo explicativa do objeto dos festejos, desta maneira:

Com jubilo festival solenizar
Os nobres feitos seus, foi dos Romanos;
O nosso assunto é maior, é celebrar
O triunfo liberal dos lusitanos.

Ultimamente no intervalo restante eram colocadas as Armas da Nação Portuguesa circundadas de ramos de louro; e abaixo, na face correspondente do pedestal, lia-se a seguinte inscrição:

As Lusitanas Quinas, tão famosa
Por feitos mais que humanos n'outra idade,
Ressurgem mais ilustres, gloriosas,
Inscritas no Pendão da Liberdade!

Do centro da árvore saía em todos os sentidos um intenso clarão, formado por um sistema de revérberos, para significar que a Liberdade se alimenta da ilustração, e ao mesmo tempo a difunde em todos os Povos da Terra. Dos ramos pendiam numerosas laranjas interiormente iluminadas, em cada uma das quais se lia uma palavra significativa de alguns dos frutos, ou resultados da Liberdade, = Ciências, Belas Artes, Civilização, Riqueza, Poder, Grandeza, Prosperidade, Agricultura, Comércio, Artes, Navegação, Melhoramentos, Segurança, Moral, Sentimentos, Costumes, Patriotismo, Virtudes, Heroísmo, etc, etc. Tais eram os frutos da Arvore da Liberdade, que terminavam, e completavam a alegoria, deleitando ao mesmo tempo a vista, e a imaginação. O momento em que os convidados foram introduzidos neste lugar, era capaz de compensar todos os horrores, e sofrimentos de uma aturada perseguição, e provou o poder mágico da Liberdade para excitar os sentimentos mais elevados, e as mais fortes emoções nas almas que não foram degradadas pelo servilismo. Dando-se mais alimento aos espíritos, do que sensações ao paladar, desenvolveu-se um entusiasmo superior a expressão. Novos brindes, novas saudações se ouviram de todas as partes, e todos a objetos dignos do homem livre, e das Nações Cultas. Então o mesmo Bacharel, Jose Marcelino da Rocha Cabral fez a sumária exposição do amor da Liberdade, da Constância, do esforço, e do valor dos Portugueses, que vendo a

Pátria escravizada por uma execranda traição, conceberão o audacioso e heroico projeto de libertá-la; para esse nobre fim se reuniram e um ponto no meio do oceano, e ali contrariados pelos elementos, e pela política então retrógada e tirânica de todos os gabinetes da Europa(a ponto de verem d'aquela asilo do infortúnio e do heroísmo alguns de seus companheiros hostilizados, e vedados de desembarcarem pelas forças navais da primeira Nação Marítima) sem recursos, bloqueados, cercados de um arquipélago inimigo, ameaçados, e atacados por formidáveis forças do tirano, não só não sucumbiram, nem desesperarão da salvação da Pátria, mas guardaram ileso a Liberdade, e a Honra Nacional; aniquilaram a expedição do déspota; libertarão os Açores; foram com a diminuta força de 7500 homens acometer o monstro no continente, senhor de todas as forças sociais, sustentado por mais de 80 ou 100 mil homens armados, e fanatizados, cercado do terror, e tendo os amigos da Liberdade, que não foram sacrificados nos cadafalsos, agrilhoados em masmorras, ou dispersos, e relegados; que superando todas estas dificuldades, depois da mais sanguinolenta e porfiada luta de quase dois anos, a braços com forças dezenas de vezes superiores, com a peste, e com a miséria, aniquilaram por fim o poder de usurpador, e restauraram a Monarquia, e a Liberdade Constitucional! Feita esta resumida mas verdadeira exposição, propôs o ultimo brinde aos Portugueses, que formaram a Monarquia Constitucional com feitos dignos dos mais belos e gloriosos tempos da Nação Portuguesa, e que não são excedidos por quantos aparecem na História do Gênero Humano; brinde que foi acolhido e repetido por todos com o mais vivo indizível entusiasmo.

Este Estado de verdadeiro êxtase durou até depois das 9 horas da noite, que os convidados se retiraram cheios de satisfação, e deixando não menos satisfeitos, e reconhecidos os Portugueses livres, e dignos da Liberdade.

No dia 26 teve lugar o baile, no mesmo edifício em uma espaçosa sala magnificamente iluminada, e mobiliada, e cujo pé direito tinha sido de propósito forrado, e pintado com as cores Nacionais Portuguesas. A muita chuva não embarçou a concorrência de numerosas Famílias Brasileiras, e Estrangeiras, desejosas de partilharem o entusiasmo, e evasão de sentimentos liberais, que se manifestaram na primeira função; sendo sobre tudo notável o grande numero de Sras. Que concorrerão, todas vestidas e ornadas com o maior alinhamento, decência e gosto.

Chegado o momento da abertura do baile, foi pelos Mestres-Salas distribuído às Sras., e homens o Hino, que se segue esta relação, feito e impresso de propósito para o festejo; e executado por um excelente concerto de música sobre um magnífico coreto levantado no fundo da sala e

acompanhado por todos em coro com vivo entusiasmo. Terminado o Hino, o Vice Cônsul Português levantou vivas à Nação Brasileira Livre e Independente, ao Sr. D. Pedro 2º, Imperador Constitucional do Brasil, à Nação Portuguesa Livre e independente, à Sra. D. Maria 2º, Rainha Constitucional de Portugal; e aos Heróis Libertadores da Nação Portuguesa; os quais foram repetidos por todos com o mais subido entusiasmo. Então a Sra. D. Delfina Benigna da Cunha, Brasileira, e Rio-Grandense, e já por suas produções poéticas bem conhecidas no *Parnaso Brasileiro*¹⁴⁵, recitou os três excelentes Sonetos, que também vão adiante publicados. Seguiu-se o Hino Brasileiro, que foi repetidos com igual entusiasmo, e seguido aos vivas, que levantou o mesmo Vice-Cônsul Português aos Poderes Políticos do Brasil, a Liberdade do Brasil, e a Liberdade de todos os Povos da Terra. O Sr. Antônio Joaquim da Silva Mariante, Cidadão, e Patriota Brasileiro, com o mais pronunciado entusiasmo levantou vivas a consolidação da Liberdade Portuguesa, e as vítimas da tirania, que vindo procurar asilo no solo Brasileiro simpatizarão com suas Instituições e progressos Liberais; vivas que foram retribuídos por um emigrado com outros a Nação Liberal, e Hospitaleira, que tão generosamente nos acolheu, e aos dignos Cidadãos Brasileiros que simpatizarão com a virtude, e patriotismo perseguido pela tirania. Depois d'esta correspondência de exaltado, e geral entusiasmo abriu-se o baile por uma contradança de 20 pares primorosamente executada; e terminada ela, foi franqueada para toda a noite a sala do deserto precedente jantar, mas de novo servido com o mesmo gosto e magnificência. Não é possível descrever-se a curiosidade e o vivo interesse com que Sras. e homens a porfia entrarão a observar os interessantes objetos, que simbolizavam um grande triunfo liberal; e menos as doces emoções, e a efusão dos mais vivos sentimentos patrióticos e liberais que sucederam a curiosidade.

Em toda a circunferência da mesa e emblemas, soavam os brindes, e os vivas à Liberdade, e aos Heróis que sustentarão os Brasileiros, os Portugueses, e os outros Estrangeiros, de diferentes Nações, patenteavam sem distinção esta cordialidade, esta pura satisfação que só podem inspirar os elevados sentimentos do Patriotismo e do amor da Liberdade. Nesta ocasião a poetisa rio-grandense glosou a quadra inscrita no pedestal – Debalde intento despotismo insano, - nas quatro oitavas que adiante se lerão, e que provão ao mesmo tempo, que o gênio, e o vigoroso sentimento do amor da Liberdade são um dom exclusivo sexo mais forte. Depois glosou também, nas quatro décimas que igualmente vão adiante publicadas.

Voltando as Senhoras, e convidados à sala do baile, sucessivamente foram executadas diferentes danças, só interrompidas pela música oral de algumas Senhoras, que cantaram ao piano; mas este interessante

¹⁴⁵ Referência ao livro *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*, de Januário da Cunha Barbosa, publicado em 1831.

entretenimento não ocupou tão exclusivamente as atenções, que o lugar onde se viam os emblemas da Liberdade não fosse constantemente freqüentado por grande número de pessoas, que não se saciavam de contemplar, já o preço que custa aquela Arvore preciosa, já a riqueza e mais subido valor de seus frutos, já finalmente a gloria dos Heróis, que com tantos sacrifícios a salvaram dos embates e golpes do mais feroz tiranos; e os lugares e dias gloriosos, em que os Liberais Portugueses colheram os louros, que nem o tempo, nem a morte fará murchar. Assim se passou esta noite deliciosa, terminando o baile depois das 6 horas da manhã por uma contradança de 16 pares, seguida do Hino da Rainha Constitucional, e separando-se as famílias, e convidados, como a seu pesar, deste lugar, em que o pensamento, a imaginação e os sentidos simultaneamente gozaram a mais viva, e pura satisfação.

Contemplem os déspotas, e os vis escravos que os sustentam, esta fiel mais incompleta descrição de um patriótico festejo de Cidadãos, que se achavam a duas mil léguas da sua Pátria: conheça a força do entusiasmo Liberal, que nem as perseguições, nem a ferocidade, nem a extensão do Oceano podem enfraquecer; comparem com esta festa sentimental as suas pompas triunfais, que só fazem gemer a Humanidade; vejam as simpatias, que os trunfos da Liberdade despertam em todos os Povos, em todos os climas, e em todas as Regiões do Globo; e desistam de seus projetos tirânicos, como de uma quimera no século da ilustração: ou aliás a época chegará, em que hão de baquear de seus tronos vacilantes, só firmados na ignorância, na miséria, e na opressão, as quais brevemente há de por termo o progressivo e irresistível movimento do espírito Humano.

Hino Liberal

Lísia, que out'ora foi grande
Em virtude, é valentia,
Hoje é maior, mais famosa,
Debelando a Tirania

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Por esforço sobre humano,
Sucumbiu o despotismo:
Gloria seja tributada
Ao Lusitano Heroísmo

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Debalde o pérfido insiste
Na cruel ferocidade,
Dissipa as trevas do crime
O clarão da Liberdade.

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Mais que exílios, cadafalsos,
Inventos da iniquidade,
Pôde em peitos valorosos
Sacro amor da Liberdade.

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Não valeu contra a razão
Da tirania o poder;
Por que os Lusos jurarão
Cu triunfar, ou morrer

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Como o sol, q' d'entre as nuvens
Sai mais claro, e radiante;
Assim surge a Liberdade,
Da opressão, triunfante.

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão,
Vossos pulsos já cingem

Os ferros da escravidão

Ímpia, execranda facção,
Já teu império expirou!
A aurora da Liberdade
Na Lusa Pátria raiou!

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Brasileiros, que dos déspotas
Abominais a maldade,
Alegrai-vos: um triunfo
Conta mais a Liberdade.

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Entre Lísia e o Brasil,
Reinará sempre harmonia:
Ambas protestam fazer
Dura guerra à Tirania

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Povos opressos, que os ferros
Inda arrastais dos Tiranos,
A ser livres, a ser homens,
Aprendeis dos Lusitanos!

Exultai, ó Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

SONETOS

Nebulosos tempos de terror d'espantos!
 Parabéns, ó mortais, já são passados;
 Da Lusa gente os feitos sublimados
 Cantar quisera mais não posso tanto.

Banhando as faces de prazer em pranto
 Os Lusos vejo todas transportados,
 Dirigindo mil votos inflamados
 Ao puro, ao justo Céu, sereno, e santo.

O Português renome hoje revive;
 Triunfou a razão, a Liberdade,
 Ninguém ó Lísia de seus bens deprive.

Das trevas dissipou-se a densidade;
 Mais e mais em teu seio a luz se ative;
 Não triunfe de ti a iniquidade.

*

Maria Excelsa! Se a palavra – Glória –
 Foi ao teu nome desde a infância unida,
 Não podia ó Rainha Esclarecida,
 Negar-te o Céu, que é justo, alta vitória.

Com pasmo se há de ler na Lusa história,
 Por famosas ações enobrecida,
 O teu nome imortal, e a parca infida
 Não tentará cortar vida Nestória.

Ao ver-te, ó Diva, o bárbaro recua,
 Não ousa executar terríveis planos,
 O teu valor destrói a força crua.

Por glória sem par dos Lusitanos,
 Por honra imortal da Pátria tua,
 Os teus feitos serão mais do que humanos.

*

Cintila o facho da Razão Celeste
 Marulha o Tejo, o Douro, O Guadiana;
 Alvorça-se a gente Lusitana,
 E de ingente heroísmo se reveste,

Ao fim, ó Lísia, triunfar pudeste
 Da opressão mais cruel, e mais Tirana;
 Ao traves dos perigos sempre ufana
 A gloria antiga reviver fizeste

Alvorou-se o pendão penhor sagrado,
 Que aos Povos traz feliz tranquilidade,
 E o ferro cetro foi despedaçado,

Ergue-se um novo altar à sã verdade,
 Ordem por destra mão está gravado
 = PATRIA, CONSTITUIÇÃO, E LIBERDADE =

*

Debalde intenta o despotismo insano
 A Arvore arrancar da Liberdade;
 Regada como sangue Lusitano
 Frondosa durara na Eternidade.

Lísia, Pátria d'heróis, exulta canta,
 Ao brilhante clarão, que te ilumina;
 O nobre esforço teu ao Mundo espanta,
 E com olhos atentos te examina.
 Ressurgiu a verdade sacrossanta,
 O erro, a fraude vil não a domina;
 Subjugai-a de novo ao seu engano,
 Debalde intenta o despotismo insano.

Ouviu o Douro o grito insinuante,
 Que a Livre Nação Lusa articulava;
 Da Liberdade a Planta vicejante
 Na Terra fecundar principiava,
 Contra Ela ímpio monstro devorante,
 Com indomável fúria se arrojava;
 Mas em vão pretendeu sua maldade
 A Árvore arrancar da Liberdade.

Planta, Planta querida eu te saúdo,
 E lá, bem como aqui, prospera e cresce,
 Longe de ti Bóreas¹⁴⁶ carrancudo
 Do despotismo audaz que te murchasse;
 A' vista de teus ramos fique mudo
 Aquele que teus frutos desconhece;
 Não sejas mais por mãos d'ímpio Tirano
 Regada com o sangue Lusitano

Eis, ó Lusos, por mão do Onipotente
 Arraigada na Terra a planta amena;
 Para estender seus ramos docemente
 Toda a extensão do Globo acha pequena.
 O Tejo ovante em límpida corrente
 Arrega com a linfa mais serena;
 E esta Arvore tão precisa a Humanidade
 Frondosa durará na Eternidade

Debalde o tirano insiste
 Na cruel ferocidade,
 Dissipa as trevas do crime
 O Clarão da Liberdade

Lísia sofreu com bem custo
 O mais atroz despotismo;
 Porem com nobre heroísmo
 Debelou o monstro injusto:
 Livre do pálido susto
 Agora tranquila existe,
 Heroica e firme persiste
 No sistema liberal;
 E no projeto infernal
 Debalde o tirano insiste

Já não é infausta presa
 Lísia do ímpio miguel;
 Desse ente o mais cruel
 Que desonra a natureza.

*

¹⁴⁶ Referência ao vento frio que sopra do norte na Europa.

Do Tirano tigre a fereza
A sua igualar não há de;
A voz da doce piedade
Ao coração não lhe fala;
Um leão não o iguala
Na cruel ferocidade.

Por toda a parte espalhando
A morte, a desolação,
Parecia que a Razão
Ia-se em Lísia apagando;
Mas jove seu braço alçando
Contra quem o Povo oprime,
O terror da morte imprime
No coração do traidor,
E da razão o fulgor
Dissipa as trevas do crime

Foge o monstro exasperado,
Os Lusos em paz deixando;
E leva ódio nefando
Dentro em seu peito abafado;
Já então tinha raiado
A pulera luz da verdade;
Desopressão a Humanidade
Mil votos dirige ao Céu
Pois rompem do erro o véu
O clarão da Liberdade

8. Imagens

H Y M N O

MILITAR-BRASILEIRO,

FEITO POR F. X. F.

Para se cantar no Dia da Benção das Novas Bandeiras.



BRASILEIROS denodados
Voai ao Campo da Gloria,
Quem pejeja pela Patria,
Alcança sempre a Victoria.

Correi, ó Bravos, ás Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independencia, ou Morte.

NAõ fraqueem vossos peitos
Combatendo o Inimigo;
Brasileiro que he honrado
Nãõ teme a morte, ou perigo.

Correi, ó Bravos, &c.

DESPERSAI as vis Cohortes,
Que vos vem escravisar,
Quem com brio quebrou ferros
Tyrannos deve odiar.

Correi, ó Bravos, &c.

SAGRADO, novo Pendãõ
Acabais de receber,
Vede a Letra que o decora!
Ou Liberdade, ou Morrer.

Correi, ó Bravos, ás Armas,
Ide ao Templo de Mavorte,
Jurai ante o Nume Sacro:
Ou Independencia, ou Morte.

SEGUI de PEDRO o exemplo,
A coragem, o valor;
Quem tem este HERÓE á frente
A Marte excede em vigor.

Correi, ó Bravos, &c.

ABRAÕ-SE as portas de Jano,
Sãí tu, execravel guerra,
Para debellar os monstros
Com que Lyzia nos aterra.

Correi, ó Bravos, &c.

O SETE D'ABRIL.

40 Rs. RIO DE JANEIRO TERÇA FEIRA 1.º DE JANEIRO DE 1833. N. 1.

Publica-se ás Terças Feiras e Sabbados na Typ. Americana n. 160 Rua detraz do Hospicio. Recebem-se assignaturas a 1\$ - por trimestre, pagos adiantados. Os Ns. avulsos vendem-se nas lojas do costume.

.....
 Como quér que este feito os netos tomem,
 Hade em tudo vencer a Patria, a gloria.
Virg. Eneid. Lib. VI.

BRAZIL.

O dia Sete de Abril de 1831, em que a Providencia concedeu á este Imperio, mais um favor, dando ao mundo o espectáculo de uma revoluçam, de que o seu maior successo — *a abdicacam* — nam custou à Naçam, *uma victima, uma só gota de sangue, um só tiro*; se limitou em suas consequencias, de tantas à dezejar, à esse unico filho do acaso, como se essa fosse a maior carencia da Naçam, ou como se ella tivesse de castigar os insultos que sofreu em Novembro de 1823, e em Março de 1831, unicamente na pessoa do entam Imperador. Como se esse infeliz D. Pedro fosse o unico inimigo dos Brasileiros, e das liberdades, e nam ouvessem tantos sevandijas, que ainda agora à custa dos cofres da Naçam sustentam fausto, e a grandeza, que os faz olhar as desgraças publicas com indifferença, ou com o sorrizo da maldade com que as causaram.

A abdicacam do Monarca, preparada, e apressada por elle mesmo, pareceu de tal modo anticipada àquelles que a dezejavam, que elles mesmos, ou envergonhados da fraqueza do Principe; e da vileza dos seus adoradores; ou receozos de tomar sobre si a gloria que lhes nam competia, esperavam que a obra começada com tanta facilidade, e exito in-crivel, fosse concluida pelo impulso do acaso, que lhe deu o primeiro movimento. O certo he que no decurso das muitas horas, em que se esteve sem governo, e s m chefe; em que cada cidadam se julgava um soberano, e cada soldado um general victoriozo, era tam notavel a divergencia de opinioens, como o socego que reinava, em todo esse ajuntamento semivel, apenas interrompido por algum grito desconcertado, à que o medo de uns, e a boafé de outros, acudia com promessas de tudo fazer-se, ou de tudo dever-se esperar da maio-

ria dos Deputados da Naçam, em quem se tinha toda a confiança, porque entam o Senado era tido como entidade nulla; e a sua maioria convencida do seu nem um jús à afeičam dos seus concidadaos, se entregou, como perfeito automato, nos braços da sua limitadissima minoria, e influencia da Camara temporaria, até que a desinteligencia dos partidos *exaltado, e moderado*, e a furia dos *amarquistas* tirou essa pobre gente do estado de desprezo, em que por felicidade devia permanecer.

Os *exaltados* entam, como se melhor lessem nos facturos destinos da Patria, queriam que uma assembléa constituinte regulasse a sorte do Brazil, e firmasse com estabilidade, o trono vacillante do jovem Monarca, que nunca reinaria, se os Brasileiros generosamente nam esquecessem, sem exemplo das outras Naçoens civilizadas, o perigo que ha da successam de tiranos destronados, que fundaram a gloria do seu governo na *artilheria, cavallaria, e infantaria*. Os *moderados* porém, e os considerados como directores da revoluçam, induzidos por uma moderçam irreflectida, e obstinada, em tudo acordes com os *exaltados*, menos na installaçam de Assembléa Constituinte; imploraram nam sò perdam para o passado, mas até, que sobre tudo se corresse o véo do esquecimento; como se o Brazil tivesse por inimigo sò D. Pedro I., e nam esse Conselho d'Estado de quem recebeu os Decretos, que fizeram verter o sangue dos Bahianos, Pernambucanos, e Cearenses, e que destinavam aos caprixos dos agentes do *poder* à quem eram confiados os governos das Provincias, as vidas desses infelices cidadaos; esse *Senado*, sempre desposto a fazer retrogradar a nossa civilisaçam; esse *poder judiciario*, pela maior parte corrompido, devasso, e *immoral*; e finalmente essa *aristocracia* aviltante, e esse numerozo *exercito*, para um paiz independente, e onerozo a um estado nascente, em que os amigos da patria nam tinham accesso,

O Sete d'Abril (Rio de Janeiro, 1833-1839), citado nas páginas d'O Noticiador

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

N. 1. SABBADO: 25 DE FEVEREIRO DE 1832.

A VERDADE.

JORNAL MISCELLANICO.

O preço da assignatura é de 10000 réis por mez, e de 50000 por seis mezes. Subscreve-se em casa do Sr. João Pedro da Veiga, rua da Quitanda, e vendem-se numeros avulsos ali, e nas casas dos Srs. Ogier, e Baptista, na rua da Cadea, a 80 réis.

*Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.
Il doit régner par tout, et même dans la fable.*

Boileau (art. poet.)

RIO DE JANEIRO NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. DE 1832.

AMAR sua Pátria, (*dis l'abbé Barthelemy*) é fazer todos os seus esforços para que ella seja temivel de fóra, e tranquilla interiormente. As victorias, e os tratados vantajosos lhe atrainhem o respeito das Nações. Sómente a conservação das Leis, e dos costumes, pôde sustentar sua tranquillidade interior. Assim em quanto os generaes, e negociadores capazes se oppõe aos inimigos do estado, é necessario oppor á licença, e aos vícios, que tendem a tudo destruir; Leis, e virtudes, que tendem a tudo restabelecer; e daqui que multidão de deveres tão essenciaes, como indispensaveis, para cada uma classe de Cidadãos, e para cada Cidadão em particular!

O vós, que sois o objecto destas reflexões, vós que me fazeis sentir neste momento não ter bastante eloquencia para vos expressar dignamente verdades de que estou penetrada; vós em fim a quem eu quereria abrasar de todos os amores honestos, porque não seréis por isto se não mais fállices, lembrai-vos sempre que a Patria tem direitos imprescriptiveis, e sagrados sobre vossos talentos, sobre vossas virtudes, sobre vossos sentimentos, e em fim sobre todas vossas acções; que em qualquer estado em que vos achardeis, estareis sempre de sentinella, sempre obrigados a velar por ella, e ao menor perigo, correr em seu soccorro!

Para cumprir huma tão sublime tarefa, não he bastante desempenhar os empregos que ella vos confia, de defender suas Leis, conhecer seus interesses, derramar mesmo vosso sangue, em um campo de batalha, ou em lugar publico. Ella tem inimigos mais perigosos, que as alianças das Nações, e as divisões intestinas; é a guerra surda, e lenta, mas viva, e continua que os vícios fazem aos costumes; guerra tanto mais funesta, que a Patria não tem por si mesma algum meio de a evitar, ou de a sustentar.

Estas idéas suscitarão em nós o desejo de contribuirmos de nossa parte com nosso contingente para a guerra aos vícios, e á licença, que se tem apoderado dos prelos, invadido a sã moral, que deve salhir d'aquelles que se empenhem a ardua tarefa d'encaminhar os seus passos á prosperidade do

seo paiz; combater pois a licença, é nosso intuito, e depois d'isto analisar os actos dos quatro poderes Constitucionaes, lembrando as maneiras que nos parecerem mais adequadas a chegarmos ao fim que desejamos.

Nosso jornal apparecerá ás Terças, Quintas, e Sabbados, conterá huma revista da Córte, noticias das Provincias, Estrangeiras, alguns dados Statísticos, e litteratura, &c. Procuraremos variar o tanto quanto nos fór possível, misturando o util ao agradável.

Uma sociedade de 40 accionistas é a proprietaria d'esta folha, cada um garante sua existencia com a quantia de 100000 réis; os lucros, ou perdas serão divididos pelos accionistas, alguns de seos Membros s'encarregarão da sua redacção; não pareça ociosa esta publicação; por quanto ella tem por fim não só afixar ao publico a existencia, e apparição regular da folha, como indicar a nossos concidadãos esta maneira d'imprender, tão pouco conhecida entre nós. Cada accionista tendo entrado com 2000 réis de suas acções, tem formado um capital com que se sustentará a folha 4 mezes, findo os quaes, a cota será menor, e assim por diante, até que comece a dar interesse, sendo o maior um vehiculo mais por onde se espera fazer chegar a verdade a par das calumnias de que abundão os faizoupillhas, anarquistas, rusguentos, e outros que podem nascer das cavernas dos vícios: d'aquellas d'onde nem arte, nem sciencia são precisos para levar a anarquia mesmo ao ceo das familias do mais remoto lugar do Brasil. Rogamos pois a nossos leitores que quando os lerem dem o devido apreço aos seguintes versos de Frederico II., fallando da calumnia.

Craignez d'être surpris par ce monstre trompeur,
Fuyez de ses complots la cruelle neigeur.
Penchez vers l'accusé, tachez de le défendre,
E ne jugez personne, avant que de l'entendre.

O titulo do nosso jornal nos compromette a elucidar qualquer calumnia de que lancarem mão, estas folhas que se escrivão em hum Jury nimamente indulgente. Documentaremos quanto estiver em nossas forças o que contradissermos, a fim

A Verdade (Rio de Janeiro, 1832 – 1834), citado nas páginas d'O Noticiador

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

O NACIONAL.

N.º 61.

SABBAO 25 DE MAIO.

ANNO 1833.

Publica-se ás quartas feiras e sabbados na Typ. Americana, rua de S. Braz do Hospicio, n.º 160, onde se subscreve a 2\$000 rs. por trimestre, pagos adiantados; e vendem-se os ns. avulsos nas feiras do costume a 80 rs.

Il est temps de sauger d'un naufrage funeste.
Le plus grand de nos biens, le plus cher qui nous reste,
Le droit le plus sacré des mortels généreux,
La liberté: c'est là que tendent tous nos vœux.
Vallatré, Tancrede, Act. I.

Rio de Janeiro, Typographia Americana.

INTERIOR.

Rio de Janeiro. — O ministro da Justiça acaba de deixar a pasta que recebera pela queda do Ministerio tirado da opposição em Agosto do anno passado: e a dimissão de um Ministro, em todos os Paizes Constitucionaes, não he objecto de tão pouca monta que não dê assumpto a muitas conjecturas e indagações, principalmente se o Ministro dimittido he considerado como chefe do Ministerio, e se ao dimittir-se, nem ao menos pretextou incommodos de saude que o forçassem a semelhante resolução. Quando isto assim acontece causas occultas porém poderosas, ás quaes he forçoso ceder com tempo, tem operado sobre os membros da administração Publica: e ou para prevenir seus resultados, ou para conhecer sua origem, convem indagal-as e reflexionar sobre ellas com maduresa e imparcialidade, muito mais quando crises extraordinarias promettem todos os dias mudar a face das couzas, ou pelo menos alterar a paz interna, do que não poucos males resultão á Nação e á sua Liberdade: Nós, destituído de todos os conhecimentos Politicos para bem podermos proceder nesta analyse, não tomaremos a indagação das causas que motivarão a dimissão do Ministro da Justiça, todavia, por satisfazer nossos deveres, reflexionaremos um pouco sobre o passo que elle acaba de dar, e aos grandes Politicos fique profundar mais este negocio e tirar de suas indagações as consequencias que lhes parecerem certas.

O Ministro que acaba de dimittir-se subio talvez ao Ministerio pela notabilidade com que na Camara Temporaria combateo, os principios errados de uma opposição que parecia toda votada unicamente á queda do Governo actual; conhecido por suas adhesão á causa da ordem e da revolução, e pela energia de seus discursos pareceo que poderia dirigir bem os negocios Publicos em uma epocha em que os partidos se agitavão, e a opposição não havia podido manter-se na administração; e como tal foi considerado chefe do Ministerio e encarregado de organizal-o todo: certamente os Ministros escolhidos devião ser dos mesmos principios que aquelle que os escolhia, porque não he razoavel que um homem se dis-

ponha para entrar em trabalhos tendo por companheiros oppositores que a cada instante lhe destruirão os planos, e se constituirão com elle em uma guerra viva e destruidora; daqui pois a necessidade de crermos que o Ministerio encetou seus trabalhos com unanimidade de principios e por conseguinte, a necessidade igualmente provada de que com a dimissão do chefe se dimittirião igualmente os outros Ministros; pratica sempre vista nos Paizes Constitucionaes onde o systema Representativo he bem entendido e executado; todavia nós vemos que, dimittido o Ministro da Justiça, o resto do Ministerio se conserva inalterado sem mesmo chamar-se um novo membro que lhe substitua o posto, e entregando-se a Pasta a um dos Ministros existentes que a está regendo com o *titulo de interino*. O que devemos inferir daqui? Certamente que houve alteração de principios ou da parte do Ministro dimittido, ou da parte dos que agora existem; e como a marcha do Ministerio até certo tempo tinha sido approvada pela Opinião Publica, não he crível que os Ministros actuaes alterando-a se podessem conservar em seus postos, e portanto he forçoso ainda reconhecer que a alteração de principios, ou erro, ou quer que seja, esteve da parte do Ministro da Justiça.

Agora restaria sem duvida examinar a epocha, a qualidade, e a causa desse erro, e para isso he ainda mister talentos que nós não possuímos; mas se lançando um ligeiro golpe de vista sobre tudo o tempo que durou em seu posto o Ministro da Justiça nós podemos descobrir alguma cousa, um sentimento talvez não enganador nos faz recordar com pena a epocha das eleições, em que sendo o objecto que se tractava de grande ponderação, igualmente a opinião Publica devera estar muito desenvolvida, e vigilante sobre todos aquelles que a contrariassem no menor ponto de suas exigencias justas; nós sabemos que muitas vezes, estas exigencias são exageradas, mas então he de prudencia não attacas-las de frente: distrahir os circulos, apari-guar e não irritar, he a norma que o Ministro prudente deve seguir, senão quer precipitar-se com toda a gloria mais brilhante que por ventura possa ter adquirido. Com effeito,

O Nacional (Rio de Janeiro, 1832-1872), citado nas páginas d'O Noticiador

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

330.

SEXTA FEIRA 1 DE JANEIRO. N.º 385.

O UNIVERSAL.

Subscreve-se em Casa do Sr. Patricio Pereira Campos, a 2U500 por trimestre; 5:000 por semestre; 10:000 rs. por anno. As folhas avulsas vendem-se a 80 rs. na mesma Casa.

Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escritos, e publica-los pela Imprensa sem dependencia de censura; com tanto que hajão de responder pelos abusos que cometerem no exercicio deste direito nos casos e pela forma que a Lei determinar. Const. Art. 179 §. 4.



ARTIGOS D' OFFICIO.

Repartição dos Negocios da Justiça.

CONSTANDO que na Cidade do Recife de Pernambuco se acha installada uma sociedade secreta denominada — Columna do Throno Constitucional — não só sem a necessaria licença da Authoridade respectiva, mas que mesmo depois de ter sido esta denegada pelo Governo, tem continuado em suas reuniões, convocando membros, prestando-lhes juramento de adoptarem e seguirem doutrinas subversivas do regimen Constitucional, e forma de Governo unanimamente adoptado, e jurado pela Nação, enviando commissarios para as propagarem em mais partes da mesma Provincia, da do Ceará, e outras. Manda Sua Magestade o Imperador, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, remetter ao Ouvidor do Crime da Relação de Pernambuco a ordem do Dia do Quartel General do Recife de 2 de Novembro passado, e Officio do Commandante das Armas da referida Provincia de 2 do mesmo mez, por copias assignadas por José Ignacio da Silva, Official Maior da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra; e Ordena que á vista dos mencionados papeis proceda a um summario, e que verificando-se ser a dita sociedade conventiculo sedicioso na conformidade do artigo 6.º da Carta de Lei de Outubro de 1823, proceda á devassa permittida no artigo 10 da citada Lei, e prosiga contra os criminosos na conformidade de Direito. Palacio do Rio de Janeiro

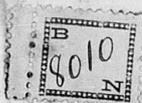
em 12 de Dezembro de 1829. — Visconde de Alcantara.

Constando que nas Villas do Crato, e Jardim da Provincia do Ceará, se tem propagado os principios anti Constitucionaes de uma sociedade secreta denominada — Columna do Throno Constitucional, — considerada em Direito Conventiculo sedicioso; alician-do-se proselitof, e enviando emissarios a diversas partes da mesma, e de outras Provincias, a fim de espalharem doutrinas subversivas do systema Constitucional, que felizmente nos rege: Manda Sua Magestade o Imperador, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, remetter ao Bacharel Martiniano da Rocha Bastos, Ouvidor da Comarca do Crato, o Officio de 17 de Outubro passado do Presidente da sobredita Provincia, por copia, assignada por Theodoro José Biancardi, Official Maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, e Officio da mesma data de Antonio Candido de Souza, Ajudante do Regimento de Cavallaria da 2.ª Linha N. 31, por copia assignada por Francisco Esteves d'Almeida, Official Maior da Secretaria do Governo do Ceará, e Ordena, que na conformidade do art. sexto, e seguintes da Carta de Lei de 20 de Outubro de 1823, proceda a devassa sobre os mencionados factos, e por ella aos mais procedimentos regulares em Direito. Palacio do Rio de Janeiro em 12 de Dezembro de 1829. — Visconde de Alcantara.

(Do Diario Fluminense.)

O Universal (183?-183?), citado nas páginas d'O Noticiador

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)



N.º 39.

SABBADO 29 DE DEZEMBRO DE 1832.

52
3494

OPINIÃO CAMPANHENSE.

Hum Povo não pôde conservar huma forma de governo Livre, e a felicidade que resulta da Liberdade, senão por huma adhesão firme, e constante, ás regras da justiça: e da moderação.

Aphorismos de Bonin.



Subscribe-se para esta folha nas casas dos Srs. João Pedro da Veiga e C. no Rio de Janeiro, Manoel Soares do Couto no Ouro Preto, Martiniano Severo de Barros e C. em S. João d'Elrei, Francisco de Paula Pereira e Mello em Pouso Alegre, Joaquim Antonio Alves Alvim em S. Paulo, Antonio Clemente dos Santos em Guaratinguá, e nesta Villa na de Bernardo Jacinto da Veiga á 1\$600 vs. por trimestre; sahirá as Quartas e Sabbades, não sendo dia santo de guarda.

CAMPANHA. NA TYPOGRAPHIA DA OPINIÃO CAMPANHENSE. 1832.

Collegio Eleitoral de Bacpendy.

NO dia 17 do corrente presentes 45 Eleitores, faltando 16 pela continuada chuva, que impediu á muitos a jornada, ao dirigir-se o Collegio á Igreja Matriz para assistir á Missa do Espirito Santo, e Oração, o Eleitor Olimpio Carneiro Viriato Catão, declarou, que naquelle instante acabara de ler no Periodico a Verdade o extracto do Equinoxial de Pernambuco transmitindo a interessante nova de se acharem presos o facinoroso Pinto Madeira, e o Vigario da Barra, na fortaleza do Brum daquella Cidade, ficando o Ceará tranquilo, e que portanto copividava a todos os Srs. Eleitores, a assistirem depois da Missa hum solemne Te-Deum, que hia fazer entoar (suis spenses) pelo triumpho da Causa Publica na prisão de Monstros, que se atreverão á levantar o estandarte da Restauração no Brasil. Accito o seu convite se dirigio o Collegio á Igreja Matriz, onde depois da Missa e Oração analoga, exposta o Sacramento se enthou o Hymno, Te-Deum, que foi alternadamente respondido pela Musica, distribuindo-se cêra de meia libra por todos os Cidadãos presentes; e voltando o Collegio á casa da Camara, se receberam as listas e apuradas derão o seguinte resultado.

O Exm. Honorio Hermeto Carneiro Leão 36.
Antonio Carlos Ribeiro de Andrade 7.
O Exm. Manoel Ignacio de Mello e Souza 2.

S. JOÃO D'ELREI

No dia 16 do corrente reunido o Collegio Eleitoral em a casa da Camara sob a Presidencia do Juiz de Paz Supp ente o Sr. José Joaquim Corrêa, depois de feita por elle a leitura das Capitulos das Instrucções, que regulão taes eleições, forão nomeados por aclamação para Secretarios os Cidadãos Gabriel Mendes dos Santos, e Manoel Machado Nunes; e para Escrutadores os Cidadãos João Ferreira Leite, e Antonio Joaquim da Costa, que sendo unanimemente approvados, tomarão logo assento. Procedeu-se á votação da Mesa Eleitoral por escrutinio secreto, e obtiverão a maioria de votos para Secretarios os Srs Gabriel Mendes dos Santos, e Manoel Machado Nunes, para Escrutadores os Srs. Francisco Antonio da Costa e Antonio Fernandes Moreira, que tomando de novo assento apurarão as listas de Presidente, recahindo a maioria de votos em o Sr. João Ferreira Leite, e sendo nomeada a Commissão para o exame dos Diplomas dos Membros da Mesa, tomou posse o novo Presidente, dando-se pör findo o trabalho deste dia de que se lavrou a competente acta.

No dia 17 reunido o Collegio as 8 horas da manham, as Commissões apresentarão os seus pareceres, pelos quaes se verificarão os poderes de 27 Eleitores, não sendo multados 5, que não comparecerão,

Opinião Campanhense (Rio de Janeiro, 1832-1836), citado n' *O Noticiador*

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

N. 37 . 30 DE JANEIRO 1835. 40 Rs.

Imprime-se na Officina de Thomaz, B. Hunt & C.,
situa-se na Rua d'Orvidor N. 75 e 760 por mez

A MUTUCA PICANTE



Sabe ditas vezes a semana vendese a
40 rs. nas lojas de costume

Veão bem se assim vai boa,
Ou s'inda mais forte a querem.

O que nos cumpre fazer nas actuaes circumstancias?

Os Jornaes principião a occupar-se com os resultados do decesso do Duque de Bragança, e com razão, pois que este acontecimento deve dar impulsão nova aos negocios publicos, devendo mais que tudo mudar a face á administração, e imprimir huma diversa direcção nos espiritos. Dous partidos, até agora claramente alliados, se achavão em frente da Administração, combatendo á peito descoberto a sua politica, mas tendo indirectamente o fim de acabar com os principios, e seguimento da revolução de 31; collocados no meio do governo, e o exercito da Legalidade, sustentavão intrepidamente a Ordem, para não morrer a Liberdade, quer esmagada sob os pés do monstro da retrogradação, quer atassalhada as mãos da feroza e desesperada anarquia: a victoria por qualquer d'esses dous lados, que muitas vezes se certavão suas vozes, parecendo harmonia nas vontades, teria hum mal e outro inevitavelmente em resultado o retrocesso da verdadeira Liberdade. Releva, porem, entrar em consideração da attitude que cumpre tomar o partido sempre vencedor da Ordem, e o Governo, depois da retirada de hum

d'aquelles outros partidos; retirada, que he indispensavel, deve, ao menos ostensivamente, fazer a retrogradação, e qual com tudo he muito provavel se revista de alguma nova fingida mascara. A nosso ver, por tanto, huma lata de novo aspecto tem de apresentar-se no campo da Politica Brasileira: os republicanos puros ou os federaes com separação de Provincias, e os mantenedores da Monarchia Constitucional, são os gladiadores, que vão disputar o triumpho d'estes dous principios oppositos.

Se estivessemos convencidos das boas intenções e sinceridade dos que pregão a pratica da forma republicana no Brasil; se tivessesmos confiança em seus talentos, e capacidade intellectual; por outro lado, se não estivessemos plena, e definitivamente persuadidos, que tentar estabelecer ja no Brasil o Governo Republicano, em toda a sua plenitude, he o parto da mais requintada loucura, e ignorancia, então diriamos que era certa a victoria do partido exagerado sobre as fileiras da Moderação; mas quando se nos apresenta o quadro, bem á vista dos mais miopes, do nosso estado de civilisação, lizes e costumes, não podemos deixar de antever o continuado e definitivo triumpho da Ordem,

A Mutuca Picante (Rio de Janeiro, 1834-1835), citado n'O Noticiador

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

(1362)

uncto Facultativo. Que tal o qui pro quo, *Snr. Redactor*, que nos querem impingir? Bagatella, Gato por Lebre, *hum praticante de Cirurgia* (se taute era) do Hospital (1) de Lorient (2) da Lourinhã taute varia! *formatus Doctor, et chrismatus Medicus (risum tenentis?)* pelos Illmos. Senhores Conselheiros Fysico Mor do Imperio, e Barão de Inbomerim, e o Doutor Marianno José do Amaral, com carta passada em Nome do Augusto IMPERANTE, e Provisão IMPERIAL para servir o Emprego de Juiz Commissario e Delegado do dito Conselheiro Fysico Mor. *Hum Estrangeiro e* (3) *sem letras*, *Snr. Redactor*, para julgar *Brasileiros em bello Portuguez*; n'uma Provincia em que ha tres ou quatro Medicos legalmente formados, alem do *Doutor Julio Cesar Muzzy*, que havia pedido demissão do Emprego: *proh dolor, atque pudor!* He até onde pode chegar a relaxação, incuria, ou pouco caso da Constituição e das cousas do Brasil!! Bem haja o illustre Deputado que propoz a abolição do Fysicato Mór do Imperio pois não ha maior desgraça que a de estar huma classe tão importante da sociedade sujeita aos arbitrios e caprixos de hum individuo.

Mas vamos ao caso *Snr. Redactor*, não he devo tomar muito tempo: *Mr. Paul*, he, desgraçadamente o mesmo, *mesmissimo*, que tendo obtido em Lisboa licença para fazer duas ou tres viagens em Navios Portuguezes, a titulo, de *Cirurgião dos mesmos á vista, sem duvida da Certidão do Hospital de Lorient, ou outro*, licença que facil e indevidamente se concede a quaesquer *Praticantes de Cirurgia Sangradores, Enfermeiros &c. &c.* teve o cuidado de munirse de *Certidão dos ditos embarques, e succedendo vir para o Brasil na mesma occasião e navio com o Doutor José Bonifácio*

(1) Hospital condecorado com o ambiguo e capcioso nome de Escola pelos Illm. *Snr. Presidente, e Examinadores!!*

(2) Lorient, pequena Cidade commerciante, e porto de mar da Baixa Bretanha em França.

(3) He o segundo que nesta Provincia planta á testa da Repartição o Illm. *Snr. Conselheiro Fysico Mór*, segundo *Estrangeiro*, digo; pois estou persuadido que o *Doutor Petazzi* Subdelegado por elle feito na Villa do Rio Grande he verdadeiro alumno de Epidauró, legitimo filho de Esculapio, e homem de outra estôfa. He de notar, que o Illm. *Snr. Conselheiro delegando, e Subdelegando*, nunca ache hum *Brasileiro* para empregar. E, *si vera est fama*, está terceiro *Estrangeiro* na forja, a titulo de primeiro *Medico do Exercito*, cujo requerimento, dizem, viera já a informar, e cuja nomeação he taabem da competencia do mesmo *Snr. Conselheiro* como *Fysico Mór do Exercito! Latet anguis in herba.*

de Andrada, este o levou em sua comitiva para S. Paulo, onde hia passando boa vida a sombra do mesmo, e de seu irmão, o Coronel Martim Francisco, até que tentando aparentar-se *a fortiori* com a familia de seus Protectores, se vio obrigado a levar d'aucora, e fazer-se de vela para esta Provincia, á qual, mais feliz que *Polinuro*, chegou na epocha tormentosa de 1821, e metendo-se immediatamente de gorra com o então Eleitor Francisco Xavier Ferreira, e outros, e acompanhando-os a esta Capital, conseguiu, a instancias dos mesmos, e influencias do Brigadeiro João Carlos de Saldanha ser admittido a exame de *Cirurgião* perante o Delegado do *Cirurgião Mór do Imperio*, e aprovado, *baseando o requerimento que para esse fim fizera na Certidão de Matrículas referida*; bem como licença por hum anno para curar de *Medecina*. Assim equipado, passou-se a S. Francisco de Paula, onde tem residido a maior parte do tempo, campando algumas vezes de primeiro *chirurgião* do numero da Armada, com chapéo apselhado de ouro, e fazendo de quando em quando suas correrias ora á Villa do Rio Grande, ora á Povoação de S. José do Norte, e ora a Camaquã onde deo provas de sua pericia operatoria, deixando descoberto quasi meio palmo do osso *fenur*, ou da coxa em huma amputação que fizera, pela *modica* (4) quantia, segundo dizem, de hum conto de réis, e somente as duas viagens mencionadas fora da Provincia, scilicet: huma a S. Catharina, e Santos a ver se realisava as projectadas nupcias, e outra ao Rio de Janeiro, d'onde voltou com pasmo geral *Medicus (in nomine)* Delegado, e dizem que esperançado em ser *Fysico das Tropas da Provincia*, o que despejadamente requereu, calumniando o actual; e era o que faltava para corôar a obra. *Iram tenentis?! Não sei Sr. Redactor*, qual he maior, se a impudencia do *intruso Medicastro* é (*nihil ignorantia protercius*) se a malicia, ou miseria dos que o formirão, empregarão &c. &c. o que sei he, que não me posso callar, e que Vm. deve tropejar para que a verdade chegue aos ouvidos do Augusto IMPERANTE, e dos Dignissimos Representantes da Nação, a fim de que se faça a devida justiça: sou

De Vm. Constante Leitor

O *Brasileiro Offendido*

(Do *Diario de Porto Alegre*, N. 16.)

(4) Assim se adquire para melhor intrigar.

RIO DE JANEIRO, NA TYPOGRAPHIA DA ASTREA.

Astrea (Rio de Janeiro, 11 mar. 1828) cita O Noticiador

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

Snr. Redactor. — Hontem 15 de Outubro, e ao occaso do sol chegarão a esta Villa algumas folhas publicas do Rio de Janeiro, e da sua leitura fomos mimoseados da fausta e inesperada noticia de haverem baqueado os thronos dos tres tyranos Carlos X., Fernando VII., e Miguel: he superior a toda a expressão o extraordinario e geral prazer, que produzio tão salutar noticia. Os Cidadãos avidamente corrião á casa huns dos outros a congratularem-se com transporte de nimio jubilo. Ao anoitecer foi geral a rapida, e espontanea illuminação; repiques de sinos se ouvião em todos os Templos; immensidade de fogo do ar se lançava como a porfia por todos os pontos da Villa. Não satisfeitos com isto extasiados se dirigem á casa do Juiz de Paz, d'onde sahirão accompanhados do mesmo, e de huma banda de Musica a cantar pelas ruas da Villa, hum Hymno cujas letras forão improvisadas pelo Patriota Francisco Xavier Ferreira: durante o trajecto milhares de vivas se derão:—*A Liberdade do Universo—aos Homens livres de toda a parte—á Liberdade da Europa—á da Península—á Rainha D. Maria II.—aos Athletas da Liberdade do Brasil—á sua CONSTITUISSAO—e aos seus REPRESENTANTES.* A' vista pois, Sr. Redactor, fies patente, que Cidadãos, que sabem apreciar em grão tão elevado o Triumpho da Liberdade, no velho Mundo, melhor apreciarão a do seu Solo, e darão a ultima gota de sangue para defenderem o Systema que felizmente nos rege.

Hum Rio Grandense.

(Do Constitucional Rio-Grandense.)

— O Dia Santo impedio a saída da Folha de Quinta feira; damos hoje parte, e preencheremos o resto em um dos Ns. seguintes.

Rio de Janeiro, 1830. Na Typ. d'Astréa, Rua do Sacramento N. 23.

Astrea (Rio de Janeiro, 11 dez. 1830) cita *O Noticiador*

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

O RECOLILADOR LIBERAL.

C. , que V. S. não consinta que se derrame o sangue de nossos Irmãos, que ainda puguem contra o novo Governo; e bem assim espera a Camara de V. S. que dará as mais acertadas providencias para manter o socego publico, e não se commetterem desacatos por vinganças de differença de opiniões; assegurando a Camara a V. S. que o Povo desta Cidade descança, e confia toda a segurança que V. S. lhe ha de prestar. Deos Guarde a V. S. Pelotas em Sessão extraordinaria de 15 de Outubro de 1835. — Ilm. Sr. Commandante da força armada que se dirige a esta Cidade. — Cypriano Rodrigues Barcellos. — João Alves Pereira. — João Antonio Ferreira Vianna. — Manoel Alves de Moraes. — João Baptista de Figueiredo Mascarenhas.

— Cópia autentica. — Ilm. Sr. — A Camara Municipal desta Cidade, reunida em Sessão extraordinaria de hoje, desejando cooperar para a tranquillidade dos habitantes deste Município, não desejando o derramamento de sangue por differença de opiniões, que espera a Camara se não de terminar, por quanto está a Camara convencida ser esta nova mudança da Presidencia da Provincia da vontade geral de seus habitantes; e a vista de numerosa força armada, que se apresenta com a firme resolução de fazer o reconhecimento do Governo estabelecido na Capital de Porto Alegre; a Camara Municipal deliberou na presente Sessão reconhecer, e de facto reconhecer o Exm. Vice-Presidente em quanto occupar a Presidencia da Provincia, restando a Camara de pregar a V. S. em nome da Patria, da Constituição, e do Im-

algumas noticias daquella parte da Provincia, e se reduzem mais ou menos ás seguintes.

O denodado Deputado Provincial o Ilm. Sr. *Domingos José de Almeida* (com magos o dissemos!) se acha preso á bordo da Canhoneira de que é Commandante *Luis Alves dos Santos Marques*: não sabemos, nem o motivo, nem o fim para que o Sr. *Braga* o conserva em tal estado, salvo se pretende agora viagar-se da franquessa com que este digno Brasileiro se houve nas crises arriscadas da Assembléa Provincial: pouco tarda que não vejamos este Cidadão separado de sua consorté, e tenros filhinhos ir deportado a livre arbitrio do Verres do Rio Grande; porem antes disso o Povo Rio-Grandense tem de festejar a breve saída que o Sr. *Braga* tem de fazer pela barra fora.

O honrado ancião Redactor do Noticiador estava prohibido de escrever!! Mas quanto se enganão os autores desta prohibição? Não pensem que o Sr. *Francisco Xavier Ferreira* tem deixado de escrever!! E' grande insania o pensar que quem tem envelhecido no serviço da Patria, se ache agora com as mãos atadas. Nós cremos que o Sr. *Xavier Ferreira* tem escrito, e escrito muito; e o Sr. *Braga* se convencerá desta verdade, quando a mudança de novos ares lér as paginas do Noticiador, que nós pretendemos lér em triplicata. Nós entendemos que as circumstancias actuaes daquella Cidade permittem que o Sr. *Xavier Ferreira* suspenda a publicação do Noticiador, mas não a boa vontade do Redactor, que está mediando todos os passos do Sr. *Braga* para os levar á luz do dia.

O Recopilador Liberal, (Rio de Janeiro, 24 out. 1835) cita *O Noticiador*

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

Eis o discurso que o Deputado desta Provincia Francisco Xavier Ferreira improvisou à entrada desta Cidade do Snr. Coronel Bento Gonçalves da Silva com a sua Guarda-avançada.

Cidadão' Commandante da força armada! Briosos defensores da liberdade que o seguis!

Os patriotas desta Cidade, os Rio-Grandenses livres, pelo meu fraco orgao', vos saudao', e bem dizem a vossa chegada! Cidadão' Commandante! A gloriosa revolução' de 20 de Setembro, consequencia infallivel da de 24 de Outubro de 1833, pela qual expondes vossas caras vidas e fortunas, para salvar a Patria do despotismo de huma ambiciosa facção', à testa da qual se achava hum estúpido, fraco, e ingrato filho desta Provincia, será hum daquelles acontecimentos memoraveis que terao' distincto lugar nas paginas da historia! Porém, o Cidadão' Commandante! esta interessante tarefa nao' se acha concluida. O intruso, depois que vergonhosamente fugio da Capital, veio com a sua clientela acoitar-se nesta Cidade aonde, encontrando alguns do seu infame partido, e bastantes alucinados, poudo com outros taes da Cidade de Pelotas, faser-se forte por alguns dias, commettendo as mais graves arbitrariedades, injustiças, e dissipações, quaes as que costumao' praticar deshumaos conquistadores em taes circumstancias!

Cidadão' Commandante, e briosos defensores da liberdade! Entrai! Apressai-vos a concluir a vossa obra. O tyranno e seus sequases emigrados ainda nos ameaçao', ainda estao' perto de nós: he preciso arremeça-los para longe, e arrancar de suas garras o martyr da liberdade, o Deputado Domingos José de Almeida, que geme em huma prisão solitaria como o ultimo dos criminosos!

Contai, Compatriotas, com a nossa fraca cooperação, e com os nossos pequenos recursos; na certeza, que esta offerenda voluntaria nasce de corações generosos!

Cidadão' Commandante! Compatriotas e amigos! Aceitai as felicitações que vos dirigem pela minha debil voz os Rio-Grandenses livres que cordealmente reconhecem, e saõ gratos às vossas fadigas, a tantos sacrificios!

Rio Grande, 20 de Outubro.

..... O commercio está totalmente paralisado. S. Francisco de Paula submetteu-se às tropas de Bento Gonçalves. Nao' se commetteu desordem alguma, e estamos todos admirados da moderação e prudencia do partido vencedor. Rio Grande submetteu-se tambem às tropas de Bento Gonçalves e pôde se dizer que de alguma forma as cousas estao' pacificadas. Resta saber quaes sao' agora as intenções dos vencedores. Julgamos que esta revolução' nao' terá consequencia funesta, e que os habitantes desta Provincia nao' pretendem separar-se do Impio como no principio o acreditarao' muitas pessoas. . . . — *Carta Particular.* — (Do Jornal do C.)

A Quotidiana Fidedigna, (Rio de Janeiro, 14 dez 1835) citando Xavier Ferreira

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

Francisco Xavier Ferreira, ex-Presidente da Assembléa Provincial do Rio Grande, e Padre Pedro, que forão Agraçados pelo ex-Juiz Municipal Tavares, forão presos, e se achão na Cadea do Aljube.

Diário do Rio de Janeiro (23 jan. 1837), citando a prisão de Xavier Ferreira

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

O POVO.

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, E MINISTERIAL DA REPUBLICA RIO GRANDENSE.

Este Periodico ha propriedade do Governo. Se publica na 4.ª feira e Sabbado de cada Semana. Vende-se em Piratini na Casa do Re-lactor, onde tambem se recebem Assignaturas á 48000 rs. em prata cada Semestre, pagas adiantadas. Folhas avulsas 80 rs.

O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos Cidadãos aos Sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressada e ardente amor da Patria.

Joven Italia. Vol. V.

PIRATINI, TYPOGRAPHIA REPUBLICANA RIO-GRANDENSE: ANNO DE 1838.

PROSPECTO.

Para chegar da tyrannia á Liberdade, he mister valer-se de medidas, incompativeis com a Liberdade regular e permanente. Aquelle tempo de transito não pode ser de Liberdade. O Poder que governa a revolução tem que ser essencialmente a força livre de qualquer vinculo, e superior a todo obstaculo.... Querer governar a epoca tumultuosa da revolução com as regras conservadoras do regimen definitivo, seria o mesmo que avaliar a paz como a guerra.... O Poder que dirige a revolução tem que preparar os animos dos Cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade, e desinteressado e ardente amor da Patria.

As palavras, que traduzimos da *Joven Italia*, folheto que se imprime na Europa, rezam inteiramente os principios, que nos hão de guiar na redacção deste Jornal.

Ou em outros termos:

Devemos nos identificar com o poder que rego a guerra, e tentar todos os meios licitos para lhe adquirir maior probabilidade de humã decisiva victoria.

Procurar com todas as nossas forças propagar entre o Povo doutrinas essencialmente democraticas, sendo aquellas das quaes depende a salvagão, e a felicidade da Republica. Tal he a missão que a nossa consciencia imperiosamente nos ordena nas circumstancias.

Quem se propôr á outro fito além deste, teria a nosso ver, mal concebido o espirito de humã guerra de insurreição.

A opposição aos actos do Governo, quando o Governo he consolidado, e os regulamentos da paz substituídos nos Decretos da guerra; quando cada coisa tem que reger-se pela soberana vontade do Povo, então não sómente he util, mas torna-se necessaria para adverter a Nação, ou das usurpações do poder, ou da incapacidade dos governantes, além de que ella

possa prover, e obstar os males, de que está ameaçada; mas quando se trata de destruir os obstaculos que embaraçam o fim da revolução, e se considera que para vencer o inimigo he necessario humã extrema vigilancia, humã actividade incansavel, e humã celeridade extraordinaria á fim de conhecer-se seus movimentos; dar providencias as necessidades que disto se seguem, e vigiar promptamente, e em tempo sua execução; todas estas exigencias não se pode de outro modo satisfizer senão concentrando a vontade de todos em humã pouca, ou em humã só, e esta tanto mais poderosa, quanto mais livre na escolha dos meios, senão de si, despidida, e desembaragada de obstaculos nos seus procedimentos; quando os Decretos tem de succeder-se com a rapidez dos golpes, no combate, e a mais pequena dilacão poderia ser fatal ao exito da guerra, quem de bom fô poderia propôr outro fim, a não ser aquelle enunciado por nós?

Seria importuno, e perigoso instituir humã censura contra humã Governo, que está lutando para conquistar a independencia da Nação, e que para conseguirla, não pode, nem deve, sem faltar ao ministerio para o qual foi estabelecido deixar de valer-se de tudo o que está no seu alcance; pois quando se trata dos destinos da Patria, qualquer meio heito é santo, qualquer arma impunhada pelo valeroso que se offerece victima consagrada, he abençoada de Deos, que sómente concede a palma da victoria aos que insurgem firmemente resoltos a obtela.

Do q' temos até aqui expendido apparece rigorosa humã consequencia da qual nos não podemos de nem uma maneira; subtrahir-nos: esta he, a de excluir de nossas columnas qualquer correspondencia, ou communicado que não esteja em perfeita harmonia com nossas doutrinas.

O officio do jornalista hoje em dia, por culpa de muitos, suspeito e mercadamente em parte infamado, he officio santissimo quando exercido rectamente, e se não desvia da sublime e luminosa carreira que os novos destinos da humanidade lha censã.

O Povo, (Piratini, 1º set. 1838) faz a necrologia de Xavier Ferreira

Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional)

Aquelle que se propem a escrever por hum Povo, e mais particularmente para um Povo que esta para surgir á nova vida, tem que assumir o caracter do sacerdote; e para que a voz delle sôe venerada, e clara entre as multidões, deve, como a do interprete de Daos ser forte, pura, e solemne. O jornalista enfim para não ser inferior, nem á sua missão, nem a nossa epocha, deve ser essencialmente — *Educatôr*.

Nós, sem nos presumirmos capazes de conduzir dignamente huma tão ardua tarefa, queremos ao menos apontar o nobre fim, ao qual tem que se dirigir os esforços, e as miras daquelles que amão sinceramente a Patria e aos homens; e a cujo alvo dirigimos nós tambem nossas tãoes fadigas.

E agora perguntamos-nós: todos esses jornaes sem vida, e sem alvo, á não ser aquelle vergonhoso dolucro, verdadeiras torres de Babel, onde se vê a soberba, e a confusão; e que saem corajosamente para todo o Imperio a cada dia, não sei se, mais para experimentar a constancia, do que para cangar a excessiva bondade dos assignantes, cumprirão elles á santidade de seus deveres?

Invejas pueris, pessoas letigios, disputas insolentes de loches e materiaes interesses, não desagravão não, o escriptor publico de sua obrigação! mas a pregação de principios fecundos de verdades luminosas, e de profundas virtudes pode só fazer certo o consciencioso escriptor de ter cumprido com a santidade de seus deveres.

Nós isto tentaremos fazer; mas livres e independentes como o Cidadão da verdadeira Republica. queremos concorrer ao edificio Nacional com o nosso mui diminuto prestimo: porem sempre com aquelle desenvolvimento de açao peculiar e proprio de cada individuo.

Os nossos principios nós o temos dado a conhecer, e temos manifestado aquellas razões, que nos parecião indispensaveis para os justificar; agora qualquer que não se desconforme com nosco, promova a obra que sendo dignamente sustentada, engrangeará aos Rio-Grandenses o aplauzo dos homens livres da terra, e poderá valer á testemunhar no tempo vindouros, que assim como nós fomos os primeiros a insurgir para ferir no coração o abominavel monstro que engulle as vidas, e accomette os destinos de provincias inteiras, primeiro tambem nós fomos a dar o exemplo as futuras irmãs do descripto Imperio, e etão mereceremos da posteridade imparcial, o merecido premio de nossos esforços, por termos corajosamente defendido a causa legitima do progresso e da humanidade.

NECROLOGIA.

Hum outro nós foi arrebatado! —

O riso maligno do tyrano, sua perfida alegria nos diz assaz qual he a perda que temos tido — qual era o temor que a illustre victima, se bem que sepultada em horrido carcere ainda lhe inspirava.

As palavras consoladoras da religião não suavizaram os seus ultimos soffrimentos! Huma só lagrima dos numerosos amigos que elle tinha não cahio sobre o seu leito de morte! —

Nenhum houve que lhe ministrasse os extremos officios da piedade! —

Longe de nos e de seus mais charos exalou o derradeiro suspiro! é Francisco Xavier Ferreira, que havia vivido quasi setenta annos de huma vida de virtudes e de patriótico zelo, e das masmorras de Ville-ignon onde, á pesar de suas molestias, fô despiedadamente encerrado; no dia 27 do corrente anno, passou ao jazigo dos mortos sem que a Nação á qual era tão claro possesse dar o publico testemunho de sua dôr! — Sem que houvesse quem se atrevesse a narrar ao Brasil, quaes erão os dotes que embellecião a alma do eximio Defunto! — Eta fim, sem que a Patria reconhecedora dos innumeraveis servicos que elle lhe prestara, possesse ornar com huma só grinalda seu feretro! —

Porem o prazer das feras indomitas ás cojas garras a vileza nacional parece ter hoje abandonado os destinos do Brasil, não será tão perfeito como podião pensar.

Nós collocados em lugar onde não receamos sua fra, denunciemos ao mundo sua barbaridade; Declararemos ás Nações civilizadas que os observão, quaes são os crimes que despedação a Corôa do 2.º Pedro; Transmittiremos á mais remota posteridade coberto d'ignominia e de opprobrio os nomes dos assassinos do homem honrado.

Francisco Xavier Ferreira servio ao Brasil como simples Cidadão, com seus conhecimentos chupicos — como escolhido do Povo, com seus talentos politicos e economicos — e como escriptor publico, com sua profunda erudição.

Sensível, como nos, aos males que já pezarão de hum pezo enorme, sobre a nossa Provincia sua predilecta, adherio, como era d'esperar de seu patriotismo, á revolução de 20 de Setembro. — Mas este acto bastou para merecer a q' tantos servicos havia prestado á Santa Causa da Independencia e Liberdade Nacional, o odio implacavel do tyrânico Poder que naquello dia deixava de nos governar.

Surprehendido depois em Porto Alegre pela Reacção de 15 de Junho de 1836 com a qual a perfidia desafiou no, Francisco Xavier Ferreira nos foi violentemente arancado.

Subito condosido para a Capital do Imperio, onde, contra o disposto das Leis patrias, que mandão instruir processo no lugar acunde foi committido o crime, e ali julgado.

Mais si se lhe formasse este processo, e fosse condemnado, nos poderiamos ter lastimado sua sorte, porem tinhamos tido que submeter-nos ao rigor das Leis, — ao contrario, como não era nem processavel, nem condemnavel, foi, como outros seus companheiros d'infortunio daquella época infausta, esquecido n'huma fetida cadêa, onde gemeo longamente até que, não podendo nossos inimigos violar mais abertamente, os mais inviolaveis predicados da justiça, obtave ordem de — Habeas Corpus.

Veio então restituído á Liberdade — mas porque,

se não devia gozar longamente de seu beneficio? — O novo Governo acostumado a calcar as mais sagradas garantias constitucionaes, tanga aquella ordem, pisa aos pés o Código Nacional, põem-se em contra-ligação com sig. mesmo, lança contra sua victima novo mandado de prisão, e o encerra outra vez no carcer mais immundo do Rio de Janeiro! —

Sua saúde já fragil de mais, com este golpe por elle nem temido nem previsto recebe hum novo e mais forte abalo.

Da Cadêta, rasgo extraordinario de tyranica philanthropia! he então levado ao Hospital do Campo da Honra. —

Agrava-se; os Medicos declarão que removel-o não se podia sem grande risco de sua existencia — mas envão — porque a pesar de suas demonstrações no mez de Dezembro he transportado n' huma Cadeira alugada pela fazenda publica, até a praia de D. Manoel, d'onde, no escaler da mesma fortaleza de Santa Cruz foi para ali conduzido! —

O Septuagenario metido n' hum Leito, sofrendo a dor de sua enfermidade mortal, ameaçaria o Governo? —

Ou seria que este Governo quizesse com isto apartar de si a exprobação do homem justo, que tanto peza ao malvado? —

Só estas podião ser as razões que aconselhassem semelhante crueldade; e estas são as unicas razões com as quaes o historiador poderã justificar acção tão pouco digna do Governo de huma Nação illustrada e benévola.

Da Fortaleza da Santa Cruz, ou não se tivesses por muito seguro, ou se quizesse inteiramente arruinar a saúde sempre deteriorante do infeliz, foi removido para a de Villegaignon; e desta para aquella outra vez no dia 19 successivo.

Amaldigoado quem insulta tão baixamente á velhice moribunda! o desprezo que se fazia do angustiado, devia augmentar as suas molestias; e effectivamente isto foi o que aconteceu.

Em pouco tempo seus males oracraõ; e tornaraõ-se por isso os soccorros da medicina mais necessarios e mais difficil a hum tempo — porque naquella distancia, ou não chegavaõ nunca, ou chegavaõ tarde. Precitava então appellar á misericordia do Governo — humilhar-se — degradar-se — e pedir de ser ao menos mudado para a fortaleza de Villegaignon, visto que ali por ser menos longe da Cidade, mais facilmente poderia ser soccorrido. E no dia 27 do mesmo mez esta prição o acolheo.

Sua deolinagaõ diurna sua debilidade quasi extrema, não tardaraõ a dar á ceulhecer que o momento fatal se aproximava.

Os Doutores Meirelles e Jacinto, consultados sobre o estado do doente, assentaraõ que as circumstancias altamente reclamavaõ que elle fosse curar-se na Cidade.

Apresentando o attestado de tão benemerito patriotta Ferreira recorreo então á S. M. I. afim de obter o que a Humanidade parecia prescrever que não se negasse. Porém de balde? Repetio as instancias porque não podia deixar de cumprir com o pre-

celto sagrado da Natureza que tanto brada em nosso coraçoõ para a conservagaõ da existencia; mas por unico resultado nada mais obteve d' aquellas feras senão que o Chefe de Policia mandasse por dois meirinhos e quatro permanentes ás 11 horas da noite do dia 20 do passado Abril uma ordem ao Commandante de Villegaignon para que lhes entregasse o espirante Xavier Ferreira, a fim de ser pelos meirinhos recolhido á Cadêta do Aljube!!!

Deus Meirinhos e quatro Permanentes para acompanhar hum velho de setenta annos em agonia? . . . E Deus não vos envolverá na sua colera? Is o Povo que vossa barbaria deshonra deixará ainda para hum só momento nas vossas mãos seu poder? Ah! não. Pode tardar; mas o dia virá em q' elle se desper-te. Conseguistes adormecer esse Povo; com tudo não esperai que vossos crimes fiquem sempre impunes.

O Commandante da Fortaleza não o podia entregar sem a ordem relativa do General; e por esta formalidade disciplinar que faltava, elle não annuo á requisicaõ do Chefe de Policia.

No dia 22 tudo era em regra; mas a victima já não se movia no seu leito?

Tinhaõ assentado os nossos tironos; os algozes dos patriottas Brasileiros, que elle morresse nas algemas; e . . . o conseguiraõ!

No dia seguinte, e ás quatro horas da manhã, Francisco Xavier Ferreira expirou!

Cumpra fazer notar que o Commandante da Villegaignon dirigio ao General Commandante das Armas tres successivas participações, informando-o do estado perigoso em que se achava o prisioneiro, instando pelas providencias que a urgencia exigia. Mas o General Chagas quasi receoso de ser menos cruel, do q' os Calmões, Vasconcellos e Torres, dos quaes parece ser vendida creatura, desprezou-as, e deo, com seu não menos infame procedimento, grande tempo á molestia de se apossar do padecente, e fazer todo o estrago.

Ferreira já não existe! Sua alma reunio-se no descanso eterno aos Manes de Jeronimo Gomes Jardim, e Francisco Antonio d'Avila: (*)

Para acabar com sua existencia calçaraõ-se as Leis mais sagradas da Humanidade.

Sem nunca se lhe formar o seu processo, e por conseguinte innocente, foi detido vinte dois longissimos mezes nos mais humidos e ensalubres calabou-

(*) Francisco Antonio de Avila foi atraigordamente preso em Outubro de 1836, barbaramente tractado por quasi hum anno de ferros; morreu a bordo de huma canhoneira no dia 29 de Setembro de 1837; circundado da marugem que insultava á sua dor.

Jeronimo Gomes Jardim foi preso a 6 de Setembro de 1836, depois de ter vendido o porto da Colonia de São Leopoldo por convengaõ, que foi violada. Este benemerito patriotta gemo nos prisões de Porto Alegre até Outubro do anno passado. Seus algozes recusaraõ-lhe os soccorros da medicina, de baixo do especiosa pretextoque fingiu-se doente para obter a soltura e fugir.

gos; e diante a sua enfermidade lhe foram negados os socorros da medicina, e na sua agonia os confortos da Religião!

Possão suas preces apertar de nos a amargura deste Caliz, e obter d'aquelle Deos que não deixa innocuo o crime, o mais prompto exterminio do impio!

E vos Rio-Grandenses aproveitai as lições que com este factos vos dá vossos tiranos! Não desperdigai no silencio inuteis gemidos: não expargi stóreis lagrimas sobre as pedras que encobrem as cinzas de vossos martyres! Affiai vossas armas! vingai os ultrages; e escutai o grito que do fundo de seu tumulo elles vos mandão.

„Nos principiamos — acabai-vos a obra santa!”

EXTERIOR.

Extracto de huma carta do Rio de Janeiro, escripta á 29 de Maio do corrente anno.

..... Eu não tenho igualmente escripto pela incerteza da entrega, por quanto não ha garantia nos correios. As cartas são abertas, muito principalmente sendo para pessoas suspeitas. As perseguições estão em campo. O ser Brasileiro, liberal, honrado &c., he crime imperdoavel; e desgraçados daquelles que são indigitados de connivencia com os rebeldes do-Rio-Grande. Em fim para vos mostrar o quadro melancolico e horroroso que actualmente apresenta esta Capital, principalmente depois da derrota dos Liberaes da Bahia, basta sómente que vos diga, que quem governa o Brazil são os Portuguezes, á frente dos quaes se acha o infame José Clemente Pereira, portuguez, antigo inimigo da Patria, que se põe em campo para restaurar as antigas influencias, e o sistema da retrogradação. Calmao he outra influencia. Quanto ao Ministerio, á frente do qual está o perfido e corrupto Vasconcellos, acha-se ao soldo dos Portuguezes. Aqui não he permittido á hum natural, nem ao menos huma lagrima pelas desgraças da Patria e seus filhos, ultimamente entregues ao furor brutal dos Sarracenos, nas ruas da Bahia, aonde foram cortados em postas, depois de prisioneiros, e muitos lançados as chamas!!!... Cabegas das victimas ornavao as sacadas das grades de ferro dos sobrados em lugar das maganetas!!! — não continuo a descrever-vos as maldades e crimes praticados naquella Provincia pelos chamados Legalistas ali vencedores, por me faltar coragem para tanto... o coração se me gela de horror, e a penna quasi me cae da mão. Ah! elles he que nos ensinão a vencer. Oxalá que o vosso exercito vingue tantos ultrages á Naturalidade e ao Nacionalismo tão abatido. O Exercito Republicano Rio-Grandense he hoje as unicas esperanças dos Brasileiros livres de todo este infeliz Brazil; e o terror dos portuguezes e Brasileiros degenerados, estes barbaros satelites do Despotismo. Estes andão raivozos e a-sustados com as ultimas noticias aqui vindas da completa derrota de Sebastião Barreto com seus mil e tantos homens; e posto que elles e

a canaglia governante, espelhem ser falca esta nã-ti-za, que tanto tem reanimado o partido liberal, todavia este não tendo por hora certeza, não tem desanimado. Ha seis dias que não entrão Barcos da Rio-Grande, e ha só o que esperamos para desenganar; com tudo a canaglia que nos governa, fez embarcar á 5 dias 400 homens, munições de guerra e mais petrechos. Estes 400 homens são os infelizes Bahianos arreçados da sua Patria, e das prízões da Barra. No numero delles vão muitos mogos bem educados, Estudantes, Lavradores, Negociantes e até alguns firmados, segundo me affirmão, em Direito e Medicina. Possão elles em favoravel occasião passar para as fileiras dos Livres! — Anão se a guerra shi durar por mais hum anno, a victoria infallivelmente he vossa. Faltaõ os recursos; a officialidade quasi toda se recusa por diversos pretextos á marchar. Gente para Soldados não ha; e acabada que seja a leva dos Bahianos, não poderaõ mandar hum só Soldado, e não ser os pobres que inundaõ as ruas desta Cidade. O Ministerio da guerra, dirigio arizos aos Presidentes da Bahia e Pernambuco para fazerem marchar mil homens; isto não passa de palavras. Onde os hirão buscar? Sei que estão temendo muito que a eclama ao mundo de Calmao seja tambem derrotada, e se isto acontecer, dizem elles, não haverá remedio senão apellar para hum emprestimo, e fargas estrangeiras. Neste sentido Propostas são organisadas para serem presentes ao corpo Legislativo (aonde os tuos contaõ com grande maioria de Legisladores, miseravris, eleitos por vergonhosas caballas; estupidos que vendem o voto por dinheiro e ridiculos logares publicos) afim de os autorisarem ja engajar cinco mil Suíços que deveraõ fazer a guerra aos Republicanos do Rio-Grande; veja o meu amigo, se isto não e pagandense-rio Brasil, e as outras Nações. — Nas não pode na suplantaria a Independencia de hũa Provincia; temo e gotado todos os recursos dentro do Paiz; vinde pois estrangeiros apadar-nos para com vosco repararmos aqui he terreno conquistado. — entem he portanto que desde este instante tem elles reconhecido como deveo a Independencia dessa E. tado, que pode igualmente engajar estrangeiros para sua defesa.

O nosso amigo Zambeccari, continua com seus incommodos de saúde. Não tem sido possível envaguir se a remogaõ da prisão de Santa Cruz, aonde até agora se acha, e qualqer tentativa a esse respeito nas circunstancias em que nos achamos, nada menos seria que peorar sua sorte

NOTICIA.

Diz-se que o Commandante das forças navaes na Provincia de Rio-Grande pediu sua demissão, e que o governo lh'a concedera, nomeando para substitui-la o snr. Marques Lisboa.

(Do Parlamentar.)

Piratini, Typographia Republicana Rio-Grandense.